

Mulheres que tiveram

Um encontro pessoal com Jesus

Wanda de Assumpção

INTRODUÇÃO	3
I – JESUS É O NOSSO SUSTENTO E CONSOLO.....	6
CAPÍTULO UM - ANA, A PROFETISA	7
CAPÍTULO DOIS - A VIÚVA DE NAIM	12
CAPÍTULO TRÊS - A VIÚVA POBRE	20
II. JESUS É A NOSSA JUSTIFICAÇÃO	28
CAPÍTULO QUATRO - A PECADORA QUE UNGIU OS PÉS DE JESUS.....	30
CAPÍTULO CINCO - A MULHER ADÚLTERA	40
III. JESUS É A NOSSA CURA	51
CAPÍTULO SEIS - A SOGRA DE PEDRO	54
CAPÍTULO SETE - A MULHER COM HEMORRAGIA.....	60
CAPÍTULO OITO - A MULHER CURVADA POR ENFERMIDADE.....	68
CAPÍTULO NOVE - A MULHER SIRO-FENÍCIA	73
CAPÍTULO DEZ - MARIA MADALENA.....	80
IV – JESUS É A ÁGUA VIVA QUE SACIA A NOSSA SEDE.....	95
CAPÍTULO ONZE - A MULHER SAMARITANA	98
CAPÍTULO DOZE - MARTA	106
CAPÍTULO TREZE - MARIA DE BETÂNIA	114
CAPÍTULO QUATORZE - A MÃE DE TIAGO E JOÃO.....	124
CAPÍTULO QUINZE - MARIA, MÃE DE JESUS.....	134
APLICAÇÃO PRÁTICA	152

Introdução

Mulheres que tiveram Um Encontro Pessoal Com Jesus

Jesus teve muitos e importantes contactos com mulheres, o que era bastante incomum para o tempo e a cultura em que viveu aqui na Terra. Ele tocou seus corações e suas vidas com amor e ternura, trazendo cura, restauração e a liberdade para serem as pessoas femininas que ele mesmo as projetou para ser desde antes do princípio de todas as coisas.

Como seu Criador, ele conhecia bem o coração das mulheres e as tratava com uma dignidade e respeito que dificilmente recebiam de outra pessoa. Algumas foram buscadas por ele, no meio de suas atividades femininas rotineiras, suas preocupações, suas angústias, seus sofrimentos, suas dúvidas e questionamentos. Outras o buscaram, algumas insistentemente, tendo já ouvido falar do que ele oferecia.

Todas as mulheres que tiveram um encontro pessoal com Jesus foram transformadas. Para sempre.

Em seu livro, *A Missão da Mulher*, o Dr. Paul Tournier, famoso psiquiatra cristão suíço, explica que mesmo uma leitura mais rápida dos evangelhos deixa claro que, em geral, as mulheres compreenderam Jesus melhor e mais depressa do que os homens. Em dois episódios narrados em seqüência no Evangelho de João, capítulos 3 e 4, Jesus tem um encontro com um homem e com uma mulher. Nicodemos era um homem importante, pois fazia parte do Sinédrio, o supremo tribunal judeu. Vinha de uma família aristocrática de Jerusalém e era um erudito nas Escrituras. Ele procurou Jesus à noite, talvez para não ser observado por seus companheiros de Sinédrio. Sua saudação a Jesus indica que cria estar diante de alguém enviado por Deus. No entanto, ficou confuso quando Jesus lhe falou na necessidade de um novo nascimento, um renascimento espiritual.

Em João 4, Jesus tem outro encontro individual. Desta vez, com uma mulher sem nada que a recomendasse. Ela pertencia a uma raça misturada, intensamente desprezada pelos judeus. Além disso, era mulher! Judeu algum que se prezasse falava em público com uma mulher que não fosse de sua família ou deixava que ela se aproximasse dele. E aquela era uma mulher de vida irregular. Mesmo para os nossos dias tão liberais, uma mulher que tenha sido casada cinco vezes e esteja agora coabitando com outro homem seria considerada, no mínimo, atrapalhada. No tempo de Jesus, era um escândalo inaceitável. No entanto, foi a ela que Jesus declarou pela primeira vez ser o Messias, Filho de Deus. A mulher não titubeou. Aceitou de braços abertos a notícia e saiu correndo a espalhá-la entre todos os que se dispuseram a ouvir.

“A homem algum havia Jesus declarado tão abertamente sua identidade.

Mesmo com seus discípulos, ele emprega o método dos psicoterapeutas, ou seja, o método de perguntas que despertam a intuição. ‘Mas vós, quem dizeis que eu sou?’ (Mt 16:16) É o apóstolo Pedro quem responde: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.’ E, contudo, quantos mal-entendidos houve entre Jesus e seus discípulos até o fim. A última conversa que Jesus mantém com eles é trágica (Jo 13:31-17)! Todas as suas perguntas mostram que eles não haviam compreendido o essencial e, a cada pergunta de Jesus, sente-se como é intenso o sofrimento deste. Eles haviam compreendido à moda masculina, objetiva, esperando pela ocorrência de acontecimentos: que Jesus lhes mostrasse o Pai, que expulsasse os romanos e que instituísse a realza.”¹

É também uma mulher, Maria Madalena, a primeira pessoa a quem Jesus revela sua ressurreição. Isso demonstra o afeto e a confiança que ele tinha para com ela, uma mulher. E ela compreendeu imediatamente quando ele a chamou pelo nome, num contato pessoal, carinhoso (Jo 20:16). Jesus levou as mulheres a sério, considerando-as pessoas com quem poderia conversar e que entenderiam as coisas que ele revelava acerca de Deus. Ele as ensinou, repreendeu quando necessário, nunca se mostrou complacente para com seus erros. Perdoou seus pecados, restaurou-lhes a dignidade de pessoas, ofereceu-lhes seu amor e a visão do lugar que podiam ocupar no reino de Deus. “Ele se mostrou livre de qualquer preconceito, falando às mulheres da mesma forma que falava aos homens, com o mesmo respeito, a mesma confiança, as mesmas exigências e as mesmas promessas.”²

Jesus viveu cercado por um grupo de mulheres que, desafiando as restrições impostas por sua cultura, seguiram-no pelas estradas poeirentas, enfrentando o desconforto a fim de ministrar a ele e aos discípulos com seus bens materiais e muito provavelmente com aqueles pequenos toques de carinho e cuidado em que as mulheres se especializam, oferecendo assim um pouco de conforto na vida do Mestre amado (Lucas 8:1-3). Elas estiveram com ele na agonia de seus últimos momentos de vida antes da crucificação, não arredando pé da cruz. E foram as primeiras a ir ao sepulcro para cuidar dele na morte como haviam cuidado em vida. Por isso tiveram a felicidade de ser as primeiras a vê-lo ressurreto.

Hoje, Jesus já não se encontra corporalmente entre nós. Não podemos tocar a orla de suas vestes. Não podemos derramar unguento sobre sua cabeça, nem lavar seus pés com nossas lágrimas e enxugá-los com nossos cabelos. Não podemos sentir o toque de sua mão em nossas feridas. Não podemos ouvir sua voz instruindo-nos, exortando-nos, perdoando-nos.

O relacionamento das mulheres com Jesus hoje se dá no plano espiritual. Mas, por isso mesmo, é ainda mais íntimo. Na pessoa do seu Espírito Santo, ele agora habita dentro de nós. Podemos, sim, derramar diante dele as nossas lágrimas. Podemos sentir sua proteção e cuidado como um manto seco e quente colocado sobre

1 Dr. Paul Tournier, A Missão da Mulher, pgs 100-103

2 Dr. Paul Tournier, A Missão da Mulher, pgs 100-103

nossos ombros quando estamos ensopadas pelas tempestades desta vida, tiritando de medo e apreensão. Podemos sentir sua mão limpando nossas feridas, trazendo cura e alívio da dor das rejeições. E podemos ouvir perfeitamente sua voz falando em nossos corações, se estivermos atentas e em comunhão com ele.

Ele veio para libertar-nos de nossas inquietações, nossas tristezas, nossas tribulações, nossas angústias, nossas carências, nossa sede de amor e significado, oferecendo-nos a Água Viva do seu amor. Ele quer restaurar a essência da feminilidade que o pecado distorceu e contaminou. Por isso, vem ao nosso encontro no lugar onde nos encontramos, muitas vezes atarefadas, tentando suprir as nossas necessidades e as dos outros enquanto nosso próprio coração permanece ressequido e vazio.

Ao buscar na vida das mulheres que tiveram um encontro pessoal com Jesus o que ele tem para nos dar, vamos primeiro procurar entender um pouco melhor as circunstâncias de vida de cada uma delas. Como o coração das pessoas não muda tanto de uma cultura para outra e de uma época para outra, podemos identificar dentro de nós os problemas que aquelas mulheres viveram.

Assim, a primeira parte de cada capítulo será uma narração um tanto romaneada do evento, apresentada como se a própria personagem estivesse contando sua história. Os fatos estão firmemente ancorados na narrativa bíblica, mas os detalhes são elaborados para melhor nos colocar dentro do quadro que temos diante dos olhos. A segunda parte de cada capítulo será uma discussão em termos do que essa história ensina para nós, mulheres do século XXI. A terceira parte, no final do livro, compreende uma série de perguntas que ajudarão a recapitular o evento bíblico e a fazer uma aplicação prática desse ensino em nossa vida.

Que esta jornada pelas estradas poeirentas da Palestina e pelas vidas de tantas mulheres diferentes possam ajudá-la, querida leitora, a se aproximar mais daquele que pode saciar a sede da sua alma com a Água viva do seu amor, e a fome do seu espírito com o Pão do propósito eterno de Deus para a sua vida.

No amor de Jesus, nosso Salvador e Senhor, sua irmã,

Wanda

I – Jesus é o nosso sustento e consolo

Uma das fases mais difíceis da vida de uma mulher ocorre com a perda do companheiro. A idéia de Deus para o casamento, onde os dois, marido e mulher, tornam-se um, faz da separação, seja pela morte, seja pela quebra dos votos matrimoniais, a experiência mais angustiante por que a mulher pode passar, a que mais ansiedade, medo e tensão gera, chegando muitas vezes a severa depressão. Mesmo para aquelas cujo casamento não foi feliz, voltar a viver só requer uma mudança radical de perspectiva.

É um tempo de luto, de grande tristeza, de lágrimas profusas. E é um tempo necessário. Deus nos incentiva a derramar diante dele toda a nossa dor, nosso medo, nossa ansiedade, nossa angústia para que ele possa nos encher com o consolo do seu amor e da sua provisão para nós e nos dar orientação prática para as decisões que teremos de tomar. Agora teremos de tomá-las sozinhas e arcamos sozinhas com as consequências dessas decisões.

Deus conhece bem as necessidades especiais das viúvas e dos órfãos. Nas leis que estabeleceu para seu povo, ele já fez provisão para seu cuidado e proteção. “Quando, no teu campo, segares a messe e, nele, esqueceres um feixe de espigas, não voltarás a tomá-lo; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será; para que o Senhor, teu Deus, te abençoe em toda obra das tuas mãos. Quando sacudires a tua oliveira, não voltarás a colher o frutos dos ramos; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será. Quando vindimares a tua vinha, não tornarás a rebuscá-la; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será o restante” (Dt 24:19-21). Só no livro de Deuterônomo há dez provisões de Deus para as viúvas. Ele lhes faz justiça. “A nenhuma viúva nem órfão afligireis. Se de algum modo os afligirdes, e eles clamarem a mim, eu lhes ouvirei o clamor” (Ex 22:22-23). Ele próprio se coloca como seu protetor. “Pai dos órfãos e juiz das viúvas é Deus em sua santa morada (Sl 68:5).

Jesus foi ao encontro das necessidades das viúvas do seu tempo. Algumas, como a profetisa Ana, já haviam passado a pior fase da viuvez e encontrado outro propósito na vida. Outras, como a viúva de Naim, estavam enfrentando o segundo momento mais doloroso e angustiante de sua vida – a perda de um filho amado. Ainda outra, enfrentava o problema mais comum à maioria das que ficam sós – dificuldades financeiras.

A cada uma, a presença de Jesus abençoou e deu um sentido maior à vida. Ele é a nossa Rocha, o nosso refúgio nas horas em que tudo o que temos de mais precioso nos for tirado. Ele pode restaurar a perspectiva e a alegria das enlutadas com a certeza de que nunca estaremos sós. É o único que pode prometer: “De maneira alguma te deixarei, nunca, jamais te abandonarei” (Hb 13:5), e cumprir o que prometeu.

Capítulo Um - Ana, a profetisa

Abri os olhos assim que percebi a claridade entrando pela janela do meu quarto. Acordei bem antes. Durmo pouco de uns tempos para cá. Embora o corpo velho reclamasse uma mudança de posição, permaneci deitada, aproveitando aqueles momentos antes do romper do dia para orar ao Deus da minha vida. É para ele que se dirigem os primeiros pensamentos quando acordo e os últimos antes de adormecer à noite.

Nem sempre foi assim. Quando meu marido era vivo, as atividades do dia a dia me vinham sempre primeiro à mente. Quando eu acordava, bem cedinho, já tinha tanta coisa para fazer que só mais tarde é que me lembrava de buscar a bênção e a orientação de Deus para o meu dia. E à noite, muitas vezes exausta, dormia antes de terminar minha oração vespertina.

Entretanto, foi um tempo muito feliz, mesmo que tão curto! Eu e meu marido nos dávamos bem. Ele era um homem bom e demonstrava que me amava muito. A cada aniversário de casamento, ele me dava um presente especial, para comemorar “mais um ano de felicidade”, dizia ele.

Ficamos casados apenas sete anos. Ele morreu sem nem mesmo ficar doente. De manhã, estava bem. À tardezinha, reclamou de mal-estar e insisti em que fosse repousar no frescor do quarto. Quando fui ver como estava, já não vivia.

Nunca chorei tanto em minha vida. Não sabia que era tão grande o reservatório de lágrimas. Depois de passados os primeiros dias de luto, meus parentes voltaram a suas casas. Meus pais queriam que eu fosse com eles. Seria melhor eu não ficar sozinha, diziam. Mesmo morando no recinto do templo, devia procurar a companhia de meus familiares. Eles me consolariam da minha viuvez. Falei que ia pensar e depois lhes daria a resposta.

Os dias se passaram, sem cor, sem graça. Eu amanhecia sem ânimo para levantar. Meu apetite se foi de vez, mas percebi que jejuar me liberava para concentrar todos os pensamentos. Comecei a buscar a Deus assim que acordava. Orava, relembrava pedaços preciosos da Escritura que me haviam ensinado e com eles alimentava meu coração. Só então tinha ânimo para sair do leito e fazer o que precisava ser feito. Cada objeto que havia pertencido a meu marido, cada lugar favorito dele me trazia nova enxurrada de lágrimas. Eu só percebia que estava chorando quando as gotas pingavam no chão ou sobre minha mão. Nessas horas, caía de joelhos diante de Deus e derramava sobre ele a minha dor.

As saudades me atormentavam principalmente na hora de deitar. O leito era frio sem o calor dele ao meu lado. E aquele frio me invadia a alma e fazia tiritar. Mesmo tão cansada que meus ossos doíam, eu não tinha vontade de passar pelo suplício de me deitar naquele leito vazio. Então, me ajoelhava e pedia ao Senhor que me fizesse sentir a sua companhia amorosa, que me desse o sono que meu corpo reclamava. Aos poucos, enquanto eu conversava com meu Pai, minha mente ia sendo inundada pela paz sobrenatural do Senhor, como se sua sombra se projetasse sobre mim para me guardar até dos meus próprios sentimentos de solidão e tristeza.

Não me lembro ao certo quando a dor foi amainando, mas um dia fui

surpreendida com uma grande disposição para os trabalhos domésticos. Depois de orar e me alimentar, empreendi uma limpeza daquelas nos meus aposentos. Embora ainda tivesse de lutar com as lágrimas, separei as poucas e simples roupas que meu marido havia deixado, nas quais não havia conseguido tocar desde a sua morte e fiz com elas uma pequena pilha. Serviriam para alguma pessoa da família ou alguém necessitado.

A limpeza tomou toda a manhã. Sentada na saleta anexa ao quarto, almocei um naco de pão e um cozido de legumes com bastante apetite, sem esquecer de agradecer a Deus a bênção do alimento. O trabalho me deixara cansada e com fome. Agora, a tarde se estendia diante de mim. Minhas responsabilidades no templo ainda estavam suspensas por causa do luto. O que eu iria fazer com o tempo de que dispunha?

É engraçado, mas nunca me passou pela cabeça voltar para a minha família. Amo meus pais e meus parentes que vivem por perto, mas sentia que Deus me chamava para continuar o trabalho e o ministério de que eu e meu marido fôramos incumbidos. Sentia-me bem ali, vivendo no templo, mesmo que num espaço exíguo. Eu não precisava de mais do que um cantinho para meu leito e um lugar onde preparar minhas refeições. Assim, eu ficava livre de outras obrigações e podia passar quanto tempo desejasse aos pés do Senhor.

À medida que os dias passavam, meus pais deixaram de falar em minha volta à sua casa. Viram que eu estava bem e, com muito tato e sabedoria, demonstraram que aprovavam minha escolha. Então as coisas ficaram mais fáceis para mim, pois de forma alguma desejava vê-los contrariados. Mas eles mesmos me haviam ensinado a amar ao nosso Deus de todo o coração! Quantas vezes meu pai nos chamava para seu lado depois da ceia e nos contava as histórias do nosso povo. Nunca me cansava de ouvi-lo falar dessas pessoas que haviam caminhado com Deus, que haviam enfrentado sérios problemas, que muitas vezes haviam falhado mas que haviam levado adiante a sua parte no plano redentor de Deus.

Eu relembrava as profecias a respeito de tempos que ainda viriam e me perguntava quando elas se cumpririam. Quatrocentos anos já se passavam desde que Deus nos enviara um profeta. Depois disso, silêncio total. É verdade que tínhamos as Escrituras para saber o que Deus deseja de nós, mas como houvesse poucas cópias, só tínhamos de fato o que conseguíssemos decorar. Eu sabia que Deus enviaria um libertador, o Messias, que nasceria de uma virgem na cidade de Belém e resgataria nosso povo dos seus pecados. Mas tantos anos se haviam passado! Quando seria esse grande dia?

Enquanto ele não chegava, eu permanecia orando no templo praticamente o tempo todo. Fazia jejuns prolongados e nem sentia falta do alimento. Minha alma se derramava diante do trono do Senhor enquanto eu me deleitava na beleza da sua santidade, cantando salmos de louvor e glorificando o nome do nosso Deus.

Os anos se passaram. Envelheci na presença de Deus. Meu corpo, emagrecido pelos muitos e severos jejuns, parece hoje um feixe de pregas e rugas, mas, por dentro, sinto-me jovem ainda. Parece que o Senhor renova minhas forças a cada manhã quando busco a sua face e agradeço a noite de repouso e o conforto do meu cantinho naquele espaço dedicado a ele.

Não sei o porquê de todas essas lembranças hoje. Foi como se toda a minha

vida adulta passasse diante dos meus olhos.

Levantei-me rolando sobre o lado e sentando para colocar os pés nas sandálias. As costas protestaram. Tive de fazer um esforço para endireitar o corpo. Vesti rapidamente as roupas que já estavam ao lado da cama. Senti que aquele era um dia para jejuar, preparando meu coração para alguma revelação especial. Melhor pois assim nem refeição para preparar haveria.

Despejei um pouco de água na bacia e lavei o rosto. Refiz as tranças dos cabelos e saí pela porta para um dia claro e ensolarado que aqueceu meus velhos ossos. Com passos lentos, tentando expulsar as dores das juntas que sentia a cada movimento, dirigi-me ao pátio das mulheres. Uma agitação no meio de um grupo de pessoas chamou minha atenção. Apertei os passos pois percebi que era o velho Simeão que falava alto e parecia estar carregando uma criancinha nos braços. Ele era muito conhecido e respeitado como homem justo e piedoso. Vinha freqüentemente ao templo pois lhe havia sido revelado que não morreria antes de ver o Messias. Só o fato de vê-lo ali naquele dia, tão agitado, fez meu coração bater com força. Eu nem conseguia pensar na esperança que despontou em meu coração.

Aproximei-me do grupo e ainda pude ouvir a voz de Simeão contando que se sentira movido pelo Espírito para ir ao templo naquele dia. E agora, diante daquele bebê e dos pais surpresos, ele louvava a Deus e dizia:

-- Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios e para a glória do teu povo de Israel.

Fiquei estarecida! O que significava tudo aquilo? Seria aquela criança o tão esperado Messias? Sabia que Simeão não se enganaria, ainda mais que fora levado ao templo pelo Espírito. O velho tirou os olhos embevecidos do nenezinho e olhou para os pais. A mãe era bem jovem. Estava vestida pobremente mas tinha um aspecto saudável. O pai, já não tão jovem, tinha um jeito muito carinhoso para com a esposa. Simeão fitou os dois e falou agora baixando a voz, como se quisesse que apenas os dois ouvissem o que ele dizia:

-- Este menino está destinado tanto para a ruína quanto para o levantamento de muitos em Israel e para ser alvo de contradição. Também uma espada traspassará a tua própria alma para que se manifestem os pensamentos de muitos corações – conclui ele, dirigindo-se especificamente à mocinha.

Percebi que ela arregalou os olhos, atônita, e o rosado fugiu de suas faces. Recebendo o nenê de volta das mãos de Simeão, ela o aconchegou contra o peito, como que querendo protegê-lo de qualquer coisa que pudesse causar-lhe dano.

Acerquei-me dela. Fazendo uso do privilégio da idade e de minha posição ali no templo, envolvi seus ombros num abraço ao qual imprimi todo o carinho que ela despertou em mim desde que a vi. Comecei então a falar a respeito do menino, louvando a Deus pela sua vinda e por eu ter podido testemunhar a sua chegada naquele dia. Cânticos e salmos jorravam de minha boca. As passagens das Escrituras que eu havia memorizado ao longo de todos aqueles anos se encadeavam numa sequência de adoração e gratidão. Profecias antigas se cumpriam diante dos meus olhos. Ah, que enorme privilégio!

Algumas pessoas começaram a se juntar para ouvir o que eu dizia a respeito do

menino. Uma a uma foram tomadas pela alegria de saber que a redenção de Jerusalém havia chegado. E levaram essas novas a outros que, como elas, esperavam o nascimento do resgatador de Israel.

Foi um dia cansativo mas só percebi isso quando voltei aos meus aposentos à noite. A alegria me sustentou de tal modo que nem sede senti, mas agora preciso repousar. Minhas pernas estão trêmulas, avisando que as forças se foram.

Lembro-me das palavras de Simeão: “Senhor, podes despedir em paz o teu servo.” Essa é também a minha oração. Já vi, com meus próprios olhos, a salvação prometida.

Sei que não vou ver esse menino crescer. Nem preciso. Com os olhos da fé enxergo sua obra completa segundo o plano de Deus. E é o que contarei a quem quiser ouvir até o dia em que meus lábios se fecharem aqui na terra e meus olhos se abrirem na presença eterna do meu Senhor.



Leia a história de Ana, a profetiza, em Lucas 2:36-38. É só o que sabemos sobre ela. Lucas é o único evangelista que relata este episódio. Sabemos que ele fez uma “acurada investigação de tudo desde sua origem” antes de escrever as palavras que lemos aqui. A própria Maria, mãe de Jesus, deve ter-lhe fornecido a informação a respeito da presença de Ana no templo aquele dia.

Ana foi a primeira mulher, além de Maria, que reconheceu Jesus como o Messias prometido. Depois de toda uma vida aos pés do Senhor, de profunda intimidade com sua palavra, de muita oração e jejum, ela foi contemplada com a presença dele em carne e osso, diante dos seus olhos, ao alcance do seu toque. Será que Ana também tomou o menino nos braços? A passagem onde este encontro aparece nada afirma sobre isso. Mas podemos imaginar os braços vazios de Ana estendidos para segurar o bebê, e Maria, entendendo o que isso significava para ela, entregando-lhe seu filho.

Ana foi casada por apenas sete anos. Não consta que ela tenha tido filhos. Era conhecida como profetisa e passava todo o seu tempo em oração e adoração no templo. Foi, em resumo, uma mulher totalmente dedicada a Deus.

Em Jesus, ela viu o cumprimento das antigas profecias de libertação e restauração de seu povo. Viveu mais de oitenta anos nessa expectativa. Como Simeão, ansiava pelo dia em que as coisas prometidas tantos anos antes se tornariam realidade.

Ana viveu sozinha a maior parte de sua vida. Para a mulher, mais voltada para as pessoas, a vida a sós pode parecer um verdadeiro martírio. Há no fundo do coração feminino um forte anseio para ligar-se a outra pessoa. Deus nos criou assim quando fez Eva a partir de um pedaço do homem, para ser alguém da mesma espécie que ele, com a missão específica de ser a sua ajudadora.

O buraco que sentimos na vida quando estamos sós é resultado desse fato básico da nossa existência. Entretanto, os relacionamentos com seres humanos imperfeitos jamais poderão saciar totalmente a sede de amor de nossas almas.

Tenho conversado com muitas mulheres dos dois lados dessa realidade. As que

estão sós desejam casar-se, ter filhos, achando que uma família resolverá seus problemas de solidão. Muitas das casadas, entretanto, dão como causa de suas lágrimas as pessoas mais chegadas de suas vidas – marido e filhos. E se questionam se não teria sido melhor ficar sozinhas.

Esse é o paradoxo de que Deus falou quando avisou Eva sobre as consequências da desobediência em sua vida. Nosso relacionamento com nossos filhos trariam dores e nosso desejo seria para nosso marido, mesmo quando ele nos dominasse e deixasse de tratar como desejamos. Estamos amarradas aos nossos relacionamentos por nossa própria maneira de ser. Mesmo em nossos dias, quando as mulheres alcançaram tanta liberdade para viver suas vidas de forma mais independente, ainda vemos que, basicamente, as coisas mais importantes para nós não mudaram. Quando há um divórcio ou separação, quem assume os filhos? Raras vezes é o pai. A mãe continua sendo a peça fundamental na vida dos filhos. Por mais que queiramos mudar o rumo das coisas, algumas permanecerão inalteradas pois dizem respeito a quem somos como mulheres.

Se ansiamos, com todo o nosso ser, estar ligadas às pessoas de nossa vida, mas é também nesses relacionamentos que sofremos nossas dores mais profundas, estamos numa situação sem esperança? Não! É exatamente no ponto da nossa maior vulnerabilidade como mulheres, no meio dos nossos maiores sofrimentos relacionais que estamos mais aptas a buscar de todo o coração o Deus que vem ao nosso encontro e derrama sobre nós a água viva do seu amor, sem o qual jamais poderemos usufruir plenamente os relacionamentos humanos.

A definição mais completa que temos de Deus encontra-se em 1 João 4:8 – Deus é amor. A palavra usada aqui é o substantivo *ágape*, cujo significado é o de um afeto benevolente, resultado de “julgamento e assentimento deliberado da vontade como uma questão de princípio ou dever”.³ É querer o bem do outro acima de todas as coisas e agir para que isso aconteça. Deus é a fonte de amor, nós os recipientes. Fomos feitos para viver constantemente abastecidos por esse amor como o combustível essencial ao nosso bem-estar. É ele que nos permite viver como pessoas íntegras mesmo que todos os nossos relacionamentos falhem de uma maneira ou de outra.

Ana perdeu o marido de poucos anos mas o amor de Deus a susteve pela maior parte de sua vida.

Lembro-me de uma senhora que estava casada por mais de cinquenta anos quando o marido faleceu. O casal já havia chegado àquele ponto de total identificação que vem de um relacionamento conjugal cultivado e apreciado ao longo dos anos. Os dois pensavam igual, desejavam as mesmas coisas, usufruíam intensamente a companhia um do outro. Viviam dizendo que, se tivessem de ficar presos em uma ilha deserta, só com outra pessoa por perto, essa pessoa seria o cônjuge, e eles estariam felizes. Aquela senhora chorou muitas e dolorosas lágrimas após a morte do marido.

Algum tempo depois, ela falou a uma amiga que ansiava pelo dia em que

³ Greek dictionary of the New Testament , The New Strong's Exhaustive Concordance of the Bible, Thomas Nelson Publishers, 1990, pgs 7 e 75

estaria no céu. A amiga lhe perguntou quem esperava encontrar lá, achando que as saudades do marido a levavam a pensar nesse assunto. O rosto daquela anciã se iluminou suavemente. Os olhos adquiriram uma expressão distante, como se já estivesse contemplando o rosto amado. E ela falou num sussurro:

-- Ele. O meu Jesus amado. Oh, que alegria será ver seu rosto e estar na sua companhia para sempre!

É do amor de Deus que fomos feitas para viver alimentadas, saciadas. E somente quando ele se tornar tudo para nós é que estaremos capacitadas a viver como pessoas íntegras, em qualquer situação da vida em que nos encontremos. Na presença dele, a mulher estéril vive em família, a mulher só é amparada e protegida e pode se realizar plenamente ministrando através da sua feminilidade onde quer que Deus a colocar.

Foi a concretização desse amor que Ana viu na pessoa do Filho de Deus. Jesus foi o cumprimento completo de todas as promessas em que ela crera toda a sua vida, o motivo de ações de graças de um coração pleno de reconhecimento da bondade de Deus para com sua serva. Nele, sua solidão se transformou em riso de alegria e ela saiu dali contando a todos os que, como ela, criam na vinda do Redentor, a respeito da fidelidade e da bondade de Deus para com seu povo.



Capítulo Dois - A Viúva de Naim

Já passei por dias difíceis. Aliás, pensando bem, minha vida nunca foi fácil.

Nasci em uma família pobre no vilarejo quase totalmente desconhecido de Naim. Desde pequena tive de ajudar a arrumar alimento para não passarmos fome. Eu ia com outras crianças juntar os grãos que eram deixados para nós em alguns campos longe da cidade. Era uma longa caminhada e o trabalho era cansativo. Os grãos que nos eram destinados muitas vezes tinham de ser catados do chão, onde caíam e se misturavam à terra. Era preciso peneirar para eliminar a terra e ficar com o que sobrava. Fazia um pó! Eu voltava para casa imunda, e nem sempre com um peso satisfatório dos grãos que seriam moídos para fazer o pão, nosso principal alimento.

Nossa família era grande. Muitas bocas para encher. Lembro-me de como Mamãe era magrinha, meio arcada, sempre trabalhando para dar conta da filharada. Hoje posso ver que ela nunca se alimentava direito, deixando mais comida para os filhos. De vez em quando ganhávamos um pedaço de carne para fazer um cozido, e aí era aquela festa. Meus pais, sempre generosos, nessas horas chamavam alguns parentes para se alegrar conosco. Eu ficava de olho na comida, pensando que teria sobrado mais para nós se não houvesse tanta gente de fora comendo gulosamente o que Mamãe preparara.

Casei-me com um moço bom e trabalhador mas pobre como nós. Tendo observado a vida de minha mãe, pensei saber o que me esperava, mas teria muitas surpresas pela frente.

Meu marido conseguiu construir uma casinha para nós. Eu o ajudei, fazendo os tijolos que usaríamos, assando-os ao sol quente para ficarem bem resistentes. No único cômodo da casa dormíamos, comíamos e nos sentávamos para descansar e conversar. Nosso leito era estendido contra a parede mais afastada da porta todas as noites e recolhido todas as manhãs.

Apesar de nossa precária situação, fui feliz. Nosso primeiro filho nasceu, um menino robusto e bonito. Guloso, ele mamava como um bezerrinho. Logo cresceu e começou a dar seus primeiros passos. Achei que logo engravidaria de novo, mas nenhum irmão veio fazer-lhe companhia, para desapontamento do pai, que esperava um bando de filhos para ajudá-lo na pequena lavoura que ele cultivava atrás da nossa casa.

Nem tive tempo de me preocupar com a falta de outros filhos. Aquele menino enchia meus dias de alegria. Por não ter de me preocupar com ninguém mais, pude aproveitar e dar-lhe toda a minha atenção. Eu conversava com ele, brincava com ele, ensinava-lhe tudo o que sabia a respeito do nosso povo, das nossas tradições, do nosso Deus. Ele era muito inteligente. Olhava-me com os olhinhos escuros brilhando toda vez que eu ensinava algo novo. Depois, ficava quietinho, matutando no que havia aprendido. E me saía com cada uma! Muitas vezes demos boas risadas juntos.

Não que ele fosse um anjo. Bem cedo já mostrou que sabia o que queria e batia o pé para conseguir. Tive de ser enérgica com ele muitas vezes, chegando mesmo a castigar alguma desobediência. Mas depois ele sempre se mostrava arrependido e me abraçava, pedindo perdão. Como poderia resistir àquela carinha entristecida?

Vivi cheia de alegria por bons anos. Entretanto, de um dia para outro, minha vida virou de cabeça para baixo. Meu marido, que parecia gozar ótima saúde e disposição, adoeceu. Uma febre alta tomou conta dele. Passei dias a seu lado, banhando sua testa com água fresca para ajudar a baixar sua temperatura. Não havia nenhum médico em Naim, mas todo mundo conhecia os remédios que usávamos para as doenças mais comuns. Usamos todos. Amigos e parentes nos davam sugestões que eu seguia, mas ele foi só piorando. Logo já não reconhecia ninguém, nem mesmo a mim e ao nosso filho. Comecei a perder as esperanças. Eu orava o tempo todo, pedindo a Deus que poupasse meu marido. Eu precisava demais dele. O que seria de mim se ficasse sozinha?

E fiquei. Apesar de todas as minhas preces, meu marido morreu alguns dias depois de adoecer. Achei ser aquele o dia mais sombrio, mais triste de toda a minha vida. O que era a pobreza ao lado de um marido bom e trabalhador comparada com o desespero de saber-me sozinha, dependente da boa vontade de amigos e parentes para sobreviver?

Pessoas bondosas cuidaram do corpo do meu marido e o prepararam para o enterro. Quando dei por mim, já estava caminhando atrás do corpo, carregado por alguns homens fortes da cidade. Não me lembro de tê-lo sepultado nem da volta para casa mas logo as necessidades do dia a dia me sacudiram e tive de enfrentar a realidade.

Um parente nosso se ofereceu para comprar o nosso campo e me levar a morar em sua casa, onde eu poderia ajudar sua esposa nos trabalhos domésticos e meu filho aprenderia a profissão do pai. Pensei bem sobre a proposta, mas não me agradou. Não os conhecia tão bem assim e uma viúva jovem poderia não ser vista com bons olhos pela mulher mais velha.

Não orei naqueles dias. Eu havia pedido a Deus que não levasse meu marido e ele não me dera ouvidos. Parecia que não se importava comigo. Por que me ouviria agora? Achei que havia atingido o fundo da desesperança. Meu mundo parecia se limitar aos trabalhos de manter a mim e a meu filho vivos por mais algum tempo. Futuro? Nem pensar.

Os dias se passaram. Minhas tarefas me mantinham ocupada. Consegui cuidar da lavoura até o dia da colheita. Meu filho estava sempre comigo, tagarelando, ajudando no que podia. Comecei a ensinar o que sabia a respeito desse trabalho. Quando o via olhando para o céu, o cenho franzido igualzinho ao pai, para saber se havia sinal de uma chuva próxima, percebi que ele já havia aprendido muito mais do que eu imaginava. Combinamos nossa pequena força e nossos conhecimentos. Sua companhia me dava alento. Muitas vezes, ele me fazia rir a despeito do peso que sentia no coração.

Um ano se passou e a dor já não me machucava tanto. O peso, sim. A tarefa de sobreviver como viúva, mesmo com a ajuda que eu recebia de meus parentes e alguns amigos mais chegados, era um fardo do qual eu não podia me livrar por um momento que fosse. Se a colheita havia passado, era hora de começar a preparar novamente a terra para a próxima lavoura. Trabalhávamos de sol a sol, embora o campo não fosse grande. Aos poucos, percebi que meu filho se tornava um juvenzinho de músculos bem formados e que seu trabalho começava a render mais do que o meu. Que bênção era aquele filho!

Meus pensamentos se voltaram novamente para Deus. Durante todo aquele tempo, eu o mantivera à distância, mas agora desconfiava que ele havia estado ao meu lado, cuidando de mim aquele tempo todo em que eu estivera brava com ele. Será que eu não enxergava que não poderia ter dado conta do recado sozinha? A chuva viera na hora certa, eu e meu filho havíamos gozado boa saúde, as pessoas haviam ajudado na colheita e agora tínhamos grãos para nos sustentar até a próxima safra. Era o cuidado de Deus sobre nós e eu fora uma filha mal-agradecida.

Ele não atendera às minhas preces pela vida de meu marido, mas me dera consolo e amparo na minha viuvez. Pedi-lhe perdão pela dureza do meu coração. Sabia que o havia culpado pela minha situação embora plenamente consciente de que ninguém alcança os caminhos do Altíssimo nem consegue entender os seus desígnios.

Voltei a sentir alegria. O peso que me curvara durante aquele tempo foi tirado de meus ombros. Meu filho continuou crescendo a olhos vistos. Agora já era um rapaz, muito ajuizado e responsável, a cara do pai. À noite, depois de nos lavar para tirar a sujeira do campo, sentávamos para ceiar juntos e conversávamos sobre o nosso dia. Ele sempre orava agradecendo a Deus as bênçãos da saúde e do alimento, e eu sentia que ele falava do fundo do coração. Via a mão de Deus dirigindo cada um dos nossos passos. Uma suave felicidade me cobria, como um manto protetor. Nunca imaginei que pudesse ser de novo tão feliz. Foi então que um tipo de febre que nunca

tínhamos visto antes começou a atacar diversas pessoas em nossa cidade. Algumas morreram. Outras ainda lutavam pela vida. Diversos enterros já haviam passado por minha porta. Meu coração ficou aos sobressaltos.

Meu filho adoeceu. Não, Deus, de novo, não!! A febre alta o fazia delirar. Mais uma vez, vi-me sentada ao lado do leito de alguém amado, uma bacia com água fresca aos meus pés enquanto eu aplicava compressas frias à testa febril na esperança de fazer a temperatura do corpo baixar. Os poucos remédios que conhecíamos não pareciam fazer o menor efeito contra essa nova enfermidade. Eu lutava com todas as minhas forças – contra a febre e contra a tentação de ceder ao desespero. Não, Deus me amparara no passado. Não iria me abandonar agora, não podia me tirar a alegria da minha vida! Enquanto molhava o pano na água fria, eu orava, pedindo pela vida do meu filho. Enquanto aplicava a compressa, eu orava. Enquanto ia buscar mais água, orava de novo. Não conseguia parar de pedir. Tinha a impressão de que a vida de meu filho dependia de eu não esmorecer nas orações. Enquanto eu orasse, ele continuaria vivo.

Estava ajoelhada a seu lado, orando, quando ele deu seu último suspiro. Desde que adoecera, eu o perdera. Ele não me reconhecia, não pudemos trocar palavras, não consegui transmitir-lhe quanto o amava. Se eu pudesse, teria dado alegremente minha vida por ele. Como queria estar morta! Assim não sentiria aquela dor terrível no peito, a dor de um coração que se partia e afundava no lago escuro da desesperança. Foi-se a coisa mais preciosa da minha vida. Deus o levou.

Talvez daqui a uns dias eu fique novamente zangada com Deus, mas no momento a tristeza é grande demais. Entreguei a vida de meu filho em suas mãos, na esperança de que me devolvesse o rapaz saudável e bonito que ele mesmo me dera. Mas, obviamente, mais uma vez eu não entendera os seus desígnios. E mais uma vez, um corpo querido foi preparado para o enterro e pusemo-nos a caminho.

Eu ia atrás do esquife. A dor terrível que eu sentia me sacudia com soluços. As lágrimas jorravam do mais profundo do meu ser e me cegavam a ponto de eu precisar me apoiar em uma amiga para não cair. Cada passo era uma tortura pois me levava mais perto do lugar onde meu filho estaria para sempre longe do alcance dos meus braços. Uma escuridão cerrada me envolvia e me tirava o alento. Eu estava sendo praticamente arrastada pelas pessoas que, movidas pela piedade e pela compaixão, me acompanhavam.

Nesse estado de torturante confusão, demorei a perceber que, ao nos aproximarmos do portão da cidade, fomos ao encontro de um grupo de pessoas que se aproximava da outra direção. Assim, fiquei surpresa quando um homem magro e queimado de sol se destacou do grupo e veio até nós. Através das lágrimas, vi que ele me fitava com tanta compaixão que meu choro redobrou e os soluços aumentaram de intensidade. Com voz firme porém terna, ele me disse:

-- Não chore!

Achei não ter ouvido direito. Não chore? Não chore quando perdi a razão de viver, a alegria de minha vida? Não chore quando Deus parece ter-se esquecido de mim? Não chore quando meu filho querido, meu único filho, meu tesouro, que veio do meu próprio corpo, está sem vida, prestes a ser enterrado para apodrecer no seio da terra? A vontade era de sacudir aquele homem e bradar-lhe as minhas perguntas.

Que respostas ele poderia me dar? Acaso era Deus para saber a razão do meu sofrimento?

Enquanto esses pensamentos me varriam a mente, ele se aproximou dos que carregavam o corpo e tocou o esquife. Todos paramos, olhando aquele estranho, sem saber o que estava acontecendo. Então, ele falou novamente, desta vez com a firmeza inconfundível da autoridade:

-- Moço, eu lhe ordeno. Levante-se!

Que loucura era aquela? O que aquele homem estava dizendo? Seu rosto emanava tanta paz e compaixão que eu não conseguia desviar dele o olhar. Entretanto, um arquejo de espanto e os olhos esbugalhados dos que me rodeavam atraíram meu olhar para o esquife. Meu filho estava sentado, ainda envolto nos panos fúnebres, perguntando o que havia acontecido. Gritei de alegria mas não consegui dar um passo! Meu coração martelava violentamente e comprimi meu peito para acalmar as batidas. Meu filho vivo! Dava para ver que seu rosto apresentava o tom rosado da saúde. A doença se fora. E a morte foi derrotada. Era demais para a minha compreensão.

O homem que o reviveu fez com que se levantasse e o trouxe até onde eu estava. Ah, com que avidez o abracei, apertei, sentindo seu corpo quente de vida e não de febre, vibrante de energia e não na fria paralisia da morte!

Enquanto isso, brados de louvor e adoração se erguiam ao meu redor:

-- Grande profeta se levantou entre nós! Aleluia!

-- Deus visitou o seu povo!

Quando recobrei um pouco a razão, o homem e seus amigos se haviam afastado sem sequer esperar meus agradecimentos. A multidão comentava excitada o que havia acontecido, todos querendo saber exatamente o que o homem havia dito, querendo tocar meu filho para certificar-se de que estava mesmo vivo. Claro que houve quem duvidasse de tudo. Ouvi um homem comentar que talvez meu filho não tivesse morrido de fato e por isso revivera. Mas eu sei. Sei que Deus mesmo o reviveu. Na hora da minha mais cruel tristeza, ele estava bem ali e eu não sabia. Veio até mim e me socorreu. Vi a compaixão em seu olhar. Minha dor ecoou em seu coração. Seu cuidado por mim foi algo concreto e sólido. Meus lábios se encheram de riso e meu coração de júbilo. Chorei outra vez, mas agora as lágrimas eram de alegria, de gratidão a Deus por este milagre, por sua misericordiosa proteção estendida sobre a vida de uma filha sua, imerecedora e tantas vezes murmuradora.

Senhor, ajuda-me a nunca mais usar meus lábios para outra coisa que não seja te louvar e bendizer mesmo no meio das mais difíceis circunstâncias enquanto eu viver. Sei que o Senhor cuidou de mim devolvendo-me meu filho, mas também estaria cuidando de mim de outra forma se o tivesse tomado para ti mesmo. Como disse o salmista, foi-me bom ter passado pela aflição para aprender os teus decretos, um pouco mais dos teus caminhos. Meus olhos contemplaram a tua bondade e meu espírito se eleva em adoração ao Deus da minha vida.



Leia a história da ressurreição do filho da viúva de Naim em Lucas 7:11-17. Mais uma vez, Lucas é o único evangelista que narra este evento. Ele dá uma atenção especial às mulheres e seus problemas peculiares. Por isso temos uma visão clara de como Jesus se relacionou com elas enquanto viveu entre nós em forma humana.

As mulheres foram feitas por Deus para um ministério especial. Enquanto o homem olha adiante para o que haverá de conquistar, a mulher se envolve com as coisas que estão ao seu redor – os cuidados e as despesas da casa, as pessoas que a cercam e suas necessidades. Pode parecer que as coisas que nos preocupam têm menos importância do que os grandes planos dos homens porque afetam tão pouca gente, uma realidade bem menor, mas Jesus sempre tratou as mulheres e suas necessidades peculiares com respeito e dignidade. Ele sabe como e para que fomos feitas. Sabe que não somos como somos por acaso pois, no plano de Deus, não era bom o homem estar só. Ele fez a mulher como o toque final e supremo da criação, após o que contemplou tudo o que havia feito e considerou muito bom (Gn 1:31).

As mulheres ocupam um lugar especial e importante no plano de Deus ou ele não nos teria feito como fez. Ele conhece nossos anseios femininos e vem ao nosso encontro no ponto da nossa maior vulnerabilidade como pessoas, curando, restaurando, tirando muitas vezes os nossos olhos das coisas urgentes, como é a nossa tendência, para focalizar as mais importantes.

Quando viu a viúva indo enterrar seu único filho, Jesus sentiu o coração confranger-se com a dor dela. Lucas registra que o Senhor se compadeceu dela. Observe que a palavra fala em padecer, sofrer com a outra pessoa, ou seja, sentir a sua dor, a sua angústia.

Nos tempos antigos, como em muitos casos em nossos dias, a situação de uma viúva era muito precária. As mulheres não exerciam trabalho pago a não ser em raras exceções. Sua única fonte de sustento era o marido. Quando este morria, elas ficavam à mercê da bondade de parentes e amigos. Se estes não tivessem recursos para ajudá-las, podiam até passar fome pois embora se tornassem responsáveis de todo o povo, dependiam da disposição de estranhos para obter seu sustento.

Apesar da provisão que Deus estabelecera para as pessoas mais desfavorecidas da sociedade, nem sempre elas eram acudidas por aqueles que deveriam velar por seu bem-estar. Por isso, a situação de uma viúva não era invejável então como não é hoje. Sobre ela recaía a responsabilidade dupla dos cuidados da casa e da família bem como a tarefa de prover ela mesma os recursos necessários à sua sobrevivência.

Além da perda material, quando a mulher fica viúva sente a perda de parte de si mesma. Devido à intimidade que o casamento produz, unindo duas pessoas de forma única a ponto de elas se tornarem um, não é possível a separação, seja pela morte, seja pelo abandono, sem que haja também um dilaceramento do próprio ser da pessoa que fica. Algumas pessoas que já passaram por essa experiência dizem que é como se parte do seu corpo tivesse sido amputada.

O período de luto na vida de uma viúva não dura para sempre, mas os primeiros tempos são atribulados com novas responsabilidades e marcados por um

tremendo senso de abandono, de vulnerabilidade, de fragilidade, até de raiva do outro que partiu e a deixou para trás. Não são poucas as mulheres que entram em depressão severa a ponto de só desejarem a morte. A mãe do jovem morto em Naim já havia sofrido a perda do companheiro e passado pela agonia de sentir esse vácuo em sua vida. O filho era alguém humano, querido, que requeria seus cuidados mas que lhe servia de amparo, que lhe dava uma razão para continuar vivendo.

Quando ele também morreu, a tristeza daquela mulher deve ter sido desesperadora. Ela sabia que a separação trazida pela morte é final pois já a tinha enfrentado antes. Além disso, tinha experiência suficiente da vida para saber que a morte é um fato irreversível. Mas Jesus veio ao seu encontro, suprimindo não apenas a sua necessidade material de sustento através de um homem da família mas também a sua necessidade emocional de ter alguém querido ao seu lado.

Jesus conhece todas as nossas necessidades físicas, emocionais e espirituais. Os acidentes, as enfermidades, a falta de recursos materiais, as grandes calamidades bem como os pequenos sofrimentos fazem parte do nosso dia a dia. E a morte é a calamidade final, mais dolorosa, triste, inevitável. Quando somos atingidos por algum desses males, perguntamo-nos por que um Deus bom nos permite passar por situações tão infelizes e desagradáveis, às vezes até cruéis.

Estou certa de que aquela viúva deve ter clamado a Deus que poupasse seu filho, mas o moço morreu. Com ele, deve ter morrido o coração da mãe e a sua esperança no Deus que podia salvá-lo mas não o fez. Sentimos sua tristeza e desalento na frase do evangelista: “filho único de uma viúva”. Não restava ninguém para consolá-la, para ampará-la.

Entretanto, nem a morte tem poder para obstruir os intentos de Deus. Jesus, que viveu entre nós fazendo sempre a vontade de seu Pai, restituiu à mãe o filho que estivera morto. Ele atentou para o sofrimento daquela mulher e se compadeceu dela, suprimindo suas necessidades antes mesmo que ela pedisse qualquer coisa.

Neste caso, ele o fez de forma espetacular, ressuscitando o filho e devolvendo-o à mãe para amá-la e cuidar dela. Mas será menos espetacular o cuidado que ele derrama sobre nós quando temos olhos para ver a sua mão em tudo que nos acontece?

Tenho uma amiga que ficou viúva depois de um longo casamento de muito afeto e afinidade. A morte colheu o marido quando ela se encontrava distante e seu maior sofrimento foi o de não ter estado ao lado dele quando ele faleceu. Eu morava fora do Brasil nessa ocasião e só fui me encontrar com ela dois anos depois. Assim que nos abraçamos, seus olhos marejaram de lágrimas. Enquanto ela me contava os detalhes daquele dia terrível, chorava tanto que um lenço era pouco para enxugar-lhe as lágrimas. Parecia que toda a sua pessoa derretia nas labaredas da dor.

Tivemos poucos contatos nos próximos anos. Ela foi sobrevivendo. Teve um sério acidente e ficou sem poder andar por quase um ano. Quando novamente pudemos nos encontrar para uma longa conversa, já fazia cinco anos que ela perdera o marido. Contou-me então algumas coisas que me impressionaram muito.

-- Wanda – disse ela – sabe que só agora estou começando a crer que meu marido se foi de vez e que nunca mais o verei nesta vida? Até bem pouco tempo, eu vivia esperando a volta dele a qualquer momento. Era como quando ele viajava e eu aguardava ansiosa a hora em que voltaria para casa. Eu sabia que ele estava morto

mas meu coração não abria mão da esperança de tornar a vê-lo, de sentir pelo menos uma vez mais seus braços me enlaçando. Sonhei muito com isso, mesmo sabendo que era impossível.

Ela se calou, o olhar perdido na distância. Esperei que retomasse seus pensamentos. Depois de alguns minutos, ela se voltou para mim com um sorriso cheio de paz.

-- Estou começando a sentir a cura. Ainda sinto muitas saudades de meu marido e sempre sentirei, mas estou conseguindo viver sem ele. Deus me tem sustentado de maneiras incríveis. A pensão dele é pequena, mas, juntando com a minha aposentadoria, me permite viver bem, até com certa folga. Tenho a minha casa e o meu trabalho. Sei que já poderia me aposentar mas quero trabalhar mais um pouco. Isso me mantém ocupada e ajuda o tempo a passar. Quero viver o resto da minha vida servindo a Deus e fazendo aquilo que ele me deu para fazer.

Hoje essa amiga é uma mulher feliz, realizada, ocupada, voltada para os outros, amada por todos que a conhecem. Fala sempre no marido com muito carinho e admiração, mas as saudades agora são motivo para ela relembrar as coisas boas que eles viveram juntos, agradecendo a Deus por tudo que ele foi para ela e pela herança dos filhos e das boas lembranças que lhe deixou.

Para Jesus, a morte não tem a palavra final pois é um inimigo derrotado. É uma perda tremenda, dolorosa, mas ele pode transformá-la em nova vida. Nas mãos do Senhor e na sua presença, mesmo a vida dilacerada por essa separação pode adquirir novo sentido, tomar um novo rumo. Ele se compadece de nós, como se compadeceu daquela viúva, chora conosco, nos consola nos momentos de tristeza, supre as nossas necessidades nos momentos de carência, dá-nos forças para continuar vivendo quando a solidão nos domina, enche-nos com sua paz e derrama seu amor constante, forte e fiel em nossos corações.



Capítulo Três - A viúva pobre

Contei de novo as moedas que tinha na mão, mas de nada adiantou. Eram só duas mesmo. E as menos valiosas que havia. Nem brilhar elas brilhavam mais. Velhas. Gastas. Sem valor. Como eu me sentia.

Meus pensamentos se voltaram para os dias em que o vaso em nossa casa, onde guardávamos o dinheiro, tilintava com moedas brilhantes e valiosas cada vez que uma delas era retirada para suprir as necessidades de alimento e vestuário de nossa família. Quando meu marido era vivo, nunca nos faltou coisa alguma. Ele trabalhava duro, como todo mundo, mas ganhava bem. Sabíamos que era do Senhor que vinha tudo que tínhamos e nunca deixamos de agradecer a sua providência em nossa vida. Ao darmos graças antes de cada refeição, meu marido sempre recitava aquele salmo do sábio rei Salomão:

Se o Senhor não edificar a casa,
em vão trabalham os que a edificam;
se o Senhor não guardar a cidade,
em vão vigia a sentinela.
Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde,
comer o pão que penosamente granjeastes;
aos seus amados ele o dá enquanto dormem.

Às vezes, ele costumava brincar comigo:

-- Vamos dormir cedo, mulher, para o Senhor poder nos dar o pão de amanhã!

Que falta sinto da sua companhia! Foi um homem alegre, totalmente confiado em Deus. Ele me falava das experiências de nossos antepassados durante a jornada pelo deserto e como Deus provera o maná para sustentá-los e água tirada da rocha para saciar sua sede. E concluía:

-- Lembre-se, minha amada, das advertências do profeta Moisés antes que nosso povo entrasse na terra prometida. O Senhor mesmo falou através dele para que, quando estivéssemos usufruindo a fartura que ele nos daria, não nos esquecêssemos de que tudo aquilo vinha da bondade e da providência do nosso Jeová-jiré – o Senhor que provê – e não da força dos nossos braços. Claro que temos de trabalhar, mas é o Senhor quem abençoa o nosso trabalho e através dele nos dá tudo de que precisamos.

Recostada contra ele na nossa esteira, os olhos já fechando de sono, eu concordava com tudo:

-- Hum, hum, também acho.

Ele ria quando eu não conseguia disfarçar os bocejos. Era fácil confiar em Deus recostada contra o corpo forte daquele que me protegia e cuidava de mim. Sua fé me contagiava e eu achava que, enquanto ele estivesse ao meu lado, poderia enfrentar qualquer calamidade.

O que nem me passava pela cabeça então é que a morte se abateria sobre nós tão cedo e o seu apoio, sua proteção, seu cuidado me seriam tirados. De uma hora

para outra, fiquei só. Mesmo no meio do grupo de amigos e parentes que me rodearam durante aquelas horas difíceis, sentia-me totalmente isolada atrás de uma muralha gelada através da qual eu mal percebia que as pessoas me falavam, me abraçavam. Eu respondia ao que me perguntavam, correspondia mecanicamente aos abraços mas nada parecia me tocar e diminuir o frio que me envolvia o corpo e o coração.

Alguns amigos me ajudaram e me deram bons conselhos, mas cada um tem seus próprios problemas e chegou o dia em que a vida voltou ao normal para eles. Ainda me davam assistência mas se envolveram também com outras pessoas e outros afazeres. Mais uma vez, o apoio com que eu contava me foi tirado.

Naquele primeiro ano, eu não conseguia raciocinar direito. Tive de tomar diversas decisões para as quais não estava preparada e acho que não fui muito sábia ao lidar com o dinheiro. Nada parecia importar depois de ter perdido o homem que era a razão de ser da minha vida. Eu não conseguia enfrentar a idéia de que jamais o veria de novo e vivi um bom tempo alheia a tudo. Um grande medo do futuro me oprimia o coração. Como eu faria para sobreviver? Eu dormia um sono inquieto e amanhecia sem disposição para levantar. Além do mais, era quando eu acordava que tinha de novamente enfrentar a realidade que o sono afastara.

Certa manhã chuvosa e fria, resolvi ficar deitada. Não tinha forças para levantar, não queria levantar. Apenas ficar ali para não ter de enfrentar as responsabilidades do dia, de me lavar, me vestir, moer grãos, assar um pão para me alimentar. Para quê? Se eu deixasse de comer, talvez em breve ficasse realmente doente e também morresse. Que alívio seria não ter de pensar na vida, de acordar num leito vazio ao meu lado, de enfrentar o dia sem nada que realmente quisesse fazer.

Enquanto meu corpo permanecia imóvel, meus pensamentos voavam de volta ao tempo em que meu marido vivia. As lembranças vieram nítidas, claras. Eu podia ouvir sua voz e até sua risada sonora, sempre tão confiante e alegre. De repente, uma grande amargura me dominou e comecei a murmurar contra Deus, que o havia levado e me deixado para trás. Quanto mais eu me lamentava, mais indiferente achava que Deus tinha sido. Por que levava meu marido na flor da idade? Por que eu teria de viver o resto da vida sem ele? Por que Deus não atendera às nossas súplicas para que poupasse a vida dele? Sim, ele também orara pedindo para ser curado, mas não foi.

Naquele ponto das lamúrias e recordações, ouvi de novo a última oração que meu marido fizera: “Senhor, peço que me cures, mas minha vida está em tuas mãos. Sei que, se me levares, proverás de outra forma para minha família. E te rendo graças por tua providência e teu cuidado para com teu povo. Sei que aos teus amados, tu dás o pão necessário enquanto dormem. E te louvo por isso.” Poucas horas depois, sereno, ele dera seu último suspiro. Morrera louvando ao Senhor. Ele mesmo entregara sua vida nas mãos de Deus, confiando que, se Deus o levasse deste mundo, estaria provendo para nós, os que ficamos, de outra forma.

Comecei a enxergar o cuidado de Deus sobre mim durante aqueles dias difíceis. Eu não passara necessidade, fora amparada por familiares e amigos. Deus estivera comigo, cuidando de mim o tempo todo, isso eu via agora com clareza. De repente, percebi que estava chorando, um choro dolorido mas calmo, como se meu

coração estivesse sendo lavado de todos os sentimentos negativos que nele se haviam abrigado durante aquele tempo.

Quando as lágrimas estancaram, senti-me renovada, até com certa energia. Levantei, me aprontei e fui examinar o vaso onde eram guardadas as nossas moedas. O dinheiro fora minguando e eu nem havia percebido...até agora. Foi um grande susto. Eram meu último recurso. Depois que as usasse, não teria dinheiro para nada, nem para o grão mais básico, do qual faria o pão. Como faria para sobreviver?

-- Aos seus amados ele o dá enquanto dormem!

Com uma nitidez impressionante, ouvi de novo a voz de meu marido recitando seu salmo favorito antes da refeição. Senti uma presença palpável ao meu lado, como se alguém estivesse colocando um manto protetor sobre meus ombros. O peso da miséria em que me encontrava foi sendo levantado enquanto eu concentrava meus pensamentos nas palavras do salmo. O Senhor é quem edifica a casa, é ele quem guarda a cidade. Nada adianta levantar cedo, deitar tarde, trabalhando duro para ter pão em casa. Deus provê aquilo de que seus amados precisam enquanto eles dormem. Como havia provido o maná para seus filhos no deserto. Enquanto eles dormiam!! Lembrei-me agora dos detalhes da história. Mesmo eu tendo cochilado em alguns pontos da narrativa, os pontos mais importantes me ficaram gravadas na mente.

Os israelitas recebiam pão fresco que vinha do céu todas as manhãs. Eles só podiam colher o maná que comeriam durante aquele dia. Assim, teriam de estar sempre dependendo de Deus para o que comeriam no dia seguinte. Deus queria ensinar-lhes a depender dele, e dele somente, não do que tinham na mão. Olhei as duas moedinhas e pensei: Em que estou confiando – na providência do Deus todo-poderoso ou nestas duas moedas e no que elas podem prover para mim?

Senti que estava sendo impelida a tomar uma decisão muito séria sobre a minha vida. Era uma questão de determinar quanto eu confiava em Deus, quanto eu cria no que ele dizia. Sempre déramos os nossos dízimos e ofertas com generosidade. Mas agora, que eu só tinha aquele dinheiro, o que o Senhor requeria de mim? Que lhe entregasse tudo o que tinha?

De repente, a escolha que eu teria de fazer ficou clara. Em quem confiaria para me sustentar? Quando alguns dos nossos antepassados, por não crerem no que Deus prometera, colheram mais maná do que necessitavam a fim de guardar as sobras para o dia seguinte, o alimento apodreceu, deu bicho, e todo mundo ficou sabendo que aquelas pessoas haviam declarado, através de sua ação, que preferiam prover para si mesmas, embora através do que Deus lhes havia dado.

Caí de joelhos. Naquele momento, entreguei a Deus a minha necessidade.

-- Senhor – orei – sei que não precisas deste dinheiro para me sustentar. Quero afirmar, de uma forma concreta, que é no Senhor que confio. Embora sendo tão pouco, entregarei estas moedas no templo amanhã mesmo. – Senti um sorriso desacostumado naqueles últimos tempos se abrir em meu rosto. E continuei: -- Vou dormir cedo hoje pois assim o Senhor pode me dar o pão de que necessito.

O sorriso se acentuou. Meu coração estava leve. O Senhor entendia o que eu queria dizer.

Um cheiro delicioso de pão recém-assado me chegou ao nariz. Achei que estava sonhando. Alguém batia à porta. Era uma prima que morava bem distante.

Abraçamo-nos com carinho e muita alegria. Ela contou que, vindo me visitar, havia passado no mercado e comprado um pão para a nossa ceia. Ergui os olhos ao céu em total espanto e gratidão.

Sentamo-nos para comer e conversar. Falei sobre a morte de meu marido. Meus olhos ainda se encheram de lágrimas mas já não doía tanto falar sobre ele. Falei também da decisão que tomara poucos minutos antes de sua chegada, e de como ela fora uma resposta à minha oração.

Olhando-me comovida, ela falou:

-- Prima, louvo a Deus pela decisão sábia que tomou. A tristeza já está passando. Agora é hora de retomar a vida.

O ânimo e a disposição daquele mulher mais velha me encheram de esperança. Eu queria ouvir o que ela tinha para me dizer. Agora que o medo se fora, eu podia pensar com clareza, considerar as possibilidades e enfrentar os desafios, confiada na proteção e no cuidado do Senhor. Então, ele não mostrou claramente que ouviu a minha oração e a atendeu de uma forma milagrosa? Enquanto eu estava orando e confiando nele para me alimentar, minha prima já estava no mercado, comprando o pão que iria me trazer, sem nada saber acerca da minha necessidade. Meu coração saltou de júbilo.

Conversamos até tarde aquela noite. Minha prima falou das possibilidades de eu me sustentar através do meu trabalho como tecelã. Isso era algo que eu sabia fazer e fazia bem. Meus tecidos e as roupas que confeccionava com eles eram sempre muito elogiados. Teria de começar com o pouco de lã que ainda tinha em casa. Depois que vendesse o primeiro trabalho, teria dinheiro para comprar mais matéria prima.

Enquanto pensava no trabalho que me ocuparia senti até um certo entusiasmo. Eu sabia que não havia muitas pessoas que se sustentavam assim. Não seria fácil vender a minha mercadoria, mas Deus edificaria a minha vida material através do meu trabalho. Ou me indicaria outro rumo.

No dia seguinte, cedinho, conversei com minha prima sobre o que estivera pensando. Ela me apoiou com entusiasmo.

-- O caminho me parece bem claro, prima. Louvo a Deus por ter-lhe dado essa inspiração. E vou lhe dizer mais uma coisa. Tenho um lote de lã lá em casa e sei que não terei tempo de trabalhar e fazer o manto que queria dar ao meu marido antes do inverno. Aceita fazer isso como a sua primeira encomenda?

Mais uma vez, as lágrimas brotaram e escorreram. Nem tentei disfarçar. Abracei com carinho a minha prima, um anjo que o Senhor havia enviado para me consolar e animar naquele dia que havia começado tão escuro.

Quando o “anjo” partiu, prometendo enviar o material para eu trabalhar, saí também. Iria ao templo levar a minha oferta de gratidão a Deus. Ele me tirou do fundo do poço do desânimo. Eu sei que me sustentará, que continuará a prover para todas as minhas necessidades como sustentou nossos pais no deserto com o maná. Ele é o protetor das viúvas e dos órfãos. Meu marido sempre soube que o nosso sustento vinha de Deus, através do seu trabalho honesto e dedicado. Fora a sua confiança na provisão de Deus que nos trouxera o bem-estar material de que gozáramos. Fora nas mãos desse Deus, cujos pensamentos eu jamais poderia alcançar, que meu marido

entregara a própria vida e seu cuidado por mim. Ele se fora, mas não a providência de Deus para com seus amados.

Saí de casa, as moedas bem presas na mão. Elas não eram minhas. Deus as havia dado. Ao entregá-las de volta ao verdadeiro dono, estaria afirmando que tudo provém dele e que sei que não me desampará.

No pátio das mulheres, onde ficavam os gazofilácios, um grupo de homens observava as pessoas que faziam suas ofertas. Alguns ricos despejavam do alto moedas pesadas, que retiniam ruidosamente ao bater de encontro ao metal que forrava o recipiente. Qualquer um podia ver que grande quantia fora ofertada. Senti-me um tanto intimidada por essa demonstração de generosidade e riqueza, mas não iria voltar atrás agora.

Quando me aproximei, vi que um homem de olhar franco e interessado me observava. Achei que era algum cambista e quase me desculpei com ele pelo tamanho da minha oferta. Era tudo o que eu tinha, mas valia tão pouco! Abri a mão e deixei cair no cofre as duas moedinhas. Mal se pôde ouvir o som que elas fizeram ao bater nas outras moedas. Tão leve quanto elas, eu também me entreguei nas mãos de Deus, aos seus cuidados, confiando na sua provisão. Olhei rapidamente para o homem e seu olhar bondoso pousou sobre mim como uma bênção. Foi como se o próprio Deus estivesse me dizendo: “Você me honrou, filha. A sua pequenina oferta vale mais do que as grandes quantias depositadas aqui, porque você me entregou tudo o que tem. Verá que nunca a abandonarei, que estarei sempre abençoando, confortando, assegurando meu cuidado sobre você.” Voltei-me para sair dali, o coração louvando ao Senhor por sua bondade para comigo pois senti vivamente a sua presença.

Antes de atravessar o portão, olhei para trás e vi o olhar daquele homem me acompanhando enquanto ele parecia dizer algo a meu respeito aos que o rodeavam.

Senhor, louvo o teu nome por toda a bondade e misericórdia que derramas sobre teus filhos e filhas tantas vezes ingratos. Perdoa, Senhor, e restaura a confiança desta tua filha no teu cuidado. Que eu nunca me esqueça de que confiar em ti não é um risco, mas a certeza de me haver colocado sob a proteção de Jeová-jiré – o Senhor que provê.



A história da oferta da viúva aparece em dois evangelhos. Leia as duas narrativas em Marcos 12:41-44 e Lucas 21:1-4.

No relato bíblico, a única coisa revelada a respeito dessa mulher é que ela era viúva e que era pobre. Mesmo assim, ofertou a Deus as duas moedinhas que eram seus últimos recursos. Ela entregou tudo o que tinha a Deus.

Jesus observava a cena diante dos gazofilácios onde as pessoas depositavam suas ofertas. Os ricos despejavam grande número de moedas, que retiniam ao cair no cofre, indicando o tamanho da oferta e da riqueza do ofertante. Jesus falou que eles davam do que lhes sobrava. A oferta era apenas uma pequena parte do muito que

possuíam. Em comparação, aquela mulher pobre deu tudo o que tinha. Jesus ensinou que, diante de Deus, a oferta dela pesou muito mais do que as ofertas substanciais dos ricos porque indicava uma confiança total na sua providência.

Deus tem muito a dizer em sua Palavra a respeito do dinheiro e do lugar que as coisas materiais devem ocupar em nossa vida. Jesus falou que temos de fazer uma escolha. “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6:24).

A palavra original traduzida por riquezas é mamom, que significa bens materiais. Jesus ensinou que esses bens nos são confiados por Deus, que é o único e verdadeiro dono de tudo que existe sobre a terra. “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém” (Sl 24:1). O que entregamos a Deus já veio das suas mãos: “Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos” (1 Cr 29:14b).

Quando fazemos nossas ofertas, estamos reconhecendo quem é o verdadeiro dono do que estamos entregando. É uma confirmação de que é nele que confiamos para suprir tudo de que precisamos.

Jesus ensinou acerca da providência divina falando das flores do campo e dos pássaros. Por quê, pergunta ele, andaríamos ansiosos a respeito do que comer, ou beber, ou vestir? Se Deus cuida das flores e dos pássaros, quanto mais cuidará das pessoas? A única coisa que realmente devemos buscar é o reino de Deus e a sua justiça. Ai, todas as coisas de que necessitamos nos serão acrescentadas.

Se Deus é o dono de tudo que existe, qual a nossa função? Somos administradores seus. É nossa responsabilidade usar o que ele nos confiou para suprir as nossas necessidades e repartir com outras pessoas. Ele não promete dar-nos tudo que desejamos, mas, sim, tudo de que necessitamos. Quando aprendemos a usar bem aquilo que nos foi confiado, ele, na sua imensa generosidade, pode nos abençoar além das nossas necessidades. Jesus disse que a quem for fiel no pouco, muito será confiado, mas de quem não for fiel no pouco, até o pouco que tem será tirado (Mt 25:29).

Deus sempre proveu para as necessidades de seus filhos. Quando os israelitas estavam no deserto, ele mandou diariamente o maná, um alimento especialmente adequado para dar-lhes sustento e saúde perfeitos. E tirou água até de pedras para lhes matar a sede. No meio do povo de Deus, embora houvesse pobres, os mais abastados eram responsáveis pelo cuidado e pela provisão de que eles dependiam.

Deus supre nossas necessidades de três formas. Ele instituiu o trabalho como forma de obtermos nosso sustento. Ao colocar Adão no jardim do Éden, disse que ele estava ali para lavrar a terra e guardá-la. Era um trabalho rendoso, abençoado, satisfatório. E Deus continua abençoando o trabalho sério e honesto como meio através do qual nos dá nosso sustento. Ele avisou os israelitas que não se esquecessem de que, em última instância, tudo o que ganhassem vinha de suas mãos. “Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas. Antes, te lembrarás do Senhor, teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas” (Dt 8:17-18a). Trabalhamos, mas as forças para trabalhar e a paga do nosso trabalho vêm diretamente das mãos de Deus.

A segunda forma como ele provê para nós o sustento é através de outras

peessoas. Deus nos confia bens materiais para que os administremos com fidelidade. Eles devem servir para nos dar coisas necessárias e boas, e também para ajudar outras pessoas necessitadas e sem recursos. Essa é uma das formas como Deus provê para elas – através dos recursos que confiou aos seus filhos.

Somos responsáveis uns pelos outros. O apóstolo Tiago disse: “Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2:15-17). Provamos a nossa fé em Deus e na sua provisão quando cuidamos daqueles que estiverem necessitados. Da mesma forma que Deus proveu para os pobres entre seu povo no Antigo Testamento, ele provê até hoje através de parte do trabalho dos irmãos.

Tenho uma amiga muito querida a quem não conheço pessoalmente, só através da internet. É esposa de pastor e tem dois filhos pequenos. Recentemente, ela me contou a experiência que teve da provisão maravilhosa de Deus. Havia passado o sábado todo cuidando dos filhinhos de uns amigos para que eles pudessem fazer um seminário sobre família promovido pela igreja. Como seu marido estivesse viajando, ela pôde se dedicar às quatro criança que, segundo ela, brincaram bem e não deram trabalho. O casal deveria passar na casa dela à noite para apanhar os filhos.

O coração amoroso da minha amiga lhe sugeriu que preparasse um jantar para aquele casal que passou o dia todo longe de casa. O problema é que ela só tinha mistura suficiente para duas refeições de sua família. Se usasse tudo o que tinha para alimentar mais gente, o que ela e os filhos comeriam no dia seguinte? Sua hesitação foi breve. Comeriam arroz e legumes, ora essa!

Usando todo o frango que tinha, fez um jantar farto e delicioso. Depois do jantar, enquanto as crianças ainda brincavam, os adultos sentaram-se para conversar e os amigos puderam compartilhar com ela como havia sido importante para eles o que aprenderam no seminário. Oraram juntos e se despediram.

No dia seguinte, o filho mais velho ficou com a família de um amiguinho da igreja para brincar um pouco após a escola dominical. O pai do garoto falou que o entregaria em casa antes do almoço. Perto desse horário, enquanto minha amiga preparava a refeição simples que comeriam, ouviu o filho entrando porta adentro gritando animado:

-- Almoço! Almoço!

Quando foi recebê-lo, a mãe viu que o pai do outro garoto não viera de mãos abanando. Trouxera um frango assado, cujo cheiro delicioso logo encheu a sala.

-- Achei que um franguinho assado ajudaria no seu almoço, minha irmã.

Ele entregou o pacote e se despediu, indo embora antes que ela se recuperasse da surpresa. Um anjo fazendo entrega em domicílio.

“Como Deus é bom, Wanda”, escreveu-me ela. “Se eu tivesse deixado de alimentar meus amigos para ter o que comer no dia seguinte, teria comido a mesma coisa duas vezes. Repartindo, lucrei, pois o frango assado, quentinho, cheiroso, foi uma festa para nós.”

Não foi a primeira vez que minha amiga testemunhou o cuidado de Deus através de outras pessoas. Mas o que talvez se esqueça de falar é quantas vezes ela

mesma cuida de irmãos a quem Deus coloca no seu caminho, dando de si e dos recursos que o Senhor lhe tem confiado. Somente quem tem o privilégio de dar, dar de si mesmo, de seus recursos, muitas vezes deixando de usufruir deles para abençoar outra pessoa, sabe que realmente é muito melhor dar do que receber.

A terceira forma como Deus provê para nós é através da intervenção sobrenatural. Ele mesmo opera um milagre. Pode mandar alimento de formas inéditas, como no caso do maná que saciou a fome dos israelitas por quarenta anos. Pode multiplicar o pouco que temos, como no caso do lanchinho que aquele menino ofereceu a Jesus. Para ele, milagre não é problema. Ele pode multiplicar nossos recursos, nossos esforços, e nos abençoar na medida da sua misericórdia e não do nosso trabalho.

O que deseja acima de tudo é que confiemos totalmente na providência de Deus, venha ela do modo como vier, e descansemos no seu cuidado. Jesus elogiou a oferta daquela viúva justamente por ela ter, entregando tudo o que tinha, dando o que seria o seu sustento, declarado sua dependência completa de Deus, o que honra e alegra o coração do Pai. Ela encontrou Jesus no momento em que suas mãos se abriram para deixar cair o único recurso que possuía e ficaram livres para receber a bênção da sua aprovação e da sua provisão contínua para os dias futuros.



II. Jesus é a nossa justificação

A raiz de todo pecado é a tentativa de viver independente de Deus. À semelhança de nossos primeiros pais, escolhemos seguir nosso próprio caminho, como se realmente mandássemos na nossa vida, como se fôssemos criadores ao invés de criaturas.

Adão e Eva pecaram porque resolveram que eles é que sabiam o que era melhor para si. E depois deles, todos nós já nascemos com a tendência a viver da mesma forma. O desejo por autonomia e a rebeldia contra Deus fazem parte da natureza humana. Cada uma de nós sabe que existe um padrão de santidade que nunca conseguimos atingir, por mais que nos esforcemos. O apóstolo Paulo escreve: “Não há justo, nem um sequer; não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer”(Rm 3:10-12). Todos nós estamos debaixo do pecado e carecemos da graça salvadora de Deus para sermos reconciliados com ele.

Entretanto, os pecados sexuais sempre chamaram mais a atenção e a pronta condenação das pessoas, até em nossos dias de tanta lassitude moral. Um pastor que conheço diz que, se a língua das fofoqueiras crescesse na mesma proporção que a barriga da mocinha que engravida sem ser casada, haveria um monte de gente andando por aí com a língua arrastando no chão. Mas como não é o que acontece, umas são muito mais condenadas do que as outras.

No tempo de Jesus não era diferente. A pena para o adultério, segundo a lei de Moisés, era a morte por apedrejamento. Era uma lei severa que demonstrava a importância que a união conjugal tem para Deus por ser a figura que ele usa para ilustrar a aliança que fez com o povo escolhido. Por isso, chama a infidelidade deste de adultério, de prostituição. O uso da união sexual para qualquer relacionamento fora do casamento é uma distorção do propósito para o qual Deus a criou. E distorção do propósito é outra boa definição para pecado – algo que Deus criou para o bem e agora é usado para o mal.

Certa vez, Deus ordenou que um de seus profetas, Oséias, se casasse com uma mulher da prostituição para retratar o amor que levou o próprio Deus a buscar pessoas perdidas em seus pecados. “Todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3:23-24).

Mesmo com a tendência a desculpar e justificar as coisas erradas que fazemos, sabemos quanto falhamos. Diante do justo juiz, recebemos a condenação merecida – a morte. Entretanto, o Senhor Jesus, que nunca pecou, nos cobre com o manto alvíssimo da sua justiça e saímos livres do tribunal. Nosso é o pecado, dele a justiça perfeita que nos garante uma nova vida sem nenhuma condenação. “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1). Jesus se fez justiça nossa. Quando expirava na cruz do Calvário, suas últimas palavras foram:

“Está consumado”(Jo 19:30). É a mesma expressão usada para dar quitação total de uma dívida. Estamos livres. Nada mais devemos, nem pelo que fizemos no passado, nem pelo que ainda viermos a fazer. A morte de Jesus nos torna aceitáveis diante de Deus. Podemos agora nos aproximar do trono de graça do nosso Pai com a confiança de sermos bem-vindas e atendidas.

Algumas das mulheres que procuraram Jesus ou foram levadas à sua presença eram consideradas as mais reles pecadoras. Seu modo de vida lhes degradava o corpo, o coração, o espírito. Entretanto, o Senhor as tratou com dignidade e compaixão. Ele perdoou as coisas erradas que fizeram pois essas também já estavam cobertas por sua justiça. Duas mulheres muito pecadoras se aproximaram dele humilhadas, vencidas pela acusação dos próprios homens que se aproveitavam do seu corpo, e saíram perdoadas, redimidas, para uma nova vida. O que ele fez por elas, faz por cada uma de nós.

Pecamos, sim. Mas nosso pecado não é maior do que a graça do Deus que nos salva e nos restaura para vivermos vidas transformadas como novas criaturas, como suas filhas.

Capítulo Quatro - A pecadora que ungiu os pés de Jesus

Como me sentia só aquele dia! Parecia que todas as coisas tristes de minha vida desabaram repentinamente sobre mim, fazendo-me afundar num poço escuro e sem fundo. Não era a primeira vez que isso acontecia e estava ficando mais e mais difícil escapar ao peso insuportável que me sufocava.

Não gosto de ficar remoendo o passado. De nada adianta. Entretanto, nesse dia amanheci lembrando-me do lar onde cresci. Éramos muito pobres. Mamãe trabalhava dia e noite para cuidar dos filhos e ainda ajudar Papai na plantação que nos dava o sustento parco com que contávamos. Desde cedo, como filha mais velha, tive de ajudar nos dois tipos de serviço. Ajudava Mamãe a apanhar grãos, moer, fazer o pão que era a base principal do que comíamos. Bem que eu via que às vezes, depois de alimentar meu pai e nós, Mamãe tinha de se contentar com apenas um naco, pouco mais do que um bocado. Acho que por isso era tão magrinha, tão pálida, tão arcada. Tinha também de ajudar com os animais e cuidar dos meus irmãos menores enquanto Mamãe ajudava Papai na lavoura. Quantas vezes sonhei com uma vida diferente, na qual eu tinha tempo para brincar, roupas decentes para usar, comida boa e farta para comer. Por que tínhamos de ser tão pobres?

À medida que fui crescendo, comecei a pensar no dia em que também me casaria e teria meu próprio lar. Sabia que viveria uma vida semelhante à de agora porque todas as famílias que meus pais conheciam eram pobres, e seria dentre elas que meu pai escolheria aquele que seria meu marido.

O que jamais esperei, aconteceu. Um homem mais velho de nossa cidade, um comerciante de tapetes, com dois filhos já crescidos e casados, cuja mulher falecera recentemente, se interessou por mim e, apesar de eu não ter dote, quis casar-se comigo. Ele tinha uma boa casa e mais outras posses. Foi só isso que vi naquela união – uma saída da pobreza em que vivia. Não importava que ele fosse bem mais velho se isso significava que já estava bem estabelecido na vida e podia me dar conforto e talvez até um certo luxo. Eu sabia que não teria outra oportunidade igual àquela e agradei aos céus o ter sido escolhida por ele.

Eu tinha então quatorze anos e meu pai marcou o casamento para logo depois. Parece que foi uma exigência de meu futuro marido. Ele falou que se sentia só e não queria esperar muito.

Foram poucos os preparativos para a minha mudança de vida. Não tínhamos com que preparar o enxoval costumeiro. Minha mãe me deu a única coisa bonita e preciosa que tivera na vida – uma linda jarra, dourada e brilhante. Estava cuidadosamente embrulhado em panos velhos quando ela a tirou do fundo do baú que ficava aos pés de sua cama. Ao ver aquela peça tão elegante contra a pobreza do ambiente em que vivíamos, percebi que minha mãe devia ter tido uma vida mais confortável antes de casar com meu pai. Ela quase não falava na família e nunca tivemos contato com os parentes desse lado.

O frasco foi reembulhado e transferido para um baú menor que ficava ao lado de minha esteira, onde eu guardava as poucas coisas que possuía.

O dia do casamento chegou. Embora o casamento em si pouco me entusiasmasse, a mudança na minha vida mais do que compensaria o que eu tivesse de passar. Dispus-me a ser uma boa esposa para aquele que me escolhera e quisera mesmo sendo tão pobre. Mal sabia eu que ficaria casada pouco mais de um ano. Meu marido teve uma síncope e morreu, deixando-me viúva aos quinze anos. Não posso dizer que chorei muito a sua morte. Nossa breve convivência foi pouco agradável. Achei que ele procurou uma esposa tão jovem para lhe ensinar obediência a todos os seus caprichos. Desde a nossa noite de núpcias, aprendi coisas que nunca me haviam passado pela cabeça. E olhe que eu não era nenhuma ignorante. Tinha visto animais se acasalando e imaginava que o que acontecia entre os casais era mais ou menos parecido. Mas havia coisas que o homem exigia que não vira nenhum animal fazer. Talvez seus próprios excessos tivessem contribuído para sua morte.

Depois de viúva, pensei que continuaria morando em nossa casa. Entretanto, uma semana depois seus filhos me procuraram. Vieram juntos, só os dois. Desde que entraram em casa, percebi que não era uma visita de cortesia. Sem grande cerimônia, comunicaram que eu deveria desocupar a casa do pai, a qual lhes pertencia por herança. Em vão tentei protestar que não tinha para onde ir pois não podia contar com meus pais para cuidar de mim agora. Eles mal davam conta dos filhos que ficaram em casa!

De nada adiantaram meus protestos. A inflexibilidade que vi no olhar deles me fez queimar por dentro. Acho que era a sensação de impotência, de estar nas mãos daqueles dois homens, de ter de implorar misericórdia. Mordendo a língua para não falar o que eu realmente pensava, pedi que tivessem paciência, que me dessem mais tempo para eu poder resolver o que faria da vida.

Nessa hora, o mais moço deles me fitou com um olhar esquisito que eu já vira antes nos olhos do pai. Ele se aproximou de mim, levantou meu queixo e disse que eu poderia continuar na casa contanto que eles pudessem visitar-me de vez em quando. Entendi logo que não seriam apenas visitas entre parentes. Falei que iria pensar a respeito e daria a resposta dentro de dois dias. Eles assentiram e se foram. voltando-se para um último olhar antes de sair pela porta, um olhar que dizia tudo o que estavam pensando.

Passei aquela noite em agonia, dividida entre o desejo de preservar o que havia ganho com o casamento – uma casa que me dava certo conforto – e a vida que teria se voltasse para a casa de meus pais. Durante aquele ano de casamento, eu havia aprendido a apreciar a diferença entre os dois estilos de vida e não estava disposta a voltar à pobreza em que vivera antes. Mil pensamentos se entrecruzavam em minha cabeça, uns defendendo a primeira idéia, outros, a segunda. As acusações eu ignorei embora tivesse aprendido o que Deus pensava da prostituição. Não achei que podia contar com ele para cuidar de mim. Sabia também o que as pessoas pensavam de alguém que se sustentava como eu estaria fazendo, mas o que me importava? Não eram elas que cuidariam de mim se eu passasse fome. Eu achava que só podia contar comigo mesma. Então, só a mim interessava o que eu fizesse. Eu estava disposta a trocar algumas horas de intimidade com os homens pelo restante do tempo vivendo no conforto que essas horas me comprariam.

Foi a decisão de aceitar a proposta deles que mudou o rumo da minha vida de

maneira definitiva. Fiquei morando na casa, afastada de todos que conhecia. Meus pais demoraram um pouco para tomar conhecimento de como eu estava vivendo, mas os falatórios acabaram chegando aos seus ouvidos. Eles nunca me procuraram para pedir explicações. Acho que preferiam fingir que nada sabiam ou então que eu deixara de existir.

Outros homens vieram à procura dos meus serviços. Sempre deixavam umas moedas antes de ir embora. Entravam e saíam pelos fundos com medo de serem vistos, mas nem mesmo esse temor os mantinha afastados por muito tempo. Fiquei conhecida e comecei até a guardar um pouco de dinheiro para quando quisesse parar de trabalhar. Estava quase agradecendo ao que fora meu marido por me ter ensinado o que agradava os homens.

Procurava não pensar no meu trabalho, mas era difícil ignorar os olhares maliciosos dos mercadores quando eu ia fazer compras no mercado. As mulheres da cidade se afastavam o mais que podiam quando passavam por mim nas ruas. Para os homens, então, era como se eu fosse invisível. Mesmo aqueles que me procuravam às escondidas, passavam por mim olhando para o lado oposto. Eu vivia isolada de todos. Não tinha nenhuma pessoa com quem conversar. Aprendi a guardar meus sentimentos trancados no fundo do coração. Eu era apenas um corpo que sabia dar prazer mesmo sem nada sentir. Ou pior. Mesmo quando sentia repugnância e horror.

Vivi assim por muitos anos. Embora me cuidasse bem, comecei a perder o viço e por isso tinha de compensar com a arte o que já não conseguia com a aparência. Meu corpo estava desgastado, sim, mas era minha alma que já não suportava mais a vida que eu levava.

Num dia de grande depressão, ouvi certa conversa entre dois mercadores enquanto eu escolhia as frutas secas que desejava comprar. Eles estavam tão entretidos na conversa que se esqueceram dos gracejos e olhares habituais. Falavam de um homem, um rabino, que fizera ressuscitar o filho de uma viúva em Naim. Um dos homens estava cético.

-- Como pode ser? Vá ver que o moço não havia morrido de fato.

O outro meneou vigorosamente a cabeça.

-- Ele estava morto, sim. Estava sendo levado para a sepultura. Vi quando aquele Jesus se aproximou, tocou o esquife e ordenou ao jovem que se levantasse. E foi o que ele fez, na mesma hora! Jesus deve ser um grande profeta, como aqueles do passado. Deus está visitando novamente seu povo, enviando alguém como poder sobrenatural. E se ele for o Messias prometido?

A conversa prosseguiu animada. Peguei minha compra, paguei o que o homem pediu, sem sequer me lembrar de regatear o preço, e fui embora para casa bastante perturbada. As palavras que eu entreouvira haviam tocado fundo no meu coração.

Deus. Há quanto tempo eu vinha tentando ignorar tudo o que havia aprendido a respeito dele por saber o que ele pensava da vida que eu havia escolhido! Agora, aquela frase do mercador não me saía da cabeça: “Deus está visitando novamente seu povo....E se ele for o Messias prometido?”

O Messias estaria mesmo entre nós, andando por nossas cidades, tocando as pessoas e restaurando-lhes a vida? E se eu me defrontasse com ele, como me olharia? Seria desprezo e merecida condenação o que eu veria em seus olhos?

Entrei em casa. A visão do ambiente perfumado, convidativo e sedutor me causou mal estar. Pela primeira vez, eu o vi pelo que realmente era: um convite à lascívia, uma promessa de prazer ilícito, escondido, nunca admitido. Senti asco do leito onde me deitava com os homens. Dirigindo-me até ele, arranquei as finas cobertas de seda que o recobriam e as joguei no chão, pisando-as furiosa, sem sequer considerar quanto me haviam custado. Era o luxo que eu comprava com os serviços do meu corpo. E que preço alto eu pagava!

“Vale a pena?” Foi como se uma voz soasse tão vívida que me volvei para ver quem falava comigo, mas eu estava só. Só como sempre vivera todos aqueles anos. Só com o conforto e o luxo e o desprezo e a indignidade, meus companheiros constantes. Agora era na minha mente que o pensamento ecoava: “Vale a pena?”

O peso que eu procurara durante tanto tempo ignorar me pareceu, de repente, insuportável. Fui vergando devagar até o chão, contorcendo-me de dor, uma dor que brotava do lugar mais profundo do meu ser e me subia pela garganta como uma onda irreprimível de soluços que me sacudiam e tiravam as forças. Eu, que nunca chorava, estava ensopando o tapete com lágrimas quentes e grossas. Parecia ser meu coração que se derretia de tanta tristeza. As lembranças das coisas que eu havia feito e do desprezo com que me tratavam as pessoas de bem se sucediam, e cada uma trazia novo acesso de soluços e lágrimas. Nem percebi quando, exausta pelo acesso de choro, adormeci ali mesmo, prostrada sobre o tapete.

Quando acordei, já era tarde. Ainda estonteada de sono, levantei-me sem me lembrar imediatamente do que havia acontecido. Percebi que breve escureceria e o meu visitante daquela noite estaria batendo à porta. Estremeci de horror, a lembrança das lágrimas e dos soluços voltando e, com ela, a dor que me sufocava e me fazia dobrar o corpo em agonia.

Agora eu sabia a resposta àquela pergunta. Não, nunca valeu a pena. Em troca de coisas que eu possuía eu havia dado a minha dignidade, a minha alma. Meu coração era uma pedra dura de gelo dentro de mim. Eu o vigiava atentamente para que jamais se aquecesse com um sentimento doce que pudesse pôr a perder todos os meus esforços para controlar a vida que escolhera para mim. Sim, fora uma escolha deliberada, consciente. E agora era tarde demais.

Anoiteceu. Fiquei sentada no escuro. Não atendi à porta quando ouvi batidas discretas. Ele que fosse embora. Aquela noite não haveria prestação de serviços para ninguém. As batidas se repetiram mais duas vezes e depois ouvi o barulho leve de passos que se afastavam.

Passei a noite acordada, sozinha com meus pensamentos. A lembrança da conversa dos dois mercadores se repetia vez após vez e um raio de esperança parecia brotar na escuridão da minha alma quando eu ouvia de novo a pergunta: “E se ele for o Messias prometido?” “Deus está visitando seu povo.” Será que o Senhor Deus ainda se importaria conosco? Havia tanto tempo que ele não se manifestava. Seu silêncio pesava sobre nós como um abandono. Oh, é claro que havia pessoas muito religiosas entre nós. O templo em Jerusalém continuava sendo procurado por pessoas da Judéia e da Galiléia com a finalidade de oferecer ali sacrifícios a Deus, buscando o perdão dos pecados. Que tipos de pecado Deus perdoa? Os meus estariam além do alcance da sua misericórdia?

A dor em meu peito aumentou. Seria tarde demais para mim? Resolvi que tinha de enfrentar os olhares maliciosos dos mercadores e perguntar mais a respeito desse homem de quem haviam falado. Voltei à sua barraca no mercado. Só o dono, que dera a informação ao outro, estava presente. Tanto melhor.

-- Pode me dizer o nome do homem de quem falava ontem, o que fez voltar à vida o moço em Naim?

O homem pareceu desconfiado. Desviando o olhar, perguntou:

-- Por que quer saber?

-- Estou curiosa. Sabe onde ele se encontra no momento?

Ele deu de ombros. Percebi que teria de comprar alguma coisa se quisesse informação. Apanhei um frasco de azeite e passei uma boa quantia à mão do homem. Mudando de expressão, mas ainda sem me fitar, ele falou:

-- O nome dele é Jesus. Tem andando pela vizinhança e, por coincidência, está hoje aqui na cidade. Estará jantando na casa do fariseu Simão. Foi o que ouvi dizer.

Meu coração saltou de susto. Então, ele estava em nossa cidade aquele dia! Eu sabia onde era a casa de Simão. Talvez, se esperasse escondida ali perto, pudesse vê-lo quando chegasse para jantar. Jamais poderia aproximar-me dele, mas só vê-lo já seria suficiente.

Voltei para a casa ainda com o coração aos pulos. O dia custou a passar. Quando me aprontava para sair, meus olhos relancearam pelo baú que continha as coisas mais preciosas que eu possuía. Ali dentro, bem embrulhada e guardada, encontrava-se a jarra que Mamãe me havia dado tanto tempo atrás. E dentro dela, um frasco de alabastro transparente de tão fino, cheio de óleo finíssimo e perfumado. Eram as coisas mais caras e preciosas que eu possuía. Desenrolei lentamente a jarra. Quando a luz incidiu sobre ela, levei um susto. A linda superfície dourada estava cheia de manchas feias, escuras. Um pó marrom esverdeado recobria o pano que a envolvia. Cautelosamente, tomei nas mãos a jarra e apanhei o frasco. O alabastro permanecia alvo, intacto. E selado. Como no dia em que eu o comprara para alguma ocasião muito especial. Fiquei olhando para a jarra e o frasco. A jarra era a minha vida. Havia sido pura e brilhante um dia, bem protegida e guardada. Agora perdera o brilho da pureza. Estava manchada, corroída, contaminada. Mas abrigava um frasco precioso, cuja alvura permanecia intocada pela degradação que a cercava. Era a minha alma, que se conservara intacta, anelando por pureza e liberdade todos aqueles anos.

Sacudi a cabeça para me livrar daqueles devaneios. Quem creria que pode ser preciosa a alma de uma prostituta? Só Deus enxerga o íntimo dos seres humanos. E era o seu enviado que eu queria ver. Tinha de chegar perto dele, custasse o que custasse. Sem saber bem porquê, apanhei o frasco, pendurei-o ao pescoço com um cordão e saí de casa apressada, antes que perdesse a coragem.

Quando cheguei à casa de Simão, havia escurecido. Por uma janela que dava para o jardim, percebi que os convidados já se encontravam à mesa. Havia um único desconhecido entre eles. Tinha de ser Jesus. Meu coração palpitava tão forte que o barulho me impedia de ouvir o que estava sendo dito. Eu tinha de me aproximar daquele homem. Se ele fosse mesmo o Messias... será que me perdoaria? Eu precisava descobrir nem que para isso tivesse de enfrentar o desprezo e a fúria de

todos aqueles homens, alguns dos quais me conheciam em outra situação.

Entrei pé ante pé, encostada à parede, buscando não ser notada. Talvez pensassem que eu era uma das diversas servas que trabalhavam naquela noite. Os convidados estavam dispostos em torno da mesa, reclinados sobre um dos braços, os pés projetando-se para trás do corpo. Aproximei-me de Jesus sem erguer os olhos para seu rosto. Vi que seus pés ainda traziam a sujeira do pó das estradas e das ruas por onde ele devia ter caminhado. Não lhe haviam dado água para lavá-los e refrescá-los antes da refeição, como era o costume. Uma tristeza enorme, que agora nada tinha a ver com os meus problemas, encheu meu coração. Voltado como estava para a mesa, ele não me viu chegar, mas assim que percebeu que alguém o tocava, voltou-se para mim. Pensei que fosse enxotar-me, retrair-se do meu toque em seus pés, mas ele permaneceu silencioso. Senti seus olhos cravados em mim, mas não ergui os meus para os dele.

Ajoelhando-me diante daqueles pés empoeirados, derramei sobre eles as lágrimas quentes que me brotaram dos olhos, abundantes a ponto de lavar a sujeira que os recobria, pingando depois no chão. Não havia nenhuma toalha por ali. Soltei meus cabelos e usei-os para enxugar seus pés. Ele continuava me fitando, sem nada dizer. Apanhei o frasco de perfume e quebrei o gargalo. O óleo aromático, puríssimo, escorreu logo e o despejei sobre os pés limpos de Jesus, enquanto os cobria de beijos. Era eu que estava sendo quebrada. Era a minha alma, a minha vida sendo agora derramadas para ungir os pés do Messias, Deus entre nós.

O silêncio pesou na sala. Ninguém parecia saber o que dizer, mas eu quase podia ouvir o que estavam pensando. Jesus dirigiu-se a Simão, contando a história de dois homens que deviam dinheiro, um dez vezes mais do que o outro. Como não pudessem pagar sua dívida, o credor perdoou a ambos. Respondendo à pergunta de quem o amaria mais, Simão respondeu que supunha ser aquele a quem mais perdoou. Jesus concordou. E voltando-se para mim, continuou falando a Simão:

-- Está vendo esta mulher? Entrei na sua casa e você não me deu água para lavar os pés. Ela, porém, regou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Você não me deu um beijo de saudação. Ela, entretanto, desde que me procurou, não pára de me beijar os pés. Você não me ungiu com óleo a cabeça, mas ela ungiu meus pés com este bálsamo perfumado. Por isso, digo a você que os muitos pecados dela estão perdoados, porque amou muito, mas aquele a quem pouco é perdoado, pouco ama.

Agora ele se dirigiu diretamente a mim:

-- Seus pecados estão perdoados.

Ao ouvir essas palavras, o peso que me sufocava desapareceu. Perdoada! Livre dos meus pecados! A misericórdia de Deus me acolhia e me tornava uma nova criatura, como se eu tivesse nascido de novo.

Meus olhos, irradiando o gozo que me invadiu a alma, ergueram-se para os dele e neles encontrei a mais profunda compaixão, a mais completa aceitação. Foi como se me tivesse envolvido num abraço cheio de amor e perdão.

Mal ouvi o burburinho que se erguera em torno da mesa quando ouviram suas palavras. As pessoas falavam entre si, questionando a autoridade dele para perdoar pecados. Para mim, no entanto, não havia a menor sombra de dúvida. Ele fazia o que

tinha autoridade para fazer. Senti-me limpa, lavada, regenerada.

-- A sua fé a salvou – disse o Mestre. – Vá em paz.

Levantei-me e deixei a sala relutantemente, suas palavras ainda me reverberando aos ouvidos. “Seus pecados estão perdoados. A sua fé a salvou. Vá em paz.” Sim, sim, Senhor. Eu queria saltar, eu queria dançar, eu queria esvoaçar pelos ares, tão leve me sentia, tão cheia daquela esfusiante alegria de me sentir restaurada, com direito a começar uma nova vida. Enquanto eu me afastava, sentia os olhares cravados em minhas costas – alguns acusando, outros desprezando, outros questionando. Entretanto, sobrepondo-se a tudo, podia sentir ainda o calor daquele olhar tão penetrante, que perscrutara o mais profundo de minha alma e me acolhera, me absolvera, me amara. E o amor que foi derramado em mim transbordou de volta para aquele que me amou primeiro.

Como posso demonstrar todo o meu amor, Senhor? Como posso servi-lo para provar minha imensa gratidão? Sei que há algumas mulheres que o acompanham em suas caminhadas, prestando-lhe assistência com seus bens e com aqueles cuidados especiais que as mulheres sabem dar. Quem sabe posso reunir-me a elas? Não tenho mesmo nada que me prenda aqui. Posso segui-lo, ouvir suas lições, aprender com ele como agradar ao Pai que bondosamente nos enviou um Salvador que perdoa nossos pecados.

Amanhã procurarei me informar sobre isso. De qualquer forma, vou fechar a casa e deixar na porta a chave na porta para os filhos de meu marido. Devolvo-lhes sua herança. Que façam bom proveito. Quanto a mim, saio dali com o coração limpo, com a alma lavada. Até meu corpo foi purificado pelo contato com os pés do meu Salvador. Sinto-me como se tivesse morrido e revivido. Sou uma nova pessoa! Graças a Deus! Glória seja dada ao seu santo nome. Ele é o Deus que me salva, que me justifica, meu Jeová-Tsidekenu, Senhor, justiça nossa.



Leia a história desta mulher em Lucas 7:36-50 e observe como o autor descreve suas atitudes. Ela entrou no recinto determinada a fazer algo que sabia ser extraordinário. Não hesitou. Um impulso poderoso a compeliu a ter um gesto tão escandaloso, a afrontar todas aquelas pessoas, a enfrentar os olhares maldosos e os comentários cortantes que inevitavelmente seriam lançados contra ela. Se você ler atentamente, notará que Jesus, a princípio, parecia estar alheio ao que ela fazia. O anfitrião começou a conjecturar a respeito, achando que Jesus não sabia quem era aquela que o tocava, que lhe beijava os pés, lavando-os com suas lágrimas e enxugando-os com seus cabelos depois de tê-los solto, um ato que nenhuma mulher decente fazia em público.

A função dos pés, de sustentar e mover o corpo, os coloca sempre numa posição de trabalho forçado. Eles suam, doem, mesmo em nossos dias de calçados sofisticados. No tempo de Jesus, eram protegidos por sandálias toscas que, nas caminhadas pelas estradas poeirentas, enchiam-se inevitavelmente de areia, terra, pedriscos e da sujeira que recobria os lugares por onde as pessoas caminhavam nas

terras desérticas da Palestina.

Assim, o costume da época que demonstrava a mais simples cortesia era o de oferecer um lava-pés a alguém que chegasse à sua casa. Não foi o que ocorreu na casa do líder religioso que convidou Jesus para jantar (vs. 44). Portanto, quando aquela mulher se aproximou do Mestre, deparou-se com pés sujos de poeira, exaustos, ressecados. Como sua própria alma. Era uma mulher pecadora, segundo Lucas. A conclusão mais lógica é a de que fosse uma prostituta. Carregava, portanto, um fardo pesado de culpa. Como israelita, devia conhecer os preceitos da lei divina e sabia o que Deus pensa da prostituição. Mesmo assim, era o caminho que havia escolhido para sua sobrevivência.

Foi uma escolha. Há sempre uma escolha. E é a escolha de confiarmos em Deus ou em nós mesmos.

Essa foi a escolha que nossos primeiros pais fizeram no jardim do Éden. Eles tinham tudo que pudessem imaginar para viver com fartura e gozo. Tinham livre acesso ao seu Criador, que os procurava todos os dias para conversarem e desfrutarem a companhia um do outro. Tinham uma intimidade amorosa e plenamente satisfatória entre si. A única coisa que não tinham era a autonomia de resolver por si mesmos o que era melhor. Não eram os criadores, apenas criaturas. Poderiam ser pessoas perfeitamente felizes contanto que seguissem a única determinação do Criador a esse respeito. Somente ele sabia como os havia feito e do que precisavam para viver a vida plena que planejou para eles. Mas, insensatamente, quiseram resolver por si mesmos o que era melhor. Pensando escolher uma vida mais satisfatória, optaram pela morte, embora Deus já os houvesse advertido em termos bem claros.

Depois deles, todos os seus descendentes nascem com as conseqüências dessa escolha, ou seja, com a tendência de viver independentes de Deus, de seguir seu próprio caminho. Desde pequeninas, as crianças já mostram a inclinação para buscar o que desejam, o que consideram melhor para si. E se não forem ensinadas e disciplinadas, crescerão achando que o mundo deve dobrar-se diante dos seus desejos. Essa é a nossa tendência natural.

O sábio Salomão escreveu que “a estultícia está ligada ao coração da criança” (Pv. 22:15). Estultícia, no livro de Provérbios, é insensatez, o oposto de sabedoria. É a condição natural do ser humano. Sabedoria, em contraste, é conhecer e temer a Deus, e seguir os seus caminhos. A criança que não for ensinada e disciplinada pelos pais, quando adulta não se dobrará diante de Deus. “A estultícia do homem perverte o seu caminho, mas é contra o Senhor que o seu coração se ira” (Pv. 19:3).

Conheci uma pessoa que desde pequenina foi considerada difícil. A mãe dizia que nunca o enfrentou. As situações difíceis precisavam ser contornadas e o que ela queria que ele fizesse apresentado como a melhor opção. Ele nunca se dobrou diante dos pais. Nem diante de Deus. Apesar de ter sido instruído nos caminhos do Senhor, optou por viver longe dele. Quando estava com sessenta anos, em plena realização de todos os seus sonhos, foi acometido por uma enfermidade terminal. Lutou quanto pôde, mas foi ficando cada vez mais claro que estava perdendo a batalha. Conversamos algumas vezes sobre Deus, sobre a vida eterna. Ele aceitava que orássemos por ele, mas nunca o vi orar por si mesmo. Quando lhe perguntei como

estava seu relacionamento com Deus, ele falou: “Oh, eu creio em Deus e sei que é ele quem manda em tudo. O que posso fazer? Ele é mais forte do que eu!” Estava resignado a perder a luta, mas não a abrir mão da sua independência. Ele podia ter-se atirado aos pés de Jesus e pedido perdão por todos aqueles anos de rebeldia, mas só Deus sabe se o fez. Nunca ouvimos de seus lábios uma única palavra que mostrasse aos filhos e à esposa que valia a pena buscar os caminhos de Deus. Deixou-os em boa situação financeira, mas em termos espirituais, nada lhes legou a não ser um exemplo da insensatez natural do ser humano que não reconhece Deus como o Senhor de tudo e todos.

A cada dia temos de fazer a escolha entre o caminho de Deus ou nosso próprio caminho, a sabedoria de Deus ou a nossa maneira de ver a realidade, que é limitada ao mundo visível. Somente a fé nos possibilita a visão da outra realidade, a invisível, e nos capacita a escolher a vida que ultrapassa as fronteiras do natural e invade o sobrenatural.

Em algum ponto de sua vida, a mulher da história que lemos fez a escolha de viver por seus próprios recursos, de seguir seu próprio caminho. Pode até ser que ela tenha pensado que não tinha realmente escolha. Confrontada com a dura realidade da pobreza absoluta, de não ter o que comer para sobreviver, ela optou por sobreviver, mesmo que para isso tivesse de sacrificar a dignidade de sua alma feminina, entregando seu corpo para ser usado por homens mais do que indignos. Talvez tivesse achado que a escolha era entre prostituir-se ou morrer de fome. Não considerou a alternativa de confiar em Deus, de entregar-se em suas mãos.

Deus nos deu o poder de escolher entre o seu caminho e o nosso, mas não nos deu o poder de escolher as consequências da nossa escolha. Essas já estão estabelecidas. E a consequência de escolher nosso próprio caminho é a morte – morte do corpo, morte da alma, morte do espírito.

Deus nos fez para si. Somente nele temos a vida que fomos criados para ter. E essa convicção já vem impressa em nossos corações. Por isso, não podemos fugir daquilo que fomos feitos para ser. Quanto mais nos distanciamos de Deus, mais pesam sobre nós as consequências de nossa escolha. Na sua infinita bondade e graciosa misericórdia, o Deus que deseja o bem de todos aqueles a quem criou, usa esse peso, esse sentimento real de culpa, para nos chamar de volta para si. Quando chegamos ao fim dos nossos próprios recursos, quando tudo que fizemos para nossa vida funcionar da maneira como achamos que deveria funcionar resulta em fracasso, quando nosso coração sedento clama por alívio, somos tocadas a buscar uma mudança de rumo.

Esse toque é o Espírito Santo de Deus operando em nós. É ele quem nos convence da nossa incapacidade, da nossa dependência, da nossa insensatez. Nossos olhos se abrem, nossos ouvidos se aguçam para ouvir a voz que fala mansamente ao nosso coração, e com o impulso infalível do viajante sedento que se depara com uma fonte de água viva no meio do deserto árido e escaldante, buscamos aquele que é vida para nós. Aproximamo-nos carentes, sobrecarregados pelo peso das escolhas erradas que fizemos, e encontramos perdão, graça e misericórdia em abundância.

Imagino que a mulher da história que lemos saiu da sala de jantar com o coração tão leve que nem percebia onde pisava. Pela audácia do seu gesto, sabemos

que ela já ouvira falar de Jesus e do seu poder, dos milagres que fizera. Sua carência a compeliu a buscar o que Jesus oferecia – perdão e uma nova vida. A enormidade do seu pecado podia ser medida pelo preço da sua oferta, pela abundância das lágrimas que derramou e pela coragem de adorar Jesus da forma mais humilde e humilhante diante de todas aquelas pessoas.

Quando o buscamos com o mesmo espírito quebrantado e arrependido, ele nos recebe de braços abertos, pronto a nos aliviar do peso do nosso pecado. “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11:28).

Você está cansada de tentar controlar sua vida, de vivê-la por seus próprios recursos, tomando suas decisões com base no que pode fazer por si mesma? Experimente ir a Jesus e entregar-lhe seus fardos. Entregar e deixar que ele dirija sua vida. As coisas podem acabar sendo muito diferentes do que você imaginava, mas pode estar certa de que, lá na frente, descobrirá que em tudo havia um propósito grandioso. Deus está no negócio de transformar vidas, de restaurar aquilo que o pecado estragou. Não há milagre mais emocionante do que um coração regenerado pelo perdão e coberto pela justiça perfeita daquele que se doou para nos justificar diante de Deus, de cujo trono podemos hoje nos aproximar confiadamente, como filhos, para recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro na hora de necessidade (Hb 4:16).



Capítulo Cinco - A mulher adúltera

O claque-claque das solas das sandálias batendo cadenciadas contra as pedras que calçavam a rua era como uma onda que me envolvia e arrastava contra a vontade. Eu queria resistir, fugir, me esconder. Tarde demais. Essa possibilidade deixara de existir quando os homens que agora me cercavam me arrancaram do quarto escuro e me puxaram para fora, praticamente despida e descalça. Enquanto eu tentava arrumar minha túnica para me cobrir melhor, eles fizeram vista grossa e permitiram que Eliaquim escapulisse pelos fundos do quarto. Tentei acompanhá-lo mas estava presa, bem presa.

Agora, marchando no meio deles, eu ouvia os comentários que faziam, embora não entendesse nada do que estava acontecendo.

-- Agora ele terá de dizer se cumpre a lei de Moisés ou não!

-- Vocês sabem onde ele está?

-- De volta ao templo, sentado ali, ensinando quem se dispuser a ouvi-lo.

-- Ah, mas desta vez vamos pegá-lo! Os guardas que foram prendê-lo ontem disseram que jamais alguém falou como ele. Uns bobalhões que não souberam questioná-lo. Conosco será diferente. Terá de condenar o que a lei condena.

Pareciam mais preocupados com a pessoa de quem falavam do que comigo. Aonde me estariam levando?

Aos trancos e solavancos, lá fomos nós na direção do templo. Pessoas que passavam pela rua se aglomeravam para nos ver passar, olhando curiosas o espetáculo de uma mulher levada por um bando de homens de cenho carregado e pedras, as maiores que podiam apanhar, enchendo-lhes as mãos.

Tropecei e caí. Tentando me proteger, levei a mão à frente do corpo, cujo peso fez com que ela dobrasse para trás. Não suportando a dor, rolei sobre o braço, esfolando-o dolorosamente. Antes que pudesse recuperar o fôlego, alguém me puxou pelos cabelos para me obrigar a levantar. Soltei um gemido involuntário. Não haveria de chorar ou pedir misericórdia. Sabia que não receberia nenhuma. Podia ver nos olhos, nos semblantes daqueles homens o que eles queriam. Condenação. Pena de morte! Apedrejamento!! O castigo prescrito pela lei para o adultério. A dor que eu sentia agora parecia insignificante quando eles comessem a lançar suas pedras pontiagudas sobre mim.

Como foi que me encontraram? Meus pensamentos desencontrados não achavam uma resposta. Ninguém deveria saber que eu estava fora de casa naquele dia. Ah, se eu pudesse voltar atrás e apagar as últimas semanas da minha vida! Daria qualquer coisa para estar de volta à minha casa, ao lado de meu marido e meus filhos. O que seria deles agora? Teriam de viver com a marca do que eu havia feito pelo resto de suas vidas?

Minha vida de casada começara quando eu tinha quinze anos. Meu noivo, como de costume, foi escolhido por Papai quando eu era ainda criança. Sempre soube que

minha beleza chamava a atenção. Meus cabelos cor de mel e meus olhos azuis eram pouco comuns. Embora não tivéssemos espelho em casa, eu conseguia me enxergar na superfície brilhante da bacia de prata que ficava guardada a um canto da sala de jantar. Uma vez, distraída com o reflexo na bacia, fui pega no ato por Mamãe. Pensei que ela fosse se zangar, mas, não. Ela me puxou para o colo, alisou as mechas de cabelo que escapavam da trança grossa às minhas costas, e, olhando bem nos meus olhos, falou:

-- Filha, Deus lhe deu um rostinho bonito e um corpo bem feito. Entretanto, não quero que se preocupe com sua aparência pois a beleza física é passageira. Você precisa cultivar a única beleza que só aumenta com o passar dos anos – a beleza da mulher que teme ao Senhor, que obedece às suas leis, que segue os seus caminhos. Se fizer essas coisas, você será uma mulher feliz. Seu marido e seus filhos um dia a louvarão diante de toda a comunidade.

Abracei Mamãe com força. Eu queria ser uma filha obediente a meus pais e a Deus, como eles eram. Sabia, entretanto, que gostava bastante da atenção que minha beleza despertava nas pessoas. Elas me olhavam sempre com carinho, com admiração. Era uma sensação muito boa.

Enquanto eu crescia, passei muitas vezes por aquele que seria meu marido um dia, mas, como mandava a boa educação, sempre evitei olhar para ele. Tinha uma leve impressão de um rapazinho magricela, de cabelos muito escuros e lisos, que também passava por mim olhando para o chão. Ótimo! Eu não estava com pressa mesmo!

Afinal, chegou o dia das bodas. Meu noivo viria me buscar na casa de meus pais e prosseguiríamos em um cortejo formado por meus familiares e amigos rumo à casa dos pais dele, onde ocorreria a cerimônia do casamento. Era lá que moraríamos depois de casados. Meu noivo já era aprendiz de seu pai na pequena fábrica de calçados. Como filho mais velho, assumiria mais tarde o comando dos negócios da família. É, meu pai fizera uma boa aliança. Eu tinha um futuro garantido diante de mim.

A vida de casada começou de forma bastante sem graça. Eu sabia o que viria depois que fôssemos conduzidos à câmara nupcial e não me sentia muito entusiasmada. Entretanto, foi pior do que eu esperava. Meu noivo se atrapalhou todo, suas mãos estavam suadas e frias, o barulho da festança lá fora mexeu com meus nervos. Fiquei só pedindo que tudo terminasse depressa. A experiência de nos tornarmos uma só carne foi um grande desapontamento.

Claro que, com o passar do tempo e a familiaridade que se desenvolveu com meu marido e sua família, as coisas foram se tornando mais fáceis. Comecei a realmente gostar dele. Era um jovem quieto, muito sério. Levantava-se bem cedo e trabalhava com afinco o dia todo. Entretanto, algumas vezes, quando estávamos a sós, ele se abria um pouco mais, abraçando-me, falando de coisas que pareciam importantes para ele, chegando até a sorrir carinhosamente para mim quando eu fazia alguma pergunta boba. Comecei a entender que ele tinha uma fé muito sólida no Deus de Israel. Eu havia aprendido algumas coisas que eram consideradas importantes para uma mulher saber, mas nunca havia sido realmente instruída nas verdades da Lei.

Pouco tempo depois do nosso casamento, percebi que engravidara. Ah, quanta celebração aquele anúncio trouxe para as duas famílias. Depois de uma gravidez tranquila, dei à luz um menino. Senti que havia cumprido bem a minha parte do trato de casamento. Meu marido tinha agora um filho para continuar sua linhagem e seu nome. Ele começou a me tratar melhor, a me dar alguns pequenos presentes, a parecer que realmente gostava de mim.

Com isso, os próximos anos foram uma sucessão de aleitamento, nova gravidez, aleitamento de novo, gravidez. Quatro filhos se sucederam em pouco tempo – três meninos e uma menina. Eu vivia em função deles. Mesmo com a ajuda dos familiares e servos de meu marido, posso dizer que passei aqueles anos sem sequer pensar em mim como alguém separado, com necessidades próprias. Quando eu caía na cama à noite, exausta, esperando ardentemente poder dormir a noite toda sem ter de acordar para cuidar de alguma criança, sentia até arrepios se meu marido se voltava para mim e começava a me acariciar. Quantas vezes fingi estar dormindo! Não tinha forças para corresponder nem para enfrentar a possibilidade de ainda outra gravidez. Eu precisava de um tempo só para mim.

Aos poucos, com as crianças crescendo, a rotina foi ficando mais leve. Parecia que eu estava novamente acordando para a vida. Aos vinte e dois anos, meu corpo ainda era esbelto e bem torneado. Eu via nos olhos de meu marido que ele me admirava, que ansiava tocar-me, ter-me em seus braços. Isso me fazia bem, fazia-me sentir bela e admirada. Mas as consequências de uma noite de amor não me atraíam por enquanto.

Pouca privacidade havia na casa de meus sogros. Eles tinham outros filhos que também moravam ali. Embora cada família tivesse seus próprios cômodos, tudo menos dormir era feito em conjunto – refeições, momentos de prece e a celebração do sábado, conversas, planos. A essa gente toda se juntavam alguns amigos que vinham sempre para um cálice de vinho e uma dose de boa conversa.

Entre os amigos mais freqüentes, havia um cuja presença me causava mal-estar. Seu nome era Eliaquim. Vinha sempre muito bem vestido, com uma túnica bordada sobre a veste branca, sandálias limpas e macias nos pés. Conversava com meu sogro e com meu marido por horas seguidas. Quando falavam mal dos romanos e dos traidores do nosso povo que se colocavam ao lado dos conquistadores, eles baixavam a voz e se punham a olhar ao redor, como que achando que as paredes tivessem ouvidos. Nenhum de nós repetiria para quem quer que fosse o que eles diziam! E eu gostaria muito que eles mesmos não dissessem nada. Era perigoso. Herodes tinha espias por todos os lados e ninguém se sentia seguro. Os romanos eram a menor das nossas preocupações. As loucuras que acometiam o rei poderiam fazer com que alguém fosse arrancado de sua casa no meio da noite e levado para nunca mais voltar. Vivíamos apavorados com a possibilidade de uma revolta que entornasse de vez o caldo da insegurança política que vivíamos.

Mas não eram os comentários políticos de Eliaquim que me preocupavam. Era a mensagem que eu via em seus olhos quando eles pousavam sobre mim. Como se algo eletrizante me tocasse, seu olhar me sacudia por dentro de uma forma que eu nunca havia sentido antes. Nem nos momentos mais íntimos com meu marido. Claro que eu logo desviava os olhos, e me afastava para o outro lado da sala, mas muitas

vezes algo irresistível me levava a buscar o seu olhar de novo. E a sensação se repetia.

Algun tempo se passou em que eu vivia dividida entre o desejo de ver Eliaquim e a certeza de que devia me afastar dele definitivamente. O que ele achava que estava fazendo? Como se atrevia a olhar assim para a esposa do filho de seu amigo? Não devia ser um homem de caráter. Não sei como meu sogro nada percebia e continuava a recebê-lo com tanta cortesia.

Um dia, fui pega desprevenida. Eu arrumava a sala para a refeição da noite quando ele chegou e foi conduzido até onde eu me encontrava. Assustada, cumprimentei-o sem fitá-lo, mantendo-me ocupada com as vasilhas que espalhava sobre a mesa. Ele olhou em volta e, certificando-se de que estávamos sozinhos, aproximou-se de mim. Prendi a respiração e tentei me afastar e deixar a sala, mas ele me reteve com um gesto. Não podia ser indelicada com um hóspede. Fiquei presa no lugar. Ele não me tocou mas seus olhos falaram mais do que qualquer toque. Eu sabia que aquilo era errado, e tremia por dentro, não sei se por medo ou por estar tão emocionada. Felizmente, logo chegou uma criada e o encanto foi quebrado.

Horas depois, deitada ao lado de meu marido, que roncava de leve, fiquei repassando as poucas coisas que ele tivera tempo de dizer. Disse que eu era linda, que merecia uma vida de luxo e requinte, não a vida trabalhosa que tinha agora, que ele era um homem muito solitário e que só o fato de me ver algumas vezes o ajudava durante as horas de solidão. As palavras eram realmente lindas. Quando ele falou na sua solidão, seus olhos escureceram e ele parecia prestes a chorar. Senti-me tocada por sua infelicidade.

A situação não pode continuar assim, pensei desesperada. Isso vai trazer desgraça para nossa família. Mas o que posso fazer? Se contar a meu sogro ou meu marido, pode haver uma briga feia e de qualquer jeito, me sairei mal. Eles vão achar que andei dando confiança a esse homem. Entre a palavra de um homem e de uma mulher, em quem eles vão acreditar? Não, o melhor é eu me manter o mais afastada possível.

Comecei a arrumar desculpas para não comparecer à sala nas horas em que sabia que Eliaquim estaria presente. Ficava no quarto com as crianças, contando-lhes histórias do nosso povo. Entretanto, logo comecei a achar falta da companhia adulta, das conversas de que participava. Era como algo irresistível me atraísse para lá. Acabei voltando. Vi o olhar de Eliaquim se incendiar quando entrei. Fui sentar-me ao lado de meu marido, a cabeça baixa, mas podia sentir o calor daqueles olhos me queimando. Era incrível como ninguém parecia perceber nada. Ele disfarçava bem.

Senti uma voz falando ao meu coração: “Você está brincando com fogo. Afaste-se desse caminho de uma vez por todas. Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte.” Eu sabia que era a mais pura verdade, mas dividida, não conseguia deixar de pensar naquele homem.

Nossos encontros começaram casualmente quando eu ia ao mercado. Trocamos algumas palavras – afinal ele vinha sempre à casa do meu sogro! Um dia, ele me convidou para tomar um refresco num cômodo nos fundos de uma das lojas onde eu sempre fazia compras. Achei que era uma cortesia que ele queria retribuir pelas muitas refeições que havia tomado conosco, mas foi com o coração aos pulos que

aceitei. Senti-me como um passarinho colocando os pés dentro da arapuca.

Nunca me ocorreu perguntar por que ele dispunha de um lugar assim. Era um quarto escuro, pois as janelas eram mantidas fechadas o tempo todo, mas limpo e confortável, com uma pilha de tapetes contra a parede dos fundos. Sentamo-nos ali, e a princípio apenas conversamos. Era uma sensação maravilhosa. Ele parecia interessado em tudo sobre mim, em quem eu era, nos meus sonhos, nos meus pensamentos. Senti-me preciosa, importante. Sobre si mesmo, ele pouco falava. Sabia que era casado, mas muito infeliz. Por isso era tão solitário. A companhia dos amigos era a única coisa que quebrava um pouco a sua solidão. Mas, depois de conviver com uma família alegre e gregária, ele tinha de voltar para um lar triste, fechado, e para uma esposa doentia que nunca lhe permitia qualquer carinho físico.

Meu coração doía por ele. Aos poucos, comecei a tocá-lo nas horas em que ele falava das suas angústias. Ele parecia tão grato por esses pequenos gestos, um sorriso tão triste se abria em seu rosto! Como não poderia deixar de ser, a intimidade foi crescendo e ele começou a me acariciar com uma intensidade cada vez maior. Eu sabia onde aquilo tudo levaria mas parecia incapaz de pensar, de raciocinar. Era como se uma grande onda rolasse sobre mim e me carregasse para o fundo. Até que....

Sobre a pilha de tapetes nos buscamos com uma paixão intensa, que eu nunca conhecera com meu marido. Joguei toda a cautela para os ares. Eu queria aquele homem e ele me queria. Era tudo o que importava no momento.

O ruído de vozes sussurradas interrompeu o meu delírio, mas meu companheiro nada parecia ouvir. De repente, a porta se abriu com força. A luz do dia invadiu o quarto e se projetou sobre mim, enquanto Eliaquim permanecia na sombra. Com uma rapidez incrível, ele deslizou dos tapetes e se esgueirou para fora por um buraco disfarçado nos fundos. Pensei em segui-lo mas antes que pudesse esboçar o menor movimento, fui agarrada por mãos de aço e arrancada para fora.

Agora, no meio daquela turba furiosa, eu pensava na loucura que me havia acometido. Onde estava com a cabeça? Como meu marido e meus filhos sobreviveriam à vergonha de me ver exposta dessa forma? E onde estavam me levando?

Chegamos ao templo. Ah, não, era ali que eu seria julgada! Diante de todos aqueles que estavam adorando ao Deus justo e puro, que não tolerava o pecado?

Um homem encontrava-se sentado, cercado por pessoas inclinadas para a frente para não perder uma só palavra do que ele dizia. Estacamos diante deles e fui empurrada para a frente tão abruptamente que quase caí. O grupo me encarou com espanto. Os homens que me trouxeram se dirigiram àquele que ensinava. Davam a impressão de sincero interesse e tristeza pelo que tinham de fazer. Perguntaram:

-- Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. Moisés mandou que tais mulheres sejam apedrejadas. O que o Senhor diz?

Ah, agora eu entendia o que eles pretendiam. Aquele devia ser o homem de quem haviam falado no caminho. Eles queriam apanhá-lo em contradição. Dava para sentir a raiva que tinham dele. O rosto do homem, entretanto, era sereno. Seu olhar, penetrante. Ele me fitou e senti-me tocada como que por um fogo abrasador. De repente, a enormidade do meu erro se abateu sobre mim. Não era apenas a vergonha de ter sido apanhada de forma tão humilhante, de estar ali exposta diante de todos,

mas a tristeza profunda de saber que eu havia pecado contra Deus, que o havia desobedecido e feito o que ele odiava. O amor e a compaixão que fluíam do olhar daquele homem me fizeram sentir a mais indigna das pessoas, merecedora das pedras que em breve me matariam. Desviei o olhar e fitei o chão aos meus pés.

O homem se abaixou sem nada dizer e começou a escrever na terra com o dedo. Os homens, impacientes, insistiram na pergunta:

-- E então, Mestre, o que o Senhor diz? Devemos apedrejar esta adúltera, como ensina a lei de Moisés?

Eu podia sentir a sua sede de sangue. E não apenas do meu. Eles estavam me usando como isca em busca de caça maior. E a caça continuava escrevendo tranqüilamente na terra com o dedo.

Agora ele se ergueu, fitando aquelas faces iradas. Suas palavras foram chocantes:

-- Aquele de vocês que não tiver pecado seja o primeiro que atire pedra sobre esta mulher.

O quê?!

Ele voltou a abaixar-se e a escrever na terra. Eu não conseguia tirar os olhos de sua cabeça inclinada, mas uma movimentação ao meu redor chamou-me a atenção. Os homens que me cercavam também tinham os olhos fitos no chão, mas a expressão de ira havia sido substituída por uma de consternação. Alguns mordiam os lábios, outros coçavam a barba. Outros, então, a cabeça pendida, pareciam sufocados por algo que tentavam engolir e não descia. Um a um, eles começaram a se retirar, deixando cair as pedras que traziam nas mãos. Primeiro os mais velhos, seguidos pelos outros.

Agora eu me encontrava a sós com o homem que eles haviam chamado de Mestre. Ele se ergueu e fitou as costas daqueles que se afastavam cabisbaixos, de cabeça curvada. Só o estalar de suas sandálias contra as pedras era ouvido, cada vez mais fraco, mais distante. Um silêncio confortável nos cercava.

O homem me fitou com aquele olhar que parecia me vasculhar o fundo da alma. Eu queria me esconder, fugir, mas quedei-me ali, presa agora não pela força física, mas pela força poderosa de um amor que me inundava todo o ser. Senti-me lavada, amada, aceita, apreciada – mesmo andrajosa e descabelada como estava. O homem se dirigiu a mim:

-- Senhora, onde estão os seus acusadores? Ninguém a condenou?

-- Ninguém, Senhor.

-- Eu também não a condeno. Vá e não peque mais.

Fui defendida por um advogado que conhecia o coração de todas as pessoas. Sim, pequei miseravelmente e a dor do arrependimento quase me matou. O que me aconteceria agora? Como poderia voltar para casa? Meu marido me perdoaria, me aceitaria de volta? Eu poderia conviver de novo com meus filhos?

“Eu não a condeno.” Como podia ele, que era um Mestre, deixar de condenar um pecado tão grave? Não havia oferta suficiente para apresentar por meu pecado. O único pagamento aceitável seria a minha morte. Mas eu fora poupada. Para continuar vivendo e não pecar mais.

Com o coração aos pulos de alegria, voltei-me para agradecer ao Mestre, mas

ele estava novamente cercado por um grupo de pessoas e continuava ensinando-as, como se tivesse urgência em transmitir o que tinha para lhes dizer. Seu olhar se voltou para mim e senti-me como se alguém tivesse me ungido com óleo, da cabeça aos pés. Sabia que era agora uma nova pessoa. Acontecesse o que acontecesse, eu tinha um novo rumo a seguir! Viveria de uma forma bem diferente dali por diante, uma vida de obediência àquele que me libertara física e espiritualmente.

De repente, ficou bem claro o que eu teria de fazer. Voltaria para meu lar e confessaria a meu marido o que havia feito, antes que ele ouvisse a respeito através de outros. Pediria o seu perdão. Pediria perdão a Deus, jogando-me aos seus pés, entregando-me à sua misericórdia. Se o Mestre não me havia condenado, se me havia libertado daquele terrível pecado em que eu escolhera cair, eu podia fazer o que ele dissesse. Ir e não pecar mais.

Ergui a cabeça, ajeitei minhas roupas para me cobrir o melhor possível e comecei a percorrer o longo caminho de volta para casa.



Abra sua Bíblia em João 8:1-11 e leia a história da mulher que foi pega em adultério. Este episódio ocorreu depois de Jesus ter começado a falar claramente sobre sua identidade como Filho de Deus e sobre sua missão. Tais afirmações incomodavam os líderes religiosos e até as pessoas comuns. Depois de buscá-lo por causa dos seus milagres espantosos, como o da multiplicação de um pequeno lanche para alimentar mais de cinco mil pessoas, as pessoas queriam ver outros atos semelhantes para crer no que ele dizia. Estavam mais interessadas no que ele podia fazer por suas necessidades físicas do que na mensagem de salvação que ele pregava. Os soldados que foram enviados para prender Jesus voltaram de mãos vazias e muito impressionados com o que ele ensinava. Os líderes cujas ordens eles cumpriam, entretanto, os repreenderam e compararam à rale inculta que acreditava em qualquer coisa que parecesse fora do comum.

Agora Jesus estava no templo, ensinando abertamente, e o povo ia ter com ele. Isso devia perturbar mais ainda os fariseus, que viam seu poder ameaçado pelos ensinamentos de Jesus. Por isso, procuravam um meio de desacreditá-lo perante seus ouvintes e de prendê-lo por algum motivo que a lei condenasse. O cerco em torno dele estava apertando.

Naquele momento, surgiu diante dele um grupo de homens, arrastando uma mulher em estado calamitoso. Ela devia estar apavorada, os cabelos desgrehados e as roupas desarranjadas e até rasgadas. Não imagino que eles a tivessem tratado com delicadeza ao levarem-na ao templo.

O que viu não surpreendeu Jesus. Ele entendia claramente a motivação dos homens que empurraram a mulher diante dele: “[Jesus] não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (Jo 2:25). Jesus esquadrihava os corações e conhecia os pensamentos. Ele sabia o que ocorria no mais profundo da alma. Via com clareza a arrogância e a dureza dos homens que, para apanhá-lo em alguma falta, não

hesitavam em acusar e condenar uma pecadora, apontando o dedo para a mulher sem considerar seu próprio pecado. Reconhecia também o espírito contrito, arrependido e tocava os corações entristecidos pela convicção do pecado com a nova vivificadora do seu perdão.

Aqueles homens não estavam interessados no pecado da mulher. É óbvio que, para que tivesse havido adultério, faltava alguém ali. Só a mulher foi pega, só ela seria executada pelo pecado de duas pessoas. Para ela não haveria perdão nem restauração. E isso não incomodava nem um pouco os seus acusadores. O que lhes interessava era colocar Jesus contra a parede e obrigá-lo a tomar uma posição que o incriminaria. Se ele condenasse a mulher, seria acusado de ter faltado com a misericórdia. Se a deixasse livre, seria acusado de não ter levado a sério a lei de Moisés, como eles deixaram bem claro.

A confrontação não saiu bem como planejaram. Duas coisas ficaram bem claras para todos os que presenciaram a cena, inclusive a mulher.

Jesus disse que não veio para julgar ou condenar, mas para salvar (Jo 3:17). Ele buscou os pecadores, comeu com eles, estendeu-lhes a mão, aceitou sua hospitalidade e adoração. Nunca condenou um pecador sinceramente arrependido. Antes, perdoou seus pecados, curou suas dores, deu-lhe a oportunidade de uma nova vida, uma vida abundante, sobrenatural; e, após a morte física, a vida eterna na presença e no gozo de Deus.

O pecado daquela mulher era dos mais graves, tanto que a sentença da lei de Moisés era a morte por apedrejamento. Ela fizera algo muito, muito errado. Quebrara uma aliança, um compromisso solene. Para Deus, isso vai contra a própria natureza do relacionamento entre um homem e uma mulher, como ele mesmo os criou para viver.

Será que entendemos o que é realmente pecado? Jesus muitas vezes usou a palavra dívida para explicar o que é pecado, inclusive na oração que ensinou aos discípulos. “E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6:12). Ele está ensinando que temos uma dívida para com Deus a qual pedimos que ele nos perdoe.

O que é uma dívida? É eu tomar para mim algo que pertence a outra pessoa, usar como bem entender. Se eu não tiver como pagar aquilo que usei, irei acumulando juros e minha dívida só tenderá a crescer, até se tornar impossível eu liquidá-la. Na parábola que usou para ilustrar a necessidade do perdão em Mt 18:21-35, Jesus falou de um servo que devia ao seu senhor uma quantia tão grande que não havia a menor possibilidade de quitação para ilustrar a nossa dívida para com o nosso Senhor.

Como acumulamos uma dívida tão grande para com Deus? Ele nos fez para refletirmos a sua imagem, para lhe darmos glória. Is 43:7: “A todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para a minha glória, e que formei e fiz.” Ele nos fez para a sua glória. A palavra glória no original significa avaliação, peso. No mundo antigo, o valor de algo era determinado por seu peso. Por exemplo, o ouro é valioso porque é mais pesado do que os outros metais. Por isso quando Deus diz que fomos criados para a sua glória, significa que fomos criados como avalistas do seu valor, da sua majestade. Deveríamos olhar uns para os outros e ver quão magnífico Deus é na nossa maneira de ser. Deveríamos enxergar um reflexo da sua pureza, da

sua santidade, da sua bondade, da sua sabedoria, da sua misericórdia, do seu amor eterno e infalível. Acho que já dá para perceber que a cada atributo de Deus que enumeramos, cresce o tamanho da nossa dívida pois vemos quanto temos falhado em refletir quem ele é.

Deus nos fez também para o seu prazer. “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas”(Ap 4:11). A palavra traduzida por vontade em Apocalipse significa determinação, inclinação, desejo, prazer. Fomos feitos para dar prazer a Deus. Toda vez que agimos de forma diferente da que cumpre esse propósito, tiramos glória de Deus em vez de dar. Tiramos de Deus o que lhe pertence e gastamos conosco. E não temos condições de pagar essa dívida para com Deus. Por isso, quando Jesus expirou, exclamou: Está cancelada! Paga! Quitada!” Ele entregou sua obediência e dependência perfeitas, que dão toda glória a Deus, para pagar a nossa desobediência e independência. Ele fez tudo. O pagamento cobre todas as nossas dívidas passadas, presentes e futuras. Pense nisso!! Não sobrou nada para nós fazermos.

Seguir seu próprio caminho, deixar de dar glória a Deus, de lhe dar prazer foi a raiz do adultério daquela mulher e dos homens que a arrastaram até Jesus. Cada um deles tinha enorme dívida para com Deus, uma dívida que jamais poderiam pagar. E, no seu íntimo, todos sabiam disso.

Alguns estudiosos dizem que Jesus poderia estar escrevendo uma lista de pecados na terra e que os homens, que sabiam ler, estariam vendo expostos ali os segredos de seus corações. De qualquer forma, nenhum deles teve coragem de atirar pedra na mulher, declarando-se, portanto, igualmente culpado. Foram-se retirando dali, um a um, a começar pelos mais velhos, com certeza mais experientes e mais conscientes de suas próprias fraquezas. Não ficou nenhum deles. Então Jesus se voltou para a mulher e lhe perguntou onde estavam os seus acusadores e se ninguém a havia condenado. Ante a sua resposta negativa, ele afirmou:

-- Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.

Jesus estava confirmando para aquela mulher o que expressara antes. Ele não veio para condenar, mas para salvar, para dar a sua vida em resgate de todos os que aceitarem a sua oferta.

Mas havia mais. Para ela e para cada uma de nós. Não apenas aquela mulher foi absolvida do seu pecado, mas a segunda coisa que Jesus mostrou é que queria dar um novo rumo para a vida – vá e não peque mais.

Parece simples demais? É como Jesus trata todos os nossos pecados. “Eu não a condeno; vá e não peque mais.”

Jesus não condenou a mulher pelo seu pecado, mas mostrou que agora ela devia viver de forma diferente. É esse também o caminho para cada seguidor ou seguidora de Jesus – perdão e mudança de vida.

Se continuarmos em pecado depois de termos sido alcançadas pelo perdão de Deus, é sinal de que não avaliamos corretamente o preço que esse perdão lhe custou. Para quitar a nossa dívida enorme, Jesus pagou um preço altíssimo. Ele quer que tenhamos a vida abundante, rica, produtiva e sobrenatural que morreu para nos dar, e não a vida medíocre, limitada por nossos próprios recursos e capacidade que temos

quando deixamos de dar a Deus o lugar que só ele pode ocupar em nosso coração e de viver por seu poder operando em nós.

A vida abundante começa com a convicção de que há algo em nossa vida que precisa mudar. Essa convicção vem do Espírito Santo falando em nosso coração, comparando o que estamos vivendo com o que Deus ensina, usando a Palavra para nos ensinar e nos relembrar de alguma verdade que possamos ter esquecido. “O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14:26).

E voz do Espírito Santo nos fala como Jesus fez com aquela mulher, mostrando o que está errado na nossa maneira de agir para que possamos mudar. Se continuarmos no nosso pecado, ficaremos separadas de Deus. Ele, que é santo e puro, não pode tolerar a presença do pecado. Por isso, podemos contar com a sua ajuda para nos mostrar o que precisa ser confessado e mudado em nós. E quando fazemos isso, ele promete que nosso pecado é jogado no fundo do mar, e, como disse sabiamente um escritor, coloca ali uma tabuleta: “É proibido pescar.” O pecado perdoado nunca será cobrado de nós porque Jesus já liquidou a conta.

O caminho de Deus é claro. Ele nos tirou do reino das trevas para o reino da luz. Na luz, o que está errado é revelado. E a voz do Espírito Santo nos aponta clara e especificamente o que precisa ser mudado. Ele fala: “Você mentiu para seu chefe. Vá e confesse seu erro, primeiro a Deus e depois a ele.”

Tive essa experiência nestes dias. Eu e meu marido diferimos numa decisão que tivemos de tomar e segui com um pouco de má vontade a orientação que ele me deu. Quando as coisas deram errado nas conseqüências da decisão, a minha má vontade original veio logo à tona e não me contive. Falei aquela palavrinha que já ensinei muitas vezes que nunca devemos falar: “Bem que eu disse!” E algumas coisinhas mais, nenhuma delas doce ou edificante. Eu estava brava e me sentindo totalmente justificada. Você deve estar pensando: “Que jararaca!” E com razão.

Mas não foi a sua voz que ouvi. Alguém, que não quer que eu permaneça uma jararaca, me falou ao ouvido assim que meu marido saiu do escritório: “Ah, filha, você não honrou nem edificou seu marido como uma esposa submissa a Deus deve fazer. Você entristeceu o coração de seu Pai. Peça perdão já, já.” Quando o Espírito Santo fala, aprendi que é bom a gente não esperar. Pedi primeiro que Deus me perdoasse e em seguida fui atrás do Jecel para pedir seu perdão – o que ele fez prontamente. Aí fiquei pensando: “Se meu marido, que me ama profundamente mas com um amor humano, agüenta as minhas bravezas e ainda me perdoa de boa vontade, quanto mais o meu Pai, cujo amor é tão infinito que nunca poderei compreender!”

Deus não permite que o pecado permaneça na vida de seus filhos. Se precisar, se ignorarmos a voz do Espírito Santo, ele o revelará de outra forma, talvez mais chocante, como fez com aquela mulher. Como Pai, ele nos repreende e nos disciplina, se for necessário, para nos abençoar e fazer de nós uma bênção. Essa é a matemática do reino de Deus. Você é abençoada para abençoar. É consolada para consolar. É disciplinada para aprender e aprende para ensinar.

Não sabemos o que aconteceu com a pecadora depois que saiu da presença de Jesus. Com certeza não seria fácil reconstruir sua vida. Haveria barreiras enormes

para vencer. Mas ela saiu dali uma nova pessoa. Enfrentou a morte merecida e foi poupada. Isso deve ter-lhe dado humildade e forças para recomeçar, para ir e não pecar mais. Essa é a escolha que todas temos de fazer. Crer em Jesus e na validade do seu perdão, saber que o seu sangue vertido por nós nos justifica diante de Deus e nos capacita a viver dentro do Caminho que ele abriu para nós até o trono do nosso Pai, o Senhor Todo-poderoso.

III. Jesus é a nossa cura

Não há nada que nos afete tão profundamente na área física quanto a nossa saúde. Deus nos criou com um corpo que é a nossa ligação com o mundo exterior. É através dele que vemos, ouvimos, sentimos impressões agradáveis e desagradáveis. A nossa vida interior, a das idéias, dos pensamentos, das emoções, se processa através das informações que nos são fornecidas pelo nosso corpo.

Para nós, mulheres, essa percepção é bem mais inclusiva pois a aparência que nosso corpo tem diz muito a respeito de quem somos como pessoas. Por isso dedicamos tanto tempo, cuidados e recursos para que ele possa ser o melhor possível.

O corpo feminino é mais complexo por ser nele que o sistema reprodutor vai provocar mudanças profundas na hora de conceber e abrigar um novo ser humano, bem como alimentá-lo nos primeiros tempos de vida extra-uterina. Por ser mais complexo, o nosso corpo também enfrenta problemas únicos, problemas de obstetrícia e ginecologia com que os homens nunca terão de se preocupar. Isso já consta até do seu plano de saúde. É uma parte que só diz respeito a nós, mulheres.

Muitas mulheres procuraram Jesus para obter cura para seus corpos. Ele nos fez e sabe como sofremos com alguns problemas que afetam a nossa saúde. Não menosprezou as queixas que as mulheres lhe apresentaram a respeito de sua saúde, mas tratou-as como importantes, curando as suas enfermidades. Por isso, sabemos que fará o mesmo conosco quando precisarmos de seus cuidados de Médico dos médicos.

Sabemos que ele levou sobre si as nossas enfermidades na cruz: “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si...ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras somos sarados” (Is 53:4-5).

Entretanto, sabemos que continuamos adoecendo porque estávamos vivendo num mundo contaminado pelo pecado, o que nos torna sujeitas a doenças que afetam nosso corpo. O apóstolo Tiago ensina o que devemos fazer quando um crente estiver doente, partindo da premissa de que os crentes ainda estão sujeitos às enfermidades: “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração de fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados” (Tiago 5:14-15).

O que acontece, entretanto, quando não há cura? O que faltou? Oração? Unção com óleo? Fé?

O que Jesus levou sobre si na cruz?

O poder da enfermidade, o poder da morte. Jesus morreu mas ressuscitou. Ele venceu a morte. Quebrou seu aguilhão, ou seja, o poder que ela tinha de nos aterrorizar. “E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó

morte, o teu aguilhão?” (1 Cor. 15:54-55).

Ainda não desejamos a morte, nem desejamos um acidente ou uma enfermidade, como o próprio Jesus não desejou ao defrontar-se com a tortura da cruz, mas, pelo poder que ele nos dá, podemos enfrentar com tranqüilidade e até gozo a passagem desta vida para a futura. Para os filhos de Deus, a morte é o portal que nos leva desta vida para o lar eterno, para a vida perfeita que fomos criados para ter. E o que causa a morte? Uma enfermidade, um acidente, algo que violenta o nosso desejo de viver.

Senti na carne esse poder recentemente. Depois de uma luta que parecia vencida contra o câncer, eu vivia dias de muita atividade e bem estar físico, sempre agradecendo a Deus o fato de continuar viva. De repente, um dos exames de rotina que eu fazia a cada poucos meses acusou um problema de metástase no fígado. A notícia caiu sobre nós como um cobertor escuro molhado. Não conseguíamos enxergar nada ao nosso redor. Sentíamos-nos tolhidos em nossos passos, incapazes de pensar em outra coisa além da escuridão que nos envolvia. Choramos juntos, oramos juntos. Ao darmos a notícia aos nossos queridos, víamos sua tristeza e sofrimento, o que aumentava os nossos.

Todo o processo de tratamento e consultas médicas começou de novo. A cada manhã, eu acordava bem, mas logo em seguida os pensamentos negativos começavam a me esbofetear de todos os lados. Eu sabia que se continuasse na cama, logo estaria chorando, derrotada. Levantava-me, então, e vinha para o cantinho de oração que tenho em meu escritório. Abria a Bíblia primeiro nos Salmos e sempre encontrava ali uma passagem de consolo e vitória em Deus. Em seguida, começava a orar em cima da mensagem, apropriando-me dela para a minha vida. Corria para o trono do meu Deus e me prostrava diante dele. Na luz da sua presença, as trevas que me cobriam iam enfraquecendo e logo meu espírito serenava, embora a luta continuasse ainda por algum tempo.

Aos poucos, o poder da Verdade foi vencendo o meu medo. Entendi, no mais profundo do meu ser, que a minha vida está realmente nas mãos de Deus. Os meus dias já estão contados, todos eles (Sl 139:16). Nem um fio cai da minha cabeça sem a permissão de Deus (Lc 21:18). Ele promete que só permitirá que me aconteça o que transformará em bem para mim (Rm 8:28-29). O bem que tem em mente para mim é o de me transformar à imagem do seu Filho, Jesus Cristo.

O pavor do que eu teria de enfrentar cedeu lugar a uma paz e uma alegria que só podem ser sobrenaturais. Sou fraca, covarde – me pélo de medo de agulhas e procedimentos cirúrgicos – mas o poder que me sustém é constante, é forte, excede toda a minha capacidade de entendimento.

O tratamento começou. Os cabelos caíram. Ganhei uma coleção de lindos e coloridos chapeuzinhos feitos por minha irmã e me senti até bonita com eles. Os sintomas piores duravam alguns dias após as sessões de tratamento mas depois eu passava relativamente bem. Tive de cancelar todos os meus compromissos fora de casa, mas pude continuar a ministrar aqui de casa, tanto através de cartas como em conversas particulares, em telefonemas, e em um ministério muito mais intenso de intercessão. E essas são as atividades que mais amo. Não perdi nada e ganhei tanto, tanto que, no dia em que resolvi anotar todas as bênçãos que recebi durante esse

período tão difícil, acabei desistindo depois da segunda página do meu caderno. Eram mais do que eu poderia contar.

E a chuva de bênçãos continua. Não sei se é da vontade de Deus me curar ou me levar. Jesus pediu três vezes para ser poupado da morte e não foi. Paulo pediu três vezes para ser poupado daquele espinho na carne, mas não foi. O Senhor lhe disse: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas para que sobre mim repouse o poder de Cristo.” E concluiu: “Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (1 Co 12:9-10).

A cura milagrosa nos ensina a respeito da onipotência de Deus, para quem curar um parálítico, um cego ou ressuscitar alguém dos mortos não é nem difícil, quanto mais impossível. Entretanto, a enfermidade não curada nos ensina a respeito da suficiência da graça de Deus para qualquer coisa que tivermos de passar.

Jesus levou sobre si o terror, o poder e a escravidão da enfermidade e da morte. Não sei quanto tempo tenho de vida mas posso viver plenamente até meu último suspiro neste mundo.

A cura que vem dele é sempre maior do que a enfermidade do corpo. Ele quer curar nossa alma, nosso espírito e nos libertar para viver a vida abundante que comprou para nós com o seu sacrifício.

Você quer ser curada? Seja qual for o seu problema de saúde, vá ao encontro de Jesus e saia dali restaurada em todas as áreas de sua vida. É o que aconteceu com as mulheres cujas histórias estudaremos a seguir.

Capítulo Seis - A sogra de Pedro

Era uma noite quente. Havíamos ficado até tarde no eirado acima de nossa casa, conversando e olhando o céu estrelado. Os homens estavam fora, mas não era de estranhar. Sempre que Simão e André saíam para pescar, demoravam alguns dias. Enquanto não conseguissem bom resultado, ficavam tentando um ou outro local conhecido pelo grande número de peixes que rendia. Eles sabiam o que faziam, mas mesmo assim, eu não ficava tranqüila enquanto não os via de volta em casa.

Simão é meu genro. É um homenzarrão espalhafatoso e brincalhão, um bom marido para minha filha e ótimo pai para meus netos. Às vezes ele se excede um pouco, criando mais caso do que seria necessário, o que deixa minha filha em apuros, mas não há dúvida, pelo modo como o olha, que ela é apaixonada por ele. E ele por ela.

Quando meu marido faleceu, Simão não hesitou em me oferecer um lugar em sua casa. A casa ficou como herança para meu filho mais velho, mas pude repartir algumas coisas que eu havia trazido da minha família entre minhas filhas. E viera morar na casa de Simão, onde também já morava a família de André, irmão dele. Era uma casa movimentada, mas muito amorosa e harmoniosa. Claro que havia problemas, mas nenhum que realmente incomodasse e não pudesse ser resolvido.

Simão sempre me tratou com muito respeito. Apesar de seu jeitão rude, ele é carinhoso e atencioso para com as mulheres da família.

De minha parte, faço todo o possível para não pesar no orçamento da casa. Como vivemos da pesca que Simão e André conseguem localizar e recolher, precisamos ter sempre uma reserva para o dia em que os peixes são escassos.

Minha filha ajuda no que pode. Ela é uma tecelã habilidosa e confecciona peças de linho fino, muito requisitadas pelas mulheres ricas da cidade. Entretanto, com as crianças e a casa por cuidar, pouco tempo lhe sobrava para essa atividade. Além disso, como Simão ficava fora dias de cada vez, ela precisou assumir muitas outras responsabilidades nos negócios da família.

Quando vim morar com ela, propus cuidar da casa para ela ter mais tempo para se ocupar dessas atividades mais rendosas. Eu não tinha nenhuma habilidade que me permitisse ganhar dinheiro, mas podia cuidar de uma casa. Ah, se podia! Fizera isso a vida inteira, com alegria, com capricho, e nunca ninguém da família reclamou da minha dedicação. Minha filha a princípio recusou, dizendo que eu não tinha mais idade para estar assumindo tanto trabalho. Que bobagem! Apesar dos anos, sinto-me forte e disposta, perfeitamente capaz de dar conta dos serviços normais da casa. Claro que, se me cansasse demais, pediria ajuda. No final das contas, minha filha concordou em experimentar e ver como o trato funcionaria. E deu tudo tão certo que logo ela nem se lembrava mais de me questionar sobre o andamento da casa.

Eu levantava cedo para acender o fogo, moer os grãos. Tirar o leite da vaca que tínhamos não é minha responsabilidade. Um dos meninos sempre madrugava e trazia o leite ainda quente para o desjejum. Eu fazia pequenos bolos de mel quando a

farinha era mais fina, ou pãezinhos simples quando a farinha ficava mais grosseira. Depois que todos se alimentavam e partiam para suas tarefas diárias, eu tirava um momento para agradecer ao Senhor Deus suas bênçãos da noite e daquele dia. Com meu genro levando uma vida tão perigosa, eu nunca via sua segurança com tranquilidade. Quantos dos que eu conhecia já haviam perecido no mar!

As atividades do dia me mantinham ocupada até o início da noite, quando terminávamos de ceiar e era feita a limpeza e a arrumação da cozinha para o dia seguinte. Quando a noite estava quente e agradável, subíamos para o pátio na parte de cima da casa e passávamos tempo ali, conversando, trocando notícias com alguém que nos visitasse.

Naquela noite, ficamos um pouco mais do que devíamos porque um vento frio repentino soprou das bandas do mar e nos deixou enregelados. Descemos às pressas mas já fui espirrando.

No meio da noite, acordei batendo o queixo de tanto frio, o corpo inteiro dolorido e arrepiado. Sabia que era o sintoma de febre, e febre alta. “Ah, não!” pensei. “Não posso ficar doente.” Revirei na cama o resto da noite, mas a sensação ruim foi só piorando. Não consegui levantar para fazer as tarefas matutinas. Quando minha filha foi ver o que estava acontecendo e deu comigo ainda na cama, levou um susto. Eu devia estar com uma cara horrível.

-- Mãe, o que a senhora tem? Está verde!

-- Ah, filha, acho que estou com febre. Meu corpo inteiro dói e sinto arrepios de frio. Acho que vou ficar deitada mais um pouco. Estou sem ânimo para levantar. Você cuida do fogo e dos pães?

-- Mas é claro! Nem pense em sair da cama. Vou preparar um chá para a senhora tomar.

Eu queria protestar que, se ficasse quieta, acabaria melhorando, mas é claro que minha filha assumiu o comando da situação. Com a cabeça doendo e uma incrível sensação de cansaço, fechei os olhos e acabei cochilando. Quando ela trouxe o chá, eu o bebi sem saber direito o que fazia. Minha cabeça parecia estar dentro de um enorme balaio que amortecia os sons ao meu redor e me dava uma sensação constante de tontura. O melhor era fechar os olhos e esperar passar.

Devo ter cochilado de novo. Vozes começaram a penetrar a minha consciência. Vozes aflitas, comunicando-se num sussurro forçado. O que estava acontecendo?

-- Psiuuuu!

-- Ela não pode continuar assim! Está delirando!

Uma voz chorosa interveio:

-- Mas quem vamos chamar? Ah, se pelo menos os homens estivessem aqui.....

-- Amanhã é o Sábado. Com certeza até lá eles estarão de volta.

Uma mão fresca pousou sobre a minha testa.

-- Ela ainda está queimando. Precisamos dar um jeito de fazer essa febre baixar. Salomé, vá buscar outra bacia com água fresca. Esta aqui já não dá mais.

Eu queria protestar, dar minha opinião, mas minha boca parecia cheia de algodão, a língua seca grudada nas bochechas e no fundo. Não consegui falar nada.

Ouvi alguma movimentação no quarto, o borbulhar de água e logo em seguida senti o frescor de um pano molhado sobre minha testa. A sensação agradável durou

pouco e a operação foi repetida quando o pano deixou de me refrescar. Tentei virar de lado. Minhas costas doíam, minha nuca parecia repousar em brasas. Mãos firmes me seguraram deitada de costas. Nem me debater eu conseguia. Deixei-me ficar ali, inerte, sem forças para levantar a mão e sinalizar que eu queria falar.

As vozes continuavam se comunicando baixinho. Falavam em preparativos para o sábado. Sábado? Será que eu perdera assim a noção do tempo?

Tentei me lembrar de quando havia adoecido, mas minha cabeça se recusou a funcionar. Caí de novo num estado de semi-consciência. Eu sabia o que acontecia ao meu redor, mas não conseguia participar. Estava isolada no meu mal estar, no meu mundo particular. Se estivesse bem, estaria totalmente envolvida nos preparativos para o sábado. Hoje, entretanto, nem pensar neles eu conseguia. Havia deixado de me importar com qualquer coisa que não fosse sentir-me um pouco menos desconfortável, nem que fosse por apenas um minuto. Procurei virar novamente, mas, mais uma vez, mãos me impediram de fazê-lo enquanto panos úmidos e frescos eram passados por meu rosto e colo.

Aos poucos, a enorme sensação de fraqueza me fez mergulhar num sono profundo. Acordei no meio da noite. Lá fora, a escuridão era total. Dentro de casa, uma pequena lamparina havia sido colocada sobre o aparador e sua luz bruxoleante projetava sombras esquisitas ao redor. A febre havia voltado, mais violenta do que nunca. Comecei a tremer enquanto arrepios dolorosos me sacudiam de alto a baixo. Um gemido me escapou dos lábios. No mesmo instante, minha filha colocou a mão sobre minha testa. Eu não havia percebido que ela estava sentada no chão, com a cabeça encostada na beirada da cama. Coitadinha, devia estar ali por horas!

-- Ai, mãe, a senhora está queimando de novo! Que Deus tenha piedade de nós.

Ela voltou a passar o pano molhado sobre meu rosto e pescoço, mas dessa vez não senti melhora. A escuridão tornava tudo mais difícil e assustador. Eu queria falar, queria acalmar minha filha, mas não tinha forças para nada. Fiquei deitada ali, gemendo baixinho, respirando com dificuldade, mergulhando num torpor de mal-estar e dor. Mais uma vez, perdi a noção do tempo.

A luz forte do sol me penetrou nos olhos como uma faca pontiaguda, causando intensa dor, e os fechei com força. Que horas eram? Que dia era?

Ouvi vozes vindas da entrada da casa. A princípio, elas se confundiram, parecendo apenas o trovejar distante de uma tempestade. Aos poucos, a voz de Simão, grave e inconfundível, se destacou das outras. Alguém falou com ele em tons mais suaves. Não era a voz de André. Minha filha falava baixinho, com urgência.

Senti, mais do que vi, que alguém se acercava de mim e me tomava a mão, erguendo-me do leito com facilidade. Ao seu toque, senti que a febre me deixou completamente. Não apenas o mal-estar, mas toda a fraqueza, a zonzeira, os arrepios. De repente, eu estava em pé, ótima, animada, disposta. E faminta!

Voltei-me para o homem ainda jovem que me tocara. Quem era? Nunca o vira antes por ali. Ele sorriu para mim, um sorriso franco, terno, como se realmente pudesse avaliar quanto eu estava mal quando ele me tocou. Sorri também. Uma alegria incontida me encheu a alma e tive de me segurar para não abraçá-lo como a um filho de quem eu estivesse morrendo de saudades. Meu coração o acolheu sequiosamente e senti uma paz enorme inundar todo o ambiente em que nos

encontrávamos.

O estranho voltou-se e se dirigiu à sala onde Simão e André conversavam em voz baixa diante da mesa posta. Eu o segui, perguntando-me o que poderia fazer para expressar minha gratidão. Num tom respeitoso, Simão convidou o novo amigo a acomodar-se à mesa. Enquanto ele o fazia, meu genro apresentou-o como Jesus de Nazaré, um rabino que o havia chamado a fazer parte do grupo de seus seguidores.

Olhei novamente para Jesus, lembrando-me do seu toque restaurador. Com certeza, aquele não era um simples rabino. Poder emanava dele e todos os presentes podiam senti-lo. Eu também o seguiria se ele me chamasse.

Comecei a servi-lo, oferecendo tudo de melhor que havia sido preparado para aquela refeição. Era como se, ao mesmo tempo, estivesse oferecendo minha vida, tudo o que eu era para ser usada por ele da maneira como lhe agradasse.

Até ficar doente, eu achava que minha vida já não valia grande coisa. Eu era uma velha, esforçando-me por não ser pesada aos meus familiares, mas a preocupação deles comigo, sua pressa em apresentar ao Mestre Jesus o meu problema, mostrou que ainda era tempo de viver, de servir. Senti-me renovada, no físico e na alma, como diz aquele salmo que cantamos tantas vezes no templo e em casa, nas celebrações do sábado:

“Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome.

Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios.

É ele quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia; quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.”

O Senhor me curou da enfermidade. Minha vida lhe pertence. Sei que fartará de bens a minha velhice e renovará minhas forças como as da águia. Não posso segui-lo em suas jornadas, mas posso servi-lo aqui em casa, fazendo até a mais insignificante tarefa como para ele. E, de algum modo, ele saberá e será honrado.



Leia a história da cura da sogra de Simão Pedro em Mateus 8:14-15, em Marcos 1:29-31 e em Lucas 4:38-39. São relatos breves e praticamente idênticos. Essa mulher estava doente, Jesus a curou sem que ela pedisse e a cura foi tão completa que ela imediatamente se levantou e passou a servi-lo. Devia ser uma mulher enérgica, dedicada aos serviços da casa.

Após ter chamado os pescadores Simão e seu irmão André para segui-lo, dizendo-lhes que faria deles pescadores de homens, Jesus convocou também Tiago e João. Todos o seguiram imediatamente, deixando para trás seus barcos e suas redes.

No sábado, dirigiram-se com Jesus à sinagoga, onde ele começou a ensinar, impressionando os ouvintes por falar como quem tem autoridade (Marcos 1:22). Além da autoridade no ensino, Jesus demonstrou autoridade sobre os espíritos malignos ao expulsar o demônio de um homem possesso. Sua fama começava a se

espalhar. Os novos discípulos deviam estar muito impressionados com o que viam. Assim, quando o grupo chegou à casa de Simão Pedro e ficou sabendo que a sogra deste estava enferma, levou o problema imediatamente a Jesus. Quem expulsa demônio, expulsa febre. E foi o que Jesus fez.

Esta senhora não estava em condições de ir por si mesma procurar Jesus. Nem sabia da sua existência. Foi sua família que intercedeu por ela, fazendo a coisa acertada. Levou o problema a Jesus, cuja pronta intervenção restaurou-lhe a saúde e a tranquilidade de toda a família.

A narrativa de Marcos afirma que a casa onde ela morava era a casa de Simão e André. Às duas famílias, agregue-se a sogra de um dos irmãos e teremos um grupo familiar extenso convivendo de perto. Nesse ambiente, a sogra de Simão Pedro devia exercer uma influência forte, pois a família se preocupou por ela estar acamada com febre.

Febre em si não é doença. É apenas o sintoma de uma infecção em alguma parte do organismo. A recuperação de uma moléstia que provoca febre sempre deixa a pessoa em estado de fraqueza pois todo o sistema de defesa do seu organismo é ativado para lutar contra a infecção. Depois que a doença é curada e a febre passa, ainda demora alguns dias para as forças começarem a voltar e a pessoa conseguir sentir-se bem de novo.

Não foi o que aconteceu com esta mulher. Assim que a febre a deixou, ela se levantou e, totalmente restabelecida e disposta, pôs-se a servir a Jesus e à família que a cercou com seu carinho e atenção na hora da enfermidade.

No meu tratamento contra o câncer, tenho visto mais sofrimento e mais necessidades do que jamais supunha possível. É sofrimento físico, sim. Cada pessoa ali tem alguma dor, algum desconforto de que reclamar, além dos efeitos colaterais do tratamento em si. Mas o maior sofrimento que já presenciei vem da falta de atenção e às vezes até de abandono por parte da família. Já soube de diversos casos de pessoas que estão bem ali do meu lado, desertadas pelas famílias na hora de sua maior necessidade. Elas as tinham enquanto podiam servi-las, mas na hora em que os papéis se reverteram, foram esquecidas. As outras pessoas queriam tocar sua vida em frente e elas viraram um estorvo.

É consenso entre as pessoas que cuidam desses pacientes que as probabilidades de recuperação estão relacionadas ao apoio da família e das pessoas com quem eles convivem. Mesmo no caso de outras enfermidades menos sérias, a situação permanece. A recuperação é mais rápida e a doença menos dolorosa quando o doente tem o apoio e o cuidado carinhoso da família.

Entretanto, mesmo quando não podemos contar com esse benefício, não estamos sós nem desamparadas. Jesus, o Médico dos médicos, vem ao nosso encontro na hora da nossa enfermidade. Ele é o único que pode prometer que sempre estará conosco, que nunca, jamais nos abandonará, mesmo quando todos as pessoas com quem contamos nos abandonem (Hb 13:5). Ele assiste no leito da enfermidade, e na doença nos afoga a cama (Sl 41:3). Ele é o Senhor que nos cura (Ex 15:26). Os médicos, os tratamentos, são instrumentos seus para nos dar a cura. Ou ele pode curar milagrosamente, sem ajuda de nenhuma dessas coisas. Como no caso da sogra de Simão Pedro. Sua saúde foi restaurada sem deixar nenhuma seqüela, e ela

imediatamente se pôs a servir aqueles que a cercavam. Servir era algo que ela fazia naturalmente.

Que precioso é o cuidado de quem ama servir! É com pequenos gestos, com trabalhos muitas vezes monótonos e humildes que a mulher exerce seu importante ministério de prover conforto e bem-estar para todos os seus familiares e outras pessoas que com eles convivam. Servir é colocar as necessidades dos outros antes das próprias, é pensar primeiro no bem deles. Requer que abramos mão dos nossos desejos, dos nossos direitos, do nosso descanso em favor de outra pessoa. Por isso é tão difícil alguém servir de coração. Já vi muitas pessoas servindo coagidas por um senso de obrigação, de querer agradar, de não ter coragem de dizer não. E o serviço assim prestado acaba pesando sobre quem serve e sobre quem recebeu o serviço.

De servir, Jesus entendia. Ele disse que veio a este mundo para servir, e não para ser servido (Mt 20:28). Ele nos deu o exemplo dos serviços mais humildes quando lavou os pés dos discípulos, um trabalho para o qual era designado o mais humilde dos servos, o escravo (Jo 13:1-16). E mesmo depois de ressurreto, ele não se acanhou de cozinhar para os discípulos que haviam voltado ao trabalho da pesca, servindo-lhes pães e peixes assados sobre a brasa (Jo 21:1-14).

Todo ato de servir deve honrar o Senhor. “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para os homens” (Cl 3:23).

Este é um ensinamento precioso para as mulheres envolvidas com os trabalhos menos reconhecidos feitos dentro de casa: lavar, passar, limpar, cozinhar. São trabalhos que só aparecem quando deixam de ser feitos. Em si, são rotineiros, muitas vezes entediados, chatos mesmo. Mas quando os fazemos como para o Senhor, eles irão servir e beneficiar as pessoas que amamos, o que dá outro enfoque ao ato de servir. Deixam de ser apenas tarefas para ser um ministério digno do nosso Senhor, que nos deixou um exemplo para seguirmos.

Jesus serviu, curou, acariciou criancinhas, tocou pessoas consideradas “imundas”, pregou, ensinou, advertiu os que estavam errados, participou de festas e banquetes. Viveu servindo às pessoas em todas as suas necessidades. Ele nos ensina que dar traz mais alegria até do que receber.

Ao curar a sogra de Pedro, Jesus lhe deu as condições necessárias para exercer o seu ministério de serviço simples e rotineiro. Não a chamou para acompanhá-lo em suas jornadas, como outras mulheres faziam. Ela ficou em casa, cuidando dos seus e testemunhando a respeito daquele que a curara para servir. E era assim que ela viveria até o fim, refletindo em sua vida aquele que veio a este mundo para servir.

Jesus nos cura física e emocionalmente para vivermos servindo a Deus e a seus propósitos para nós, seja qual for o lugar onde ele nos tiver colocado.



Capítulo Sete - A mulher com hemorragia

Uma leve luminosidade se insinuou na escuridão que dominava o quarto, penetrando contra a minha vontade as pálpebras que eu mantinha fechadas. Eu não queria acordar, não queria deixar o esquecimento do sono. Não queria enfrentar mais um dia do que minha vida se tornara naqueles últimos anos.

Voltei-me para o lado, procurando uma posição mais confortável. Quem sabe conseguiria dormir mais algumas horas. Mas, assim que me virei, senti o fluxo quente deixando meu corpo e molhando os panos que usava como proteção. Ah, não era possível ignorar, por alguns minutos que fosse, a realidade da minha saúde.

A pior parte do dia era sempre o momento de acordar. Dormindo, eu mal sentia a enorme fraqueza que vinha sendo minha companheira constante havia tantos anos. No momento em que pensava em levantar, meu corpo parecia pesar mais do que mó de moinho. Cada movimento era um esforço. Depois de me aprontar e dar uns passos por ali, tudo o que eu queria era voltar para a cama e dormir de novo. Evitava me olhar na superfície brilhante de uma placa de prata que me servia de espelho pois o que via ali era uma mulher pálida, envelhecida, a pele amarelada, sem viço, os cabelos parecendo palha seca. Eu parecia seca, me sentia seca. Já nem me lembrava mais o que era sentir energia, disposição, prazer em viver!

Por muitos anos, considerei-me privilegiada. Minha vida na casa de meus pais foi sempre boa, confortável. Eles procuraram para mim um bom casamento, com um homem carinhoso e sério que sempre me tratou bem. Era trabalhador e bom administrador, administrando nossos bens de maneira a nos dar tudo de que precisávamos.

Quando descobri que estava grávida pela primeira vez, foi aquela festa nas duas famílias, mas a alegria durou pouco. Logo depois de descobrir a novidade, perdi o bebê. A parteira veio me atender, como era costume. Depois de me examinar, ela me enrolou com faixas tão apertadas que eu quase nem conseguia respirar. Fiquei isolada com a minha dor, pensando no bebê que nunca conheceria a vida.

Depois que parei de sangrar, eu e meu marido apresentamos as ofertas de purificação e voltei para casa, esperando reatar minha vida normal de esposa. A princípio, meu marido se manteve mais calado, mais distante e isso doeu. De alguma forma, eu me sentia culpada, sentia que havia falhado para com ele por ter perdido o bebê. Quando nos sentávamos juntos após o jantar, eu às vezes o pegava olhando para mim com se eu fosse uma estranha.

Quando nosso relacionamento voltou ao normal, mal ousei esperar que fosse engravidar de novo, mas foi o que aconteceu. Desta vez, não alardeei a novidade, resolvida a ter algo bem concreto para anunciar antes de abrir a boca. Ainda bem. Mais uma vez, aquele fluxo morno no meio da noite anunciou que meus sonhos se desfaziam. O sangramento foi bem mais forte e a parteira me avisou que ficasse mais

tempo de repouso, enrolada naquelas faixas apertadas. Comecei a sentir dores por todo o corpo e uma sonolência que ajudava a passar o tempo mas não descansava, não restaurava.

Não vi meu marido a não ser de longe todos aqueles dias. Ele aparecia na porta do quarto, fazia um gesto com a mão e logo se afastava. Eu sabia porquê. Se me tocasse, estaria contaminado e teria de se purificar com um banho. Se tocasse algo que eu tivesse tocado, também se contaminaria e o ritual seria o mesmo.

Finalmente, fiquei limpa, ainda que fraca e indisposta. Quando ofereci os sacrifícios para purificação, quis acreditar que essa fase de minha vida havia ficado para trás. Aos poucos, voltei a cuidar da casa com a ajuda competente de minha serva. O que eu mais desejava, entretanto, era a companhia e o carinho de meu marido. Ele ainda se mostrava reservado. Quando nos sentávamos para conversar, raramente permitia que o assunto tocasse naquilo de que eu gostaria de falar: nossos sonhos de filhos, de um futuro para nossa família. Quando orávamos e suplicávamos diante de Deus que eles se tornassem uma realidade, eu me lembrava de Ana, mãe do profeta Samuel, e das lágrimas dolorosas que ela havia vertido antes de ser atendida. Lembrava-me também de que seu marido, Elcana, questionou a tristeza dela, sem entender porque seu amor não lhe bastava. Parece que algumas coisas os homens vêem de outra maneira. E isso era como uma parede erguida entre nós mesmo quando estávamos deitados juntos, nos tocando.

Foi uma sensação de medo e aflição que me envolveu quando descobri que estava grávida pela terceira vez. Apesar de todas as nossas preces em favor de uma família, cada momento daqueles primeiros dias foi uma tormenta. Fiz o máximo repouso que pude sem dar muito na vista da família. Nem meu marido percebeu minha condição. Ah, mas eu estava atenta cada minuto, agarrada à esperança de que, desta vez, haveria um filho nosso.

Comecei a perceber mudanças no meu corpo e vi que outras pessoas também notavam. Era um olhar mais atento, um sorriso rápido enquanto corriam os olhos sobre mim. Parecia que estávamos numa conspiração para desfrutar uma notícia alegre sem nunca mencioná-la. A cada manhã, eu erguia uma prece de gratidão a Deus pelo milagre da nova vida em mim. Eu me sentia bela e via com prazer os olhos de meu marido demorando-se sobre mim com um brilho novo, que me fazia aprumar e mover com nova dignidade. Eu era amada, eu era abençoada, eu era bela.

Engraçado como as coisas nunca acontecem da maneira como prevemos ou tememos. Todos aqueles pensamentos sombrios que me haviam dominado nos primeiros tempos da terceira gravidez foram se desvanecendo. Agora eu tinha a certeza de que tudo correria bem e que logo teríamos um bebezinho crescendo em nosso lar.

De repente, a fúria de Deus se abateu sobre nós, violenta, inesperada. Clamei ao Senhor na minha aflição, mas ele não me atendeu. Meu marido morreu enquanto trabalhava no campo. Um momento, ele estava em pé, arando a terra. No seguinte, estava caído, sendo arrastado pela junta de bois. O arado passou por cima do corpo dele. Pouco sobrou para enterrar. Eu não conseguia parar de chorar, embora todos os meus familiares se preocupassem com a minha condição e tentassem me consolar. E então o inevitável aconteceu e voltei a sangrar. Desta vez o bebê já estava grandinho.

Fizemos de tudo para segurá-lo, mas não deu. Vi sua forma nas mãos da parteira, que logo carregou para longe, embrulhado em panos. O sangue continuava a fluir abundantemente, apesar das faixas apertadas para comprimir meu abdome e deter a hemorragia. O sangue dominava a minha vida havia tanto tempo, e agora mais do que nunca. Sangue é vida, diz a Palavra do Senhor. Não para mim. Para mim, sangue é símbolo de morte, de dor, de separação, de sacrifício.

Nunca mais fui saudável. Aquela hemorragia continuou a me atormentar pelos próximos anos. Agora já são doze! Estou ficando velha de fato. Gastei todos os meus bens com os médicos, mas ninguém conseguiu me curar. Minha casa foi-se estragando com o passar do tempo e agora não a posso consertar. Estou vivendo quase na miséria. Tenho uma serva que não me abandonou e que ajuda a cuidar de mim. Continuo uma inútil. Não consigo fazer nada. Sinto esta eterna fraqueza, desde que acordo até à noite. Já perguntei a Deus porque ele não me leva de vez, já que não há nada para mim na vida aqui, mas ele nunca respondeu. Aliás, desisti de orar ao Senhor sobre essas coisas. Deus não pode ser questionado ou importunado com coisas tão corriqueiras da vida. Ele é todo-poderoso e governa tudo no mundo. Por que se importaria com os problemas do corpo de uma simples mulher?

Apesar de todos esses pensamentos, algo que ouvi ontem me tocou com uma nova esperança. Minha serva me falou de um homem chamado Jesus. Eu não queria ouvir nada a respeito dele, mas ela parecia tão entusiasmada que deixei-a falar. Ao que parece, ele tem feito muitos milagres, curado gente com todo tipo de enfermidade. Dizem que os cegos vêm, os coxos andam e até mortos ressuscitam. Dá para acreditar no que o povo diz?

Quero manter-me cética. Fecho o coração contra a esperança, que já me machucou tantas vezes antes. Ademais, não tenho mais dinheiro para pagar um médico desses.

Quando me deito à noite percebo que é tarde demais. A esperança já me fисgou de novo. Fico pensando que esse médico é diferente de todos os outros. Seu poder não é o dos remédios e processos esquisitos que já usei ao longo dos anos, mas o da sua própria palavra, de quem ele é. O que custa...?

A noite demora a passar. Com o raiar do dia vem a certeza de que, comigo, as coisas continuam as mesmas. Mais hemorragia, mais fraqueza, mais desesperança.

Minha serva entra. Seu rosto está brilhando. Tomando a minha mão, ela me puxa para que eu levante.

-- Quero ficar quieta aqui, Bila. Não me incomode.

-- Senhora, o médico Jesus está passando por aqui hoje. O chefe da sinagoga, Jairo, o chamou para curar sua filhinha, que está muito doente. Se até Jairo o procura....

Eu conhecia Jairo. Era um homem respeitado. Se ele achava que esse Jesus poderia curar sua filha, devia ter bons motivos para isso.

-- Além disso, senhora, o que perderá se nada acontecer?

Eu sei o que perderei. Todos sabem qual o mal de que sofro e ficam longe de mim. Ninguém quer se contaminar. Como poderei sair por aí no meio das pessoas? E quando encontrar o médico, como poderei aproximar-me dele?

De repente, sinto como se uma mão me compelissem a levantar e me colocar em

movimento. Quanta dúvida! Quanta hesitação! Era a minha condição física que me segurava ou eu havia ficado tanto tempo presa a ela por causa do medo, da insegurança, da confiança em que as coisas poderiam mudar? Eu iria descobrir!

Apronto-me e saio para a rua, coisa que não faço há muito tempo. Minhas pernas fraquejam e caminho trôpega e vacilante, apoiando-me a um pedaço de pau, usando as paredes das casas para me firmar. Dispensando a ajuda da minha serva, que queria por toda lei me acompanhar. Quero ir sozinha.

Sem saber ao certo que rumo tomar, olho para um lado e para outro. Lá adiante, no começo de uma ladeira, noto um ajuntamento de pessoas. Obrigando minhas pernas fracas a me levar até lá. Ao me aproximar, arquejante e quase sem fôlego, percebo que, no meio do grupo, há um homem a quem todos parecem querer se chegar. Para falar a verdade, ele está tão bem cercado que é quase impossível dar um passo. Não tenho como dar a volta para falar-lhe. Deve ser ele o médico Jesus.

Forço a passagem e algumas pessoas se voltam para me olhar. Quando me vêem, logo abrem caminho. Ninguém quer me tocar. Assim, consigo chegar até Jesus. Minhas forças estão no fim. Não consigo mais manter-me em pé. Caio de joelhos atrás de Jesus e agarro a orla de seu manto, a visão turvada pelas lágrimas que não consigo reprimir e que lavam minha alma e meu coração de toda a tristeza e desesperança acumuladas todos aqueles anos. Um arrepio vibrante me sacode da cabeça aos pés. Sinto na hora que estou curada. E não apenas curada mas com toda a minha energia restaurada.

Antes, porém, que possa esboçar o menor movimento, o médico Jesus pergunta em voz alta:

-- Quem me tocou?

Um homenzarrão que estava ao seu lado olha para ele com espanto.

-- Mestre, a multidão o aperta e o senhor pergunta quem o tocou?

Ai, que horror! Nunca pretendi me expor assim, diante de todas aquelas pessoas, mas parece que o homem faz questão de mostrar aos outros o que fiz, quem sou e por que vim.

Jesus insiste:

-- Alguém me tocou, sim. Senti que de mim saiu poder.

Então ele também sentiu. Como posso negar o que me fez?

Tremendo, aproximo-me dele, agora pela frente. Ajoelho-me a seus pés, os olhos baixos, a voz embargada. Sei que estou diante de um enviado de Deus. Seu poder me tocou e sei que nunca mais serei a mesma.

-- Senhor, há doze anos que sofro de uma hemorragia. Gastei tudo o que tinha com os médicos, mas nenhum me pôde curar. Quando já havia perdido as esperanças, ouvi falar no seu poder de cura e resolvi buscá-lo. Assim que toquei sua veste, fiquei sã. E quero louvar a Deus por isso.

A doçura em sua voz me faz erguer os olhos para ele. Uma bondade infinda transparece no seu rosto, um acolhimento totalmente gracioso, como se ele tivesse vindo até ali só para me curar, para me abençoar – eu, uma simples mulher doente e inútil.

-- Filha, sua fé a salvou. Vá em paz.

Ah, que palavras maravilhosas. A paz já enche meu coração de forma

sobrenatural, não há como negar. Um véu escuro que me cobrira todos aqueles anos foi erguido e atirado longe. A luz de uma nova vida ilumina meus olhos. Não quero deixá-lo, mas as pessoas continuam comprimindo-se ao redor dele, cada uma preocupada com seus próprios problemas. Tudo bem. Não quero tomar mais do tempo do médico Jesus. Sinto que seus olhos me acompanham ainda por algum tempo enquanto me afasto praticamente saltitando de alegria. Sou novamente uma pessoa comum, normal.

Agora terei de me apresentar ao templo e fazer os sacrifícios prescritos pela lei, mas, depois, posso voltar a viver como todas as outras pessoas.

Mas, espere um pouco! Será que posso mesmo? É o que quero? De forma alguma!

Todos aqueles anos perdidos! Há muito o que fazer. E, de alguma forma, sei exatamente o que é. Nem que seja com minhas próprias mãos, reconstruirei minha casa. Ela é grande e confortável. Posso usá-la como hospedaria. Há sempre necessidade de lugares assim em nossa cidade. Será bastante trabalho mas haverá ganho. E posso empregar outras mulheres sem recursos como eu para me ajudar. A idéia começa a me encher de ânimo e entusiasmo. Mas não paro por aí. Sempre quis ter uma família. Quero crianças crescendo perto de mim. Quero poder cuidar delas, dar-lhes todo o amor que ficou guardado aqueles anos no meu coração. Repartirei com elas a energia, as forças, o amor que foram derramados sobre mim.

Quando vejo, estou voando pela rua que subi com tanta dificuldade. E lá, na porta de casa, minha serva me recebe com as mãos elevadas ao céu e um brado de aleluia!



Três evangelistas narram a história desta mulher. Leia-a em Mateus 9:20-22, em Marcos 5:24-34 e em Lucas 8:43-48 e observe que o episódio ocorreu no meio de uma viagem de Jesus para atender ao pedido de um chefe religioso chamado Jairo, cuja filhinha se achava gravemente enferma.

As três passagens descrevem a condição da mulher com palavras específicas: ela sofria de uma hemorragia havia doze anos e nenhum médico conseguira minorar, quando mais curar, seu sofrimento.

A perda de sangue menstrual regular é um processo normal do corpo feminino. A rede macia de vasos sanguíneos que se formou para forrar o útero na expectativa de uma possível gravidez se desfaz e é eliminada ao fim do ciclo. Se houver a fertilização de um óvulo, o lugar onde ele será acolhido e fixado está pronto com tudo de que ele necessitará para viver e se desenvolver durante os próximos nove meses. Caso contrário, o que não será usado é eliminado e o ciclo começa de novo.

Essa característica da vida feminina é muitas vezes considerada um estorvo, um aborrecimento, uma maldição, mas nunca foi essa a intenção do nosso Criador. Ele criou um sistema perfeito e maravilhosamente complexo através do qual nos reproduzimos. Tanto o homem quanto a mulher são imprescindíveis para que isso

aconteça, mas a parte das mulheres nesse processo é mais íntima pois ele ocorre dentro do seu corpo. Isso faz parte do plano perfeito de Deus para suas criaturas.

Entretanto, depois que nos afastamos de Deus para viver à nossa maneira, as enfermidades e as dores passaram a fazer parte da nossa vida. O casal que Deus chamou para formar um povo para si, Abrão e Sarai, vivia um problema na área da formação da família. Eles não podiam ter filhos porque Sarai era estéril. O sistema físico feminino já falhava em sua parte mais fundamental. Cólicas menstruais, irregularidade, tumores, cistos além de uma infame série de doenças sexualmente transmissíveis vieram a fazer parte do dia a dia das mulheres.

No Antigo Testamento, o ciclo menstrual normal era protegido por uma lei que determinava que a mulher tinha de se isolar por sete dias durante a sua menstruação (Lv 15:19-24). Um cuidado muito grande com sua higiene era requerido. Se ela cumprisse todo aquele ritual passaria sete dias do mês descansando de suas atividades normais, banhando-se constantemente e se recuperando da perda de sangue. Embora fosse uma parte normal da vida da mulher, ela estava sendo constantemente lembrada de que seu corpo é mais frágil, mais complexo e que precisa ser cuidado de maneira especial. Por isso, uma lei que aos nossos ouvidos hoje pode parecer discriminatória e até cruel, se levarmos em consideração que o Deus que nos deu essa lei é bom e só quer o nosso bem, podemos ver que ela tencionava proteger a mulher naquele período de maior fragilidade.

Muitos dos males que afligem as mulheres de hoje decorrem de uma atitude insensata de desafio às limitações do nosso corpo. Não respeitamos nossas características, enfrentamos coisas que não fomos feitas para enfrentar e acabamos pagando um alto preço em termos de perigos sérios e todo tipo de problemas na área da nossa saúde. Mesmo com todos os recursos da medicina e da higiene de que dispomos hoje, a vida feminina ainda é mais complicada, mais cheia de variantes na área do bem-estar físico.

A mulher da nossa história certamente teve muito tempo para meditar sobre sua condição feminina. Com a contínua perda de sangue, devia sofrer de terrível anemia, o que significa que não teria energia para nada. Tudo que tocava ficava contaminado. Tudo que a tocava ficava contaminado. Os regulamentos que foram dados para protegê-la eram agora a sua prisão. Ela deve ter vivido todos aqueles anos como reclusa, tão afastada da vida normal de uma mulher quanto possível, excluída totalmente da sociedade. Pelo que sabemos da história narrada, ela foi de médico em médico durante aqueles doze anos em busca de cura. Gastou com eles todos os seus recursos sem que nada beneficiasse com os tratamentos recomendados.

Quando ouviu falar de Jesus, ela havia chegado ao fim de todos os seus recursos e provavelmente ao fim de suas esperanças. Sabia que não havia mais ninguém a quem pudesse recorrer. Muitas vezes temos de chegar ao fim de nossas próprias forças, de nossa capacidade de prover para nós mesmas o que desejamos para então nos voltarmos para Jesus em busca do que ele tem para nos dar.

A mulher creu no que ouviu a respeito de Jesus, creu que ele poderia curá-la mesmo sem um toque direto de sua parte. Ela entendeu o poder divino de Jesus pelo fato de pensar que, se apenas tocasse suas vestes, poderia ser curada. O evangelista Marcos registra o que ela pensava: “Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada”

(Mc 5:28). Sua fé tinha um fundamento sólido. Jesus havia curado muitas pessoas de todo tipo de enfermidade. A cura de males físicos e mentais foi uma parte importante do ministério de Jesus enquanto esteve entre nós. Ele tocava as pessoas com compaixão e poder, e elas saíam de sua presença curadas e completamente restauradas. E, como neste caso, nem mesmo tocou fisicamente a enferma. Sua presença produziu a cura que ela buscava.

A simples presença de Jesus cura porque ele já venceu todas as enfermidades por nós. Seu sangue é o sangue de um vencedor. Apreendi sobre as maravilhosas características do sangue e como elas se aplicam à obra de Jesus no livro “Imagem e Semelhança de Deus”, em que o conhecido autor Philip Yancey se coloca como a voz do Dr. Paul Brand, um médico pesquisador na área de restauração dos membros de vítimas da hanseníase, outra terrível moléstia que atormenta a vida das pessoas desde a antiguidade. O Dr. Brand explica que, antes de surgirem as vacinas que salvam a vida de tantas pessoas nos dias de hoje, a única possibilidade de cura para crianças atacadas por doenças de que nem ouvimos mais falar, como sarampo, era a aplicação do sangue de um vencedor, ou seja, do sangue de uma pessoa que já tivesse tido aquela moléstia e sarado. Seu sangue, sabemos agora, continha os anti-corpos necessários para lutar contra a doença enquanto o sangue da vítima não desenvolvia sua própria proteção contra o invasor.

Da mesma forma, o sangue de Jesus é a nossa proteção contra qualquer enfermidade do corpo ou da alma. Nele, somos mais do que vencedores (Rm 8:37). Ele já passou por tudo que possa nos tentar ou atormentar, e venceu. E essa vitória, nós a temos por meio do seu Espírito que habita em nós e nos capacita a enfrentar qualquer luta com o poder do sangue do Vencedor que pode nos assistir na hora da nossa necessidade, curando-nos conforme a sua santa vontade.

Jesus reconheceu a fé daquela mulher. Carinhosamente, chamou-a de filha e a devolveu às atividades de uma vida normal com a bênção da sua paz. A única coisa que Jesus lhe pediu foi uma declaração da sua fé. É claro que, se o Mestre sentiu que saiu poder de si, sabia a quem esse poder teria sido dirigido. Sua pergunta, entretanto, obrigou a mulher a se aproximar e confessar que o havia tocado propositalmente, e o motivo que tivera para fazê-lo. Ela veio atemorizada e tremendo. Ao confessar sua condição, poderia ser repelida não só por Jesus, mas por todos os presentes, que haviam de querer distanciar-se dela. No entanto, isso não a impediu de falar toda a verdade. E era o que Jesus desejava que ela fizesse. Ele diz: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 10:32).

Ela era uma simples mulher, vítima de hemorragia. Contudo, sua fé e seu testemunho ficaram registrados para nos inspirar e encorajar até o dia de hoje. Após seu encontro com Jesus, a mulher voltou para casa curada – curada da sua doença para uma nova vida.

Jesus é a nossa cura. Embora seja nossa a responsabilidade de cuidar de nossa saúde com exames médicos regulares e os tratamentos que eles recomendarem, o conhecimento de que Jesus é o nosso grande Médico nos dá paz e tranquilidade no meio de qualquer situação.

Quando até os vastos recursos da medicina de que dispomos hoje parecem

insuficientes para nos manter sãos, podemos descansar no poder de cura de Jesus e na sabedoria eterna de sua vontade para nós.

Capítulo Oito - A mulher curvada por enfermidade

Hoje não vou ficar em casa! Tenho de sair um pouco, nem que seja para atrapalhar a vida dos outros, ver seus olhares de pena e às vezes irritação quando me olham, uma mulher arcada, que só pode caminhar olhando para o chão e acaba esbarrando em uns e outros. Quando tento erguer a cabeça para ver os rostos das pessoas, minhas costas doem tanto que logo tenho de voltar à única posição que conheci ao longo de todos estes anos.

Nesta cidade onde moro, todos me conhecem desde menina. Fui uma garota doentia. Parece que sempre fiquei de lado, vendo outras crianças brincando, ajudando os pais, enquanto eu me via com tremores de febre, tiritando no fundo do leito, sem a menor disposição para nada. Nem inveja das outras crianças eu sentia. Não queria estar com elas. Sua energia me cansava antes mesmo de eu tentar sair da cama.

Mamãe me tratava com remédios caseiros e chás especiais. Quando podia, ela ficava ao meu lado, conversando comigo, alisando-me os cabelos, falando das coisas boas que eu teria “quando melhorasse”. Ela me dizia que Deus era meu Pai e que me amava e cuidaria de mim. A família sempre orava por minha recuperação e era o que eu pedia todas as noites antes de dormir. Eu ansiava pelos momentos que Mamãe passava ao meu lado, mas, com uma casa cheia de crianças para cuidar, esses momentos eram poucos e bem espaçados. Eu não me importava muito. Minha fraqueza era tal que o que mais desejava era ficar quieta no meu canto.

Nem sempre era assim, é claro. Havia dias em que me sentia melhor, quase normal. Nesses dias, eu tentava participar das horas em que a família estava reunida. Mesmo estando no meio dela, sentia-me de fora, isolada. E sem forças para mudar aquela situação.

Os anos foram passando e fiquei um pouco mais forte. As crises ainda vinham e era severas, mas eu aprendera a lidar com elas e simplesmente esperava passarem. E, no espaço de tempo entre elas, comecei a participar de algumas atividades da família. Eu tinha boa habilidade manual, e nas longas horas em que ficava na cama, sem poder fazer outra coisa, comecei a trabalhar com a agulha. Mamãe me ensinava pacientemente no pouco tempo de que dispunha, mas logo comecei a remendar todas as roupas dos meus irmãos. E olhe que eles estragavam o que usavam! Rasgos, cortes. Fui aprendendo a consertar tudo e a aplicar um remendo de tecido bom para reforçar o que já havia sido destruído.

Meu trabalho foi sendo cada vez mais necessário. Como durante as crises de febre eu não conseguia trabalhar, Mamãe tentou ensinar uma de minhas irmãs para me ajudar, mas quem tinha energia para ficar correndo lá fora não rendia muito ao ter de ficar parada costurando. No fim, a tarefa ficou para mim, para o que eu conseguisse fazer. Mamãe sempre dizia quanto eu a ajudava ao assumir essa tarefa. Assim, eu me sentia útil e aceita como parte integrante da família.

Dos consertos e remendos passei a me interessar pela costura em si e pelos bordados. Ficava horas curvada sobre tecidos e fios, desenvolvendo desenhos e cobrindo-os com fios de cores variadas. Estes eram caros e difíceis de encontrar e eu

sabia que meu pai tinha de se esforçar bastante para comprá-los para mim. A recompensa, entretanto, começou a chegar. Pessoas ricas nos procuravam para encomendar trabalhos e minhas habilidades começaram a nos trazer uma renda. E eu estava fazendo o que mais gostava de fazer e me sentindo muito bem com relação a tudo na minha vida. Parecia que, apesar das dificuldades que havia enfrentado, eu podia olhar com esperança e alegria para o futuro.

Entretanto, justamente quando eu me sentia alegre e esperançosa, as coisas começaram a mudar para mim. Lembro-me tão bem da primeira vez em que tentei endireitar o corpo e não consegui. Como eu vivia curvada em cima dos panos e das linhas, achei natural a dor que senti e me condenei por ficar tantas horas na mesma posição. Massageei as costas, estiquei o pescoço para cá e para lá, esfreguei o peito forçando-o para trás. Nada. Apesar de tudo, meu corpo permaneceu como estava, torto e dolorido. Com um senso de grande apreensão no coração, fui deitar, achando que o descanso da noite desfaria os estragos do dia.

Não consegui me acomodar em uma posição confortável a noite toda e os pensamentos mais aflitivos me torturaram como bofetadas a cada momento em que eu permanecia acordada. “Ah, pensou que agora tudo iria bem para você, não é? Pensou que Deus estava cuidando de você? Olhe só. Não se pode mesmo confiar nele. Uma hora está agradando você, logo em seguida lhe dá uma bofetada. Por que esse problema agora? Você já não sofreu o suficiente todos estes anos?”

Eram meus esses pensamentos? Eles tocavam algo no fundo do meu coração, algo que eu já não podia ignorar – um sentimento de injustiça da parte de Deus. Por que ele fizera todos os meus irmãos sadios e só eu doente? Eu não queria ser doente. Por que fui a escolhida? Ele precisava que alguém fosse doente? Se tinha todo o poder no céu e na terra, por que não me curava, quando eu e minha família havíamos pedido tantas vezes?

Muitas vezes, quando eu começava a pensar nessas coisas, ficava com medo, medo que Deus me castigasse por pensar assim dele. Era melhor ignorar. Ele era Deus, e eu, apenas uma de suas criaturas. Sabia que não tinha o direito de questioná-lo, mas era difícil sufocar as perguntas que brotavam em meu coração.

Durante a noite, dúvidas e desconforto. Durante o dia, dores e desconforto. O problema só se agravou.

A cada dia, mais sólida se tornava a minha corcunda, mais obrigada eu era a olhar apenas para baixo. Eu já não era muito alta. Agora, então, parecia estar olhando sempre para a cintura das pessoas. Comecei a fugir de todo contato com gente. Preferia ficar oculta no meu canto de trabalho a sair pelas ruas na minha condição. Sei que as pessoas me olham com pena, desviando-se de mim por verem que não enxergo onde estou indo e acabo esbarrando nelas. Algumas passam ao largo, com medo que seja algo contagioso, atravessando supersticiosamente a rua quando me vêem. Com isso, fui ficando cada vez mais enterrada dentro de casa. Deixei até de ir à sinagoga. Deus não parece interessado em falar comigo. Então, vou ficar quieta no meu canto. É o que tenho feito nestes dezoito anos de enfermidade.

Hoje é o dia do Sábado. Minha família com certeza irá à sinagoga. Quanto a mim, nem penso nisso. Entretanto, algo parece me chamar para fora. O céu está tão límpido, tão azul. Uma brisa fresca agita as folhas das palmeiras defronte da nossa

casa. Ouço o seu sussurrar mesmo antes de abrir a pequena janela do meu canto. O trinado de um pássaro parece dizer que está tudo bem no mundo. Lá fora, talvez! Mas, aqui, dentro do quarto, nada mudou. Nada! Minhas costas doem além da conta hoje. Não há posição confortável para mim. Só o movimento alivia um pouco a sensação ruim. Às vezes, ficar quieta na mesma posição é intolerável.

Vou sair um pouco, mas quero ir sozinha, depois que a família se for. Ninguém precisa ser visto ao meu lado. Cubro a cabeça com um xale para esconder o rosto e, com os passinhos miúdos que consigo dar sem perder o equilíbrio, dirijo-me à rua. Sem uma decisão consciente, meus passos me levam à sinagoga. O que vim fazer aqui? Percebo que me aproximo de um grupo de pessoas num dos cantos do pátio. Ouço vozes. Uma delas, calma, paciente e bem modulada parece a voz de um mestre, ensinando alguma lição aos seus ouvintes. Alguma coisa nessa voz toca meu coração antes mesmo de eu conseguir distinguir o que está sendo dito.

Aproximo-me do grupo, esforçando-me para não esbarrar em ninguém e chamar a atenção sobre a minha condição.

A voz se eleva e ouço perfeitamente o que diz:

-- Senhora, está livre de sua enfermidade.

Um sussurro espantado se ergue ao meu redor. Eu mesma não consigo entender o que acontece, mas percebo pelo canto dos olhos que uma sombra se projeta sobre mim, como se alguém me tivesse imposto as mãos. No mesmo instante, uma sensação incrível de calor e bem estar passa por meu corpo. Parece até que ouço um estalo. Todo o desconforto se vai, bem como qualquer tipo de dor. Quando percebo, estou olhando diretamente o rosto de um homem magro e queimado de sol que me fita atento. Seus olhos brilham, como que iluminados por uma chama viva de amor. Sua compaixão me cobre da cabeça aos pés como um óleo precioso.

Curada! De repente, a sensação de bem-estar que me invadiu começa a se tornar palpável, real, uma fonte de alegria borbulhando dentro de mim. Como aquele passarinho, quero cantar que está tudo bem no mundo, tudo bem comigo. Quero cantar louvores e glória ao Deus que me curou e libertou! Quero cair aos pés daquele que me abençoou e adorá-lo, pois estou certa de que ele é Deus entre nós.

Enquanto hesito ali, uma discussão se trava entre o homem que me curou e os religiosos, que passam a censurá-lo por me haver curado no dia do Sábado. Ele, porém, os acusa de pensarem mais nos seus animais, aos quais jamais deixariam de dar de beber no sábado, do que numa, como ele disse, “filha de Abraão” a quem Satanás trazia presa havia dezoito anos.

Agora, sim, ergo minha cabeça bem alto. Sou filha de Abraão! Sou parte do povo escolhido por Deus para abençoar as outras nações da terra. Como meus antepassados, vivi muitos anos escravizada pelo inimigo, mas estou livre para caminhar rumo à terra prometida. Jesus me libertou.



Mais uma vez, o evangelista Lucas é o único a narrar este episódio. Ele parecia

ter um interesse especial no ministério de Jesus junto às mulheres. Abra sua Bíblia em Lucas 13:10-17 e leia sobre o que aconteceu, a reação dos presentes, mais preocupados com leis e regulamentos do que com uma pessoa necessitada e o que Jesus ensinou a respeito da importância da cura de cada pessoa.

Se voltar um pouco atrás no texto e for um pouco adiante, notará que o evento está inserido no meio de ensinamentos importantes de Jesus sobre o reino de Deus. Ele se dirigira à sinagoga e ali ensinava quem estivesse disposto a ouvir.

A mulher da nossa história compareceu à sinagoga aquele sábado. Não se aproximou de Jesus, não pediu que fosse curada. Foi o Mestre quem a buscou, quem a viu no meio da multidão e se compadeceu dela, oferecendo-lhe o que talvez ela já tivesse perdido a esperança de um dia obter.

É assim que ele olha para nós também. Podemos estar levando nossas vidas no nível da mera sobrevivência, sem poder, sem esperança, sem a plenitude da energia e do vigor que vêm da saúde perfeita. Ele, entretanto, sabe para que tipo de vida nos criou. Sabe que, enquanto vivermos escravizadas por enfermidades, medos, limitações auto-impostas estamos deixando de dar a Deus a glória que fomos feitas para refletir como pessoas feitas à sua imagem.

Há duas coisas que notamos nesse encontro entre Jesus e a mulher curvada pela enfermidade. A primeira é que a mulher era parte integrante do povo de Deus. Não estamos tratando aqui de uma descrente. Jesus afirmou claramente que ela era “filha de Abraão”, dando-lhe uma posição de igualdade e dignidade ao lado dos orgulhosos “filhos de Abraão”. Ela era herdeira de todas as promessas de Deus para seu povo. Tinha muito pelo que viver, muito que oferecer, mas estava presa a um corpo disforme que a tolhia e limitava o que ela podia fazer.

Jesus explicou claramente que a enfermidade era obra de Satanás na vida daquela filha de Abraão. “Por que motivo não se devia livrar deste cativeiro, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?” (vs.16).

Filha de Abraão, presa por Satanás. E por bom tempo.

A própria atitude da mulher mostra que ela já se havia resignado à vida limitada que vinha levando todos aqueles anos. Outras mulheres, como vimos, buscaram a Jesus insistentemente para serem curadas ou alcançarem cura para entes queridos, mas esta, não. Viviam como podia, por seus próprios recursos. E ninguém louvava a Deus por sua vida. Ao contrário, era uma vida digna de pena.

Essa é a estratégia de Satanás na vida dos filhos de Deus. Ele, que é ladrão e mentiroso, tem suas limitações. Não pode nos roubar a posição de filhos de Deus. Jesus deixa isso bem claro! “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10:27-28). Ninguém. Nem mesmo as forças do mal, comandadas pelo diabo.

Entretanto, enquanto for o príncipe deste mundo, Satanás tentará nos enganar para nos roubar a alegria e o poder da vida abundante que Jesus quer nos dar. Ele nos ataca com suas mentiras. Se lhe dermos crédito e duvidarmos da Verdade que temos em Jesus, estaremos abrindo uma brecha para ele (Ef 4:27) em nossas vidas. Ele então usará essa posição estratégica para apagar em nós o brilho da glória de Deus

que deveria revelar sua bondade e eterna sabedoria.

Aquela mulher viveu dezoito anos acreditando na mentira de Satanás de que sua enfermidade determinava quem era. Se não fosse assim, Jesus não teria dito que Satanás a mantivera presa todo aquele tempo. Era muito mais do que uma prisão física. Sua alma estava presa, cerceada, impedida de viver em abundância. Com a sua aquiescência, Satanás estava fazendo festa em sua vida. E não precisava ser assim.

Em nossos dias temos um exemplo de uma alma livre e radiante presa em um corpo que perdeu praticamente todos os movimentos. Uma juvenzinha de dezessete anos foi dar um mergulho no mar, perto da praia. Era um dia claro e quente. Ela estava cercada de outros jovens, parentes e amigos. Nada podia dar errado, mas deu. O local era mais raso do que o grupo supunha e ela bateu com a cabeça no fundo ao mergulhar. No mesmo instante ficou paralisada dos ombros para baixo, perdendo quase todos os movimentos dos quatro membros.

A recuperação foi brutal, tanto nos tratamentos físicos quanto na visão da nova realidade do que seria sua vida dali por diante. Aquela jovem parecia irremediavelmente perdida, presa agora ao leito, à cadeira de rodas, aos cuidados de pessoas ao seu redor dos quais dependia constantemente a sua sobrevivência. Ela pediu muitas vezes que Deus lhe desse o milagre da cura total. Queria viver a vida com que sonhara, fazendo as coisas que amava. Lembro-me bem de como fiquei impressionada com uma das coisas de que ela sentia falta – a sensação suave e macia de vestir um par de calças *jeans* bem velhinho, muito lavado. Na próxima vez em que me enfiei num par de calças velhas, macias, lembrei-me dela e senti a sua perda.

Seu nome é Joni Eareckson Tada. Ela não foi curada fisicamente, mas sua alma foi. Ela pôde desenvolver todos os seus dons e sua vida dá glória ao Deus que a libertou das limitações físicas e lhe abriu as portas da alma. É escritora, pintora, tem um ministério de ajuda a pessoas com deficiências físicas, casou-se e vive plena e abundantemente. As mentiras de Satanás, que procuravam mantê-la acorrentada às limitações do seu corpo físico foram confrontadas com a verdade de quem Deus a fez para ser e a verdade a libertou para viver com poder e dar glória a Deus.

Fomos feitas para refletir a glória de Deus através de quem somos e de como vivemos. É assim que os descrentes aprenderão a respeito de quem Deus é. Quando Moisés desceu do monte Sinai, após passar 40 dias diante de Deus, teve de cobrir o rosto com um véu pois o brilho que dele emanava cegava as pessoas. Quando vivemos em intimidade com Deus, diante de sua face, o seu brilho se reflete em nós e as pessoas podem vê-lo de forma palpável, concreta, real. Qualquer coisa menos que isso significa que estamos falhando em nossa principal missão nesta vida.

A primeira coisa que a mulher curada fez foi dar glória a Deus, atribuindo acertadamente a ele o poder que operou nela a restauração, não apenas do seu físico, mas, agora, certamente, de toda a sua pessoa para ser tudo o que Deus a fizera para ser. O povo viu o milagre e “se alegrava por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava” (vs 17). Naquele momento, Deus foi glorificado no corpo e no coração daquela filha de Abraão.

Capítulo Nove - A mulher siro-fenícia

Desabei sobre a almofada meio rasgada atirada contra a coluna central da sala e me recostei contra a pedra fria. Era um daqueles momentos raros de tranquilidade no dia quando minha filha, exausta por causa dos ataques que sofria, tirava uma soneca estendida na esteira que lhe servia de cama.

Fitei seu rosto meio arroxado pelo cansaço e pelo calor, tentada a passar um pano úmido para refrescá-lo, mas hesitando com medo de acordá-la. Era um rosto bonito apesar de tudo, de traços finos e regulares. Seu corpo estava numa posição meio retorcida e as pernas e braços se mexiam espasmodicamente mesmo durante o sono que a havia dominado.

Ouvi os passos leves de meu marido que se aproximava. Com o dedo sobre os lábios, indiquei que deveria fazer silêncio. Ele já sabia o que isso significava, e entrou na ponta dos pés. Passando por mim, beijou-me a testa e se dirigiu ao nosso quarto, onde ficou um bom tempo. O que estaria fazendo lá?

Ele nunca lidou muito bem com os ataques de nossa filha. Fora uma menina tão linda, a alegria do pai. Quando a doença a atacou, ele foi-se retraindo. Ela não era mais a sua menininha, a sua filhinha. Era uma estranha naquele corpo querido. Por isso ele ficava fora de casa tanto tempo. Eu sabia o que ele estava sofrendo, mas nada havia que pudesse fazer para amenizar a sua dor. A minha já era sufocante e eu não tinha para onde fugir.

Somos cananeus, da região siro-fenícia. Desde tempos remotos, temos uma religião que pouco consolo nos oferece. Mesmo com os mais variados sacrifícios aos nossos deuses, estamos sempre enfrentando enormes dificuldades. Não nos damos com nossos vizinhos judeus, e essa é uma rixa antiga. Entretanto, sempre me senti atraída por sua religião. Eles dizem que só existe um Deus, Jeová, criador dos céus e da terra, e que esse Deus ouve suas preces e os ama como um Pai. Imagine só se isso é possível! Tento ridicularizar essa idéia mas, de alguma forma, ela encontra abrigo em meu coração e fica ali como um anseio que nada nem ninguém pode satisfazer. E tudo isso mesmo antes de nossas maiores dificuldades terem começado.

Meu marido é um bom homem e sempre fui feliz no casamento. Não somos ricos mas temos com que viver confortavelmente. Nossa casa é bem mobiliada e enfeitada. Ou, pelo menos, era assim no início. Mesmo depois do nascimento de nosso primeiro filho, as coisas continuaram pacíficas e agradáveis. A nossa felicidade se completou com a chegada de uma garotinha. Desde o princípio, foi o xodó do Papai. Era uma criatura alegre, brincalhona, que o esperava quando ele chegava em casa para se jogar em seus braços e se agarrar ao seu pescoço. Meu marido se transformava perto dela. Perdia aquele ar sério e se envolvia com a menina, dançando com ela pela sala, fazendo quase todas as suas vontades. Com o filho ele também brincava, mas era mais um instrutor do que um companheiro de folguedos.

Como foram felizes aqueles anos! Nunca poderíamos prever que, quando chegou perto dos cinco anos, nossa menina começasse a mudar. A princípio, pareciam apenas mudanças de humor. Ele ficava rígida, gritava, puxava os próprios

cabelos e caía rolando no chão. Daí por diante, as coisas só foram piorando. Quando caía, ela começava a estrebuchar, espumando pela boca. Acabava se machucando e eu tinha de ficar muito atenta. Parece dominada por uma força maligna que a leva a destruir tudo em que põe as mãos. Quando tento reprimi-la, ela luta com tamanha força que muitas vezes acaba me jogando no chão. Seus ataques trouxeram caos para nossa casa, para nossa vida. Há momentos de calma, mas nunca dá para saber quanto durarão. Não desgrudo dela um só minuto. A casa agora apresenta aquele aspecto de destruição – almofadas rasgadas, vasos rachados ou quebrados. Quando vem um ataque, a primeira coisa que lhe cair às mãos ficará totalmente destruída.

Apesar de tudo, essa não é a parte mais dolorosa, mais apavorante. Pior de tudo é a expressão naquele rostinho outrora tão doce. Agora ele expressa uma fúria incontida. E essa fúria parece dirigida primeiro contra nós e tudo que amamos, num acesso de destruição. Uma força sobrenatural a domina e nada há que possamos fazer. Já oferecemos sacrifícios aos nossos deuses sem o menor resultado. Estou no fim das minhas forças. Não durmo nem de dia nem de noite pois nunca sei quando um ataque virá. Quando ela dorme por alguns momentos como agora, estou cansada e nervosa demais para descansar.

Além disso, há a tensão com meu marido, que não consegue aceitar o que está acontecendo e fica cada vez mais tempo longe de casa. Meu filho, quase nem vejo. Ele se transformou num rapazinho triste e esquivo. Não conversa, não procura a nossa companhia. Nossa casa virou uma espécie de túmulo – dor, silêncio, sombras, desespero.

Uma serva que está conosco há muito tempo entra na ponta dos pés e me chama com um sinal. Não quero me levantar dali mas resolvo ir ver o que ela quer. Saímos para fora e ela me diz:

-- Senhora, ouvi dizer que há um judeu passando por aqui perto. Dizem que ele tem curado muitas pessoas de todos os tipos de doença...

Meu coração dá um salto dentro de mim. Parece uma resposta a todos os meus anseios!

-- Um judeu? Onde está ele?

-- Não sei ao certo, senhora. Ele está apenas passando por nossa região.

-- Vou atrás dele. Fique aqui e, se a menina acordar, cuide dela até eu voltar.

Vejo em sua expressão o medo de ficar sozinha com minha filha, mas não tenho outra opção. Preciso sair atrás do judeu e pedir-lhe socorro.

Enrolo-me num xale, ajeito os cabelos meio despencados e refaço a trança rapidamente. Saio sem saber ao certo para que lado me dirigir. Nem me lembro de pedir a meu marido que me acompanhe. Todos os meus pensamentos se concentram no homem que pode curar minha filhinha.

Logo adiante na rua, vejo um aglomerado de pessoas. Alguma coisa fora do normal está acontecendo e é para lá que vou. Se o ajuntamento não for por causa de quem procuro, com certeza alguém poderá me dizer onde encontrá-lo.

Deve ser ele quem está no meio do grupo, pelo modo como as pessoas que o cercam procuram chamar sua atenção. Vai ser difícil falar-lhe diretamente. Vejo que terei de gritar mesmo de longe e clamar por misericórdia. Se ele tem poder para curar, só pode ser um enviado do seu Deus. Só pode ser aquele que os judeus chamam de

Filho de Davi. É assim que o chamarei também.

Sou uma mulher tímida, sempre fechada dentro de casa. Preciso apelar para todas as minhas forças para me expor assim diante de estranhos, mas o amor por minha filha me obriga a fazer qualquer coisa que possa ajudá-la a ficar boa novamente.

-- Senhor, Filho de Davi, tenha compaixão de mim! Minha filha está horivelmente endemoninhada!

Algumas cabeças se voltam na minha direção, curiosas, irritadas. Da parte dele, silêncio. Se me ouviu, me ignorou. Ah, eu sei! Por que se importaria comigo? Sou uma mulher, de raça inimiga da sua. Sei que os judeus não falam com as mulheres em público. O bando que o cerca parece aborrecido com a minha presença e se volta para ele, pedindo-lhe que me despeça para que não os incomode mais. Ele me olha mas é a eles que se dirige.

-- Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.

Ah, sim, entendo. Eu, uma gentia, estou do lado de fora. Não foi para pessoas como eu que ele veio da parte do seu Deus. Mas, então, está tudo perdido? Meu coração não consegue aceitar isso. Mesmo que seja para apelar da forma mais humilhante, não posso deixar a oportunidade passar. O que ele tem para oferecer às ovelhas perdidas da casa de Israel, quero para mim, de todo o coração.

Esgueirando-me por entre os homens que o cercam, chego diante dele e me ajoelho como diante de um rei.

-- Senhor, ajude-me!

Ele me fita com uma expressão serena mas firme.

-- Não é bom tomar o pão dos filhos e dá-lo aos cachorrinhos.

Claro. Não tenho nenhuma legitimidade, nenhuma parte na herança do povo judeu. Embora sempre tivesse me sentido atraída pelo ensinamento do Deus Jeová, nunca o aceitei como meu Deus. E agora estou pedindo que ele me acuda, que tenha misericórdia de mim. Com que direito? Estou a ponto de me voltar para partir quando me ocorre uma resposta ao que o homem falou.

-- Sim, Senhor, mas os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Uma migalha. Isso me basta.

Agora estou fitando diretamente os olhos do Mestre. Não me lembro de quem eu sou, da indignidade da minha posição diante dele – só da minha dor e da minha esperança nele. E a compaixão que neles vejo me cobre da cabeça aos pés como uma unção de óleo perfumado.

-- Oh, senhora, como é grande a sua fé! Seu pedido já foi atendido!

Um grande nó na garganta me impede de expressar minha gratidão, mas ele parece entender tudo o que meu olhar quer transmitir. Inclino-me mais uma vez diante dele e volto-me para partir, mas, compelida por um desejo irresistível, fito seu rosto mais uma vez e mais uma vez sinto o poder de um amor como nunca conheci inundando todo o meu ser. Uma sensação esfuziante de alegria me domina. Meus pés voam, levando-me para casa numa carreira desabalada. As pessoas me olham, achando que agora eu também estou louca, possessa.

Diante de casa, hesito. Minha fé vacila. E se estiver tudo como antes? A lembrança do olhar e da afirmação do Mestre volta-me clara e forte. Não, ele jamais

diria uma coisa que não fosse verdade.

Abro a porta e entro. Minha filha continua deitada na esteira – calma, ressonando tranqüilamente. O rostinho perdeu aquela expressão torturada, afogueada. Acenando para a minha serva que se vá, sento-me sobre a almofada, disposta a aguardar o momento em que ela acorde, mas parece que será um sono longo e profundo.

Vou procurar meu marido. Entrando no nosso quarto, encontro-o ajoelhado ao lado do leito, as lágrimas escorrendo pelo rosto, um incrível sofrimento esculpindo sua face em rugas precoces.

Tomando suas mãos nas minhas, conto-lhe o que fiz. A princípio, ele se zanga com a idéia de eu ter-me exposto daquela forma, e diante de um judeu.

-- Você fez o quê? Perdeu o juízo, mulher?

-- Não. Fiz a única coisa que ainda não havíamos feito. Apelei para um Deus que é maior do que qualquer um dos nossos deuses. Sempre achei que era a esse Deus que deveríamos adorar. Sei que ele é justo e reto, o criador de todas as coisas, que se importa com os nossos problemas, os nossos sofrimentos.

-- Ah, e de onde você tirou todas essas idéias? Com certeza, não foram os nossos sacerdotes que lhe ensinaram isso!

-- Não. O que eles ensinam é muito diferente, mas nunca consegui acreditar de fato. São coisas que não ressoam como verdade no meu coração. Já o que eu ouvia falar do Deus dos judeus me enchia de esperança, de confiança. Nunca achei que um dia teria de recorrer a ele. Quando tudo o mais que fizemos falhou, não tive escolha. Vi que ou era ele ou não haveria ninguém mais. E sei que o homem que procurei hoje é enviado por ele. E ele me disse que nossa filha já está curada. É uma prova simples, não é? Venha comigo. Vamos esperar que ela acorde e ver o que aconteceu.

Relutante, ele me acompanha até a sala. A menina ainda dorme a sono solto. Resolvo correr o risco de acordá-la. Não suporto mais a espera. Além disso, ela precisa se alimentar. Faz dias que não come quase nada.

Ajoelho-me ao lado dela na esteira e começo a passar a mão de leve sobre seus cabelos, seu rosto. Ela se mexe, mas não acorda. Passo o braço sob os ombros dela e aconchego-a contra mim. Vejo que seus olhos se entreabrem e um sorriso se esboça em seus lábios. Não há o menor sinal do terror que tanto tempo dominou sua expressão.

Não me contenho mais. Levanto-me com minha filha nos braços e beijo-a, beijo-a, beijo-a. Ergo-a no alto e a coloco nos braços do pai, cujo olhar maravilhado não deixou o rosto da filha todo esse tempo. Ela se agarra ao pescoço dele e começa a soluçar baixinho. A essa altura, o choro dela mistura-se ao nosso. Meu filho aparece à porta, espantado com a cena. Chamo-o para junto de nós e formamos um círculo em torno do objeto daquele milagre.

Não consigo me conter.

-- Louvado seja o enviado do Deus dos judeus. Senhor, Filho de Davi, receba toda a nossa gratidão. De agora em diante, o Senhor é o nosso Deus. Viveremos para servi-lo e adorá-lo.



A história desta mulher é narrada em dois evangelhos. Abra sua Bíblia em Mateus 15:21-28 e depois em Marcos 7:24-30 para ler as duas narrativas.

Elas nos contam a luta de uma mãe para salvar a filha de horrível possessão demoníaca. A própria mãe reconheceu serem os demônios a fonte do mal da filha. Embora não seja apresentada uma descrição mais completa da situação que aquela mulher vivia, fica claro o seu desespero ao enfrentar todo tipo de oposição para buscar alívio. O sofrimento da filhinha era um espinho terrível no coração da mãe. É muito provável que não tenha sido esta a primeira vez em que ela se dispôs a procurar uma cura para a menina, talvez entre os curandeiros e sacerdotes de sua própria religião. E, a cada tentativa frustrada, seu desespero só podia ir aumentando.

Somente quem tem de conviver diariamente com a enfermidade de alguém dentro de casa pode avaliar o que aquela mulher sofria. No caso, entretanto, era bem pior do que muitas doenças, pois o ataque foi contra a alma daquela menina, atingindo assim todas as áreas de sua vida.

As enfermidades que atormentam a humanidade desde a entrada do pecado podem atacar o corpo ou a alma, mas como somos feitos para viver em perfeita harmonia nessas duas áreas, o que prejudica uma afeta a outra. Úlceras, pressão alta, dores de cabeça, tensão, males da coluna, dores musculares podem resultar de problemas psicológicos, de estados emocionais doentios.

Quando os seres humanos se voltaram contra Deus, encontraram-se em uma situação na qual nunca poderiam viver saudavelmente pois lhes faltava o elemento básico para o qual haviam sido feitos – o de estarem dentro dos propósitos grandiosos e perfeitos de seu Criador. Preferiram seguir seu próprio caminho, e descobriram que era um caminho coberto de cardos e abrolhos, de sofrimentos físicos e emocionais, de separação entre as pessoas que deveriam viver em perfeita união física, emocional e espiritual.

Logo os homens se afastaram totalmente dos caminhos de Deus, criando outros deuses a quem adorar, inventando maneiras de agradá-los que eram totalmente repugnantes à pureza e ao amor perfeito do Criador. Deus escolheu um povo ao qual ensinaria a respeito de si mesmo para que pudesse levar a bênção desse conhecimento a todos os povos da terra e chamá-los de volta para si.

O diabo, que seduziu os seres humanos a desobedecerem ao Criador, não se inibe em usar seus exércitos para continuar a desviar as pessoas de Deus. Conhecendo a sede do coração humano por pureza e bondade, cegam-no para a única e verdadeira fonte de satisfação. Agora, os seres humanos procuram saciar sua sede com falsos deuses, criados por eles mesmos. A Palavra de Deus mostra sua insensatez em criar ídolos feitos da mesma madeira usada para cozer alimentos e depois adorá-los como se tivessem poder para lhes dar o que queriam. Seguindo e adorando esses ídolos, a raça humana foi-se afastando cada vez mais de Deus.

Os cananeus, a cuja raça a mulher desta história pertencia, eram conhecidos pelos costumes bárbaros de sua religião. Seus templos eram centros de prostituição e de sacrifício de crianças e o culto a seus deuses incluía toda sorte de rituais depravados e violentos. Apesar de criada nessa religião, esta mãe não sentia que ela

lhe aplacava a sede da alma. Com a mesma fé de outra cananéia do Antigo Testamento, a prostituta Raabe, que se uniu ao povo de Deus e acabou fazendo parte da linhagem do próprio Senhor Jesus, esta mulher buscou a Jesus, pedindo compaixão e socorro. Ela devia conhecer um pouco do que a religião dos judeus ensinava, pois ao se dirigir a Jesus, deu-lhe o título legítimo de Filho de Davi. Em seguida, humilhou-se perante ele e todos os que o cercavam, prostrando-se a seus pés e adorando-o. Sua determinação diante da aparente recusa de Jesus em atender ao seu pedido mostra mais do que o seu amor de mãe. Foi sua fé que Jesus elogiou e recompensou.

Ela ouviu, creu, confessou e pediu socorro, reconhecendo sua total impossibilidade de fazer qualquer coisa por si mesma.

A princípio, a atitude de Jesus nos parece um tanto incompreensível. Ele, sempre tão pronto a atender a alguma necessidade antes mesmo que um pedido lhe fosse feito, como no caso do filho da viúva de Naim, agora parece indiferente e até brusco com o pedido dessa mãe. Com certeza, não era de uma prova de fé dela que ele precisava, pois conhece os corações das pessoas. Sabia, entretanto, que aquela mãe precisava percorrer o caminho da fé, e cada afirmação que ela fez foi um passo maior do que o anterior, até chegar à posição em que pôde confiar inteiramente no Único que poderia salvar sua filha.

Quais são os passos que, como aquela mulher, precisamos dar para nossa fé crescer?

Ela investigou. Quando se aproximou de Jesus, ela sabia com quem falava. Deve ter buscado, investigado não só o que era mais conhecido a respeito dele, mas nas palavras dos profetas e mestres. Sabia o que ele havia feito, os milagres, as curas e os tomou como cumprimento do que aprendera a respeito do Filho de Davi que viria ao mundo para reinar eternamente. Não foi apenas uma busca aleatória por qualquer coisa que satisfizesse às suas necessidades mais imediatas. Ela buscou, investigou e aprendeu algumas verdades fundamentais que serviram de base para a sua fé.

Fé não é algo místico. É conhecimento sólido de verdades muitas vezes invisíveis. E quando essas verdades invisíveis se comprovam de formas visíveis, palpáveis, passam a fazer parte das certezas sólidas sobre as quais podemos caminhar no meio de todas as dificuldades que nos assaltam aqui.

Fé não é pensamento positivo. Ela depende, não de nós, de quem somos, do que somos capazes, mas de quanto conhecemos daquilo ou daquele em quem cremos. A nossa fé depende de quanto conhecemos do Deus em quem dizemos crer. Quanto mais o conhecemos, maior é a nossa fé. Quanto mais caminhamos com ele, aprendendo a beleza e a maravilha dos seus propósitos, dos seus preceitos e mandamentos, maior se torna a nossa confiança naquilo que ele nos diz e nos pede para fazer.

Ela creu. Aquela mulher estava dando os seus primeiros passos na caminhada da fé. Ouvira e agora cria que Jesus era a única solução para o seu sofrimento. A aparente recusa de Jesus em atender o seu pedido por ela não ser judia lhe pareceu razoável. Ela conhecia as tradições de seus povos e sabia que não tinha o menor direito de apelar para o Deus dos judeus. Apesar disso, insistiu e argumentou com

Jesus, implorando seu favor mesmo reconhecendo que nada merecia, concordando com ele quando a comparou aos animaizinhos que vivem das sobras da mesa dos donos da casa.

Esta é outra fase do desenvolvimento da nossa fé. Como já vimos antes, a fé não é um salto no escuro, uma negação do nosso intelecto. O próprio Deus nos convida a arrazoarmos com ele quando tivermos alguma dúvida. “Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor” (Is 1:18). Você pode argumentar com o Senhor. O nosso intelecto ínfimo nem sempre alcançará o raciocínio do Criador de todas as coisas. Muito do que desejamos saber continuará um segredo para nós até a eternidade, parte dos mistérios de Deus. Entretanto, o que precisamos saber, ele nos revela claramente, com palavras simples, que qualquer pessoa consegue entender. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29:29). O que precisamos saber para cumprir já foi revelado e continuará sendo revelado em nossos corações através dos ensinamentos do Espírito Santo.

Pode perguntar. Pode questionar. Pode argumentar.

Se buscarmos a Deus com sinceridade de coração, ele nos responderá e ensinará, como Jesus fez com aquela mulher. Ele tem prazer em se revelar a nós, em nos atrair para si pela beleza do seu amor e da sua perfeição.

Ela confessou. Reconhecendo que nada merecia, aquela mulher se colocou na total dependência do amor de Deus por ela. E falou isso claramente diante de todos aqueles que ali se encontravam. Expôs toda a sua necessidade e confessou que Jesus tinha toda razão de rejeitá-la. Nada tinha para argumentar em seu favor. Precisava de graça, pura, simples, ilimitada. E era exatamente o que Jesus tinha para lhe oferecer. Ao confessar sua necessidade, colocou a solução no lugar certo, nas mãos certas. E a resposta a satisfez completamente, indo muito além da situação mais imediata de aflição até paz e salvação para toda a família.

Ela pediu socorro. A mulher procurou socorro para a sua necessidade através daquele que abriu o caminho para nós até o trono do Deus todo-poderoso sobre os céus e toda a terra. “Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:15-16).

Jesus entende as nossas aflições, as nossas fraquezas, pois as sentiu na carne enquanto esteve entre nós. E, como venceu todas elas, tem poder para nos livrar e nos socorrer, cobrindo-nos com a Sua vitória.

A cura final de todos os nossos males está nas mãos do nosso Médico dos médicos, sejam eles de ordem física, emocional ou mental. Ele pode usar os médicos, os remédios, os conhecimentos que ele mesmo já deu aos homens para efetuar a nossa cura. Ou pode ser uma cura completamente milagrosa.

Deus, nosso Pai, é o dono de tudo e de todos. Que consolo isso nos traz! Quando estou recebendo os medicamentos que matam muitas células do meu corpo, inclusive as que estão me enfermado, fico repassando na mente as milhares de pessoas que estão envolvidas neste processo e agradecendo a Deus por suas vidas.

Talvez muitas delas nem tenham crido em Deus ou pensado que estavam fazendo a sua obra quando estudaram, pesquisaram e descobriram coisas que viriam a beneficiar tantas pessoas. São médicos, cientistas, pesquisadores, dedicados a um alvo bom de ajudar os outros ou até mesmo ao desejo bem humano e egoísta de receber reconhecimento e dinheiro. Mas, no plano eterno de Deus, todos esses esforços pingam hoje em minhas veias para me abençoar e, se for essa a sua santa vontade, me curar.

Jesus tem o poder para nos curar completamente de qualquer moléstia que possa nos afligir, seja ela física, mental ou emocional. Ele tem poder sobre os demônios e nada que eles tencionem nos fazer pode nos atingir sem sua permissão. Mais do que curar meu corpo, sei que Deus quer curar meu espírito e minha alma. Ele me livra dos meus medos, me segura em seus braços quando me sinto mal, me dá sabedoria para decisões difíceis, me ama através das preces, dos telefonemas, das visitas, das flores, das palavras de ânimo e encorajamento dos meus irmãos, amigos e familiares. Suas bênçãos, copiosas demais para contar, são as provas sólidas do seu amor por mim. Elas nunca me permitirão duvidar, quando tudo parecer escuro, das coisas que já vi nitidamente na claridade da presença curadora e abençoadora do Senhor Jesus.



Capítulo Dez - Maria Madalena

A noite era fresca e estrelada. Dormiríamos amontoadas num canto da sala da casa que nos hospedava, e eu estava com preguiça de entrar no ambiente abafado. Ali fora, uma brisa irrequieten vinda do mar da Galiléia fazia farfalhar as folhas das palmeiras. A relva onde eu e Suzana fomos sentar era macia mas estava úmida de orvalho. Da imensidão do céu vinha a luz prateada da lua cheia, revelando os contornos escuros dos barcos ancorados junto à praia. Uma grande paz invadiu meu coração, apesar de toda a inquietação que senti ao ouvir o Mestre falando aos seus discípulos a respeito do que o aguardava. Ele falou em sofrimento, humilhação e morte. Falou também em ressurreição, mas tudo aquilo parecia impossível. Tanto bem ele havia feito, tantas curas efetuado, tantos sinais milagrosos. Mesmo que os líderes religiosos quisessem matá-lo, com certeza o povo, que tanto se havia beneficiado com a bondade dele, o defenderia. Suzana também parecia preocupada com alguma coisa pois nada dissera por algum tempo. Era uma mulher alegre que gostava de uma boa prosa, mas agora se mantinha em silêncio, o olhar perdido nas sombras que se alongavam diante de nós.

Meus pensamentos vaguearam do presente para os acontecimentos de mais de um ano atrás e um tremor me sacudiu o corpo. Suzana me olhou com um ar de interrogação, mas meneei a cabeça. Não, não era frio que eu sentia, mas um

estremecimento de horror ao me lembrar do que havia sido a minha vida antes de conhecer Jesus.

Não consigo me lembrar de uma época em que tivesse vivido uma vida normal. Morávamos na cidade de Magdala. Não éramos ricos, mas tínhamos o suficiente para viver bem. Nossa família teria sido feliz se, desde pequena, eu não me sentisse compelida a fazer coisas que só traziam más conseqüências para mim. Meus pais logo perceberam que algo anormal acontecia comigo e começaram a procurar alguém que pudesse me curar, sem nenhum resultado.

À medida que eu crescia, fui piorando. Eu não entendia o que me dominava, mas os ataques que sofria se tornaram cada vez mais violentos. Eu me atirava no chão, machucando-me com as quedas. Muitas vezes, tinha ataques convulsivos, rolando de um lado para outro. Nessas horas, ninguém conseguia me conter. Meus familiares tentavam manter-me escondida em casa, para evitar que eu me machucasse demais, mas também para evitar a vergonha do espetáculo que eu dava quando me sobrevinha um ataque. No resto do tempo, eu era uma menina triste, fechada. Fugia do contato com as pessoas, sabendo muito bem o que elas pensavam de mim. Nunca tive uma amiguinha com quem brincar. E nunca brincava. Quando não estava atacada, eu ficava sentada, atormentada pela certeza de que outro ataque viria quando eu menos esperava. Era um horror sem fim.

O tempo foi passando. Vi meus irmãos formarem suas próprias famílias. Minha única irmã se casou e só pude assistir à linda cerimônia do casamento de longe, escondida em meu quarto, sob os cuidados vigilantes de uma tia. Não sofri nesse dia um ataque daqueles costumeiros, mas sofri um intenso ataque de inveja. Para mim, nunca haveria casamento. Eu estava condenada a viver só com meu sofrimento até morrer. Como chorei ao entender como seria a minha vida!

Dias se transformaram em meses, meses em anos. Meus pais mostraram sinais de cansaço e fios prateados surgiram em seus cabelos escuros. Como eu gostaria de ver um sorriso alegre em seus rostos em vez daquela expressão sempre triste. Nem as visitas dos outros filhos e a alegria de ver os netos conseguia apagar de vez os sinais do seu sofrimento.

Certo dia, entretanto, meus pais tiveram de se ausentar por algumas horas. Percebi algo diferente acontecendo em casa desde que o dia amanheceu. Vi preparativos sendo feitos e ouvi as recomendações de Mamãe à serva que cuidava de mim. Ela deveria vigiar-me o tempo todo para não haver perigo de eu sair pelas ruas. A serva ouviu muito atenta as instruções de minha mãe, assentindo com a cabeça o tempo todo. Ela também já havia presenciado um ataque em plena rua durante um de nossos passeios pela cidade e com certeza não gostaria de repetir aquela experiência, especialmente se meus pais estivessem ausentes. Eu sabia que seria vigiada de perto.

Assim que meus pais saíram, fui sentar no meu canto habitual e fechei os olhos. Essa era a maneira que eu havia encontrado de me fechar dentro de mim mesma, ignorando toda a realidade ao meu redor. Só que nesse dia não funcionou. Eu me sentia abandonada. Os servos, que conversavam entre si enquanto cuidavam de seus afazeres, passavam por mim apressados, como se eu fosse uma peça do mobiliário ou como se pudesse morder alguém. Comecei a me irritar com o burburinho que ouvia ao meu redor. Sabendo que a irritação era um chamariz para os ataques, levantei dali

e fui para meu quarto, fechando a porta com força. Joguei-me sobre a cama e, quando vi, estava chorando como nunca havia chorado, sacudida por soluços que pareciam vir do mais íntimo do meu ser. Por que eu tinha de viver daquela maneira? Não haveria cura para o meu mal? Não havia misericórdia que me livrasse daquele pesadelo? Algo dentro de mim clamava por libertação, mas não havia esperança para mim. E as lágrimas continuavam a correr.

De repente, tomei uma decisão. Precisava de ar, precisava de espaço. Queria sair correndo pelas ruas, chegar até o mar, sentir a brisa do oceano no rosto. Sabia, entretanto, que não me seria permitido sair de casa. Minha serva devia estar vigiando a porta do meu quarto naquele momento para evitar que eu escapulisse de sua vista e a janela que dava para fora era alta demais.

Resolvi arriscar. Entreabrindo a porta, ouvi risadas vindas do andar térreo. Os servos estavam se divertindo com a liberdade de ficarem donos da casa. Fui-me esgueirando pelos cantos escuros da escada até chegar ao último degrau. O coração batia forte e uma sensação de opressão me fazia ofegar, mas não havia ninguém por ali. Sem pensar duas vezes, corri até o saguão de entrada e saí para a rua.

A luz brilhante do sol me deixou desorientada por alguns instantes, mas eu não podia ficar parada ali. Alguém poderia me ver e dar o alarme em casa. Comecei a caminhar na direção da praia. Em vez de me acalmar com a caminhada, fui ficando cada vez mais agitada. Ah, era o prenúncio de um ataque! Ainda dava tempo de eu voltar para casa, mas eu não queria, não queria! Entraria no mar e me afogaria em suas águas. Havia muito tempo que as vozes que eu ouvia e que me dominavam falavam que essa era a melhor solução. Minha morte libertaria a mim e à minha família do meu sofrimento. Seria um alívio para todos. Hoje elas estavam mais fortes do que nunca. E eu não suportava mais viver daquele jeito. Queria mesmo morrer e acabar com tudo!

Comecei a ouvir o ruído das ondas e apressei os passos. A libertação estava próxima. Quando me aproximei da praia, contudo, vi que havia ali um grupo grande de pessoas. Pareciam estar reunidas em torno de alguém, um homem moço ainda, que falava palavras que todos ouviam atentamente. Parei, sem saber direito o que fazer. Estavam todos de costas para mim e ninguém veria se eu corresse para o mar, a não ser o homem que falava. De repente nossos olhos se encontraram e naquele instante a crise se desencadeou. Totalmente dominada por aquelas vozes, parti para cima do grupo, berrando coisas que nem eu mesma sabia. Não me lembro direito do que aconteceu porque não era eu quem fazia aquilo, mas me contaram depois que, à medida que eu gritava para aquele homem ficar longe de mim, ele se aproximou, repreendeu os demônios que me mantinham cativa e eles, protestando, tiveram de ir. Caí aos pés dele como um saco vazio.

Quando recobrei os sentidos, estava deitada na areia. Alguém colocara um manto dobrado sob minha cabeça. Uma sensação imensa de paz invadia meu coração. Eu nem queria abrir os olhos, de medo que fosse tudo apenas um sonho, mas, ouvindo vozes sussurrando ao meu redor, arrisquei olhar. Aquele rosto, tão sereno e terno foi a primeira coisa que vi. Um grande sorriso brotou em seus lábios ao ver que eu acordava e meus lábios acompanharam os seus num movimento inusitado para mim. Eu não me lembrava de jamais ter sorrido antes. Caretas e esgares eram as

minhas expressões normais, não sorrisos.

Ele me ajudou a levantar. Senti meu corpo diferente, firme, sob controle. Que sensação maravilhosa! Queria sair saltando de volta para casa. Minha cabeça estava totalmente livre das vozes! Eu era dona dos meus pensamentos. Um profundo sentimento de gratidão invadiu meu coração e não me contive. Eu, que nunca falava com ninguém e fugia das pessoas, dirigi-me ao rabino, pedindo:

-- Mestre, por favor, venha até minha casa. Quero que meus pais o conheçam. Eles lhe serão muito gratos pelo que fez pela filha.

Ainda sorrindo, ele concordou. Comecei a caminhar e ele e alguns homens que o rodeavam me acompanharam. Pouco adiante, encontramos duas servas da nossa casa que corriam espavoridas. Elas estacaram quando me viram, os olhos arregalados. Uma delas, a responsável por minha guarda, começou a falar, defendendo-se, mas o Mestre interveio:

-- Não se preocupe. Ela está bem e voltando para casa.

Corri para minha serva e a princípio ela recuou, com medo do que eu poderia fazer, mas a abracei e falei chorando:

-- Estou curada, estou curada! O Mestre Jesus me curou.

Continuamos a caminhada, agora um grupo maior. As servas contaram que meus pais haviam voltado um pouco antes porque minha mãe ficara preocupada em me deixar. Quando eles chegaram e deram pela minha ausência, ficaram todos apavorados, pensando que eu poderia me perder ou entrar no mar e acabar me afogando. Ao ver a aflição de pessoas que me amavam, percebi como eram mentirosas as vozes que me diziam que minha morte seria um alívio para todos. Como eu pudera dar-lhes crédito todos aqueles anos? Agora que fora liberta, parecia incrível que elas pudessem ter exercido tanto poder sobre mim.

Chegamos. Papai e Mamãe nos esperavam com o medo estampado em seus rostos. Nunca os vira tão tristes e aflitos. Enquanto os homens esperavam à porta, entrei para falar com eles. Ao me verem, logo perceberam que havia algo muito diferente a meu respeito. Antes que eu pudesse iniciar minha explicação, Mamãe levantou-se e veio correndo em minha direção, os braços estendidos para um abraço. Nem precisei dizer nada. Papai ainda ficou olhando as duas, uma sobranceira erguida em interrogação, mas quando olhei para ele por cima do ombro de Mamãe, ele se juntou a nós no abraço. Choramos os três. Não havia como segurar toda a emoção que nos invadia. Foi somente quando Papai perguntou “O que foi que aconteceu? Onde você esteve?” é que me lembrei do Mestre e seus amigos que esperavam do lado de fora e fui chamá-los.

Eles passaram o dia conosco. Mamãe mandou preparar um banquete especial em honra deles. Viu que eram pessoas simples mas fez questão de oferecer-lhes tudo o que tínhamos de melhor. Papai aproveitou para ouvir tudo o que o Mestre dizia e comentou com Mamãe:

-- Nunca homem algum falou como este homem. Ele fala como quem tem autoridade.

E ela concordou. A autoridade do Mestre era incontestável. Não estava ali, diante de seus olhos, o milagre que sua autoridade sobre os espíritos malignos produzira? Ela não se cansava de olhar para mim. Eu achava que parecia a mesma,

mas Mamãe me dizia que tudo em mim estava diferente.

-- Seus olhos têm um brilho que nunca tiveram, Maria. Você é a mesma, mas tudo em você irradia um brilho interior que faz com que pareça uma jóia. E seu sorriso, filha! É o maior presente que já recebi ver você sorrindo como agora.

Realmente, era difícil deixar de sorrir. Eu queria saltar e cantar de tanta felicidade.

À tardinha, o Mestre fez menção de partir, mas meus pais lhe imploraram que passassem aquela noite em nossa casa. Seria fácil arrumar acomodação para todos, disseram, e eles poderiam descansar melhor antes de prosseguir viagem.

Foi assim que pudemos ouvir ainda por algumas horas as palavras que penetraram fundo no meu coração. Jesus falava de Deus, referindo-se sempre a ele como seu Pai e nosso Pai. Um enorme desejo de conhecer mais a Deus dessa forma, de viver em sua presença, de fazer a sua vontade como era óbvio que Jesus fazia encheu meu coração e foi ficando mais forte à medida que ouvia as palavras do Mestre.

No dia seguinte eles partiram de manhãzinha. Antes disso, porém, descobri pela conversa de dois dos companheiros de Jesus que havia algumas mulheres que acompanhavam o grupo em suas jornadas, servindo-os e cuidando de suas necessidades materiais no que lhes era possível. Dava para perceber que eles levavam uma vida sofrida, difícil. Suas roupas eram simples, pobres até, mas não andrajosas. Havia alguém que cuidava delas. Será que eu poderia juntar-me a esse grupo? Onde estariam as mulheres naquele momento?

Resolvi pedir permissão ao Mestre e a meus pais para juntar-me a elas. Não havia nada que eu quisesse mais do que estar sempre na companhia daquele que me salvara de uma vida tão desgraçada, ouvindo seus ensinamentos e aprendendo a amar a Deus como ele amava.

Conversei primeiro com meus pais. Sem a permissão deles, eu não poderia partir. Mamãe chorou e se pôs a enumerar tudo o que eu poderia esperar agora de uma vida normal enquanto Papai ficava alisando a barba, pensativo:

-- Você pode se casar, Maria, formar uma família. É moça, bonita e ainda tem muitos anos pela frente para compensar tudo o que sofreu até hoje. Pense nisso, minha filha.

Eu já havia pensado. Era tudo o que eu sempre desejara e invejara minha irmã por ter, mas agora havia algo que eu desejava mais. Mamãe tentou todos os argumentos à sua disposição até que Papai interveio:

-- A vida dela não nos pertence, Rispa. É daquele que a salvou. Se ele concordar em que ela o acompanhe, só podemos dar-lhe a nossa bênção e ajudar no que pudermos.

Sem conseguir me conter, pulei e abracei meu pai com força. Ele me abraçou com muito carinho e pude ver lágrimas brilhando em seus olhos. Comovida, voltei-me para os dois:

-- Sei que é difícil deixar-me ir, agora que estou bem, e lhes agradeço de todo o coração por não me impedirem. Sinto que foi para isto que Deus me curou. Quero acompanhar e servir o Mestre em tudo que eu puder.

As mulheres haviam ficado em um vilarejo próximo, disse o Mestre, onde

passariam logo em seguida. Eu poderia juntar-me ao grupo ali. Chamando-me de lado, Papai me deu uma bolsa com uma boa quantia de dinheiro, uma oferta de gratidão, disse ele, pela bênção recebida.

-- Use sabiamente este dinheiro e ele irá longe, minha filha. Dará para comprar alimento para todo o grupo por algum tempo. Darei um jeito de saber onde vocês estarão e enviarei mais quando esse acabar.

Abracei Papai de novo. Quando o veria novamente?

Agora, sentada ali na praia, lembrava-me dele e de Mamãe com saudades e carinho. Que pais maravilhosos Deus me dera. Sabia que a vida que eu levava não era a que eles teriam planejado para mim, mas me liberaram para seguir o caminho diferente que Deus havia colocado diante de mim.

Um movimento na praia atraiu meus olhos e vi que os homens voltavam da pequena excursão de pesca que haviam empreendido. Será que teremos peixes para o dia seguinte? Nossos suprimentos andam meio escassos e uns peixes assados na brasa serão uma festa para o apetite deste bando faminto.

Suzana também se mexeu. Levantamo-nos dali e entramos na casa onde as outras já dormiam. Amanhã será um dia de muita caminhada. É melhor descansarmos bem para poder acompanhar o ritmo dos homens. Embora o Mestre tenha muita consideração para conosco e entenda as nossas necessidades especiais como mulheres, queremos ajudar e não atrapalhar. O leito não é dos mais confortáveis e custou um pouco a me acomodar, mas em pouco tempo o ressonar suave de minhas companheiras me embala e adormeço.

* * *

Estou aturdida. Sentada diante do sepulcro onde José colocou o corpo de Jesus, revejo cenas dos últimos dois dias que minha mente se recusa a compreender e que jamais esquecerá. As coisas horríveis que Jesus predisse aconteceram com uma velocidade espantosa. Ele foi preso no jardim do Getsêmani. E por onde andavam seus companheiros nessa hora? Fugiram todos, apavorados. Até Pedro, que falou tão confiantemente que morreria com ele se fosse preciso, desapareceu. Ouvi dizer que ele acompanhou tudo de longe, mas na hora em que foi apontado como companheiro de Jesus, negou. E não apenas uma vez, mas três.

Nós, as mulheres, não conseguimos ficar longe do Mestre, mas também não pudemos nos aproximar muito. Não nos foi permitido. Diante do sumo sacerdote, que o interrogava, ele foi levado a um julgamento onde tudo estava preparado para condená-lo, com testemunhas falsas, que nunca haviam estado com ele, sendo ouvidas como prova da sua culpa. Quando o sumo sacerdote rasgou suas vestes e o acusou de blasfêmia, começaram a esbofeteá-lo e a esmurrá-lo, cuspiando nele. Senti na carne a sua dor.

Dali por diante, foi tudo de mal a pior. Ele foi levado ao governador romano e acusado de muitas coisas. Percebemos que Pilatos não queria ter nada a ver com sua condenação, o que por uns instantes acendeu a nossa esperança de vê-lo solto e livre novamente. Entretanto, a pressão da multidão, a mesma multidão que o havia aclamado dias antes, açulada agora pelos sacerdotes, foi forte demais. Quando o

governador perguntou se queriam que o preso liberto como era costume fosse Jesus ou Barrabás, clamaram por Barrabás ao mesmo tempo que exigiam que Jesus fosse crucificado. Mesmo lembrando-me das muitas vezes em que Jesus havia afirmado que era preciso que ele sofresse nas mãos de pecadores e morresse, ainda era difícil acreditar que isso realmente aconteceria. Eu queria fechar os olhos para não ver, mas não conseguia tirar os olhos dele. Uma coroa de espinhos foi enterrada em sua cabeça e o sangue escorreu por seu rosto.

Soluçando, acompanhamos sua dolorosa jornada até o local da crucificação. Ainda retine em meus ouvidos o som das marteladas pregando os cravos em suas mãos e pés e depois o baque da cruz sendo levantada e deixada cair no buraco que já fora cavado para ela. Eu e as outras mulheres nos abraçávamos, dando forças umas às outras. Sei que a nossa dor não poderia comparar-se à da outra Maria, a mãe do Senhor, encolhidinha ali perto, consumida pelo sofrimento, mas mesmo assim nosso coração sangrava. As lágrimas já haviam secado em nosso rosto. Não tínhamos mais forças para chorar.

Ficamos junto da cruz até o final. Graças a Deus, ele deu seu último suspiro antes que fosse preciso os soldados apressarem seu fim, como fizeram com os outros condenados, quebrando-lhes as pernas. Quando ele expirou, a terra tremeu e uma grande escuridão envolveu toda a cena. Muitas pessoas que até então zombavam de tudo, fugiram temerosas. Até o próprio centurião que conduzia a execução falou:

-- Verdadeiramente este era filho de Deus.

José, um senhor importante de Arimatéia, pediu permissão a Pilatos para tirar o corpo de Jesus e levá-lo a um sepulcro que nunca fora usado. Quando ele e alguns outros homens tiraram o corpo, envolveram-no em um lençol branco e o carregaram até o sepulcro. Segui de perto aquele cortejo triste, desanimado. Não conseguia ficar longe do meu Senhor. Os rostos de todos nós refletiam o peso da nossa perda. Eu e a outra Maria ficamos sentadas em frente ao sepulcro enquanto os homens colocavam o corpo lá dentro, cobrindo seu rosto com um pano. Como estava deformado o meu Senhor! Como o haviam machucado!

Os homens, com grande esforço, rolaram uma pedra enorme que fechou a entrada do túmulo. Abanando tristemente a cabeça, eles olharam para nós como que perguntando se iríamos ficar ali mais tempo e se voltaram na direção da cidade. Achamos melhor segui-los e ter sua companhia para a volta à casa porque já estava escurecendo e era sexta-feira. Teríamos de esperar até o primeiro dia da semana para embalsamarmos o corpo, mas agora sabíamos onde ele fora sepultado. Só precisaríamos de alguém que removesse a enorme pedra que fechava a entrada do sepulcro.

As próximas horas se passaram na maior tristeza. Finalmente as lágrimas vieram. Era difícil pensar em outra coisa que não fosse a lembrança do seu corpo torturado, pendurado naquela cruz maldita, do seu respirar doloroso, de suas últimas palavras. E a cada nova lembrança, as lágrimas jorravam com mais intensidade. No final do sábado, exausta de tanto chorar, consegui adormecer por algumas horas.

Acordei com o cantar do galo. Vi que ainda estava escuro, mas já era o primeiro dia da semana.

Sem perder tempo, apanhei a cesta onde havia guardado os aromas e especiarias

que havíamos preparado e uma lâmpada, porque ainda estava escuro lá fora. Dirigi-me ao local do sepulcro, tropeçando aqui e ali porque a lâmpada mal alumia dois passos à frente. Ao chegar ao túmulo, vi logo que alguma coisa estava errada. A pedra já fora removida. Com o coração batendo forte, ergui a lâmpada diante de mim para alumiar o interior da caverna e dei uns passos à frente. Não havia corpo algum ali.

Saí correndo em busca de Pedro. Ele saberia o que fazer. Ao encontrá-lo conversando com João, fui logo falando:

-- Tiraram o Senhor do sepulcro e não sei onde o puseram.

Os dois dispararam na direção do sepulcro e os segui. Vendo que o túmulo realmente estava vazio, eles menearam a cabeça e foram embora. Eu fiquei por ali. O que teriam feito com o corpo do Senhor? Até o privilégio de embalsamá-lo nos seria tirado? As lágrimas me cegavam enquanto eu me abaixava para olhar dentro do túmulo, querendo certificar-me mais uma vez que o corpo não se encontrava ali.

Pisquei duro. Uma luz intensa, que as lágrimas tornavam difusa e ofuscante, iluminava o interior antes escuro. Esfreguei com força os olhos e então distingi dois homens sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. Era de suas vestes que vinha toda aquela luminosidade.

Apavorada, e sem compreender o que via, baixei os olhos, mas não pude deixar de ouvir a voz que dizia:

-- Senhora, por que está chorando?

Com uma coragem que não era minha, respondi:

-- Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram.

Pressenti que havia alguém atrás de mim e os cabelos de minha nuca arrepiaram. Sobressaltada com tantas coisas estranhas, voltei-me e dei com outro homem parado ali. Ele repetiu a pergunta do homem luminoso:

-- Senhora, por que está chorando? A quem procura?

Achando que era o jardineiro, perguntei:

-- Se foi o senhor quem o tirou daqui, diga-me onde o colocou e eu o levarei.

-- Maria! – disse ele.

Estremeci ao som daquela voz. A do Mestre! Seria mesmo? Era, sim! Ele mesmo, sem todos aqueles machucados e deformidades dos últimos dias. Sua face irradiava uma luz suave e difusa, toda a sua pessoa se revestia de um ar sobrenatural. Tomada de alegria sufocante, exclamei:

-- Mestre!

Eu queria cair a seus pés e adorá-lo, queria abraçá-lo, queria tocá-lo, mas ele me disse:

-- Não me detenha porque ainda não subi para meu Pai, mas vá procurar os meus irmãos e diga-lhes: Subo para meu Pai e seu Pai, para meu Deus e seu Deus.

Quando vi, estava sozinha no jardim. Os primeiros raios do sol anunciavam o novo dia. As trevas haviam sido vencidas pela luz do Senhor. Era um novo dia no meu coração também. Ah, não consegui me conter. Saí numa carreira desabalada, gritando a plenos pulmões: Vi o Senhor! Vi o Senhor!

A princípio, nossos companheiros não acreditaram no que eu disse, mas após alguns encontros com o Mestre, até Tomé, o mais cético de todos, creu.

Ainda teríamos a companhia de Jesus por quarenta dias. Ele esteve com os discípulos em diversas ocasiões. Agora seu corpo era diferente. Não havia porta trancada que lhe fizesse frente.

O grupo de seus seguidores crescia. Presenciamos sua ascensão ao céu e a promessa dos anjos de quem um dia ele voltará da mesma forma como o vimos ir ainda ressoa em nossos ouvidos e alimenta a esperança em nosso coração.

Quanto anseio por estar novamente na presença do meu Senhor! Um dia, quando minha vida aqui na terra terminar, estarei com ele por toda a eternidade. Enquanto isso, falo dele a todos os que me dão ouvidos, repetindo o que aprendi naquelas longas jornadas. E nunca me canso de contar os pormenores dramáticos de sua morte e do dia glorioso de sua ressurreição.



Abra sua Bíblia em Lucas 8:1-3. Ali o evangelista registra a presença de diversas mulheres, algumas mencionadas pelo nome, que acompanhavam Jesus em suas jornadas, ministrando às necessidades materiais dele e de seus discípulos. Essas mulheres tinham em comum o fato de terem sido curadas por Jesus de enfermidades e de possessão demoníaca. Dentre elas destaca-se Maria Madalena, de quem Jesus expulsou sete demônios.

Maria Madalena foi uma mulher importante na história do Novo Testamento. Poucas mulheres que tiveram um encontro pessoal com Jesus são mencionadas pelo nome, mas o de Maria Madalena é identificado 14 vezes nos evangelhos, praticamente todas em relação à crucificação e à ressurreição do Senhor. Foi ela a primeira pessoa a quem Jesus apareceu e com quem falou depois de ressurreto, incumbindo-a de levar a seus outros discípulos a mensagem da ressurreição.

De sua vida pessoal, pouco sabemos a não ser a cidade de onde veio e o fato de ter vivido dominada por sete demônios até encontrar Jesus. Maria Madalena foi uma mulher que passou da escravidão causada pelo diabo à liberdade e plenitude de vida concedidas por Jesus.

Durante seu ministério, Jesus muitas vezes defrontou-se com atividade demoníaca na vida das pessoas. Era uma realidade que não podia ser ignorada, e Jesus a reconheceu e enfrentou com grande compaixão pelos que eram por ela afligidos e dominados.

Em Lucas 4:16-21, no início de seu ministério, Jesus leu a passagem do profeta Isaías que diz:

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.

Depois, Jesus explicou aos seus ouvintes: “Hoje se cumpriu a Escritura que

acabais de ouvir” (vs. 21), apresentando-se como aquele que viera cumprir essa profecia.

Quando encontrou Maria Madalena, ela era prisioneira de sete demônios. Sua vida e a de todos os seus familiares devia ser um tormento. Os demônios, quando conseguem poder sobre a vida de alguém, não brincam em serviço. Transtornam as emoções, a saúde física, os relacionamentos. Podemos julgar o que acontecia na vida de Maria Madalena pela descrição mais detalhada de um homem geraseno, possuído por um número de demônios que se intitulavam “legião” por serem muitos. Atormentado pelos demônios, aquele homem não conseguia descansar, andando noite e dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras. Não havia nada que conseguisse prendê-lo, nem mesmo correntes, que ele despedaçava (Mc 5:1-14).

Jesus ordenou aos demônios que libertassem o homem e a cura foi completa. “Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo” (Mc 5:15). O homem quis acompanhar Jesus, mas este ordenou-lhe que voltasse para casa e anunciasse aos seus o que o Senhor lhe fizera. Em outras palavras, o ex-endemoninhado foi comissionado a pregar as boas novas de libertação entre seus próprios familiares.

Da mesma forma, quando Maria Madalena foi liberta dos demônios que a atormentavam, a transformação foi total, reveladora do poder de Jesus sobre as forças espirituais do mal. De prisioneira do reino das trevas, Maria Madalena passou para o reino da luz do seu libertador.

Daquele encontro de Maria Madalena com Jesus, ela passou a acompanhá-lo e a servi-lo em suas jornadas evangelísticas. Embora não fizesse isso sozinha, mas junto com um grupo de outras mulheres que também haviam sido curadas física ou espiritualmente por Jesus, era uma atividade bem incomum para a sua época, quando as mulheres ficavam restritas às atividades de seus lares. Para seguir e servir a Jesus, Maria teve de enfrentar a oposição dos costumes de sua época e escolher servir o Mestre com sua sensibilidade feminina, com seus serviços e bens, oferecendo um toque de carinho e conforto àquele que a libertara.

Maria Madalena e as outras mulheres que acompanhavam Jesus, algumas de posição social elevada, outras provavelmente ricas, serviam com desprendimento. Enfrentaram as dificuldades das restrições sociais e a luta não deve ter sido pequena. Em diversas ocasiões em que uma mulher se arriscou a um ato socialmente inaceitável para honrar a Jesus, como no caso da mulher pecadora que ungiu seus pés e de Maria de Betânia, que o ungiu pouco antes de sua morte, vemos que os próprios discípulos e aqueles que estavam junto com Jesus as repreenderam e tentaram colocá-las no lugar que lhes era permitido. Jesus, entretanto, sempre defendeu essas atitudes e os gestos que elas produziram. Ele quer que as mulheres que o aceitam como Senhor sejam livres de todas as coisas que podem tolher e limitar seu potencial, aquele potencial que faz parte da pessoa que Deus as criou para ser. Como mulheres. Não por rebeldia contra a ordem social, mas por obediência a um chamado mais alto.

Foi por isso que Jesus, além de curar as doenças físicas e emocionais daquelas mulheres, tratou-as com uma dignidade que elas não encontrariam em outro lugar na sociedade em que viviam. Ele lhes ensinou as verdades do reino de Deus e elas

ouviram atentamente o que foi ensinado. Ouviram e aprenderam com ele

O segundo encontro importante de Maria Madalena com Jesus foi após a ressurreição. Ela e algumas outras mulheres que estavam com ele desde a Galiléia acompanharam toda a agonia da crucificação (Mt 27:55-56; Mc 15:40-41; Jo 19:25). Estiveram ao pé da cruz até ele exalar seu último suspiro. Quando José de Arimatéia retirou o corpo do Mestre da cruz, elas o seguiram para ver onde o colocaria a fim de poderem voltar após o descanso do sábado e prestar-lhe a última homenagem, embalsamando-o com aromas e especiarias usados para essa finalidade (Mt 27:61; Mc 15:47; Lc 23:55-56).

Logo na madrugada do domingo, Maria Madalena dirigiu-se de novo ao local do sepulcro para tratar do corpo de Jesus. Não estava só. Segundo Lucas, outras mulheres a acompanharam, mas Madalena parece ter encabeçado o projeto. Era uma tarefa um tanto sinistra. Entrar num túmulo escuro onde o corpo já estava depositado havia mais de vinte e quatro horas. Com certeza, já haveria uma certa decomposição. Nenhuma dessas considerações, contudo, desviaram aquela mulher de seu intento, de seu último ato de serviço ao Mestre amado.

Chegou ao sepulcro chorando, sem esperanças. Quando ouviu a mensagem dos anjos, ela se lembrou das coisas que Jesus lhe havia ensinado (Lc 24:8) e que, na sucessão dos eventos tremendos daqueles últimos dias, deviam ter parecido um sonho impossível. Enquanto chorava diante do túmulo vazio, Jesus lhe apareceu, fazendo dela a primeira pessoa a vê-lo após a ressurreição. Ele a chamou pelo nome e então ela o reconheceu. Qual não terá sido a sua alegria ao constatar que tudo o que Jesus lhes havia dito tantas vezes agora se cumprira. Ele estava vivo diante dela e a incumbiu de ir contar aos discípulos o que havia testemunhado.

É importante o fato de Jesus ter chamado Maria pelo nome e nesse momento ela ter reconhecido quem era aquele que lhe falava. Nosso nome é algo tão particular! De certa forma, ele revela quem somos.

Jesus diz que, como o bom pastor, ele conhece e chama cada uma de suas ovelhas pelo nome. “Ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas...elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz” (Jo 10:3-4).

Ele conhece o nome de cada uma de nós. Ele nos fez como somos, sabe tudo que fomos feitas para ser. Conhece também as distorções que a busca por viver à nossa própria maneira, sem depender de Deus, causaram na pessoa que ele projetou. Ele nos chama pelo nosso nome verdadeiro, aquele que somente ele conhece, o nome que reflete a pessoa que, redimida por ele, está sendo restaurada à imagem de Deus através de cada acontecimento que ele mesmo permite em sua vida.

Jesus nos salva do nosso próprio caminho e nos chama para si. Nós o seguimos porque reconhecemos sua voz quando ele diz o nosso nome. Reconhecemos que a vida que ele nos oferece é muito mais rica e satisfatória do que a que poderíamos alcançar por nossos próprios esforços. Ele disse que veio nos dar vida, e vida abundante (Jo 10:10), a vida pela qual nosso coração anseia. Quando Jesus nos chama pelo nome, sabemos que fomos feitas para um propósito maior no qual estamos inseridas. Nossas vidas adquirem um significado eterno pois fazem parte do plano eterno de Deus.

Foi o que aconteceu com Maria Madalena. Ela foi liberta, restaurada e chamada.

Reconheceu a voz daquele que a conhecia melhor do que ela mesma e não titubeou em fazer o que ele ordenou. E seu testemunho não parou por aí. Embora não tenhamos um relato de suas atividades posteriores aos primeiros dias da ressurreição de Jesus, com certeza ela continuou a anunciar tudo que havia aprendido com ele e as boas novas da vida abundante que ele veio dar a todos quantos crerem nele. Ela era a testemunha viva do poder de Jesus em transformar uma vida triste, inútil, dominada pelas forças espirituais do mal, em uma vida útil, abençoadora em todos os sentidos, quer ensinando verdades espirituais libertadoras, quer servindo às necessidades físicas das pessoas com quem convive.

Jesus veio libertar todos aqueles que se acham escravizados por Satanás, o inimigo de Deus. Ele libertou Maria Madalena, o geraseno e tantas outras pessoas possuídas por espíritos malignos para viverem vidas abundantes em serviço, em anúncio das boas novas, e em bênçãos para outras pessoas. Seu poder opera ainda hoje para libertar qualquer pessoa que esteja cativa do inimigo para uma vida frutífera e abençoadora.

No primeiro encontro de Maria com Jesus, **ele a libertou** do poder do reino do mal e transportou para o reino da luz. Seja ou não algo tão óbvio como no caso de Maria, de quem os demônios se haviam apossado, quem não é de Jesus está sob o domínio das forças do mal. Vive nas trevas, seguindo seus próprios caminhos. Pode estar vivo fisicamente mas espiritualmente morto em seus delitos e pecados. Só Jesus pode nos libertar desse poder (Cl 1:13; Ef 2:4-7). Ele nos quer dar a vida abundante que fomos feitas para ter. Quando cremos e confiamos no que Deus diz a nosso respeito, firmamos nossa identidade na base sólida da verdade. Temos valor, porque Deus nos fez como somos e sua criação é perfeita em seus propósitos (Ef 1:3-6). Temos segurança, porque ele nos amou de tal maneira que deu a vida de seu Filho para nos fazer parte de sua família (Jo 3:16; Gl 4:4-7), e, como tal, suas herdeiras. Alimentadas por essa certeza, sentimo-nos seguras, prontas para amar e servir, o que faz parte da nossa maneira feminina de ser. Ver-nos pelos olhos de Jesus nos dá a única perspectiva fiel e verdadeira de quem somos.

Liberta por Jesus, Maria Madalena não voltou à vida antiga, mesmo que agora fosse viver sem os problemas que os demônios lhe causavam. **Jesus a libertou para segui-lo.** Ela passou a viver para o Mestre e sua causa. Acompanhou-o em suas viagens exaustivas, sob sol quente ou friagem, prestando-lhe os cuidados especiais de conforto e atenção que a mulher sabe tão bem dar. Maria dedicou tudo o que tinha a Jesus – seu tempo, seus bens, seus serviços, sua dedicação, sua adoração. Como o apóstolo Paulo, ela podia dizer: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2:20). A vida anterior era coisa do passado. Agora Maria tinha um objetivo maior: Viver para Jesus. Ele se tornou seu senhor e como tal, tinha direito a toda a sua devoção.

Maria acompanhou Jesus de ouvidos abertos para aprender o que ele ensinava. Queria agradar ao coração do seu Senhor e para tal precisava saber o que ele desejava que ela fizesse. Não ficou presa apenas aos serviços a que se dedicou, embora estes fossem importantes. Ela organizou suas prioridades de modo a estar livre para sentar-se aos pés de Jesus enquanto este transmitia seus poderosos ensinamentos sobre a

vontade de Deus. **Jesus libertou Maria para ouvir e aprender.** Livre da pressão do urgente, ela pôde concentrar-se naquilo que tinha valor eterno. Quando viu-se confusa pelos acontecimentos que desabaram sobre sua vida, *ela se lembrou* do que Jesus havia dito, sinal claro de que estivera atenta e guardara tudo em seu coração. E quando se lembrou dessas coisas, elas adquiriram novo sentido. O conhecimento das palavras de Jesus estava transformando esta mulher em uma pessoa madura, firme, fiel e dedicada.

Foi neste ponto que um novo encontro com Jesus revelou o propósito para o qual fora curada. Foi a primeira testemunha da ressurreição do Senhor. Sua fidelidade e dedicação fizeram com que se dirigisse ao túmulo a fim de prestar ao seu Senhor o último gesto de cuidado e amor. Em vez de deparar-se com um cadáver em decomposição, viu um túmulo vazio. Sua mente finita ainda não podia capturar a grandiosidade da ressurreição. Declarando que iria buscar o corpo de Jesus onde quer que tivesse sido colocado, Maria mostrou a extensão de seu amor. Por isso, **Jesus a chamou para anunciar** o que presenciara aos outros discípulos.

E ela? Saiu dali vibrando, anunciando: “Vi o Senhor!” (Jo 20:18).

Maria Madalena é um exemplo do poder libertador de Jesus com relação às forças do mal. Durante seu ministério aqui na terra, ele enfrentou e derrotou a opressão que elas exerciam sobre as pessoas. O mesmo poder Jesus concede aos que crêem no seu nome. E não apenas para a libertação inicial mas também para proteção contra as ciladas do inimigo que, tendo perdido o domínio sobre nós, continua usando de artimanhas para nos impedir de gozar as bênçãos, o gozo e a paz dessa preciosa salvação.

É perigoso ignorarmos o fato de que mesmo os que já são crentes podem viver oprimidos pelas mentiras e armadilhas de Satanás para nos tornar ineficazes como testemunhas do poder de Jesus e nos impedir de viver a vida abundante ele tem para nós. Por isso muitos de nós estamos vivendo uma vida cristã medíocre, sem poder, sem transformação. Somos crentes, mas, improdutivos porque caímos nas estratégias do maligno para nos oprimir com suas mentiras e acusações.

Embora Satanás seja um inimigo vencido, Deus permitiu que ele ainda continue como o príncipe deste mundo por algum tempo. E durante esse tempo temos de contender com suas táticas destrutivas. Ele sabe que já está vencido, e sabe que não pode roubar-nos a salvação. Jesus afirmou: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6:37). Entretanto, pode roubar-nos a alegria da salvação, a liberdade que temos em Jesus, a nossa eficácia para o reino de Deus oprimindo-nos com suas mentiras e acusações, se acreditarmos nelas. Seu poder depende do sucesso de suas estratégias, que por sua vez só funcionam com a nossa cooperação. Se desacreditarmos as mentiras, confrontando-as com a Verdade, elas não terão poder sobre nós.

O inimigo tem desígnios para nós e pode crer que não são para o nosso bem. O apóstolo Paulo adverte os crentes de Corinto a não ignorarem esse perigo “para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios” (2 Co 2:11). A palavra original usada para desígnios indica um exercício mental, uma percepção intelectual, uma estratégia estudada. Para entendê-la melhor, temos outra advertência em Efésios 6:11: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para

poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo.” A palavra original para cilada é aquela da qual vem a nossa palavra método e também significa engano, tocaia, cilada. Assim, o inimigo não apenas planeja como nos enganar e fazer cair mas usa para isso suas capacidades intelectuais, desenvolvendo um estratégia metódica de como conseguir atingir essa finalidade. Ele está bem preparado.

E nós?

O mesmo Jesus que confrontou os demônios que atormentavam as pessoas do seu tempo é o Vencedor que nos concede seu poder sobre todo tipo de estratégia planejada para nos prejudicar. “Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 João 4:4). O mesmo poder que vence as mentiras dos falsos profetas vence as mentiras do diabo, mas cabe a nós usá-lo, manejando bem a espada da verdade, a única arma de ataque na armadura de Deus citada pelo apóstolo Paulo.

Recentemente, tive uma experiência marcante com relação ao poder da verdade na luta contra o inimigo. Conforme relatei antes, ao receber a notícia de que minha luta contra o câncer não estava vencida, sofri fortes ataques de puro medo. Confrontando-os com a verdade do cuidado e do amor de Deus por mim, aos poucos aquela notícia foi perdendo seu poder e senti-me em paz, apesar da gravidade da situação. Entretanto, houve um dia em que entrei em pânico. Eu estava no meu cantinho do escritório, lendo a Palavra de Deus e orando quando me senti invadida por um frio interior que me fez estremecer. Pensamentos horríveis, sombrios, caóticos se chocavam em minha cabeça e eu nem poderia dizer o que estava pensando. Eles não faziam sentido, mas me perturbavam além da conta.

Comecei a orar e de repente tomei consciência de que aquelas sensações e pensamentos só podiam provir do inimigo. Eu estava em paz. A verdade me havia libertado dos meus medos, fazendo-me descansar no cuidado de meu Pai. Como, então, era possível pensar aquelas coisas terríveis e ficar novamente amarrada pelo medo? Alguém queria roubar a minha paz e o meu gozo. Embora nunca realmente tivesse tido uma experiência nessa área, eu havia aprendido algumas coisas a respeito de batalha espiritual. Uma delas é a de que o diabo não é onisciente. Ele não pode penetrar os nossos pensamentos e saber o que estamos pensando. Como estuda e conhece profundamente a natureza daqueles a quem ataca, ele pode deduzir onde está a nossa fraqueza e nos atacar ali. Lembre-se de que ele tem um método bem planejado para nos enganar.

Outra coisa importante que eu já havia aprendido é que enfrentar o diabo é algo que eu tenho de fazer, pelo poder do sangue e do nome de Jesus. “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4:7).

Armada com esse conhecimento, enchi-me de coragem e em voz alta ordenei, em nome e pelo sangue de Jesus, que o diabo se calasse e me deixasse em paz, que eu pertencesse a Jesus e só ele tem poder sobre a minha vida. No mesmo instante a paz voltou, inundando completamente meu espírito e meu corpo. Senti uma enorme alegria, um senso de vitória mesmo, tomar conta do meu coração. Caí de joelhos em gratidão ao Senhor Jesus por esse livramento. Já se foram muitos meses desde essa experiência. Houve outros momentos de angústia e preocupação, mas nunca mais aquele pânico voltou. A vitória foi definitiva.

O poder de Jesus sobre as forças do maligno é total. Deus exerceu o seu grande poder “em Cristo, ressuscitando-os dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio” (Ef 1:20-21). E ele o exerce em nossas vidas através do poder que nos concedeu.

Ele é o libertador! Libertou Maria Madalena e muitas outras pessoas quando esteve aqui na terra e agora nos legou o poder do seu nome para que pessoas como eu e você possamos viver na plenitude da sua graça e da sua paz em qualquer circunstância. Somos mais do que vencedoras por meio daquele que nos amou (Rm 8:37). Você crê nesta verdade?



IV – Jesus é a Água Viva que sacia a nossa sede

Sentadas em minha sala de estar, eu e uma amiga conversávamos em voz baixa. Cabeça baixa, mãos amassando um lenço de papel já ensopado de lágrimas, ela mal conseguia falar coerentemente. Eu apenas ouvia, sentindo a sua dor no fundo da alma, como se fosse minha.

-- Sabe o que é a gente passar pela porta do quarto da filha no meio da noite e ouvi-la soluçando? Ouvir seus gemidos?

Novas lágrimas inundavam sua face e escorriam desimpedidas.

Ficamos ali por horas, chorando juntas, conversando sobre os eventos que haviam causado aquela tristeza – o fim de um namoro e noivado de muitos anos. Às vésperas do casamento, o noivo da filha havia mudado de idéia e partido o coração de toda a família. Por fim, esgotada, minha amiga se levantou para ir embora. Orei por ela e com ela e me pareceu um pouco mais aliviada do que quando chegou. Entretanto, eu sabia que era ela que teria de viver com aquela dor enquanto a situação durasse. E, com certeza, sofrerá tanto quanto ou até mais do que a filha, porque as mulheres são assim. Somos afetadas pelos nossos relacionamentos no mais íntimo do nosso ser.

Deus nos criou com essa característica. Quando fez a mulher, ele falou que estaria fazendo uma auxiliadora para o homem, alguém da mesma espécie que ele mas diferente, de forma que acrescentaria nova dimensão à sua humanidade. Juntos eles formariam uma nova unidade, mais completa e mais rica. De um pedaço de carne e osso do homem, Deus formou a mulher em toda a sua feminilidade. Assim, desde a sua concepção no plano de Deus, ela é ligada por sua própria essência a outro ser humano porque Deus tinha para ela uma função especial no domínio da criação.

Quando os primeiros seres humanos deram as costas a Deus ainda no jardim do Éden, sofreram de maneira diferente as consequências da sua desobediência, da sua busca por autonomia do Criador. O homem foi mais afetado na área da sua competência, do seu trabalho, a mulher na área dos seus relacionamentos. Para o homem, o que antes era realizador, suave e satisfatório agora se tornava uma obrigação penosa, sofrida. Ele ganharia a vida com o suor do seu rosto. Trabalho difícil, pesado, pouco compensador na maior parte das vezes.

No caso da mulher, tudo o que sonhamos em termos de amor, harmonia, compreensão, companheirismo, dignidade e admiração por nossa maneira feminina de ser, Eva gozou em seu relacionamento com o marido. Entretanto, assim que os dois se afastaram de Deus e do seu plano perfeito para eles, o homem, mais forte fisicamente, passou a dominá-la. Menos voltado para os relacionamentos, ele se tornou uma fonte permanente de frustração para ela e seus esforços de se envolver na vida dele. Ela tenta controlá-lo e ele foge no silêncio, no trabalho, em outras atividades. E ela, sentindo-se depreciada, desamada, tem de viver com o coração sequioso pelo amor e pela apreciação que foi feita para gozar e derramar sobre os outros.

Essa é a realidade que vivemos como mulheres. Se você perguntar a uma mulher a quem nunca viu antes qual é a maior preocupação dela no momento, em praticamente cem por cento dos casos ela lhe dirá que é algum problema de relacionamento. E você sabe que é verdade, pois o mesmo se dá com você. Quando nossos relacionamentos vão bem, sentimo-nos felizes. Basta, entretanto, um telefonema, a voz queixosa de uma filha falando de um problema que está passando e nossa felicidade se evapora como uma gota de orvalho numa manhã quente de verão.

Conversando com mulheres por todo este nosso país e até fora dele, tenho podido observar que a insatisfação das mulheres está sempre ligada a duas realidades: as que estão sozinhas anseiam por um companheiro que lhes dê o amor que trará maior significado às suas vidas, e as que estão casadas anseiam por aquilo que sonhavam que seus companheiros lhes dariam quando se casassem. A realidade da vida conjugal poucas vezes corresponde a todos os sonhos e expectativas que as mulheres levam consigo quando casam.

Por isso, as mulheres estão sempre buscando soluções para os conflitos nos seus relacionamentos. São elas a grande maioria, 70 por cento segundo os editores, dos compradores de livros sobre relacionamentos. São elas que constituem a maioria das pessoas que tomam a iniciativa na busca de ajuda profissional para os conflitos familiares.

Entretanto, mais cedo ou mais tarde, acabamos descobrindo que a sede que nos compele a melhorar nossos relacionamentos nunca poderá ser saciada plenamente por seres humanos. Fomos criadas para viver saciadas primeiro por Deus no mais íntimo do nosso ser e, assim satisfeitas, ministrar às pessoas daquilo que já recebemos. Ele não nos fez para vivermos ressequidas, carentes, sedentas. Antes, deseja que bebamos abundantemente da Água Viva que pode saciar a nossa sede: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7:37-38).

Um dos primeiros enfeites que coloquei quando me mudei para a casa onde hoje resido foi uma fontezinha. Desde que a vi pela primeira vez, encantei-me com aquele borbulhar constante de água, com a sensação de frescor e tranquilidade que ele produzia. Diversos tubos ocos imitando bambu, de tamanho decrescente, fincados dentro de uma grande tina de cerâmica vermelha, despejam um jorro de água sobre o próximo num realimentar contínuo. Uma bombinha de aquário faz a água que coloco na tina subir pelo tubo maior até transbordar e alimentar o segundo, e assim por diante. Embora esse fontezinha seja artificial, apenas para dar prazer aos olhos e aos ouvidos, ela ilustra o que acontece quando a água viva de uma fonte natural alimenta um recipiente vazio até o ponto de transbordamento sobre outro recipiente vazio.

Jesus é a água viva. Seu amor e cuidado por nós não tem fim. Quando deixamos que ele sacie a nossa sede, a fartura do que ele oferece nos encherá e fluirá de nós para as outras pessoas.

Entretanto, se buscarmos primeiro nessas pessoas e nos relacionamentos humanos a saciedade da nossa sede, se enchermos delas o nosso coração a ponto de abafar o anseio pelo amor de Deus, o único que satisfaz plenamente, vamos descobrir que elas nos dominam sem jamais saciar plenamente a nossa sede pelo amor e apreciação que fomos feitas para gozar. São as cisternas rotas de que fala o profeta

Jeremias – os recursos de que lançamos mão para sobreviver controlando o que para nós significa vida.

“Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai estupefatos, diz o Senhor. Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas” (Jr 2:12-13).

Jesus nos oferece a Água Viva do seu amor.

A ordem dos relacionamentos, como Deus criou e capacitou os seres humanos para ministrar é a de que nos voltemos primeiro para ele primeiro, deixando que seu amor sacie o mais profundo anseio do nosso coração. Então seremos transformados de recipientes vazios em canais por onde esse amor transbordará para as outras pessoas.

Jesus ministrou às mulheres com quem conviveu durante sua vida aqui na terra na área de seus mais profundos anseios emocionais. Ele confirmou seu valor como mulheres tratando-as com dignidade e respeito, confrontando-as com seus erros, firmando sua fé, animando-as e instruindo-as em seus questionamentos e busca pelas verdades espirituais, restaurando plenamente sua posição como filhas preciosas de Seu Pai.

Capítulo Onze - A mulher samaritana

Cada passo que eu dava era um esforço penoso. Pouca proteção contra o sol causticante do meio dia me oferecia o cântaro vazio que eu equilibrava sobre a cabeça. Dentro dela, pensamentos sombrios, amargos rodopiavam ininterruptamente, franzindo minha testa em rugas profundas e puxando para baixo os cantos da minha boca que já não se lembrava mais de como sorrir. Mesmo sabendo que essa expressão dura e sorumbática me fazia parecer muito mais velha do que os meus anos de vida, eu não sentia a menor disposição para modificá-la.

Tropeçando numa pedra, senti o sangue escorrer quente e viscoso sob o dedo ferido. A dor me fez cambalear, mas cerrei os lábios e endireitei o corpo, prosseguindo em frente. Que importava? Uma ferida a mais. Se eu não ligasse, sararia sozinha. Não era assim a vida? Tantas feridas já havia sofrido, tantas vezes fora rejeitada, magoada, brutalizada e sempre dera a volta por cima. Ah, isso mesmo. Não precisava da pena de ninguém. Nem daquelas mulheres “boazinhas”, “certinhas” que iam aos bandos buscar água bem mais cedo, quando o dia ainda estava fresco. Conversavam e riam pelo caminho, o que, com certeza, tornava muito mais suave a pesada tarefa.

Eu, não. Estava sempre sozinha. Mas vivia muito bem assim. Aprendi a viver por mim, para mim, já que nunca pude contar com o amor e o cuidado de alguém.

Outro tropeção me arrancou dos lábios um “ai” enraivecido. Lágrimas teimosas e inesperadas impediam-me de ver onde pisava. Com um gesto impaciente sequei os olhos. Fazia muito tempo que chorara pela última vez, e prometera que jamais derramaria outra lágrima por quem quer que fosse. Nem por mim mesma. Mas não adiantou. As lágrimas continuavam a marejar meus olhos. Para impedir que caíssem, levantei o olhar e ofereci meu rosto ao vento.

Mas o que era aquilo? Ora, que aborrecimento. Havia um homem junto ao poço. O que estaria fazendo ali àquela hora? Que idéia, ficar parado debaixo de um sol escaldante!

Desviando o olhar, aproximei-me do poço para tirar água. Não iria deixar que um estranho atrapalhasse mais ainda a minha vida. Sabia que ele nada diria pois podia logo ver que era um judeu. Ele não falaria, primeiro por eu ser mulher e depois por ser samaritana. Os judeus desprezam os samaritanos. E tudo bem. De minha parte, não abriria o bico. Pegaria a água e me afastaria o mais depressa possível.

-- Pode me dar um pouco de água?

Pega de surpresa, estaquei onde estava e fitei aquele que me dirigia a palavra. Nada vi que pudesse ofender. Entretanto, não me deixei enganar. De homens, eu entendia! Estavam sempre querendo apenas uma coisa de uma mulher como eu, e com certeza água é que não era. Mas o olhar que me fitava era franco, direto, profundamente respeitoso. E havia algo mais, algo que eu nem conseguia definir mas que tocou fundo em meu coração.

Não gostando de sentir-me vulnerável, revidei logo:

-- Como é que o senhor, sendo judeu, está falando comigo que sou mulher samaritana?

O homem não pareceu ofendido com a minha desconfiança. Era jovem ainda, ou talvez eu é que me sentisse velha e desgastada para a idade que tinha.

Aprumando-se, ele falou:

-- Se soubesse o que Deus tem para lhe dar e quem sou, você me pediria e eu lhe daria a água viva que saciará para sempre a sua sede.

Meu coração deu um salto ao ouvir tais palavras. Achei que não havia entendido direito. O que ele queria dizer com aquelas palavras? Nunca mais precisar vir buscar água! Maravilha das maravilhas! Ah, mas é claro que era uma balela. O moço nem tinha com que tirar água, e o poço era fundo... Só um milagre para ele arranjar água assim.

A esperança, há tanto tempo adormecida em meu coração, brotou com uma intensidade que me fez vibrar apesar de todos os argumentos lógicos de que lancei mão para mantê-la dormente. Lembrei-me da história que ouvira contar da viúva socorrida pelo profeta Eliseu, o qual fez brotar óleo da botija até encher todas as vasilhas de que ela dispunha, livrando-a das dívidas que a obrigariam a entregar seus filhos como escravos aos credores. Fora um milagre, sim. Será que para mim também haveria um milagre? Eu precisava saber.

Meu desespero deu-me coragem para continuar aquela estranha conversa. Engolindo em seco, argumentei:

-- O senhor não tem com que tirar água e o poço é fundo, moço. É, por acaso, mais poderoso que nossos pais que construíram este poço para dele beber e dar de beber aos seus filhos e ao seu gado?

-- Quem beber desta água tornará a ter sede. Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que estou oferecendo será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.

Senti um aperto doloroso no íntimo, como se minha alma se contraísse numa convulsão imprevista. Parecia que aquilo que sempre desejara estava bem ali, ao meu alcance. Se tivesse esse tipo de água, poderia olhar do alto todas aquelas mulheres que sempre me desprezaram. Teria na minha vida algo que todas desejavam, de que muito precisavam, mas que tinham de trabalhar penosamente para conseguir.

Sem conseguir me conter, falei:

-- Senhor, quero essa água para não ter mais sede nem precisar vir buscar a água deste poço.

-- Então, vá chamar seu marido e volte aqui.

Ah, para que ele foi falar isso, tocando no cerne da minha vergonha, da minha dor? Eu sabia que ele prometia algo bom demais para ser verdade. Assim que ele soubesse como eu vivia me voltaria as costas com o desprezo a que estou acostumada ser tratada. O peso de todos aqueles anos de maus tratos e abusos vergou meus ombros. Senti um nó doloroso na garganta e engoli em seco para impedir que as lágrimas denunciassem minha tristeza e vergonha. Cravando os olhos no pó vermelho que me cobria os pés, admiti cabisbaixa, num fio de voz:

-- Não tenho marido.

-- É verdade. Você já teve cinco maridos e o homem com quem mora nem seu

marido é.

Ué, como ele podia saber? Espantada, ergui os olhos, esperando ver refletida ali a acusação e a rejeição com que todos me tratam, mas o que vi foi uma fisionomia calma e compassiva. Então estava explicado! Eu estava mesmo falando com um profeta. Alguém que nunca me vira antes sabia tudo a respeito de minha vida. Senti o olhar bondoso penetrando-me os recônditos mais profundos da alma, vasculhando meu interior, trazendo à tona minhas decepções, minha amargura, o desprezo de que era objeto. Não conseguia ocultar dele a sede voraz de amor, ternura e apreciação que me corroía por dentro e que envenenava cada momento de cada dia, sede essa que só aumentava a cada novo relacionamento.

Lembrei-me das esperanças, dos sonhos que levava para o primeiro casamento. Era então pouco mais que uma criança. Cheia de ilusões, estava disposta a dar tudo de mim para fazer aquele homem feliz e também ser feliz, uma esposa amada e respeitada. Mesmo antes de ter ficado definitivamente comprovado que eu não teria filhos, meu marido começou a maltratar-me. Respeito, nunca recebi. Eu era apenas alguém que ele adquirira para servi-lo, fazer-lhe todas as vontades, algumas até degradantes. Nunca recebi um gesto de afeto, uma palavra de carinho.

Então, veio o divórcio. Dos males, o menor. Se tivesse apenas sido repudiada, teria de continuar vivendo na casa de meu marido, servindo à sua nova esposa, em posição inferior à de uma escrava. O divórcio me liberou para um novo casamento. A fagulha da esperança ardeu novamente em meu peito para logo depois extinguir-se. A cada novo casamento, menos esperança me restava. E saía dele mais machucada do que antes, com a alma em farrapos. Pouco eu oferecia e menos ainda recebia. E assim foi. Até que o homem com quem eu morava no momento nem casamento me ofereceu. Mas pelo menos eu tinha um teto sobre a cabeça. E um coração morto no peito. Todos aqueles anos haviam matado minhas esperanças e meus sonhos. Agora aquele homem vinha tocar na minha ferida, falar de água viva para alguém que estava morrendo de sede! Se fosse mais uma decepção...

Mas ele começou a me falar em Deus, chamando-o de Pai, um Pai a quem devemos adorar em espírito e em verdade. Ele me fez tirar os olhos dos acontecimentos da minha vida e elevá-los até o trono de Deus. Pude então vislumbrar a verdade que nunca conhecera antes. Tudo começa e termina com Deus. Saber isso, saber que há alguém muito maior no controle de todas as coisas dá sentido à minha vida e até ao meu sofrimento. Mas o que esse Deus pode querer comigo?

De repente, senti um tremor incontido tomar conta de mim. Eu conhecia as profecias a respeito do Messias prometido, que viria e nos revelaria coisas a respeito de Deus que jamais poderiam ser conhecidas de outra forma. Será que eu estava diante dele?

Com voz embargada, falei:

-- Sei que o Messias, chamado Cristo, está para vir. Quando vier, nos explicará todas estas coisas.

Fitando-me bem nos olhos, ele respondeu:

-- Eu sou o Messias! Eu, que estou falando com você.

O Messias, Deus em pessoa! Aquele que viria para restaurar nosso relacionamento com Deus! Mais do que um profeta, mais do que um sacerdote. Ele

salvaria o povo de seus pecados, restauraria o relacionamento dos homens com Deus. E agora, ali estava ele, em pé diante de mim, oferecendo-se para saciar a minha sede com a água viva do amor de seu Pai.

Abri a boca e bebi sofregamente. Eu não era apenas uma mulher multi-rejeitada, desprezada. Deus me havia buscado na pessoa daquele homem. Tinha de ser porque me amava. Eu, uma mísera samaritana, estava face a face com o Messias e nessa face encontrei uma compaixão tão doce e graciosa que me encheu de alegria e paz. Como podia sentir-me desvalorizada diante de quem se dignava a falar comigo, a me ensinar a respeito de Deus?

Endireitei-me, ergui a cabeça sentindo uma nova suavidade alisar minhas rugas, levantar os cantos de meus lábios num sorriso irreprimível que brotou do fundo de minha alma. Era como se uma fonte de água viva já jorrasse no meu interior, lavando as mágoas, as rejeições, as tristezas que por tanto tempo me mantiveram cativa. Num ímpeto de alegria e gozo, larguei o cântaro junto ao poço e, sentindo que meus pés tinham asas, corri à cidade para contar a todos que encontrasse a respeito do Messias, Filho de Deus!!



A história desta mulher ocupa um trecho bem longo do evangelho de João, o único evangelista que a narra. Abra sua Bíblia em João 4 e leia dos versículos 1 a 42. O episódio é narrado com bastante detalhes porque essa mulher, cujo nome nem é citado, foi a primeira pessoa a quem Jesus se deu a conhecer como o Messias prometido. Por isso o evangelista João dá tanta ênfase à conversa que Jesus teve com ela.

Ao ir da Judéia para a Galiléia, Jesus não seguiu o caminho normal usado pelos Judeus, que preferiam dar uma volta para não passar por Samaria. Os samaritanos eram considerados pelos judeus uma raça misturada e, portanto, indigna. Jesus propositadamente atravessou Samaria e se deteve junto ao poço. Quando a mulher apareceu ali para buscar água, ele lhe dirigiu a palavra, encaminhando a conversa para uma revelação inédita a respeito de como adorar a Deus e de sua missão aqui na terra.

Se ele já conhecia tudo a respeito da vida daquela mulher, devia saber também que a encontraria ali naquele lugar naquele dia. Jesus conhecia as necessidades profundas do coração dela e ofereceu-lhe a satisfação que ela nem sonhava ser possível.

Como Jesus conhece bem o coração das mulheres, suas esperanças, seus sonhos! Ele sabe quanto dependemos dos relacionamentos para nos sentir bem. Conhece cada rejeição, cada mágoa enterrada lá no íntimo do nosso ser. Ele nos fez mais voltadas para as pessoas, para os relacionamentos. Esse fato, tanto tempo ignorado ou negado, é amplamente reconhecido e comprovado hoje.

Recentemente, uma importante revista de negócios publicou um artigo falando da diferença entre a ambição nos homens e nas mulheres. Ali, o autor destacou uma pesquisa que mostra não haver diferença inicial entre homens e mulheres na questão

de onde querem chegar na vida, e os sacrifícios que precisam fazer para atingir esse objetivo. Entretanto, quando vão chegando perto dos 30 anos, muitas mulheres começam a rever seus valores e concluem que querem mais da vida do que apenas ser bem-sucedidas em sua carreira. Muitas acabam abandonando tudo aquilo por que lutaram a fim de ter mais tempo para si mesmas e para seus relacionamentos.⁴

Tanto isso é verdade que, pouco tempo depois a mesma revista publicou outro artigo, desta vez escrito por uma mulher, explicando que as mulheres não ocupam cargos mais altos nas empresas e na política *porque não querem*. Se quiserem, se escolherem dedicar todo seu esforço a esse objetivo, podem chegar lá, como a própria autora do artigo. E ela conclui: “Chega de jogar a culpa nos homens. Essa é uma opção que as mulheres fazem”.⁵

Claro que é! Todas nós sabemos que a verdade pura e simples é que as pessoas da nossa vida têm prioridade sobre qualquer realização pessoal. Basta olharmos para dentro do nosso próprio coração. Por isso somos chamadas de “nutridoras”. Eu prefiro o termo bíblico “ezer”.

Quando Deus disse não ser bom o homem estar só, anunciou que lhe daria alguém que lhe correspondesse para auxiliá-lo (Gn 2:18 – NVI), uma “ezer” na língua original. Essa pessoa era a mulher. Sem ela, a criação não estava completa, não era totalmente boa. Faltava o último detalhe para que tudo estivesse conforme ele havia planejado. A mulher foi a coroa de toda a majestosa sinfonia do processo criador.

A própria palavra usada pelo escritor sacro mostra a dimensão da missão para a qual a mulher foi criada. A palavra “ezer” significa auxiliar, cercar de suporte, socorrer quando necessário. Autores que estudaram em profundidade o primeiro livro da Bíblia consideram difícil a tradução para a nossa língua da expressão ezer, mas concordam que a que mais se aproxima de todo o significado contido no original seria “sustentadora que está ao seu lado”.

Apenas as duas vezes em que aparece na passagem de Gênesis a palavra “ezer” se refere à mulher. Em todas as outras mais de cinquenta vezes em que aparece no restante do Antigo Testamento, ela se refere a Deus como o ajudador de seu povo, como o seu socorro nas horas de maior necessidade.

“Não há outro, ó amado, semelhante a Deus, que cavalga sobre os céus para a tua ajuda...Feliz és tu, ó Israel! Quem é como tu? Povo salvo pelo Senhor, escudo que te socorre” (Dt 33:26,29 – grifo acrescentado).

“Nossa alma espera no Senhor, nosso auxílio e escudo” (Sl 33:20 – grifo acrescentado).

“Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel” (Is 41:10 – grifo acrescentado).

4 Revista Exame. 4 de agosto de 2004, pgs 19-27.....

5 Revista Exame, 16 de fevereiro de 2005, pg 92.....

Quanta dignidade Deus, o Ezer por excelência, nos conferiu ao dizer que faria alguém que refletiria essa característica importante de se envolver e ajudar outra pessoa! A criação da mulher não foi um remendo, como se Deus só naquele momento tivesse decidido que estava faltando alguma coisa para que sua criação se completasse. Na narrativa do capítulo 1 de Gênesis, Eva estava bem ao lado de Adão quando Deus entregou o mundo ao cuidado dos seres humanos. Ela tem um papel vital nesse cuidado, uma parte que só ela pode desempenhar.

Para a missão que ele nos deu fomos capacitadas em todos os sentidos – física, mental e emocionalmente. Por isso, a parte que temos para cumprir no domínio da sua criação está no cerne de quem somos.

O coração feminino foi feito para os relacionamentos. Eva foi criada a partir de um pedaço de Adão, ligada a ele pelos ossos e pela carne, como ele mesmo proclamou. Ela é quem estaria ligada da mesma forma aos seus descendentes, formados que seriam dentro do seu corpo, alimentados por seu sangue. Por ter sido feita assim por Deus, a mulher se envolve naturalmente com as pessoas. Ela personaliza seu ambiente, seu trabalho, sua arte, seus interesses, buscando nos relacionamentos uma forma de satisfazer o anseio de sua alma por alguém a quem amar, a quem ajudar a ser tudo o que foi feito para ser.

Como sustentadoras, nutridoras da vida nas pessoas, refletimos alguns aspectos da imagem radiante do Deus que é essencialmente relacional. E somente dentro do seu propósito para nós é que podemos nos realizar plenamente.

Entretanto, conversando com mulheres por todo este nosso país, e até algumas que estão morando fora dele, tenho podido observar a insatisfação das mulheres na área dos seus relacionamentos, insatisfação essa que está sempre ligada a duas realidades: as que estão sozinhas anseiam por um companheiro que lhes dê o amor que trará maior significado às suas vidas, e as que estão casadas anseiam por aquilo que sonhavam que seus companheiros lhes dariam quando se casassem. A realidade da vida conjugal poucas vezes corresponde a todos os sonhos e expectativas que as mulheres levam consigo quando casam.

Sendo essa a realidade que vivem, as mulheres estão sempre buscando soluções para os conflitos nos seus relacionamentos. São elas a grande maioria, 70 por cento segundo os editores, dos compradores de livros sobre relacionamentos. São elas que constituem a maioria das pessoas que tomam a iniciativa na busca de ajuda profissional para os conflitos familiares.

Você deve se lembrar que Adão e Eva viviam na mais perfeita harmonia possível entre duas pessoas quando estavam no paraíso, mas, assim que resolveram seguir sua própria vontade, desobedecendo à ordem de Deus, começaram os problemas. Sentiram vergonha e ocultaram do outro aquilo que os tornava diferentes, únicos. Sentiram medo e se esconderam de Deus. Quando confrontados pelo Criador, não admitiram sua culpa mas a jogaram sobre quem puderam. Expulsos do lugar onde haviam conhecido a felicidade perfeita, começaram a vida de conflitos e frustrações relacionais que todos os seus descendentes teriam. Como a mulher samaritana. Como eu e você.

Por isso, a resposta de Jesus à mulher samaritana é a mesma para cada uma de

nós. Se quisermos que nossos relacionamentos sejam tudo aquilo que sonhamos, aquilo que fomos feitas para desfrutar em termos de amor e companheirismo, temos de nos voltar para o nosso relacionamento com o Deus vivo e verdadeiro, que nos criou de acordo com sua vontade para um propósito eterno e grandioso. Quando começamos a conhecer quem Deus é e a desenvolver um relacionamento íntimo e amoroso com ele, a água viva do seu amor sacia a nossa sede por relacionamentos, transbordando para abençoar as pessoas com quem convivemos.

A sede daquela mulher junto ao poço existe no coração de cada uma de nós. Talvez poucas passem por uma situação tão degradante e dramática quando a dela, mas, por sermos como somos – mulheres – estamos sempre sendo confrontadas com as falhas dos relacionamentos humanos, onde buscamos saciar nossa sede de amor e apreciação.

Maria Emília é uma mulher cuja vida faz lembrar a da mulher samaritana. Só que nos dias atuais, nenhum dos relacionamentos que já teve chegou a casamento. O último deles deixou-a deprimida, sentindo-se usada e abusada pelo homem que conheceu numa sala de bate-papo da internet. “Pensei que ele queria um relacionamento sério comigo”, diz ela, “mas foi só sexo. Ele nem fez questão de disfarçar. Desde nosso primeiro encontro, foi só isso.” Ela sonha com uma mudança de vida, mas diz que não tem força para resistir aos apelos dos homens, mesmo sabendo que no final está apenas sendo usada por aqueles a quem se entrega. Buscando amor, ela encontra desilusão e amargura.

Não estamos tão longe assim daquele poço em Samaria. Mas Deus não nos fez carentes para vivermos sentindo a dor atroz da nossa sede, das nossas necessidades. Antes, ele usa essa mesma sede para nos mostrar onde está a fonte da vida verdadeira e abundante – Jesus. Ele quer e pode mudar o rumo da nossa vida. Quando nos voltamos para ele com a nossa sede, ele nos enche com a segurança do seu amor e com o significado do seu propósito para cada uma de nós.

Jesus foi em busca daquela mulher de vida destroçada, sem esperança alguma de redenção. E lhe mostrou que a restauração começava com a restauração do seu relacionamento com o Deus vivo e verdadeiro. E é nesse mesmo lugar que começa a restauração de todos os relacionamentos humanos porque todos os conflitos relacionais começaram no momento em que nossa comunhão com Deus foi quebrada.

As dificuldades e as dores dos relacionamentos são o lugar mais propício para Deus operar a fim de trazer mudanças libertadoras à nossa vida porque elas nos tornam tão vulneráveis, tão conscientes da nossa impotência em conseguir as coisas que nos são mais caras. Ele começa fazendo com que tiremos os nossos olhos das pessoas que nos magoam e fitemos sua face amorosa, bondosa, paciente, restauradora. Como aquela mulher de Samaria que saiu da presença de Jesus radiante. Sua vida nunca mais foi a mesma.

Não sabemos como a história terminou, se ela se casou com o homem com quem morava, se acabou sendo aceita e respeitada pelas pessoas da sua cidade. Tudo indica que sim pois, atraídos por suas palavras, muitos samaritanos foram procurar Jesus e aceitaram sua oferta de salvação. É bem provável que uma pequena igreja tenha surgido naquela cidade. Mas isso é suposição.

Uma coisa, entretanto, é certa. A mulher que, como a samaritana, sacia a sede da sua alma com a água viva do amor de Deus fica livre para ser tudo o que Deus a fez para ser. Seus relacionamentos começam a mudar porque ela está mudando, tornando-se um canal desse amor apaixonado na vida de seus familiares e amigos.

Deus usa a nossa sede para nos atrair para si. E quando nos entregamos em suas mãos, ele trabalha em nós para nos transformar em mulheres cuja formosura brota do interior, do espírito manso e tranquilo que espera em Deus, fazendo bem e não temendo perturbação alguma (1 Pe 3:4).

Ele oferece hoje a cada uma de nós a mesma água viva que ofereceu à mulher junto ao poço de Jacó, a água fresca do amor de Deus que, como um bálsamo precioso curará as nossas feridas, aliviará as nossas dores, nos dará um senso de propósito e dignidade que nenhum relacionamento humano pode dar.



Capítulo Doze - Marta

Quando o sol raiou, já me encontrou de pé, é claro. Ia ser um dia cheio e eu não podia me dar ao luxo de ficar mais tempo no leito, orando como gosto de fazer antes de iniciar as atividades do dia. Havia coisas demais para fazer.

Vesti-me depressa. Escolhi usar minha roupa mais nova, embora fosse estar apenas trabalhando em casa. Prendi os cabelos numa longa trança que enrolei sobre a cabeça, o que, segundo meu irmão, me dá um ar de rainha. Não que eu goste de ficar me enfeitando, mas o dia era especial. Iríamos receber a visita de um grande amigo, e ele não viria sozinho. A casa ia ficar cheia e eu queria receber bem a todos. Nossa casa é grande e confortável, mas dá trabalho mantê-la assim.

Fui logo para a cozinha. Minha serva tinha de ficar doente logo esta semana! Agora seria preciso moer os grãos eu mesma, além das outras tarefas que ela normalmente faz para me ajudar. Na minha casa, a responsabilidade pela boa ordem e pelo conforto é minha. Se tenho ajuda, ótimo. Se não, faço tudo eu sozinha. Não sou a única mulher e Maria, minha irmã, me ajuda com algumas tarefas, mas não gosto de ficar dependendo de ninguém e não gosto de ter de pedir ajuda. E Maria, bem... você sabe que ela nem sempre parece sentir a importância de fazer as coisas na hora certa. É meio cabeça-de-vento. É por isso que tenho de assumir a casa. Não posso deixar a peteca cair porque se as coisas não funcionarem direitinho, é meu nome como dona da casa que está em jogo.

Chegando à cozinha já fui colocando as mãos na massa, literalmente. Havia pão para fazer, carne para temperar e assar, legumes para cozinhar, coalhada seca para preparar, mel para colocar numa vasilha bonita que iria à mesa. E a mesa para arrumar! O difícil era saber quantas pessoas estariam comendo conosco aquele dia. O amigo especial cuja visita era aguardada com tanta ansiedade nunca vinha sozinho. Além daquele bando de homens sempre ao seu redor, pessoas de toda espécie o seguiam, querendo ouvir o que ele tinha a dizer, querendo tocá-lo na esperança de um milagre, uma cura, um sinal de seu tão propalado poder.

Essa era outra coisa que eu precisava prever. Aquele grupo vinha de longas viagens, cansado, faminto. Não era qualquer comidinha que satisfaria seu apetite, não. Ai, Senhor, dá-me forças!

Maria desceu pouco depois de mim e se ofereceu para me ajudar, mas mandei que fosse colher umas flores no jardim para enfeitar as floreiras. Ela tem espírito artístico e muito jeito com enfeite e cores. Assim, seria uma coisa a menos para eu me preocupar. E na cozinha, às vezes ela mais atrapalha do que ajuda.

Os preparativos estavam bem encaminhados quando os hóspedes chegaram. Lázaro, meu irmão, saiu ao seu encontro assim que os avistou ao longe, vindo pela estrada que ia de Betânia para Jerusalém.

Vi-os chegando juntos. O Mestre tinha um braço sobre o ombro de meu irmão e eles riam gostoso de alguma história engraçada. Quedei-me a observá-los, o coração leve. Lázaro vinha sofrendo alguns problemas de saúde que me preocupavam

bastante. Desde a morte de Papai, ele ficou sendo o chefe de nossa família, assumindo essa responsabilidade e os negócios do pai com firmeza e determinação. Maria e eu sempre o cercamos de todos os cuidados mas ultimamente notamos que ele se cansava à toa, e precisava de períodos de repouso após qualquer esforço físico. Embora nunca se queixasse e sempre relevasse qualquer comentário que fizéssemos a respeito, sabíamos que alguma coisa não ia bem. Por isso era tão bom vê-lo na companhia do Mestre, sorrindo, seu rosto irradiando alegria e paz.

Recebi os convidados e mais uma vez me surpreendi com a meiguice do olhar de nosso hóspede de honra! Senti-me inundada por enorme sensação de bem-estar. Mas não podia ficar ali, parada. Embora as acomodações estivessem preparadas, nossa casa logo virou um reboição com o vozerio e a movimentação de todos aqueles homens. Dirigi-me depressa à cozinha, pois a mocinha que me ajudava naquele dia não era experiente como a minha serva e ainda havia muito por fazer. Enquanto nos atarefávamos com as tarefas mais pesadas, notei que o vozerio diminuiu até silenciar. Então, uma voz bem modulada soou. Eu sabia a quem ela pertencia. Agucei os ouvidos para escutar o que estava sendo dito, mas qualquer ruído na cozinha atrapalhava. Além disso, se eu me distraísse e deixasse de me concentrar no que tinha de fazer, poderia cometer alguma bobagem das grossas.

E onde se encontrava Maria? Na hora em que eu mais precisava de sua ajuda, ela desaparecia. Mandeí a mocinha atrás de minha irmã, mas ela voltou dizendo que não a encontrou no quarto nem nos outros cômodos onde poderia estar. Naquele momento, um pensamento relampejou por minha mente, deixando-me estarrecida. Não! Ela não podia estar na sala, com todos aqueles homens. Mesmo que fôssemos as anfitriãs, havia regras que precisavam ser respeitadas. Nosso pai sempre fora muito rigoroso nessas questões. Eu sabia que, por Maria ser a caçula, havia sido um tanto mimada, mas aquilo passava da conta.

Pé ante pé, dirigi-me à sala, de onde vinha o som da voz. E com que cena me deparei quando cheguei lá! Cercado pelo grupo de homens atentos, o Mestre, recostado contra as almofadas do confortável assento de madeira escura que era reservado às visitas mais importantes, dirigia-lhes a palavra em tons suaves e íntimos. E, quem diria! Sentada sobre um banquinho baixo a seus pés, Maria. De susto, quase sufoquei.

Meu arquejo incontido chamou a atenção do Mestre, que voltou para mim o olhar. Maria nem se mexeu. Como podia fazer uma coisa daquelas, desprezando toda a educação que recebera e negligenciando seus afazeres de dona de casa? Por que sempre sobrava para mim o peso maior da responsabilidade? Eu já não me dedicara o suficiente? O que acontecia naquele dia era apenas uma continuação de tudo o que havia sido minha função na vida.

Não me entenda mal, sou ótima dona de casa porque aprendi a fazer o serviço que me compete e faço com amor e dedicação. Amo servir minha família. Minha mãe me treinou bem, ensinando-me com paciência mas também com muito rigor. Ela dizia sempre que queria que suas filhas fossem uma jóia preciosa para o marido que viessem a ter.

Aos poucos, fui aliviando Mamãe das tarefas mais pesadas, trabalhando ao seu lado. Ficamos muito amigas mas ela não chegou a ver nenhuma das filhas casar.

Cuidei dela quando adoeceu, até seus últimos momentos. Depois assumi o papel de dona da casa de meu pai. Nunca deixei que lhe faltasse coisa alguma. Sei que ele sentia muito a falta de Mamãe em coisas que eu jamais poderia substituir, mas naquilo que eu podia suprir a sua falta, esforçava-me por fazê-lo.

Uma coisa era certa – eu não sabia ficar parada. E agora, vendo a tranquilidade de Maria, sentada aos pés do Mestre, senti uma fúria queimando dentro de mim. Por que era sempre para mim que sobrava o maior peso da responsabilidade? Maria também era mulher. Por que ela podia dar-se ao luxo de fazer o que queria enquanto eu, que também gostaria de ficar ali, sentada, ouvindo o Mestre, não podia fazer isso sob pena de ter um bando de homens famintos nas mãos sem ter o que lhes servir?

O Mestre ainda me fitava. Agora os outros, percebendo a direção de seu olhar, também olhavam para mim. Aquilo era demais. Senti que estava me intrometendo, uma intrusa indesejada.

Tentei me conter mas a raiva que me queimava naquele momento escapou-me pelos lábios num jato de frustração:

-- Senhor, não está vendo que Maria me deixou sozinha com todo o serviço? Mande que venha me ajudar.

A minha impertinência! Mal conseguia acreditar que me atrevera a falar assim com o Senhor. Senti-me exposta, como se tivesse sido apanhada só com as roupas de baixo. Não conseguia mexer nem desviar os olhos do seu rosto. Ah, a meiguice com que me fitava! Meneando de leve a cabeça, ele retrucou:

-- Marta! Marta! Você está inquieta e se preocupa com muitas coisas, minha filha. Não parou um minuto desde que chegamos aqui. Mas tão pouco é realmente necessário. Aliás, só uma coisa. Maria escolheu a boa parte, que nunca lhe será tirada.

Senti um calor intenso invadir-me o rosto. Agora até Maria olhava para mim. Girei nos calcanhares e saí da sala para que ninguém visse as lágrimas que me queimavam os olhos. Ser repreendida assim, na frente de todos! Só a bondade do olhar do Mestre e o tom terno de sua voz amenizavam a estocada poderosa de suas palavras, que ficaram queimando em minha mente enquanto eu mexia e remexia nos potes a comida já pronta.

“Ele é homem”, argumentei comigo mesma. “Não entende o meu dilema, a minha aflição.” Mas, mesmo enquanto as palavras me cruzavam a mente, eu sabia que nunca conhecera alguém mais compreensivo e amoroso do que ele.

Deixei-me cair sobre um banquinho. Minha ajudante, espantada, fitava-me sem saber o que fazer, as mãos nervosas esticando a ponta do seu chale. Com as emoções revolvendo num turbilhão, eu não conseguia pensar direito. A voz do Mestre continuava a soar aos meus ouvidos, terna, amorosa preocupada comigo. De repente, percebi! Jesus se entristecia por eu não estar lá na sala com ele. Ele desejava minha companhia mais do que uma comida pronta! E eu, o que ficava fazendo? Coisas úteis, importantes para mim. Eu conhecia muito bem minhas responsabilidades. Mas tudo isso teria passado amanhã. E meu tempo com o Mestre teria sido reduzido a alguns momentos apenas. Ele oferecia um banquete e eu me dispunha a comer migalhas.

Como ele tinha razão! Maria escolheu a boa parte. As palavras que ela ouvia com tanta atenção estariam para sempre com ela. Eu teria de ouvi-las de segunda mão

agora. Ou será que teria?

Pé ante pé, dirigi-me de novo à sala e me apoiei a uma coluna. A voz do Mestre respondia à pergunta de um dos discípulos, explicando a respeito do amor do Pai e de sua disposição de fazer a vontade dele.

O ensinamento chegava ao fim. Alguns daqueles homens, que haviam estado tão quietos, levantaram-se de seus lugares, estirando um pouco os músculos meio entorpecidos. De novo o som do vozerio masculino invadiu toda a casa. Ouvi a risada gostosa de meu irmão. Que som maravilhoso!

Maria ainda disse alguma coisa ao Senhor, mas logo levantou-se e veio em minha direção, esboçando um leve sorriso quando me viu em pé ali. Aproximando-se, ela passou o braço por minha cintura e falou baixinho: “Vamos cuidar do almoço, mana. O pessoal está com fome.”



Abra sua Bíblia e leia esse encontro de Marta com Jesus em Lucas 10:38-42. Somente Lucas registra essa visita de Jesus à casa de seus amigos. Como para escrever o seu evangelho ele pesquisou extensamente os acontecimentos, consultando pessoas que haviam sido testemunhas oculares (Lc 1:2-3), é bem provável que a própria Marta lhe tenha contado este episódio. É por isso que a narrativa descreve tão acuradamente os sentimentos de uma pessoa que serve sem alegria, por obrigação.

Já conversei com muitas mulheres que, quando comentam a história que acabamos de ler, acham que Jesus foi injusto para com Marta. Afinal, todas nós já estivemos em situação semelhante, de ter de decidir entre o bom, o necessário, e o que realmente gostaríamos de estar fazendo. Queremos passar mais tempo na presença de Deus, cuidando de nossa vida espiritual. Queremos tirar mais tempo para coisas importantes apenas para nós. Queremos cuidar um pouco de nós mesmas. E queremos fazer o que as pessoas esperam de nós. Queremos fazer tantas coisas que nossas vidas mais parecem uma enorme lista de obrigações que nos apontam um dedo acusador: Você devia estar fazendo isto, isto e aquilo. Estamos sempre em falta, sempre devendo.

Por isso, quando lemos as palavras de Jesus a Marta, pensamos: “Ele não entende o que é ser mulher, o que é ter casa, marido e filhos para cuidar. A trabalhadora nunca tem fim! Sou quase sempre a primeira a levantar e a última a deitar. E mesmo assim muita coisa fica por fazer. Eu bem que gostaria de fazer como Maria – tirar o tempo de outras coisas para ficar cultivando minha vida espiritual, mas e aí? Quem vai fazer o que ficou por fazer? Terei de correr muito mais do que já corro.”

Qualquer dona de casa concorda com essa avaliação. Para muitas de nós, a rotina dos serviços da casa parece mais uma forma de escravidão da qual seria um alívio escapar, mesmo que por algumas horas. E quando alguém nos joga em rosto que seria melhor se estivéssemos fazendo outra coisa mais proveitosa, parece até acinte. Por isso tantas de nós ficamos do lado de Marta nessa história. Será que temos aqui uma incompreensão de Jesus sobre o fardo de cuidados que a maioria das mulheres carrega? Ou será que ele está nos ensinando algo importante a respeito de nós mesmas e daquilo para que fomos feitas?

Jesus conhece o nosso coração, os anseios que estão lá no fundo. Sabe que, como seres humanos, temos uma necessidade fundamental de nos sabermos apreciadas, valorizadas. No coração de cada uma de nós existe a pergunta: “Tenho valor por ser quem sou? Sou apreciada assim como sou?”

Você pode ver essa pergunta na atitude da garotinha que se enfeita toda, muitas vezes com as roupas e a maquilagem da mãe e vem se exhibir perante a família. Nos seus olhinhos brilhantes lê-se a mensagem: “Que tal? Vocês não ficam encantados comigo? Não apreciam quem sou?” Da resposta a essa pergunta depende em grande parte como essa menina se verá como mulher. A que vir deleite e encantamento nos olhos daqueles a quem se dirige e receber a resposta por que anseia, ou seja – Sim, você é um encanto e eu a amo muito – sentir-se-á segura no seu valor como pessoa, apreciada por ser quem é. E, quando crescer, saberá se valorizar e oferecer seu amor e carinho a alguém que reconhecer esse valor.

Se, entretanto, a resposta for um ríspido – Não, deixe de se empetecar desse jeito, ninguém aqui acha você bonita! – o que ela ouvirá será: “Ninguém aqui se encanta com você. Você não tem valor por ser como é”. Sua alma ficará marcada por um senso de rejeição e ela crescerá sentindo-se insegura na sua feminilidade: “Ninguém vai gostar de mim do jeito como sou.” E continuará fazendo essa pergunta a uns e outros na esperança de encontrar alguém em cujos olhos ela veja o enlevo que a fará sentir-se apreciada.

Claro que não é um único episódio de rejeição que vai causar todo esse dano, mas como vivemos num mundo imperfeito, cercado de pessoas também carentes, muitas vezes, mesmo na família mais amorosa e protetora, as pequenas mensagens vão marcando o coração com a certeza de que, se quisermos ser valorizadas, precisamos fazer o que esperam de nós. Ouvimos: “Não, você não fez o que mandei e estou brava com você.” Vemos uma expressão carrancuda e pensamos: “Só agrado, só me valorizam, quando faço o que querem. Meu valor está no que eu faço.”

Forçadas por nossa necessidade de apreciação, desenvolvemos uma forma de obter aquilo de que tanto precisamos, fazendo o que é esperado de nós, e até mais. E assim, achamos que estamos garantindo a vida com que sonhamos mediante nossos próprios esforços.

Isso não acontece somente com as mulheres, é claro, mas as mulheres são mais suscetíveis por serem mais voltadas para as pessoas. Por isso é mais fácil padecerem de baixa auto-estima. Internalizam toda e qualquer rejeição como uma acusação contra o seu valor. É o que acontece com Tereza.

Uma mulher competente, trabalhadora, Tereza cresceu numa família numerosa e, como filha mais velha, teve de ajudar nos trabalhos da casa e no cuidado dos irmãos menores desde que se conheceu por gente. A princípio, ressentia-se do tempo que tinha de tirar das brincadeiras para ficar olhando uma criança ou executando alguma tarefa doméstica, principalmente quando via amigas e coleguinhas muito mais livres do que ela para brincar e se divertir. Apesar disso, via que seu trabalho apagava um pouco aquele ar de cansaço que marcava o rosto ainda jovem da mãe e isso lhe dava satisfação. Gostaria de receber, de vez em quando, uma palavrinha de agradecimento, um gesto carinhoso que mostrasse que seu trabalho era reconhecido, mas a mãe, sempre atarefada e cansada, e que também havia sido criada para o

trabalho desde pequenina, nunca se lembrava de dar aquilo de que a filha tanto precisava.

O pai era um bom trabalhador, mas em casa era seco, exigente, sempre de cara fechada como se a família fosse um peso para ele. Tereza aprendeu desde cedo a não desagradá-lo. Sabia que quando ele se zangava, falava com dureza com ela e sua zanga se espalhava sobre toda a família. Nunca se sentiu amada por ele. Apenas tolerada, se fizesse bem o que lhe era mandado.

Tereza cresceu convencida de que só seu trabalho lhe confere algum valor, só pelo que faz ela será apreciada. Não sabe quem realmente é, só o que tem de fazer. Hoje ela é uma mulher ativa, uma trabalhadora incansável dentro e fora de casa. Na igreja, é a líder competente do trabalho feminino. Embora receba muitos elogios por tudo o que faz na vida da igreja e da comunidade, a apreciação que recebe vem só confirmar para ela que é do seu trabalho que as pessoas gostam, não dela em si. Por isso, para continuar recebendo essa apreciação que a leva a sentir-se bem como pessoa, ela faz tudo o que lhe pedem, tudo o que esperam dela, mesmo quando isso lhe causa grandes e desnecessários transtornos. Presa às expectativas das outras pessoas sobre o que ela deve fazer, ela se ressentida do fardo que isso representa e do qual não consegue se livrar. Embora seu trabalho seja apreciado, ela não é uma pessoa atraente, acolhedora. As pessoas a respeitam mas se conservam distantes. E isso magoa profundamente o coração de Tereza que, para compensar, se esforça mais ainda, num círculo vicioso para o qual não parece haver saída.

O desejo de se doar é inato no coração da mulher. Ela já foi feita para ser uma ajudadora, uma “ezer”, e é no seu envolvimento com as pessoas que encontra a plena realização de sua feminilidade. Ela é essencialmente nutridora, doadora, servindo as pessoas, oferecendo-lhes o conforto que seus cuidados podem proporcionar.

Segundo o Dr. Paul Tournier, a mulher tem o sentido da pessoa e, por conseguinte, personaliza tudo: suas coisas, seu ambiente, seu trabalho. Portanto, não é o trabalho em si que importa – seja montando peças num rádio para automóvel, descascando batatas, digitando um texto no computador, administrando uma grande empresa – mas para quem ou por quem ela o está fazendo. O seu mundo é o mundo das pessoas.

Fomos feitas por Deus para cuidar das pessoas, seja na capacidade que for. Por isso mesmo, é na área das pessoas que o pecado distorce sutilmente aquilo com que Deus nos dotou para ministrarmos àqueles que nos cercam. A nossa carência nos leva a usar a nossa capacidade de doação para obter aquilo de que precisamos. Aprendemos a servir para obter amor em vez de servir por amor. E aí nos ressentimos quando não recebemos o reconhecimento e a apreciação de que precisamos para nos sentir valorizadas.

É o caso de Marta. É o caso de Tereza. E é o caso de cada uma de nós que sente a capacidade e o desejo de servir como uma escravidão da qual não consegue se libertar. Em vez de sermos livres para ministrar com nossos dons especiais, eles se tornam o meio através do qual somos mantidas cativas da falsa crença de que nosso valor reside no que fazemos. Se servirmos bem, seremos apreciadas. Ansiamos ser apreciadas; por isso, temos de servir bem, quer queiramos, quer não. E nos ressentimos do fato de aparentemente não termos escolha.

Talvez você não seja como Marta, mas conviva com alguém como ela, ou como Tereza, inquieta e preocupada, sempre fazendo alguma coisa. Ela não sabe relaxar, não tem tempo para coisas que considera bobagens, como uma boa conversa, um passeio improvisado ou simplesmente alguns cuidados consigo mesma, como um cochilo quando está cansada. As coisas que ela faz por você pesam como obrigação, Você não consegue descansar no que lhe é oferecido porque sente a imediata obrigação de retribuir de alguma forma. Ela faz por você não o de que você realmente está precisando mas o que ela acha que você deve ter.

A pessoa que serve a partir da sua carência de apreciação faz questão de relatar tudo o que faz pelos outros, minuciosamente. Muitas vezes, quando não encontra a apreciação que busca, assume uma atitude de mártir: “Só eu faço, só eu me mato de tanto trabalhar.” Dá até para ouvir o mesmo tom lamuriento que Marta deve ter usado quando reclamou de estar trabalhando sozinha enquanto Maria ficava ouvindo o que Jesus tinha para dizer.

Observe bem que não foi do cuidado de Marta com as necessidades de seus hóspedes que Jesus falou. Ele não disse que Marta não deveria ministrar, cuidar da casa, fazer o trabalho do qual todos usufruiriam, mas afirmou que havia uma coisa mais importante. Ele veio ao lar das duas irmãs para oferecer a si mesmo como o pão vivo do amor de Deus que saciaria sua fome de apreciação. Estava ali, bem diante de Marta, e ela, inquieta e preocupada com muitas outras coisas, não se deteve para ser alimentada.

A palavra inquieta significa alguém que anda por aí arrastando pesos. É a tática usada para impedir que prisioneiros tenham possibilidade de escapar ao seu castigo quando estão fora das prisões. Você já deve ter visto uma cena assim em filmes. Os carcereiros prendem os pés dos prisioneiros com fortes correntes, às quais estão atadas bolas de ferro pesadas. Os homens andam com passos curtos, lentos, arrastando consigo o peso do seu castigo o tempo todo.

O contrário de inquietação é serenidade, tranquilidade, ausência de perturbação. É o estado de espírito da pessoa que sabe fazer o que é certo para aquele momento de sua vida com alegria de coração. Sente gozo em servir, mas sabe a hora de não servir para ocupar-se de outras coisas mais importantes. Suas prioridades estão na ordem correta. Ela é livre para fazer ou deixar de fazer, para dizer sim ou dizer não. Não é a necessidade de agradar que a controla; por isso serve de espírito leve, generoso, abençoador. Gosta de ver a alegria e o conforto que seu trabalho oferece àqueles a quem serve, mas o bem deles está acima até de seu próprio senso de satisfação. Pode fazer o que é melhor para eles mesmo vendo cara feia e falta de gratidão. É uma pessoa atraente, acolhedora. As pessoas sentem liberdade para ser elas mesmas quando estão com ela, sentem-se aceitas e apreciadas.

A atitude de Marta mudou depois daquele encontro com Jesus. Em João 12:2, vêmo-la novamente servindo, mas agora sem reclamar, sem se fazer notar. E dessa vez, nem era em sua própria casa. Marta está livre para fazer o que sabe tão bem fazer por amor, de coração.

Essa liberdade de ser quem somos vem quando fitamos o rosto daquele que nos amou a ponto de dar a vida por cada uma de nós e deixamos que seu amor inunde o nosso coração, saciando a fome de apreciação da nossa alma. Jesus olhou nos olhos

de Marta e ofereceu-lhe libertação: “Escolha o melhor, Marta. Escolha a mim. Faça de mim a sua prioridade e todas as outras coisas se encaixarão no seu devido lugar. Eu a fiz como é e tudo o que fiz é muito bom. Está me ouvindo, Marta? Muito, muito bom. Mesmo que ninguém mais a valorize, a aprecie, eu sei quanto valor você tem para mim. Você é tão valiosa que desci do céu para dar minha vida por você. Quero ter você comigo na eternidade. Mas, enquanto ainda está vivendo aqui, quero que tenha uma vida abundante, cheia de alegria e gozo e paz, servindo por ser a pessoa especial, doadora, amorosa que é. Somente quem serve por amor, pensando exclusivamente no outro, recebe a recompensa por que seu coração realmente almeja – abençoar e edificar a pessoa a quem servir.”



Capítulo Treze - Maria de Betânia

Às vezes, em meio à rotina do dia a dia, acontecem momentos tão preciosos, tão especialmente doces e plenos de gozo que, se eu pudesse, captaria e guardaria num frasco do mais puro alabastro, como um perfume raro, daqueles importados, para ser usado, uma gotinha por vez, quando os momentos tristes da vida se apresentassem.

Ontem foi um desses momentos e surgiu em meio à nossa maior dor e confusão. Deixe-me contar o que aconteceu.

Desde que nossos pais morreram, eu, minha irmã Marta e meu irmão Lázaro ficamos morando na casa da família. Como caçula, embora tivesse chorado muito a morte de meus pais, continuei recebendo de meus irmãos mais velhos os cuidados de que necessitava. Marta dizia até que Lázaro me mimava, exatamente como meu pai fazia enquanto vivo. Não concordo, embora realmente Papai me tivesse concedido alguns privilégios especiais que a maioria das filhas mulheres nunca gozam. Ele me ensinou a ler e então pude estudar a Torá, mas nunca com os meninos na sinagoga onde Lázaro estudou. Eu aprendia em casa, com Papai. Sei que não lhe dava sossego com as minhas perguntas incessantes, mas ele nunca se mostrou aborrecido. Com muita paciência, enquanto eu me recostava contra seu peito, ele me explicava tudo o que sabia a respeito de Javé, de sua bondade, de sua sabedoria e da beleza e santidade de suas leis. Quando Papai não podia me atender, era para Lázaro que eu me voltava.

Apesar dessa brecha nos costumes, Papai era muito severo no que dizia respeito ao meu comportamento como mulher e futura dona de casa. Embora eu preferisse ficar estudando e pensando, tinha minhas obrigações, que desempenhava sob a orientação de Mamãe. Se as tarefas não estivessem bem feitas, não podia tirar o tempo para estudar. Dá para ver que era um ótimo estímulo para eu trabalhar com capricho. Mamãe sempre dizia que o bem estar de toda a família dependia daquelas pequenas responsabilidades. Aprendi a fiar e a tecer, pois as roupas que vestíamos dependiam desse trabalho.

O que eu menos gostava de fazer era trabalhar a lã que vinha em tufo sujos depois da tosquia. Era preciso separar, lavar e preparar para transformar aqueles tufo em fios. O algodão já era mais fácil de trabalhar. Daqueles flocos branquinhos e macios precisavam ser retiradas e guardadas as sementes que serviriam para uma nova semeadura. Só então o algodão era fiado e depois tecido para fazer nossas roupas de uso diário, tanto as de baixo quanto as vestes e túnicas, além de tudo quanto usamos para cobrir as camas e nos enxugar quando nos lavamos. Aprendi também a moer os grãos para obter a farinha que usaríamos para fazer os pães. Quanto mais bem moídos os grãos, mais fina a farinha e mais macios os pães. Eu me esforçava bastante pois ouvir de Papai que o pão estava muito gostoso era uma recompensa que eu cobiçava.

Tive uma infância feliz e livre de maiores preocupações. Por isso, o choque foi muito grande quando Mamãe adoeceu e veio a falecer. Papai pareceu não resistir à dor e morreu pouco depois, quando ainda nem havíamos tido tempo de nos recuperar da perda de Mamãe. Foi um tempo escuro em nossa vida, mas Lázaro e Marta

assumiram as posições de dono e dona da casa, e, depois de alguns anos, a forte dor se transformou numa saudade dolorida, guardada lá no fundo do coração, mas não mais afetando o nosso dia a dia. Formamos de novo uma família feliz. Nossa casa era hospitaleira e vivia cheia de amigos que sabiam que ali seriam muito bem recebidos. Marta cuidava disso, trabalhando com afinco para que tudo continuasse como era no tempo de Mamãe.

Lembro-me bem daquela vez em que recebemos a visita do nosso amigo especial, Jesus. Ele veio à nossa casa com o bando de homens que o acompanha por toda a parte. Quase nem consegui dormir na véspera da visita de tanta expectativa. Ele é a pessoa mais serena e doce que conheço e está sempre falando coisas que me tocam fundo o coração. Nunca posso ficar ao lado dele o suficiente para perguntar tudo o que gostaria de saber a respeito das coisas de Deus. Aquela vez, resolvi que aproveitaria ao máximo a oportunidade, mesmo que isso me custasse uma carraspana de Marta mais tarde.

Quando ele chegou, abraçado com Lázaro, sentou-se em nossa sala, provavelmente cansado depois da jornada. Embora eu soubesse que meu papel era recebê-lo e depois deixar os homens à vontade, retirando-me para as atividades de dona da casa, queria ficar ali, ouvindo o que ele tinha para dizer. Arrisquei uma olhadela para Lázaro mas ele parecia tão interessado no que Jesus dizia que nem se deu conta de que eu ainda estava ali. Aos poucos, me aproximei e sentei-me num banquinho aos pés do Mestre.

Enquanto nosso servo lavava os pés sujos da poeira da estrada de todos aqueles homens, Jesus começou a falar sobre as coisas que estavam acontecendo, como muitos estavam se voltando contra ele por causa dos seus ensinamentos e das curas milagrosas que fazia. Senti uma pontada de medo no coração. Eu também já ouvira os boatos maldosos que tentavam enredar o Mestre em sedição contra os religiosos. No entanto, eu, que o ouvira pessoalmente tantas vezes e que procurava guardar suas palavras no coração, sabia que ele nunca se insurgiu contra a Lei. Antes, buscava um cumprimento dela que ia muito além daquele que geralmente satisfazia as pessoas. Jesus falava da Lei de Deus ser cumprida no coração dos homens, onde estão as fontes da vida.

Preso às suas palavras, nem me dei conta do tempo que foi passando. Somente quando Marta veio da cozinha, furiosa com a minha ausência numa hora de tanto trabalho, foi que percebi que me deixara ficar na sala mais tempo do que teria sido conveniente. Corei intensamente ante todos aqueles homens. Havia até me esquecido deles. Esperando uma repreensão de Jesus, colocando-me no meu devido lugar, fiquei mais do que surpresa quando ele disse a Marta que ela se preocupava com muitas coisas mas que só uma era realmente necessária, e que eu havia escolhido a boa parte. Meu coração encheu-se de um júbilo tão grande que mal podia me conter. Ele entendia! Ele entendia a minha sede de conhecer mais do nosso Deus e seguir os seus preceitos! Ele sabia que era essa realidade sobrenatural que nos dava esperança naqueles dias sombrios de domínio romano, de rebeliões de nossos patrícios que custaram a vida de tantos homens da nossa terra.

Deus ficara em silêncio por longos anos. A desobediência e rebeldia do nosso povo foram castigadas com o exílio em terras estrangeiras. Fomos espalhados por

diversas nações. Ah, como choramos a nossa desgraça! Mesmo depois que pudemos voltar, a voz de Deus se calou. Ele não levantou mais nenhum profeta. Até a vinda de João Batista. E João apontara o Mestre Jesus como o cordeiro de Deus, que havia de tirar o pecado do mundo. Ah, eu cri nessa afirmação, desde o princípio. Ninguém podia ver Jesus, olhar nos seus olhos serenos e amorosos sem sentir que havia nele uma vida diferente, que ele vinha diretamente de Deus. Por isso eu queria beber suas palavras, gozar sua companhia cada minuto quando a oportunidade aparecia. Sei que ele é uma pessoa ocupada, que tem muito a fazer por seu Pai, como ele fala quando se refere ao Senhor Deus. Por isso mesmo, no pouco tempo que passa conosco, não desgrudo dele.

Misericórdia, estou parecendo os nossos antepassados, vagueando pelo deserto, longe do ponto de partida e longe do ponto de chegada. Deixe-me retomar o fio da história.

Depois dessa visita que mencionei, Jesus continuou suas viagens, mas nosso irmão Lázaro adoeceu gravemente. Ele nunca foi muito forte e nos preocupávamos com sua saúde, mas dessa vez dava para ver que o estado dele era muito pior. Nosso médico, que o conheciam bem, chamou a Marta e a mim de lado e nos disse que nada mais havia que pudesse fazer. Ficamos assustadas mas sabíamos que o Mestre ainda estava por aquelas bandas e ele, que já curara tantos enfermos, com certeza viria acudir o amigo a quem sabíamos que amava. Mandamos um servo avisá-lo de que Lázaro estava doente e precisava dele, certas de que ele viria imediatamente.

Espantadas, vimos o servo voltar sozinho. Ele afirmou ter dado o recado a Jesus, que o despedira dizendo que viria depois. Palavra que não entendi. Víamos Lázaro piorar de minuto em minuto. Jesus devia saber que não o incomodaríamos à toa. E mesmo assim ele tardava.

Passamos aquela noite ao lado de nosso irmão, que respirava com dificuldade cada vez maior. Na madrugada do novo dia Lázaro expirou. Todos os nossos cuidados foram impotentes para salvar-lhe a vida. E ainda assim Jesus não vinha. Que tristeza! Agora era tarde demais. Lázaro foi sepultado. Já não restava nenhuma esperança.

Que dias sombrios aqueles! Uma mão de ferro me apertava o coração, tornando difícil o respirar. Só queria ficar quieta no meu canto, mas havia pessoas para hospedar, amigos que vieram de Jerusalém quando souberam a notícia. Em vão tentavam nos consolar. Suas palavras em nada aliviavam a minha dor e, por estar no meio de tantas pessoas, nem chorar sossegada eu podia que logo já vinha alguém querendo enxugar as minhas lágrimas e me confortar.

Marta, que não sabe ficar parada, cuidava de servir uma bebida refrescante e algum alimento reconfortante às visitas e trocava palavras com cada uma delas. Eficiente, ela estava por toda a parte. Foi só depois de algum tempo em que fui solicitada por uma pessoa que queria me falar de meu pai é que dei por sua falta. Ah! Nem Marta suportava mais tantas lágrimas. Mas ei-la de volta, o semblante inundado por enorme paz. Seus olhos brilhavam. Quanto tempo se ausentara? O que havia acontecido?

-- Maria -- disse-me ela baixinho. -- O Mestre chegou e quer falar com você.

Quase derrubei o banquinho onde estava sentada, tal a pressa de ir ao encontro

do querido amigo. Sabia que ele nos consolaria com as verdades eternas e mal podia conter-me. Nem percebi que diversas das pessoas que estavam comigo na sala levantaram-se também e me acompanharam.

Lá estava ele. Só em divisar seu vulto, meus olhos se encheram de lágrimas. Corri ao seu encontro e joguei-me a seus pés. Erguendo para ele os olhos marejados, deixei falar a dor do meu coração àquele que sempre me entendia melhor do que qualquer outra pessoa.

-- Ah, Senhor, se tivesse estado aqui, meu irmão não teria morrido. – As lágrimas se transformaram em soluços que me impediram de continuar. Baixei a cabeça e o ouvi perguntar onde Lázaro estava sepultado. Senti que alguma coisa quente caía sobre minha cabeça, escorrendo por meus cabelos. Ergui os olhos e vi seu rosto contorcido por enorme sofrimento. Lágrimas escorriam por suas faces. Ele chorava comigo, tomando sobre si a minha dor.

Levantei-me e fiz um gesto para que ele me acompanhasse. Ao chegarmos onde estava o sepulcro, o Mestre parou e ordenou a alguns homens que retirassem a pedra que o fechava. Marta, a prática Marta, que nos acompanhara juntamente com outras pessoas, protestou enfática:

-- Senhor, ele já cheira mal pois está sepultado há quatro dias!

O Mestre voltou-se para ela:

-- Marta, eu não disse que, se você crer, verá a glória de Deus?

Marta não respondeu, mas seu rosto se desanuviou, revelando uma expectativa crescente. Eu não havia participado da conversa dela com Jesus quando ele chegou, mas a esperança que via no semblante dela acendeu uma chama quente e vibrante em meu coração. Seria possível que....?

A pedra foi removida. Jesus orou em voz alta, agradecendo a Deus por sempre ouvir suas preces. Não havia a menor dúvida na mente de todos os presentes de que ele se comunicava com seu Pai, pedindo forças para fazer algo extraordinário.

Voltando-se para o túmulo, ele falou bem alto, para todos ouvirem:

-- Lázaro, venha para fora!

Esse é o momento que eu gostaria de captar e guardar para sempre. Enorme quietude pairou no ar. Uma brisa amena fazia ciciar as folhas das árvores mais próximas. Podia-se ouvir a respiração ofegante dos presentes. Os pés descalços de Lázaro não produziam o menor ruído quando ele veio caminhando em nossa direção. Algumas pessoas soltaram um grito de susto. Outras se agarraram, enquanto fitavam a cena com olhos arregalados. Mas eu! Meu coração vibrava de um júbilo incontido. Nunca duvidei de que o Senhor fosse o Messias, mas essa prova de poder sobre a morte era além do que eu havia esperado ver um dia. Deus estava ali, ao nosso lado, dando vida ao que estivera morto.

-- Tirem as faixas que o prendem para que ele possa caminhar livremente – disse Jesus. Marta e eu nos apressamos em libertar nosso irmão e ajudá-lo a voltar à terra dos vivos.

O luto se transformou em alegria. As lágrimas, em riso. Voltamos todos para a casa, celebrando a bondade e o poder do nosso Pai celeste. Era como se o frasco de fragrância rara tivesse sido quebrado e o perfume inebriante invadissem até o mais íntimo de nosso coração. Vivemos alguns dias da mais intensa alegria que já

tivéramos até então.

Antes que a vida retornasse completamente ao normal, Marta e eu resolvemos que precisávamos homenagear o Senhor com um momento muito especial para demonstrar nossa gratidão. Nosso amigo Simão, que havia sido leproso, planejou uma ceia bastante especial para Jesus em sua residência. Como a casa dele era mais fina e espaçosa do que a nossa, nem cogitamos em lhe usurpar esse privilégio. Entretanto, não poderíamos perder a oportunidade de estar junto do Mestre. Por isso nos oferecemos para ajudar a servir. Simão, que nos conhecia desde crianças, aceitou gentilmente a oferta e acrescentou um convite para que Lázaro estivesse entre os que se reclinariam com Jesus à mesa. Ficamos encantadas em participar de tamanha festa.

Marta logo se envolveu de coração com os preparativos. Ela e a esposa de Simão passaram longas horas na cozinha, preparando tudo do bom e do melhor. Com aquelas duas trabalhando a quatro mãos, seria uma ceia e tanto. Ajudei no que elas me pediram, mas meus pensamentos estavam no Mestre. Era impossível ignorar os rumores persistentes da má vontade dos líderes religiosos para com ele. Quanto mais crescia a sua fama, e a fama dos seus milagres atraía multidões, mais eles se iravam. Diziam até que alguns tramavam para tirar-lhe a vida.

Eu ficava com o coração apertado quando me lembrava das profecias que falavam do servo sofredor e do seu martírio. Lázaro vivia falando sobre as profecias relacionadas ao Messias.

-- Sei que a maioria das pessoas acha que ele virá como um guerreiro, que recrutará um exército e pelejará contra os romanos, mas as profecias de Isaías falam também que o Servo de Deus sofrerá e dará a vida pelos nossos pecados. O reino que ele trará será de outro tipo, minha irmã. Será um reino do amor a Deus e ao próximo, no qual a glória de Deus será visível para todos os povos.

Quando eu ouvia falar das coisas que Jesus ensinava, entendia que sua missão era diferente. Ele mesmo afirmou diversas vezes que veio para dar a vida em resgate de todos os que cressem nele, após o que estaria voltando para o Pai. Mas eu não queria crer que seus inimigos chegassem ao ponto de matá-lo. Devia haver outro caminho!

Enquanto eu pensava nessas coisas, caminhava pelos jardins observando os servos acenderem as lâmpadas. Era o toque final aos preparativos, indicando que estava tudo pronto, só aguardando a chegada dos hóspedes. Apesar das luzes e da aparência festiva do ambiente, um enorme tristeza me oprimia o peito, como se aquele encontro fosse uma despedida. Tentei pensar em outras coisas mais alegres, mas em vão. De repente, não sei de onde, veio-me um pensamento tão forte e claro que pensei até ter ouvido alguém sussurrando ao meu ouvido o que devia fazer. Ainda titubeei alguns instantes. Afinal, o que me ocorreu era algo tão inédito, tão fora das normas que eu nem podia pensar no que Marta diria depois. E Lázaro, que estaria à mesa, como veria a minha ação? Ficaria sem graça? Envergonhado da irmãzinha?

Era pouca a distância que separava a casa de Simão da nossa. Em passos rápidos, cheguei ao átrio de entrada e subi correndo para meu quarto. No fundo de um baú, encontrei o que procurava – a coisa mais preciosa e especial que eu possuía. Pouco tempo antes de morrer, Mamãe me havia confiado um belíssimo frasco de alabastro cheio do mais puro nardo egípcio, um perfume muito caro, de fragrância

pungente. Ela recomendou que eu o guardasse para o dia de meu casamento e depois disso, deveria usá-lo apenas em ocasiões especiais e com muita parcimônia. Ela mesma poucas vezes o usara e por isso o frasco ainda se encontrava praticamente cheio. Nunca o havia tocado desde aquele dia. Agora parecia ser o momento certo para usá-lo e com ele ungir o Mestre. Com esse gesto, estaria proclamando minha certeza de ser ele de fato o Messias, o Filho de Deus, o meu redentor. A entrega do meu maior bem significava que era a minha vida que eu estava doando, tudo o que eu era, tudo o que poderia ser, para servi-lo e amá-lo enquanto eu vivesse. Mas, para isso, teria de aguardar um momento em que pudesse estar a sós com ele.

Voltei à casa de Simão o mais depressa que pude, o coração vibrando de gozo profundo a confirmar que eu estava fazendo a coisa certa. Queria ver e ungir Jesus antes que ele se reunisse aos outros convidados, mas cheguei tarde demais. Os homens já se encontravam reclinados ao redor da mesa. Agora seria impossível entrar naquele ambiente. As mulheres só entravam ali para servir e eu nem essa desculpa tinha.

Permaneci alguns momentos parada no átrio, sem saber o que fazer ou pensar. De repente, vi-me avançando salão adentro, segurando o frasco com ambas as mãos. Os olhares se voltaram para mim, todos espantados, alguns horrorizados. Hesitei e fitei Jesus. Seu olhar me acolheu e encorajou a prosseguir. Aproximei-me dele. Em vez de destampar o frasco e respingar algumas gotas sobre ele, ergui-o no ar e quebrei-o sobre sua cabeça. O óleo finíssimo lhe escorreu pelos cabelos e perfumou toda a casa. Com o que restou da essência numa das metades do frasco, ungi também seus pés. Soltando meus cabelos, embora soubesse que uma mulher de boa família nunca faria isso em público, enxuguei com eles os pés do Senhor, aqueles pés que o levavam a toda parte para fazer o bem.

Ah, se eu pudesse ficar ali para sempre, aos pés do meu amado Senhor! Queria fazer estacar o tempo, impedindo a chegada das tristezas e das dificuldades que ele próprio já avisara que se aproximavam. Quando meu coração se desfez em lágrimas quentes sobre seus pés, senti sua mão tocar-me a cabeça, como se estivesse me abençoando.

De repente, como que vindo de um lugar distante, tomei consciência do borburrinho que se erguia ao redor da mesa. Tinha de me levantar e enfrentar a confusão que havia criado. Não olhei na direção de Lázaro, temendo ver vergonha e condenação em seus olhos pois podia distinguir as vozes ásperas de alguns discípulos dizendo:

-- Que desperdício! Por que não se vendeu este perfume pelo dinheirão que vale para dá-lo aos pobres?

Outras vozes se ergueram, questionando ou condenando meu gesto, mas Jesus as fez calar com um gesto. Nunca me esquecerei de suas próximas palavras.

-- Deixem de implicar com Maria. Por que vocês estão criticando o que ela fez? Maria praticou uma boa ação para comigo. Derramando este perfume sobre o meu corpo, ela me preparou para o meu sepultamento. Sua ação será lembrada em todo o mundo quando este evangelho for pregado.



Maria de Betânia ocupou um lugar importante entre as mulheres que tiveram um encontro pessoal com Jesus. Encontramo-la em três momentos especiais na vida de Jesus, sempre a seus pés. Leia sobre esses encontros em Lucas 10:38-42 e João 11:1-46 e 12:1-8. Confira o mesmo episódio da unção de Jesus por Maria em Mateus 26:6-13. Uma narrativa complementa a outra.

Aproximava-se o momento crucial da vida de Jesus. Ele se tornara famoso, tanto por seus ensinamentos quanto pelos milagres que realizava. As multidões o cercavam permanentemente de tal modo que às vezes ele precisava esconder-se delas para poder descansar um pouco e renovar suas forças físicas e espirituais em horas passadas na presença do Pai. Os inimigos fechavam o cerco ao seu redor. E ele sabia o que teria de enfrentar para concluir sua missão.

Entretanto, esse Jesus tão ocupado e tão importante demonstrou a riqueza e a profundidade de amor e companheirismo que pode existir entre ele e a mulher que o busca de todo o coração. Seus encontros com Maria foram encontros entre dois amigos que se amam, que valorizam ao máximo o tempo que podem passar junto. Jesus satisfaz a alma de Maria com a abundância do amor de Deus que ele veio revelar. E Maria alegrou o coração de Jesus com sua atitude de total dedicação, com o discernimento que demonstrou das coisas espirituais e da missão do seu amado Senhor. Maria não apenas conhecia as Escrituras como ensinamentos mas como o caminho de vida que havia muito escolhera para si, o da verdadeira adoração e comunhão com seu Deus. Ela sabia que se buscasse em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça, todas as suas necessidades seriam supridas.

Os evangelistas nos fornecem detalhes importantes do relacionamento entre Maria e Jesus e nos mostram uma intimidade crescente de Maria com o coração do Mestre até ao ponto de antecipar melhor do que os discípulos o que estava para acontecer. Lucas narra que Jesus disse claramente aos discípulos que seria entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, cuspidos e, depois de açoitado, seria morto, mas ressuscitaria no terceiro dia. “Eles, porém, nada compreenderam acerca destas coisas; e o sentido destas palavras era-lhes encoberto, de sorte que não percebiam o que ele dizia” (Lc 18:34). Eles ouviram o que o Mestre lhes disse, mas não entenderam nem creram que ele ressuscitaria três dias depois de sua morte.

Maria não devia estar presente quando Jesus explicou o que estava para lhe acontecer, mas tinha o coração de tal forma afinado com o dele que discerniu a verdade melhor do que os discípulos que a ouviram dos lábios de Jesus.

No primeiro encontro de Maria com Jesus, relatado por Lucas na história de Marta, vemo-la sentada aos pés do Mestre, bebendo a água viva da sua presença e dos seus ensinamentos. Para estar junto dele, ela deixou até suas responsabilidades mais prementes como dona de casa em segundo plano. E embora Marta a repreendesse por isso, Jesus confirmou que sua escolha era a certa.

Maria tinha a mesma necessidade de apreciação de Marta, de todos os seres humanos. Não sobrevivemos como pessoas saudáveis e íntegras se não sentirmos que nossa vida tem valor, que fazemos alguma diferença no mundo em que vivemos.

Maria buscou suprir essa necessidade no único lugar em que há satisfação permanente de todos os nossos mais profundos anseios – em Deus.

Jesus falou que somente a água viva do amor de Deus poderia saciar plenamente a sede do nosso coração. E Maria entendeu a mensagem. Nada era mais importante do que aproveitar cada momento que pudesse passar junto do manancial, bebendo sua água fresca e pura. Por isso ela conseguiu enfrentar até a ira de Marta para ficar aos pés do Mestre, ouvindo o que ele tinha para dizer.

Por buscar primeiro a Deus em sua vida, Maria tinha suas *prioridades na ordem certa*. Quando fazemos como ela, descobrimos que todas as outras coisas se encaixam com perfeição, dando-nos uma sensação de tranquilidade e paz mesmo no meio da maior agitação. Como acontecia com Jesus. Nunca o vemos ansioso, correndo de um lado para outro a fim de atender às necessidades de todos os que o buscavam. Ele parecia direcionado por um senso infalível do que precisava fazer, de como fazer e quando fazer. E aquelas que lhe dão a primazia em suas vidas aprendem a fazer o mesmo.

No segundo encontro de Maria com Jesus, o primeiro narrado aqui, vemos outro aspecto do seu relacionamento. Mais uma vez, Maria está aos pés do Mestre, mas desta vez é num cenário de sofrimento e dúvidas. Ela e Marta haviam mandado avisar Jesus sobre a doença do irmão. Não lhe pediram que viesse curá-lo. Nem precisavam. Sabiam que Jesus amava Lázaro e que captaria o sentido da mensagem enviada. Entretanto, ele não veio. Dá para imaginar a angústia das duas irmãs, vendo o irmão piorar a cada instante e nada de Jesus aparecer. Quantas dúvidas devem ter pesado em seus corações. Ao sofrimento pela perda do irmão foi acrescentada a dor de saber que a única pessoa que poderia curá-lo não se dispôs a isso. Entendemos que essa dúvida deve ter perturbado bastante as duas irmãs porque as primeiras palavras de ambas quando viram Jesus foram idênticas: “Se o Senhor tivesse vindo, meu irmão não teria morrido.” Uma acusação velada. Uma cobrança explícita.

Marta imediatamente acrescentou uma comovente declaração de sua fé em Jesus como o Filho de Deus. Depois, foi chamar Maria. Esta veio apressada e se atirou chorando aos pés do Mestre amado, derramando sobre ele sua dor em lágrimas quentes. Ao vê-la assim, Jesus “agitou-se em seu espírito e comoveu-se” (Jo 11:33). Ele sentiu no próprio coração a dor dela pela morte do irmão. E seu sofrimento comoveu profundamente o coração do Senhor. Embora a morte de Lázaro fizesse parte do plano de Deus para uma demonstração milagrosa do seu poder sobre a vida e sobre a morte, era também uma prova da tristeza, da dor e da deterioração a que todo ser humano está sujeito por haver-se voltado contra Deus. Não fomos criados para a morte, pois o Criador pôs a eternidade do coração do homem” (Ecl 3:11). Por isso ela nos fere, nos afronta, nos derrota.

Maria viu com os próprios olhos a vitória do Mestre sobre o inevitável aguilhão do inimigo. Lázaro voltou à vida a um comando de Jesus. Ela entendeu que o que testemunhara era um sinal claro do poder que ele havia recebido de seu Pai ao ouvi-lo orar: Pai, dou graças porque o Senhor me ouviu. Sei que o Senhor me ouve sempre, mas falei assim para que as pessoas aqui presentes creiam que foi o Senhor quem me enviou (Jo 13:41-42). A dor da perda se transformou em alegria e admiração quando Lázaro saiu do túmulo pelas próprias pernas.

O que havia aprendido em seu relacionamento com o Mestre deu a Maria uma *perspectiva correta* sobre a maneira de lidar com os problemas da vida. Ela levou suas dúvidas e seu sofrimento e os depositou aos pés do Senhor que disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11:28 – grifo acrescentado). Jesus prometeu que nele encontraremos alívio para o nosso cansaço, o nosso desencanto, a nossa falta de esperança, as nossas tristezas, as nossas dúvidas. Ele satisfaz plenamente todos os nossos anseios mais profundos. “Pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude” (2 Pe 1:3 – grifo acrescentado). O conhecimento de quem Jesus é e do que ele deseja que sejamos é o caminho para termos a vida abundante com que sonhamos e que só ele pode dar.

O último encontro entre Jesus e Maria ocorreu poucos dias antes da morte do Mestre. Ela havia presenciado o milagre da ressurreição do irmão quatro dias após sua morte. Seu coração devia estar cheio de alegria em tê-lo novamente ao seu lado. Ao mesmo tempo, sabia a que todos aqueles acontecimentos estavam conduzindo. Como uma onda gigantesca, a má vontade e a indisfarçada truculência dos religiosos avançava irreprimível em sua direção. A angústia que agora lhe oprimia o coração não podia ser evitada pois Jesus se dispunha a fazer a vontade de seu Pai. Ele seria o cordeiro de Deus que se entregava voluntariamente para tirar o pecado do mundo. Tinha de morrer para que ela mesma pudesse ter a vida eterna. Como Maria deve ter sofrido ao constatar que seus próprios pecados ajudariam a levar Jesus ao encontro da morte. Ela, que o amava tanto, tinha de vê-lo morrer em seu lugar!

Assim, no último momento que provavelmente teria para estar junto do Mestre antes dos eventos finais, Maria foi levada a um gesto extravagante de adoração, expondo tudo o que estava em seu coração. Ao quebrar sobre a cabeça de Jesus o frasco de nardo puro, um perfume extremamente caro, ela ofereceu a ele todo o seu amor e o reconhecimento de que nada neste mundo se comparava à glória que somente a ele pertencia. Mas foi o que veio depois que realmente chocou todos os presentes. Depois de ungir também os pés de Jesus, ela soltou os cabelos, que toda mulher decente sempre trazia presos, e com eles enxugou o excesso de óleo que escorria dos pés de Jesus para o chão. Empolgada pelo sentimento que lhe enchia o coração, Maria se envolveu totalmente naquele gesto de amor e adoração a Jesus.

A casa inteira se encheu com o perfume do bálsamo. O ato de adoração de Maria revelou seu coração e expôs o que ela pensava e sentia em relação ao Mestre amado. Alheia ao que a cercava – sua própria dignidade, as pessoas, até seus próprios irmãos, e a reação que poderiam ter, seu lugar como mulher e as limitações que a sociedade lhe impunha – ela entregou ao Senhor tudo o que era e tudo o que tinha de melhor. Nada mais importava do que derramar diante do seu Senhor o seu amor e adoração. Ela *adorou da maneira certa*, a única que importa para Deus – de todo o coração. Maria sabia que em breve Jesus lhe estaria sendo tirado. Eram aqueles os momentos derradeiros que tinha para estar ao lado dele. Ela não hesitou e pôde ungi-lo em vida, sendo abençoada pelas palavras de apreciação com que ele coroou o ato inédito. Mesmo na tristeza que se seguiria à cruz, Maria pôde sentir a paz que vem de se esquecer de si mesma e entregar-se totalmente a Deus naquilo que ele mostrar que

deve fazer.

Certa vez assustei-me com o tamanho da tarefa que estava diante de mim. Comecei a examinar minhas parcas credenciais e concluí que realmente não tinha condições de fazer o que eu gostaria de fazer, o que sentia no coração que o Senhor me estava dando para fazer. Titubeei entre as duas opções – correr o risco de obedecer e dar a cara para bater ou me esconder no conforto das minhas próprias limitações. Amarrada pelo medo do fracasso, perguntei: “Quem sou eu, Senhor, para fazer o que me está pedindo?” Em silêncio diante dele, ouvi esta resposta: “Pergunta errada, filha. A pergunta certa é: Quem Sou Eu? Eu Sou o grande Eu Sou. Se você se colocar em minhas mãos, fará o que nunca poderia fazer por si mesma. E a glória será minha.”

Claro. Deus escolhe os vasos mais fracos, mais quebrados, sem grande valor em si mesmos para fazer a sua obra. “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2 Co 4:7), disse o apóstolo Paulo.

Maria foi uma mulher segundo o coração de Deus. Quem meu filho beija, minha boca adoça, diz o ditado. Ela alegrou o coração de Jesus e portanto alegrou o coração do Pai. A percepção que tinha dos desígnios de Deus abriu seus olhos para entender as coisas espirituais com um discernimento que escapou à maioria das pessoas que cercavam o Mestre, inclusive seus discípulos mais chegados.

Fixando os olhos em Jesus, vivendo para agradá-lo, Maria foi liberta de todos os preconceitos e costumes de sua época para fazer algo que seria lembrado enquanto o evangelho de Jesus for pregado. Até hoje estamos falando nela e no que ela fez pelo Mestre. E o mesmo pode acontecer com qualquer mulher que se disponha a fazer a vontade de Deus acima de tudo o mais em sua vida. Como Maria, você pode descobrir que está livre para assumir atitudes que agradam o coração de Deus.



Capítulo Quatorze - A mãe de Tiago e João

Meu nome é Salomé. Sou uma mulher comum, casada, com filhos já crescidos. Moramos em Cafarnaum, uma cidade costeira no mar da Galiléia. Minha família vive da pesca. Meu marido, Zebedeu, tem uma pequena frota de barcos pesqueiros e diversos empregados que o ajudam na pesca e na conservação dos barcos e das redes. Temos uma boa casa e vivemos com certa folga financeira. Zebedeu é um homem bom e tem sido um pai muito dedicado à família. Nossos filhos, Tiago e João, cresceram trabalhando no negócio do pai. Desde pequenos, eles o acompanhavam nas viagens de pesca e cresceram fortes e queimados pelo sol.

Tiago sabe lidar bem com os empregados e não tem preguiça de trabalhar, seja consertando as redes e os barcos, seja na pescaria em si, que ele faz com entusiasmo e dedicação. Não tem o menor problema em levantar antes do sol nascer para os preparativos da viagem. Nenhum empregado chega à praia antes dele. Apesar de muito ativo, ele sabe mostrar consideração pelos outros e não os atropela, como Zebedeu às vezes faz. Por isso, é sempre quem é procurado para resolver alguma pendenga que surja.

João é mais quieto, mais introspectivo. Parece estar sempre com o pensamento focalizado em algo que ninguém mais vê, mas o pai não lhe dá moleza. Ele também tem de contribuir com seu trabalho para que o negócio seja o mais eficiente possível. É quase sempre João que está ao leme, dirigindo o barco, os olhos atentos vigiando a amplidão do céu e das águas do mar. Tenho muito orgulho dos meus filhos, embora, se pudesse mudar alguma coisa, faria João um pouco mais prático, menos sonhador. Enfim, acho que agora é tarde demais. Ele já é um adulto, tomando suas próprias decisões.

É meu costume descer à praia quando os barcos estão para chegar, aguardando aquele momento sempre emocionante quando as pontinhas das velas aparecem no horizonte e começam a crescer contra o céu. É com um suspiro de alívio e uma prece de gratidão a Deus que recebo de volta os meus homens, sãos e salvos. E, se Deus quiser, com muitos, muitos peixes.

Eu ficava feliz por meus filhos serem homens de paz, pescadores, não metidos com rebeliões e política. Muitos de nossos homens haviam sido massacrados pelos inimigos quando se revoltaram e tentaram lutar contra a ordem estabelecida. Os corpos dependurados nas cruzes onde morriam os líderes e os que sobreviviam às batalhas eram uma visão difícil de esquecer. Seus gemidos e agonia às vezes ainda me ressoavam aos ouvidos na escuridão da noite e eu acordava suando frio. Por isso, ali na praia, sempre rendia graças a Deus por termos uma vida tranquila e boa no meio de tanta injustiça e perigo.

Mesmo assim, ansiamos pela restauração do reino de Israel. Oramos por ela todos os dias, com lágrimas e lamentações. Nossa terra está dominada por legiões romanas. Nosso governador é um estrangeiro. Herodes, todos nós sabemos, é um boneco nas mãos dos romanos e se locupleta às custas de seu próprio povo. É só ver

todos os publicanos estabelecidos em nossa terra, cobradores desonestos de impostos, a quem temos de entregar o dinheiro tão arduamente ganho. Uma parte eles entregam aos romanos, conforme contrato, mas boa parte vai para o bolso deles mesmos. É um quadro triste e sombrio. Só sobrevivemos por causa da esperança do Messias, o descendente de Davi, que virá e restaurará o reino de seu ancestral.

As coisas pareciam bem estabelecidas para nós até que, certo dia, enquanto meus filhos trabalhavam no barco junto com o pai, consertando as redes, passou por ali um rabino chamado Jesus. Ele era de Nazaré mas havia recentemente mudado para Cafarnaum. Ouvíamos contar histórias de como ele foi batizado no rio Jordão por João Batista e de uma voz que se fez ouvir do céu a seu respeito. Havia alguma especulação quanto à possibilidade de Deus estar rompendo o longo silêncio daqueles quatrocentos anos para enviar nova mensagem de esperança ao seu povo. Mas era um rei que esperávamos, alguém da linhagem de Davi, alguém que libertaria seu povo e estabeleceria novamente o reino poderoso de Israel, não um rabino desconhecido, sem eira nem beira.

Zebedeu me contou mais tarde que ele passou pela praia e convidou meus meninos a segui-lo. E eles, por incrível que pareça, tanto o ativo Tiago como o quieto João, nem hesitaram. Deixando o pai e os empregados cuidando de tudo, seguiram-no imediatamente. Para onde, meu Deus?

Claro que fui atrás deles. Não ia deixar meus filhos seguirem um estranho sem saber o que ele pretendia. Tive uma discussão com Zebedeu, que parecia tranqüilo a respeito daquela reviravolta. Homens! Ele me falou que viu grande poder no olhar do rabino e achava que faria bem aos nossos filhos se preocupar um pouco mais com as coisas do reino de Deus. Eu que não me inquietasse e os deixasse ir. Eram homens crescidos e se depois se decepcionassem com o rabino, nossa casa estaria aberta para eles, como sempre estivera.

Quando soube que eles ainda estavam pela cidade, e que agora até Simão Pedro e André acompanhavam o tal rabino, resolvi tirar as coisas a limpo. Era sábado e fomos todos à sinagoga. Ali o rabino começou a ensinar a respeito das Escrituras que leu. Não dava para deixar de notar que ele não era um qualquer como eu havia pensado. Falava com muita autoridade. Todos ficaram impressionados. Enquanto ouvíamos cada palavra que ele tinha a nos dizer, apareceu um homem possesso de espírito imundo e se dirigiu a ele, berrando coisas incompreensíveis. Gelei. Aquele homem era conhecido ali na redondeza e sempre fugíamos dele quando se aproximava, pois podia ser perigoso e até atacar as pessoas com uma força descomunal. Mas o rabino não se moveu. Esperou até que o outro se aproximasse e ordenou com voz firme que o demônio deixasse o homem. Nunca esperei ver o que vi. O homem se agitou, soltou um berro e depois ficou imóvel, uma expressão de alívio e espanto no rosto, enquanto lágrimas escorriam de seus olhos.

Jesus o tocou e ele sentou-se entre os ouvintes, que agora murmuravam uns para os outros, perguntando-se o que significaria aquele poder demonstrado contra as forças do mal. Eu mesma estava muito impressionada, não só com as palavras de Jesus mas com a sua visível autoridade. Como pude ter pensado que era um homem qualquer, um rabino sem eira nem beira? Era óbvio que eu ainda tinha muito o que aprender com ele.

Saindo da sinagoga, acompanhei o grupo que se dirigia à casa de Simão Pedro para a refeição do meio-dia. Estava sendo uma intrusa no meio daqueles homens mas pensei que poderia dar uma mãozinha às mulheres da casa. Nem a esposa de Simão nem a de André haviam ido à sinagoga. Deviam ter ficado cuidando da velha senhora que estava doente. O estado dela devia ser bem grave ou elas não teriam deixado de ir com os maridos.

Chegando à casa, as duas vieram ao nosso encontro. A esposa de Simão tinha os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. Simão voltou-se para Jesus, com uma súplica no olhar. Nem precisou dizer o que pensava. Apenas voltou-se e entrou em casa. Jesus o acompanhou. Nós outros ficamos do lado de fora, esperando. Poucos minutos depois vimos uma movimentação lá dentro. Jesus e Simão dirigiram-se à sala e ali se assentaram para conversar. A senhora que estivera de cama passou por eles e dirigiu-se à cozinha, toda lépida e disposta. De olhos arregalados, a filha entrou às pressas. Passando pela sala, interrogou o marido com um olhar, mas ele estava entretido demais para notar.

Fui atrás das duas, a esposa de André seguindo-me de perto, falando baixinho que nunca vira nada igual. Para mim, aquela foi a segunda experiência de cura total no mesmo dia. Eu nem sabia o que pensar.

Na cozinha, a sogra de Simão contou da febre alta que a acometera toda aquela semana, como períodos de delírio e de total escuridão e de como, ao toque de Jesus, ela sentira a enfermidade deixá-la de vez, com a volta instantânea de toda a sua energia e disposição.

Com um enorme senso de gratidão a Deus, servimos a refeição aos homens. Enquanto eles comiam, deixei-me ficar por ali, feliz ao ver meus filhos sendo alvo da atenção carinhosa daquele que agora eu considerava um homem muito especial e importante.

Jesus chamou outros homens para segui-lo e um grupo coeso de doze discípulos formou-se em torno dele. Por bom tempo ainda ele ficou na Galiléia, pregando, curando, fazendo milagres de outros tipos. O grupo de seguidores foi crescendo. Eu estava com eles sempre que podia, e me alegrava em ver que meus filhos estavam sempre sendo chamados pelo Mestre quando ele tinha alguma tarefa especial para realizar.

Através de conversas com os filhos, Zebedeu compreendeu que eles haviam encontrado um caminho diferente para o estabelecimento do reino de Davi. E, dentro das nossas posses, dispôs-se a ajudar o pequeno bando, enviando ajuda financeira sempre que podia e sabia onde o encontraria. No início, eu mesma levava as ofertas, voltando depois para casa. Depois, comecei a ficar por perto, acompanhando-o em suas viagens mais próximas. Queria cuidar de meus filhos, proporcionando-lhes um pouco de conforto – uma refeição quente, roupas lavadas, um lugar para descansarem. E, naturalmente, fazia isso pelos outros também, especialmente por Jesus. Eu não estava sozinha. Já os acompanhava um grupo de mulheres que haviam sido curadas de todo tipo de enfermidades e que se dispuseram a servi-los com seus bens e seu trabalho. Podíamos ouvir quando Jesus ensinava os seus companheiros e fomos aprendendo com ele coisas importantes a respeito do reino de Deus.

A hora mais gostosa do dia era geralmente depois do pôr do sol nos dias de

calor. Todas as atividades cessavam e subíamos ao pátio externo da casa que nos hospedava naquela ocasião. Sentados em esteiras e almofadas, sentindo o frescor da brisa noturna sob o céu estrelado, podíamos interrogar o Mestre e ficar ouvindo seus ensinamentos. Ele nos ensinava com paciência e não se impacientava com a nossa ignorância. Uma das coisas que mais me impressionava nele era quanto tempo passava em oração. Quantas vezes ele saía para algum lugar solitário no meio da noite e quando amanhecia, ainda se encontrava lá, em comunhão com Deus. Sua sabedoria vinha diretamente do alto. Estava ficando cada dia mais claro para todos os que o acompanhavam e presenciavam as mostras de um poder sobrenatural em sua vida que ele era o Messias enviado por Deus para restaurar o reino de Israel. Mas, com apenas aquele punhadinho de gente para enfrentar o exército romano?

Havia mais. A mensagem que Jesus pregava não agradava os nossos líderes religiosos, que deveriam ser os primeiros a saudar com alegria a vinda do Messias. Jesus falava de coisas que iam contra a tradição que eles cultivavam com tanto cuidado e isso os exasperava demais. Ele curava no sábado, às vezes comia sem lavar as mãos, dava atenção aos doentes, aos pobres, aos oprimidos pela sociedade, relacionava-se com publicanos e prostitutas de quem os religiosos nem se aproximavam!

Começamos a ouvir conversinhas aqui e ali de que eles estavam preparando uma armadilha para prender Jesus e talvez até matá-lo. Assim acabariam com aquela confusão toda e as coisas voltariam ao normal. Achei absurdo. Não era possível que alguém que tivesse ouvido os ensinamentos de Jesus, visto a ternura com que ele atendia às pessoas pensasse que pudesse causar algum dano.

Parece que as coisas se precipitaram de um ponto em diante. Mesmo entre seus seguidores, havia alguns que achavam que ele estava indo longe demais em seus debates com os religiosos e começaram a se afastar. Lembro-me bem do dia em que ele se voltou para os discípulos e lhes perguntou:

-- Quem diz o povo ser o Filho do homem?

Responderam eles:

-- Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.

-- Mas vocês, quem dizem que eu sou?

-- O Cristo, Filho do Deus vivo – respondeu Simão Pedro pelos companheiros.

E Jesus afirmou que o próprio Deus revelara a Simão essa verdade. Essas palavras deveriam nos acalmar pois se Deus nos falava através do Mestre, ninguém poderia contestar. Entretanto, logo em seguida Jesus falou umas coisas bem estranhas, dizendo ser necessário que ele seguisse para Jerusalém e sofresse nas mãos dos religiosos, fosse morto e ressuscitasse no terceiro dia. Como poderia o filho do Deus vivo ser morto? Com que finalidade? O que queria ele dizer com tudo isso? Quando Simão protestou contra essas previsões sombrias, o Mestre o repreendeu e disse que ele não pensava nas coisas de Deus. Diversas outras vezes ele falou em sofrimento e morte como o que o esperava, não coroação e glória.

A situação ia de mal a pior. Acho que alguns começaram a pensar se teria valido a pena termos abandonado casa e família para segui-lo. Quando Pedro lhe

perguntou exatamente a respeito disso, Jesus afirmou que quando ele se assentasse no trono da sua glória, os doze que ele chamara também se assentariam em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. Ah, bem, aqui estava algo concreto a que se apegar! Então haveria mesmo um reino estabelecido, e posições especiais para cada um dos homens que ele escolheu. E, entre eles, alguns teriam um lugar mais destacado por serem mais íntimos, mais afinados com os propósitos e com os ensinamentos do Mestre.

Uma idéia me surgiu na mente. Eu poderia dar uma palavrinha especial nesse sentido antes que o Mestre tomasse sua decisão final, não poderia? Alguém teria de sentar-se à sua direita e à sua esquerda. Por que não meus dois filhos? Eles haviam deixado tudo para seguir o Mestre. Eu o servira de bom grado aqueles anos todos e Zebedeu sustentara o grupo com o dinheiro que ele ganhava com seu trabalho árduo e perigoso. Acho que merecíamos um certo reconhecimento por tudo o que havíamos investido no novo reino.

Apesar de todos esses argumentos, eu ainda hesitava, sentindo que algo me avisava para não dizer nada, mas quanto mais eu me calava, mais forte aquela idéia parecia se tornar. Esperei um momento propício. Não forçaria nada, mas se aparecesse a oportunidade de falar em particular com o Mestre, eu estaria pronta.

Subimos para Jerusalém, apesar de tudo o que Jesus havia dito que lhe aconteceria naquele lugar. Achei que era a minha última oportunidade de lhe falar daquele assunto. Chamei meus filhos e nos aproximamos dele. Fazendo uma profunda reverência, expliquei que tinha um pedido a lhe fazer.

-- O que a senhora deseja? – perguntou ele.

-- Mestre, gostaria que meus filhos se sentassem um à sua direita e outro à sua esquerda no seu reino. – Tiago e João assentiram com a cabeça, fazendo também seu o meu pedido.

Ah, nunca me esquecerei da expressão que vi no olhar de Jesus. Tristeza, compaixão, compreensão. Mas sua resposta foi firme:

-- Vocês não sabem o que estão pedindo. – Voltando-se para os dois, ele continuou: -- Podem beber o cálice que estou para beber?

Os dois nem vacilaram:

-- Podemos.

Nada lucramos com a conversa. Meneando a cabeça, Jesus explicou que não lhe competia dizer quem se sentaria nesses lugares de honra e falou que se quiséssemos ser grandes, deveríamos estar dispostos a servir sempre pois ele mesmo não veio para ser servido mas para servir. Os outros dez se indignaram contra meus filhos e fecharam a cara para nós. Por que não segurei minha língua? Sei que causamos tristeza ao Mestre numa hora em que ele já tinha tanto com que se preocupar.

Continuamos nossa jornada. Eu ia cabisbaixa, uma sensação de peso no coração. Parecia que toda a esperança de algo bom para o grupo se desvanecia à medida que nos aproximávamos de Jerusalém. Entretanto, quando entramos na cidade, com Jesus montando um jumentinho, tivemos uma recepção inesperadamente calorosa. A multidão o saudava como rei, acenando com folhas de palmeiras e clamando: “Hosanas ao filho de Davi.” Minhas esperanças renasceram.

Tive a certeza de que, antes do anoitecer, ele reinaria sobre a cidade.

De repente, as coisas se desencadearam na direção oposta. Em menos de doze horas, ele acabou sendo preso, julgado e crucificado naquele lugar horrível.

Vimos tudo de certa distância junto com Maria, a mãe do Senhor, e as outras mulheres. Eu não conseguia crer no que via. O amado Mestre, que tantas pessoas havia curado, ensinado, abençoado, pendurado ali, entre dois criminosos, sofrendo a agonia de uma morte cruel.

João permaneceu conosco junto da cruz e o Senhor entregou a mãe aos seus cuidados nos últimos momentos de vida. A agonia da mãe de Jesus, vendo seu filho morrer, era a agonia de cada uma de nós, esmagando nosso coração, sufocando nossa última esperança de uma intervenção divina. Não queríamos ficar ali mas não conseguíamos arredar pé. Permanecemos até ele dar seu último suspiro, o que, graças a Deus, ocorreu antes que os soldados precisassem quebrar-lhe as pernas para apressar a morte. O céu escureceu, a terra tremeu e todos os que testemunhavam a crucificação se apavoraram. Certos agora de que aquele não era um homem como os outros, deram glória a Deus.

Seguimos José de Arimatéia quando ele tirou o corpo do Mestre da cruz, enrolou-o em um lençol de linho e o levou a um sepulcro. Queríamos ver onde ele seria colocado e para lá nos dirigimos logo de manhãzinha no primeiro dia da semana. Quando chegamos lá, entretanto, vimos que a pedra que fechava a boca do sepulcro havia sido removida. Dois homens, com aparência de anjos, nos disseram que Jesus havia ressuscitado e já não se encontrava ali. Devíamos ir avisar os discípulos de que tudo que ele havia profetizado já se cumprira. Saímos correndo esbaforidas, os corações saltando susto e de alegria.

Depois daqueles dias, muitas pessoas viram o Mestre até que ele foi elevado aos céus. Voltei para a Galiléia, para junto de meu marido. Meus filhos ficaram em Jerusalém com os outros discípulos. Sua missão estava apenas começando. Eles deveriam seguir o exemplo e os passos de Jesus e dar continuidade ao seu ministério aqui na terra. Agora eu compreendia que não haveria tronos para eles, mas sofrimentos e perseguições. Sua recompensa estaria no privilégio de trabalhar pelo reino de Deus, de sofrer por seu Senhor. E eu, como sua mãe, teria de aprender a ver essas coisas pela perspectiva que Jesus me mostrou naquele dia em que lhe pedi um lugar de honra para eles. O lugar mais honroso era o de servo, o menor e mais humilde de todos. Foi o lugar que ele mesmo ocupou. Serviu com todo o seu ser através de ensinamentos, de milagres, da doação espontânea da própria vida. Serviu com boa vontade, com alegria, com humildade. Serviu por amor.

É assim que desejo servi-lo, e servir todas as pessoas com quem eu conviver, pelo resto da minha vida.



A história de Salomé é mais conhecida por seu pedido a Jesus de lugares especiais para seus filhos do que por sua dedicação ao Mestre. Abra sua Bíblia em Mateus 20:20-28. É nessa passagem que a encontramos diante do Mestre

intercedendo pelos filhos numa atitude de incompreensão do reino de Deus e dos princípios que o governariam.

Se olharmos outras referências a Salomé, veremos que ela fez parte daquele grupo de mulheres dedicadas que acompanharam Jesus fielmente em suas jornadas, servindo-o de coração com seus serviços e seus bens. Em Lucas 8:1-3 ela não é mencionada pelo nome, mas Marcos 15:40-41 a identifica como parte do grupo. Pode ter sido a irmã de Maria presente à crucificação mencionada em João 19:25. Nesse caso, Tiago e João seriam primos de Jesus por parte de mãe. Entretanto, não há provas definitivas desse parentesco.

O que sabemos com certeza é que ela era esposa de um homem de situação financeira confortável, um pescador que tinha empregados para ajudá-lo (Mc 1:20). Quando Jesus chamou seus dois filhos para segui-lo, Salomé e Zebedeu devem ter compreendido e apoiado a escolha dos moços. Ela não poderia ter acompanhado e prestado serviços e apoio ao grupo dos discípulos sem o consentimento do marido. Mesmo assim, tomou uma atitude bem inusitada para a sua época. O fato de ter deixado sua casa por uns tempos para acompanhar Jesus mostra que ela entendeu a importância da sua missão e dispôs-se a deixar a rotina confortável de sua vida para se aventurar ao lado do Mestre e dos filhos. Portanto, para entendermos bem o coração e a atitude de Salomé, precisamos vê-la primeiro como uma mulher dedicada e corajosa, cuja decisão de seguir Jesus revirou sua vida de pernas para o ar.

Salomé foi também uma mãe extremamente apegada aos filhos. Quando Jesus os chamou para fazerem parte do seu grupo de discípulos, eles trabalhavam com o pai no negócio do qual a família tirava o seu sustento. Naqueles dias, era muito comum os filhos seguirem a profissão de pai. Era bem provável que morassem todos juntos ou lado a lado, mesmo que os filhos já fossem casados e tivessem suas próprias famílias. Como matriarca, Salomé teria uma posição importante dentro do círculo familiar. Entretanto, quando os filhos partiram junto com Jesus, Salomé os acompanhou. Os filhos, mesmo já crescidos, ainda eram uma prioridade em sua vida. Ela queria o melhor para eles e estava disposta a abrir mão do próprio conforto para ajudá-los a realizarem seus sonhos. Vê-los felizes era felicidade para ela.

Salomé tinha a visão da chegada do reino de Deus e cria que Jesus era quem dizia ser. Sua atitude de segui-lo e permanecer ao seu lado todo aquele tempo demonstra sua fé. Faltava-lhe, porém, a perspectiva dos valores reais desse reino. Ela ainda estava presa aos valores deste mundo. Quando Pedro perguntou qual seria a recompensa daqueles que haviam deixado tudo para seguir a Jesus, este respondeu: “Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes. quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna. Porém muitos primeiros serão últimos, e os últimos, primeiros” (Mt 19:27-30). Em seguida, Jesus contou uma parábola para exemplificar essa última lição e falou do sofrimento que o aguardava em Jerusalém.

Salomé ouviu tudo mas focalizou a parte que falava em tronos e recompensas. Durante o tempo em que acompanhou o grupo, devia ter observado que

os filhos faziam parte do círculo mais íntimo que estava sempre junto com o Mestre. Diversas vezes, em momentos especiais de seu ministério, Jesus chamou Tiago e João, juntamente com Pedro, para presenciarem fatos extraordinários: no monte da transfiguração, na ressurreição da filha de Jairo, no jardim do Getsêmane. Juntando as duas coisas, Salomé deve ter achado muito natural que essa preferência se transformasse em honraria e destaque em vez de participação no sofrimento e na morte do Senhor.

O envolvimento de Salomé com seus filhos é algo que todas nós, mães, temos em comum. Uma das tarefas mais difíceis da maternidade para mim foi liberar meus filhos para seguirem seus próprios caminhos sem nenhuma ajuda ou interferência da minha parte. E vejo o mesmo acontecendo na vida de muitas outras mães, inclusive na de minhas próprias filhas, hoje mães também. A identificação da mãe com o filho é algo que começa no momento da concepção. Aquele novo ser é parte do seu corpo por nove meses. Cresce e se desenvolve célula a célula alimentado pelo sangue dela. Depois do nascimento, é ainda através do seu corpo que o filho é alimentado. Por isso, é quase impossível descrever a mutualidade perfeita que existe entre os dois.

A experiência única da maternidade não ocorre apenas na área biológica. Mães que adotam filhos gerados fora do próprio corpo desenvolvem o mesmo sentimento de amor e proteção por seus filhos adotivos, sentimento esse que já existia antes mesmo de verem as crianças pela primeira vez. É algo essencial à nossa natureza feminina. Por isso, a maior aberração que uma mulher pode demonstrar é na rejeição ou maus tratos aos filhos.

Assim, Salomé, no seu amor protetor e na sua determinação de ajudar os filhos a galgarem lugares de importância mostra uma qualidade das mães que pode facilmente ser deturpada por nossa própria necessidade de realização. Quando colocamos nossos filhos como a fonte de nosso valor como pessoas e como mulheres, corremos o mesmo risco de buscar para eles coisas que mais alimentam o nosso orgulho e satisfação pessoal do que aquilo que será o melhor para eles. Salomé precisava de uma mudança de perspectiva, uma visão clara do que seus filhos deviam ambicionar e do melhor caminho para eles virem a ser o que Jesus os havia chamado para ser.

Se podemos nos identificar com o sonho de Salomé pelos filhos, devemos seguir o seu exemplo e trilhar o mesmo caminho que ela escolheu. Ela levou seus anseios a Jesus. Buscou-o e o adorou. Só então fez o seu pedido, explicitando bem claramente o que desejava. A primeira coisa que ouviu de Jesus foi que ela e os filhos não sabiam o que pediam. Ele estaria enfrentando um sofrimento sobrehumano, mas os moços afirmaram que podiam beber o cálice que ele beberia. Quanta ignorância a respeito de algo que Jesus já explicara tantas vezes!

Quantos pedidos igualmente ignorantes temos feito a Deus? Sei que eu tenho. E quando Deus não me dá o que peço, entendo que eu é que tenho de mudar de idéia quanto ao que estou pedindo. Pode ser algo bom na hora errada. Pode ser algo que para mim parece bom, mas na realidade não é. Deus enxerga os motivos do nosso coração e sabe o que está por trás dos nossos desejos. Se estivermos pedindo algo que possa nos afastar dele, com certeza receberemos um não como resposta.

Tenho aprendido mais sobre os propósitos e pensamentos de Deus quando recebo um não do que quando sou atendida no que pedi. Claro que me alegro e agradeço quando Deus diz sim. O contrário seria uma ingratidão sem tamanho. Quando recebo um não, sabendo que Deus é um Pai amoroso, que tem prazer em dar tudo de bom aos seus filhos (Rm 8:32), tenho de examinar o meu pedido para entender porque ele não está na vontade de Deus para mim. É óbvio que sou eu que não estou entendendo o que é bom para mim ou para a pessoa em favor de quem estou pedindo. E tenho de agradecer igualmente quando Deus me diz não, embora seja muito mais difícil.

Quando Salomé levou seus anseios a Jesus, ele não apenas negou seu pedido, mas redirecionou sua perspectiva do que lhe poderia trazer a verdadeira satisfação. Chamando os irmãos e os outros discípulos, que se indignaram com o pedido daquela mãe, Jesus explicou claramente que no seu reino as coisas eram muito diferentes do que acontece normalmente no mundo. Ali, governantes e autoridades mandam e desmandam, servindo-se de sua posição para se beneficiar, como vemos na triste realidade do nosso país e até dentro das igrejas. É a tendência natural do ser humano. Entretanto, no reino de Deus, quem quiser tornar-se grande seja o que serve, e quem quiser ser o primeiro, seja o primeiro em servir, pois esse é o exemplo que Jesus nos deu (Mt 20:25-28).

Ele não repreendeu Salomé por seu pedido insensato. Com ternura e compreensão dos anseios profundos do seu coração, ele apontou o caminho da verdadeira grandeza e realização para os que desejam segui-lo – o da humilde doação de si mesmo, como ele fez. “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2:5-8).

Jesus abriu mão de toda a glória de sua divindade como Filho de Deus para assumir a forma humana. E não apenas todas as limitações da natureza humana mas também a forma de servo. Ele nunca reivindicou nada para si. Não tinha casa nem lugar onde repousar. Serviu as pessoas com quem conviveu, cuidando de suas necessidades materiais, emocionais e espirituais. Cansava-se, mas raramente tinha tempo para repôr suas energias sem que as pessoas o buscassem para satisfazer suas próprias necessidades. Por isso ele podia dizer: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa, achá-la-á” (Mt 16:24-25).

Foi esse o caminho que Jesus apontou para Salomé e seus filhos. “Vocês querem ser grandes, querem posição de destaque? Sigam o meu exemplo. Abram mão de suas próprias vidas por amor de mim. Quando tiverem feito isso, terão minha vida em vocês e, como a seiva alimenta os galhos da videira e produzem os frutos doces e perfumados que tanto apreciamos, produzirei frutos bons e perfumados através de vocês para abençoar as pessoas e lhes dar uma demonstração visível do amor do Deus invisível.” (Leia João 15:1-12)

Salomé foi uma seguidora dedicada de Jesus. Quando entendeu que o que desejava não era o que o Mestre tinha para ela, não reclamou, não murmurou, não se

afastou dele. Antes, entendeu que suas próprias idéias é que precisavam mudar para se adequar aos ensinamentos. Com as outras mulheres, permaneceu ao seu lado, mesmo quando os discípulos fugiram e o abandonaram. Esteve ao pé da cruz, acompanhando a agonia do seu amado Senhor. Com certeza, também esteve presente entre as mulheres que foram as primeiras testemunhas da ressurreição gloriosa do Senhor.

Salomé fez a melhor coisa que poderia ter feito pelos filhos. Levou seus sonhos por eles a Jesus. Ali, diante do Mestre, ela entendeu o que devia verdadeiramente ambicionar para eles – não lugares de honra e destaque, mas servir como ele serviu, no lugar que o Pai lhes houvesse reservado em seu reino. A presença e as palavras de Jesus corrigiram sua perspectiva errada a respeito do que é realmente importante para Deus.

Capítulo Quinze - Maria, mãe de Jesus

No interior sombreado do cenáculo ainda era possível sentir o calor da tarde. O sol, afundando no horizonte, tingia de rosa e laranja as paredes brancas das casas e projetava uma luminosidade dourada sobre toda a cidade.

Dentro do espaçoso aposento, o grande número de pessoas que me cercavam tornava o ar abafado e opressivo. Dirigi-me à janela mais próxima e expus o rosto afogueado à brisa morna que entrava preguiçosamente por ela. Mesmo sem sentir grande alívio, permaneci de pé ali, os olhos tentando distinguir ao longe o contorno do monte das Oliveiras, esmaecido na luz bruxuleante do entardecer. Revia mais uma vez a cena gravada para sempre no coração – o vulto querido sendo elevado ao céu azul até que uma nuvem veio e o encobriu da vista daqueles que estavam ao seu lado. Os dois varões vestidos de branco que surgiram do nada haviam confirmado que ele subia aos céus e que voltaria outra vez da mesma forma como subira. Eu sabia onde ele se encontrava, aquele que nascera de mim e era agora meu Salvador e Senhor. Estava com o Pai.

O murmúrio das vozes dos homens e mulheres reunidos naquele local, todos testemunhas dos eventos dos últimos dias, foi-se apagando de meus ouvidos enquanto outras imagens se sobrepunham, lembranças queridas, guardadas ciosamente no coração e dali retiradas sempre que eu me deparava com algum evento inexplicado, confuso, que ameaçava fazer-me perder de vista a história maior de minha vida.

* * *

Sentada diante da roca, eu trabalhava com as mãos enquanto pensamentos tristes se atropelavam em minha mente. Mesmo sem olhar no espelho, sabia que mais fios prateados agora produziam reflexos luminosos em meus cabelos escuros, amenizando um pouco as rugas que a perda de meu marido esculpira em meu rosto. Sentia agudamente a falta dele naquele momento – falta do seu carinho, da sua proteção, da sua companhia, das suas conversas, da voz forte e grave ensinando aos filhos sobre as coisas de Deus e o ofício de carpinteiro. Nosso filho mais velho já ajudava o pai na oficina com bastante competência quando este faleceu. Agora, tão jovem ainda, assumia a função de chefe da família.

O pá-pá-pá de marteladas vindo da oficina ao lado da casa me fez erguer a cabeça. Não pude evitar que um sorriso me repuxasse os cantos da boca. Sim, Jesus trabalhava com determinação e muita arte. As peças que fabricava eram requisitadas por pessoas que vinham até de outras cidades. Entre os habitantes de Nazaré, era questão de honra ter alguma peça de mobiliário feita por ele. Sua fama já superava a do próprio pai. Seu coração, entretanto, estava em outras coisas. Era carpinteiro por treinamento e necessidade, não por vocação. Eu sabia que em breve ele me deixaria para cumprir a missão para a qual nascera. E eu teria de deixá-lo partir, apoiada em meus outros filhos e no amor e cuidado fiéis do meu Deus.

A verdade é que eu tinha para meu primogênito sonhos importantes que começaram muito antes do seu nascimento. Não que eu quisesse algo mais especial para ele, mas as próprias circunstâncias do seu nascimento me faziam pensar assim. Lembro-me como se fosse hoje do dia em que me foi anunciada a grande mudança que ocorreria em minha vida. Eu era muito jovem e estava prometida em casamento ao carpinteiro José. Sonhava com um lar amoroso, cheio de calor e alegria. Mesmo pobres, tínhamos uma confiança inabalável na bondade e no cuidado do Senhor. José era um bom trabalhador e eu não tinha medo de serviço. Juntos, construiríamos a vida com que sonhávamos.

Naquele dia distante, enquanto ajudava minha mãe com as tarefas rotineiras do preparo da ceia, percebi uma luminosidade intensa no aposento onde me encontrava e senti a presença inequívoca de alguém ao meu lado. O susto me fez arquejar mas mesmo assim meus olhos foram irresistivelmente atraídos para o centro da luz. Um desconhecido estava em pé diante de mim. Ainda posso ver a figura imponente, toda feita de luz, e ouvir a saudação jubilosa que me dirigiu:

-- Alegre-se, agraciada. O Senhor está com você!

Em vez de me alegrar, senti enorme pavor apoderar-se de mim. Meu coração disparou e meus pensamentos embaralhados não conseguiam fazer sentido do que estava acontecendo. Quem era aquele ser luminoso? O que estava fazendo ali? Por onde havia entrado? O que significavam suas palavras? Era eu a agraciada de quem ele falava?

Notando minha agitação, o anjo (agora eu sabia que era o anjo enviado por Deus que me trouxera aquela mensagem inesperada) me acalmou os nervos com palavras de uma doçura inesquecível:

-- Maria, não tenha medo porque você achou graça diante de Deus. Você conceberá e dará à luz um filho, a quem chamará pelo nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Deus Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim.

À medida que ele falava, meu coração se enchia de um espanto crescente. Eu conhecia a profecia a respeito da vinda do Messias, nascido de uma virgem de Israel. Mas, havia mais de quatrocentos anos que Deus não falava ao seu povo. Estaria o grande silêncio prestes a ser quebrado com a vinda do tão esperado libertador?

Embora sem entender direito, eu sabia que estava sendo chamada a participar do grande drama preparado por Deus para a libertação final do seu povo. As perguntas foram sendo substituídas por uma sensação de grande paz e regozijo. De repente, senti-me à vontade diante do anjo. Se não, como me atreveria a questioná-lo sobre a possibilidade de uma gravidez, já que era virgem?

O anjo respondeu, acrescentando mais informações ao que dissera antes:

-- Descerá sobre você o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo a envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.

O Filho de Deus seria concebido em mim, uma moça pobre e humilde da linhagem do grande rei Davi. A notícia quase me sufocou. Seria eu a virgem a quem o profeta se referira em tempos muito antigos? Embora sem compreender ao certo todas as implicações daquele anúncio, de todas as modificações que aquele evento

inesperado traria à minha vida, senti no mais profundo do meu coração um anseio imenso de fazer parte daquela história espantosa. O Filho de Deus, nascendo como um bebê humano! E através de mim!

Minhas próximas palavras selaram os acontecimentos e mudaram para sempre a minha vida.

-- Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme o que me disse.

No instante em que falei essas palavras, o anjo desapareceu. Parecia até que eu havia sonhado. A não ser por aquela alegria incontida e pela sensação de paz que permeava todo o meu ser, não sentia nada de anormal. Estaria já grávida? E se estivesse, o que diria a todos – meus pais, meu noivo? Será que eles acreditariam em minha história? Eu era a única testemunha da aparição do anjo.

Relembrando agora aquele dia e os que se seguiram, meu coração se encheu de renovada gratidão e gozo. Depois que me entreguei a Deus para que sua vontade fosse cumprida em mim, ele cuidou carinhosamente de tudo para que as dificuldades fossem uma a uma sendo solucionadas. Em todas elas – os primeiros sintomas da gravidez, a visita a Isabel que tanto me encorajou e me ajudou a entender que algo realmente milagroso estava acontecendo conosco, as explicações que tive de dar, a fé de alguns e a descrença de outros – pude sentir a mão de Deus dirigindo cada um de meus passos e aplanando o meu caminho.

José foi avisado em sonhos a respeito da nossa parte no plano de Deus. Juntando a visão com o relato que eu lhe havia feito dos eventos, ele creu de todo o coração no que lhe contei e colocou-se ao meu lado para o que desse e viesse. Talvez por termos começado o casamento sendo provados em nossa fé, nossa união foi sempre forte e amorosa.

Somente José estava presente ao meu lado quando o menino nasceu. Depois de uma viagem cansativa, havíamos chegado a Belém, convocados pelo recenseamento ordenado pelo imperador romano, César Augusto. Batemos de porta em porta mas todas as hospedarias se encontravam lotadas. Numa das últimas portas em que batemos, o homem que nos atendeu já veio lá de dentro fazendo sinal negativo com a cabeça, mas ao aproximar-se, viu a minha condição e hesitou. José aproveitou aquele pequeno sinal de compaixão e insistiu que sua mulher precisava de um lugar para descansar. Apesar do olhar obviamente penalizado do homem, ele falou que era impossível achar um lugar que fosse dentro da hospedaria. Entretanto, se não fizéssemos questão de um pouco de desconforto.....

Agarramos a oferta com as duas mãos. Acomodaríamos nossos corpos cansados no estábulo, junto com os animais. José fez para mim um amontoado de capim limpo, cheiroso, que forrou com seu manto. Assim que me deitei, senti que a hora do parto se aproximava depressa. Bem que havia tido umas dores durante a viagem, mas achei que era apenas o cansaço e o desconforto.

José ajudou a trazer ao mundo o menino prometido. Aparentemente, era uma criança normal. Tinha todos os dedinhos e chorou forte ao respirar pela primeira vez. Enrolando o menino em panos, deitei-o numa mangedoura vazia forrada com mais um pouco do capim limpo que se encontrava por ali.

Enquanto José se atarefava com os cuidados finais, exausta, cochilei. Por

isso, não tinha certeza se de fato ouvira um cântico suave à distância ou se apenas o imaginara depois que os pastores vieram contando sobre a visita dos anjos. Mas as palavras que eles me disseram nunca mais esqueceria. Guardei-as no coração, meditando sobre o significado de tudo aquilo na vida de meu filho e na de todo o nosso povo: “Não tenham medo. Eu lhes trago a notícia mais alegre de que já se ouviu falar, e isso é para todo o mundo! Nasceu esta noite em Belém o Salvador – sim, o Messias, o Senhor. Como hão de reconhecê-lo? Encontrarão uma criancinha enrolada em panos, deitada numa mangedoura!” Aquela confirmação do que o anjo me dissera nove meses antes fez meu coração rejubilar-se enquanto eu acariciava o pequenino que sugava meu seio.

Não ficamos ali muito tempo depois que os pastores se foram. Havia providências a tomar. Meu filho foi circuncidado ao oitavo dia, recebendo então o nome de Jesus, que havia sido determinado pelo anjo ao anunciar sua vinda. Depois disso, permanecemos em Belém até passarem os quarenta dias de purificação exigidos após o nascimento de um filho varão e em seguida levamos o menino a Jerusalém para ser apresentado no Templo.

O velho Simeão, que aguardava ansiosamente a chegada do Messias prometido, tomou meu garoto nos braços e louvou a Deus, dizendo coisas que nos deixaram muito admirados: “Senhor, agora já posso morrer em paz! Pois eu o vi como o Senhor me prometeu que veria. Vi o Salvador que o Senhor prometeu dar ao mundo. Ele é a Luz que dará iluminação espiritual às nações, e será a glória do seu povo Israel.” Mas acrescentou, voltando-se para mim: “Uma espada atravessará a sua alma, porque esta criança será rejeitada por muitos de Israel, e isto será para a própria destruição deles. Ele será motivo de contradição, mas uma grande alegria para outros. E os pensamentos mais profundos de muitos corações serão revelados.” Meu coração se confrangeu. O que esperaria aquele meu pequenino, tão indefeso?

Eu guardava tudo o que via e ouvia no coração, conferindo o que ia acontecendo com as coisas que já haviam acontecido. Mensagens angelicais e profecias eram coisas vindas diretamente de Deus. E diziam respeito ao desenrolar do plano de Deus para o nosso povo. Ao mesmo tempo que me sentia extremamente privilegiada, percebia o peso da responsabilidade de fazer bem a parte que me cabia.

Alguns meses depois, quando o menino já estava maiorzinho, fomos surpreendidos pela visita de uns magos vindos do Oriente. Houve grande comoção na cidadezinha, que nunca vira nada tão imponente quanto aqueles homens e sua caravana. Eles procuravam meu filho, e lhe ofertaram presentes caríssimos de ouro, incenso e mirra. Diante de nosso olhar atônito, disseram ter sido guiados por uma estrela muito brilhante que indicava o nascimento do rei prometido nos escritos antigos. Aquele era mais uma confirmação, mais um sinal que guardei no coração.

José, sempre prático, preocupou-se ao saber que os magos haviam consultado o rei Herodes sobre o local onde o menino devia nascer, certo de que o rei não gostaria nada da notícia da chegada de outro rei, mas não teve muito tempo para refletir sobre isso. Assim que os magos partiram, ele foi avisado em sonhos para fugirmos dali o mais rápido possível e nos refugiarmos no Egito. Herodes iria mandar matar todos os meninos de dois anos para baixo, na tentativa de eliminar qualquer futuro rei dos judeus. Nunca poderia me esquecer da longa viagem que encetamos ainda no meio

da noite. José nem quis esperar o amanhecer. Felizmente, os presentes dos magos supriram nossas necessidades monetárias durante a jornada e o tempo em que vivemos no Egito.

Depois que Herodes morreu, José foi novamente avisado em sonhos a voltar para nosso país. Fomos para Nazaré que, mesmo depois daqueles anos em que estivemos fora, não parecia ter mudado. Quanta coisa havia acontecido desde que partíramos dali a caminho de Belém!

A casa que havíamos deixado ainda estava em condições de ser habitada. Após vigorosa limpeza e alguns reparos mais urgentes, ficou bem aconchegante. Ali vivi os anos mais felizes de minha vida. Outros filhos vieram encher-nos de alegria e cântico. Eu iniciava cada dia com uma prece de gratidão a Deus por sua benevolência para comigo. Achava-me verdadeiramente agraciada por ele. E a cada dia aguardava o momento em que a missão confiada ao meu primogênito seria revelada.

Os anos se passaram e Jesus foi crescendo como qualquer criança mas eu e o pai dele, assim como outros familiares e amigos, víamos que suas atitudes eram diferentes das de outras crianças. Era um menino alegre, obediente, responsável. Nunca demonstrava atitudes egoístas. Repartia suas coisas espontaneamente e vivia empenhado em agradar, em servir. Ajudava em casa e na oficina do pai. Raramente precisou ser repreendido, e mesmo nas poucas vezes em que isso aconteceu foi quase sempre por alguma coisa que não havíamos entendido direito. Como naquela vez em Jerusalém.

Quando ele completou doze anos, nós o levamos conosco à grande cidade de Davi na época da Páscoa. Era reconhecido entre todos os que o conheciam que ele demonstrava imenso interesse pelas coisas de Deus. Questionava o pai, me questionava, questionava os rabinos da escola da sinagoga até eles erguerem as mãos para o alto, num gesto de impotência, dizendo:

-- Não há quem possa responder a tudo que esse menino quer saber!

Depois dos dias que passamos na cidade celebrando a festa da Páscoa, voltávamos com amigos para casa quando, após um dia de viagem, descobrimos que Jesus não estava entre seus companheiros. Lembro-me até hoje do frio que me envolveu o coração ao deparar-me com a possibilidade de meu filho estar perdido na grande cidade. Eu e José voltamos apressados, procuramos por todos os cantos onde havíamos estado, mas só três dias depois, quando já estávamos exaustos e quase mortos de aflição, o encontramos no templo. Nunca me esquecerei da cena com que nos deparamos. Aqueles homens sisudos, os doutores da lei, cercavam o menino, crivando-o de perguntas e respondendo ao que ele mesmo perguntava, numa conversa animada entre iguais. Dava para ver a expressão de espanto nos semblantes daqueles senhores e a intensa luz de interesse e desafio no rosto de nosso filho.

Aparentemente, ele estivera ali o tempo todo. Onde havia dormido? Chegara a dormir? O que comera? Impelida pela angústia e pela ansiedade que sentira durante aqueles dias de busca inútil, passei à frente de José e, correndo para junto do menino, peguei-o pelo braço e reprovei seu comportamento diante de todos:

-- Filho, por que você fez isso conosco? Seu pai e eu estávamos desesperados, procurando você por toda a parte.

Jesus se voltou para mim, com uma expressão de espanto no rosto:

-- Mas por que me procuravam? Não sabiam que eu deveria estar aqui no templo, na casa de meu Pai?

Sem entender ao certo do que ele falava, contive o desejo de abraçá-lo fortemente agora que o via são e salvo. Saímos dali e ele nos acompanhou sem dizer mais nada.

Enquanto retornávamos a Nazaré, eu pensava sobre esse incidente, comparando-o com todas as outras coisas incomuns que haviam acontecido na vida desse filho. Sabia que um dia ele se apresentaria como o libertador de nosso povo, por tantos séculos sob o domínio de outras nações. Mas, enquanto isso, ali estava ele, na oficina do pai, martelando, serrando, aplainando. Tarefas corriqueiras demais para um jovem tão especial...

Um suspiro dolorido acompanhou minha volta à realidade que vivíamos então. Retomei com esforço o trabalho que ficara parado enquanto eu devaneava. Minha mão esquerda mergulhava num cesto ao lado da cadeira, cheio de lã já limpa e cardada, retirando dali pequenos chumaços do material que a mão direita lançava à agulha para transformar em fio, um fio grosseiro e irregular, de um castanho escuro. Enquanto minhas mãos se movimentavam cadenciadamente, com a agilidade vinda da prática de longos anos, meus olhos atentos corriam do produto que ia caindo ao lado da roca para o monte de lã no cesto. Teria o suficiente para fazer o que queria?

Ajeitei-me melhor na cadeira, cadeira que José havia feito especialmente para mim. Quando nos estabelecemos numa vida mais normal em Nazaré, após a volta do Egito, meu marido descobriu que eu sempre acabava com dor nas costas quando trabalhava na roca horas seguidas. Por ser miudinha, a posição da cadeira em que me sentava era muito incômoda, e eu ficava com os braços pendurados no ar. Depois de meia hora, sentia aquela pontada ardida no ombro, atravessando o omoplata como uma flecha incandescente. E precisava interromper o trabalho para dar descanso ao corpo. Como sempre demorava um pouco para retomar o ritmo interrompido, as interrupções eram uma grande inconveniência.

Depois de ganhar aquela cadeira perfeitamente adaptada à minha altura e com apoio para os braços, podia trabalhar muito mais tempo seguido. Quisera tanto fazer um manto para José, mas ele se fora e eu mal havia começado a tecê-lo. Seria um manto especial, sem nenhuma costura, num processo complicado que aprendi com minha avó, uma hábil tecelã da Galiléia. Agora o terminaria para meu filho mais velho, que havia assumido com galhardia o lugar do pai morto. Profunda ternura me encheu o coração ao ouvir o murmúrio da conversa entre Jesus e o irmão, entrecortado pelo estalido rítmico das marteladas. Tiago já ajudava na carpintaria, aprendendo com Jesus a arte que o pai lhes legara. Eu sabia que talvez Jesus estivesse preparando-o para tomar seu lugar quando fosse a hora de sair de casa para cumprir sua missão.

Com o coração alvoroçado, eu sonhava com esse dia. Como seria? O que ele faria? A alegria de ver meu filho sendo usado por Deus para libertar o povo compensaria todas as tristezas que já sofrera na vida. Sim, eu aguardava ansiosamente a chegada do reino do Messias. Nem mesmo a lembrança das palavras de Simeão quando Jesus fora apresentado no templo ainda bebê conseguia diminuir minha antecipação. Talvez a tristeza a que ele se referia fosse a que já sentira com a

morte de José. O que poderia ser mais doloroso do que isso?

* * *

Era uma festa farta e bem organizada. As mesas repletas de bons pratos que iam sendo substituídos à medida que se esvaziavam por servos atentos e prestativos estavam cercadas por dezenas de convidados, todos alegres e brindando aos noivos a cada oportunidade com o bom vinho que nosso anfitrião mandara servir à vontade. Casamento era um ato importante e aquele não era exceção.

Eu estava entre os convivas por ser parente da noiva. Subi de Nazaré para Caná e cheguei na véspera, dispondo-me a ajudar a mãe da noiva no que fosse preciso. Assumi uma porção de tarefas pequenas mas importantes para ajudar a passar o tempo. Não me iludia quanto ao mais importante motivo para estar ali. Apesar de estimar muito meus parentes, era a esperança de rever na festa o meu primogênito que me levara até Caná. Sabia que ele também havia sido convidado e estava quase certa de que compareceria.

Não podia evitar que meus pensamentos se concentrassem nele. Sentia saudades de sua presença em casa. Ele me dava enorme segurança. Quando José morreu e senti no fundo da alma a agonia da separação, apoiei-me no amor e no cuidado de meu filho enquanto ele permaneceu ao meu lado. Mas eu sabia que um dia ele teria de partir para longe de mim. E esse dia chegara mais depressa do que eu gostaria.

Uma grande paixão queimava seu coração. Não pude deixar de perceber que, à medida que os dias se passavam, Jesus se concentrava mais e mais em suas preces e tempos de meditação a sós.

Quando completou trinta anos, Jesus saiu de casa, deixando Tiago incumbido da carpintaria, auxiliado pelos dois irmãos José e Simão. Eram eles que agora sustentavam a família exercendo a profissão do pai e do irmão mais velho. Despedi-me dele com lágrimas nos olhos, o coração apertado por saudades antecipadas. Eu não podia ir com ele mas oraria por ele incessantemente.

As notícias dele que me chegavam aos ouvidos eram um tanto vagas, mas suficientes para indicar que ele já tinha um grupo de seguidores e andava pelas cidades pregando a respeito da vinda do reino de Deus. Soube que ele havia procurado João, filho de sua prima Isabel, agora chamado de Batista, e fora por ele batizado no rio Jordão. Alguém me disse que, quando ele saiu das águas, veio uma voz do céu que disse: “Este é o meu Filho amado, em quem tenho prazer.” Eu me arrepiava ao pensar no que seria ouvir com os próprios ouvidos essa mensagem. Mais algumas coisas para guardar em meu coração e sobre as quais pensar quando tivesse um tempo mais tranqüilo.

Ele chegou quando a festa, que durava vários dias, já estava em progresso. Vibrei de alegria quando o vi se aproximando com um grupo de amigos! Estava um pouco mais magro e bastante queimado de sol, muito diferente dos tempos em que ficava abrigado à sombra da carpintaria o dia todo. Devia estar caminhando bastante aqueles tempos desde que saíra de casa. Apesar das saudades que sentia e que me faziam querer correr ao seu encontro para abraçá-lo com força, não consegui sair do

lugar. Cumprimentei-o quase formalmente pois agora meu filho era homem feito, com uma missão a cumprir. Isso parecia afastá-lo de mim. Era meu filho, mas agora era também um Mestre, alguém que viera ao mundo através de mim mas não me pertencia.

Absorta nesses pensamentos, demorei um pouco a notar uma comoção perto da porta por onde entravam os servos com os alimentos e as bebidas. O dono da casa agitava os braços e a esposa, ao lado dele, torcia as mãos, com uma expressão aflita no rosto. Aproximei-me do casal em tempo de ouvir as palavras de um servo:

-- Acabou todo o vinho, senhor.

A voz lamurienta da esposa interpelou o servo:

-- Tem certeza, Ananias? Deve haver pelo menos um barril guardado em algum canto.

-- Não, senhora – replicou o servo com firmeza. – Já procuramos. Ademais, vi que o vinho estava indo depressa demais e bem que tentei impedir que fosse servido tão generosamente, mas...

Com um encolher de ombros, o servo indicou a inutilidade de seus esforços. Os convivas estavam realmente sedentos e o vinho era dos melhores.

Ainda torcendo as mãos, a dona da casa voltou-se para mim.

-- Ah, Maria, veja que desgraça. O vinho acabou. Os convidados nunca se esquecerão da nossa festa, mas não pelo motivo que eu gostaria que ela fosse lembrada.

Procurando consolá-la, lembrei-lhe que talvez pudesse consultar meu filho para ver se ele poderia fazer alguma coisa para solucionar aquela situação desconfortável. Seu olhar de gratidão foi o encorajamento de que eu precisava. Sai à procura de Jesus. Encontrei-o num círculo de amigos e de alguns convidados, conversando animadamente. Chamando-o à parte, confidenciei:

-- Filho, o vinho acabou e os primos estão desolados. Há alguma coisa que você possa fazer por eles?

Jesus fitou-me firmemente nos olhos. Parecia enxergar até o fundo de minha alma. Sustentei seu olhar, deixando todo o amor e orgulho que sentia dele transbordar de meus olhos para os seus.

Meneando a cabeça, ele deu uma resposta que, à primeira vista, deixou-me perplexa:

-- Senhora, por que me procurou? Ainda não é chegada a minha hora.

O tom era respeitoso, mas ele não me chamou de mãe. Suas palavras indicavam que, a partir do momento em que deixara o lar paterno, ele passara de filho para a posição de mensageiro de Deus. Olhando mais uma vez nos olhos de meu filho, entendi o que ele queria dizer. O amor a Deus ardia em seus olhos e ninguém que o fitasse diretamente saía imune desse contato. Ele faria o que fosse preciso, na hora certa, por um motivo maior do que apenas aplacar a sede dos convidados e eliminar o motivo de vergonha dos hospedeiros. Meu pedido seria atendido no melhor momento possível, de uma maneira muito melhor do que eu podia imaginar. Descansando na sabedoria de meu filho, voltei-me para os servos que me haviam seguido e ordenei simplesmente:

-- Façam tudo que ele disser.

O que aconteceu depois ficou tão famoso que os convidados nunca mais esqueceram. A festa terminou com o mais saboroso dos vinhos que já haviam provado. Os servos, maravilhados, não se fizeram de rogados para contar o que havia ocorrido. Jesus havia ordenado que eles enchessem as talhas de pedra com água e depois tirassem uma prova e a levassem ao mestre-sala. O homem, ao prová-la, se surpreendera com a bebida, dizendo ao dono da casa:

-- Todos servem primeiro o bom vinho, e, quando todos já beberam fartamente, servem o inferior. Você, no entanto, guardou o bom vinho e deixou para o melhor por último!

As pessoas presentes olhavam para Jesus com outros olhos agora. Meu coração se comovia ao ver a admiração de que meu filho era alvo, pois via que, embora ao custo de afastar-se de mim, ele trilhava o caminho que o levava ao centro da vontade de seu Pai.

* * *

As notícias que continuavam chegando aos meus ouvidos nem sempre eram animadoras. Eu sabia que Jesus era agora seguido por um bando fiel de doze homens, que ele mesmo chamara para estarem ao seu lado. Havia também um grupo de mulheres que os acompanhavam e lhe prestavam assistência. Diversas delas haviam sido curadas por ele de graves enfermidades e possessão demoníaca. Muitas pessoas o seguiam para ouvir seus ensinamentos e serem curadas.

Um dia, ouvi dizer que ele estaria passando ali perto e resolvi procurá-lo. Meus outros filhos também quiseram ir. Seria tão bom se pudéssemos ter uma pequena reunião da família para ouvir de seus próprios lábios o que ele vinha fazendo! Quem sabe até o convenceríamos a ficar uns dias conosco.

Quando nos aproximamos da casa onde ele pregava, quase desanimei. Havia gente saindo pelas janelas e pelas portas. Dava para ouvir a voz de Jesus, mas era impossível localizá-lo no meio de toda aquela gente.

Esgueirei-me o quanto pude para dentro da sala, mas mesmo assim não conseguia divisar meu filho. Pedi a um senhor que, em pé um pouco mais adiante, lhe passasse um recado, dizendo-lhe que sua mãe e seus irmãos estavam ali, do lado de fora, e que gostariam de falar com ele. Vi o senhor cochichar ao homem da frente e percebi o recado sendo repassado. Estiquei o pescoço para ver Jesus levantar-se e vir em nossa direção.

Sua voz soou distante, como se ele se dirigisse a todos os que o ouviam, e não a uma pessoa em particular:

-- Quem é minha mãe e meus irmãos?

Pausa. Eu mal conseguia acreditar no que ouvia! Será que ele já nem se lembrava de nós?

A voz conhecida e querida continuou:

-- Aqui estão minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer pessoa que fizer a vontade de Deus, essa é meu irmão, irmã e mãe.

Os olhares de alguns que haviam passado adiante meu recado se voltaram para mim, questionadores. Será que achavam que eu havia inventado uma desculpa para chegar perto do pregador?

Desolada, voltei para junto dos outros filhos.

-- Ele não quis vir, Mãe?

-- Não se lembra mais de nós?

-- Vamos embora para casa!

Embora eu lhes tivesse contado inúmeras vezes a história do nascimento de Jesus e dos fatos sobrenaturais que acompanharam seu irmão durante os anos em que viveu conosco, era-lhes difícil acreditar. Afinal, haviam convivido com ele dentro de casa. Embora tivesse sido sempre um irmão especial, não conseguiam crer que fosse algo mais do que apenas um ser humano. E agora eu podia sentir sua indignação ante a atitude do irmão.

Fui andando devagar e eles me seguiram, calados. Enquanto caminhava, pedi a Deus que me mostrasse como devia enxergar aquela situação. A dor da aparente rejeição era sufocante, mas eu conhecia o coração de Jesus. Sabia que ele jamais rejeitaria quem o procurasse. Talvez o tivéssemos buscado por um motivo errado, querendo afastá-lo, ainda que por pouco tempo, de sua missão. E ele falara claramente que éramos seus irmãos e irmãs e mãe porque também buscávamos fazer a vontade do nosso Deus. Não, ele não havia nos rejeitado. Apenas ampliara o sentido de família biológica para incluir os membros de uma nova família – a família de Deus, nosso Pai.

Foi o que expliquei aos meus queridos quando nos aproximamos de casa. Infelizmente, pude ler em seus olhos que eles ainda não enxergavam as coisas dessa maneira, achando que talvez eu *quisesse* que fossem assim para defender Jesus. Um dia talvez viessem a crer. Havia tanta coisa que eu mesma não conseguia explicar! Só Deus poderia tocar seus corações.

* * *

As notícias continuavam chegando, mas agora seu tom era sombrio. O meu Jesus estava sendo rejeitado e perseguido pelos religiosos. Havia boatos até de que tentavam matá-lo! Como podia ser uma coisa dessas? Ele só fazia o bem a todos. Quantas pessoas ele havia curado! Cegos, paralíticos, surdo-mudos, endemoninhados. E seus ensinamentos, então! Todos diziam que ele falava com uma autoridade da qual nenhum dos escribas e fariseus chegava perto.

As palavras de Simeão no templo aquele dia distante me deixavam inquieta. Ele dissera mesmo que meu filho estava destinado a ser alvo de contradição. E era o que estava acontecendo. Ele subira a Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos e ensinava no templo. Houve muito bate-boca com alguns dos que estavam ali e, pelo que eu soube, os guardas que haviam sido enviados para prendê-lo saíram de mãos vazias, declarando que jamais tinham ouvido alguém falar como Jesus falou.

Os fariseus, entretanto, estavam determinados a calá-lo, de uma forma ou de outra. Trouxeram diante dele uma mulher apanhada em adultério para ver o que ele diria, mas parece que a armadilha não deu certo e não houve apedrejamento. A turba se dispersou quando ele mandou que aquele que não tivesse pecado atirasse a primeira pedra. Não soube o que aconteceu com a mulher depois, mas sei que está viva em algum canto.

Está ficando muito difícil acompanhar os acontecimentos de longe. As passagens do profeta Isaías a respeito do Messias e de todo o sofrimento que ele enfrentaria ressoam em meu coração e me tiram a paz. Seria essa a espada que me traspassaria a alma prevista por Simeão? Como terei forças para ver meu filho sofrer tanto assim?

* * *

Meu coração se enregelou em meu peito. Já não tenho lágrimas para chorar. Sinto-me seca, árida como a terra onde fincaram a cruz na qual meu amado foi pregado. Minha mente se recusa a entender a dimensão do que ele deve estar sofrendo ali. Vejo sua frente querida, na qual enterraram espinhos em forma de coroa. Seu corpo emagrecido se contorce na agonia de continuar respirando. O povo que veio assistir à sua execução a tudo assiste sem mostrar um pinga de misericórdia, um pinga de arrependimento por ter pedido a sua morte. As autoridades e os soldados romanos responsáveis pela execução proferem zombarias contra ele, mesmo depois que sua voz rouca se fez ouvir numa prece:

-- Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.

Ouçõ as vozes dos dois outros homens que também estão sendo crucificados ao seu lado, mas meus olhos e meus ouvidos estão cravados no meu amado. O cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, dissera um dia João Batista. E o cordeiro tinha de ser sacrificado para que seu sangue trouxesse o perdão dos nossos pecados. Mas uma morte tão cruel assim?

Então, as palavras do profeta Isaías me vieram de novo à mente, só que agora seu significado parecia muito óbvio, com aquele quadro de dor e desfiguramento bem à minha frente: *“Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada havia em sua aparência para que o desejássemos. Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo, nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca.....”*

Ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa das nossas iniquidades....O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós...de todos nós...todos, todos nós...as minhas iniquidades ele levava sobre si naquela cruz. Era por mim que estava ali, sofrendo aquela agonia asfixiante. Ah, se sofrimento matasse, eu já não estaria viva. Pensei que meu coração fosse explodir de tanta dor. Enorme nó se formou em minha garganta e não conseguia respirar. Senti que ia cair e João, que também estava ali, me apoiou com um braço firme.

Ergui os olhos e vi que Jesus me fitava, os olhos já embaçados. Queria que ele

lesse no meu olhar todo o amor, toda a imensa gratidão por ter tido o privilégio de trazê-lo ao mundo e fazer parte de sua vida aqui na Terra. Agora eu compreendia por que ele tivera de vir. Viera para morrer por todos nós, por mim, para levar sobre si o castigo que merecidamente deveríamos receber. Já não era meu filho amado que estava pendurado naquela cruz maldita. Era o meu Salvador, o meu Senhor!

Sua voz soou rouca, através da garganta ressequida:

-- Senhora, aí está o seu filho.

Engolindo convulsivamente, ele olhou para João e falou:

-- Aí está a sua mãe.

Seu cuidado por mim, naquele momento atroz, foi além das minhas forças. Não sei se desmaiei mas não me lembro de mais nada. Quando dei por mim, estava deitada num leito confortável, no escuro. Um murmúrio vinha do aposento vizinho, cuja luz se infiltrava por baixo da porta e mostrava alguns contornos dentro do quarto. O que eu fazia ali? Tentei sentar-me mas minha cabeça martelava de dor. Voltei a deitar, mas agora com os olhos abertos. A lembrança do horror voltou com força e mais uma vez senti que ia perder os sentidos.

A porta se abriu e vi um vulto recortado contra a luz do outro aposento. Percebendo que eu estava acordada, ele se aproximou e me tomou a mão gelada. Era João.

-- Está tudo acabado. Ele expirou antes dos outros dois e já foi tirado da cruz e sepultado.

Voltei a cabeça para o outro lado e novas lágrimas jorraram, quentes e abundantes. Mas agora eu podia descansar. Ele cumprira sua missão como cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Todo o sofrimento que enfrentara durante a vida aqui na Terra seria recompensado. A promessa das profecias era a de que, depois do sofrimento, viria a glorificação. Um dia, seu reino será estabelecido aqui mesmo na Terra e ele reinará sobre o trono de Davi. Mal posso esperar a chegada desse dia! Mal posso crer que vou vê-lo de novo, não desfigurado e sangrando, como o vi hoje, mas glorioso na beleza da sua divindade, da qual ele abriu mão enquanto esteve entre nós. Meu Salvador e meu Senhor amado!

* * *

Alguém tocou-me o ombro e voltei lentamente à realidade do cenáculo. A noite chegara enquanto eu estava ali diante da janela, revivendo todos os eventos marcados a ferro na minha memória. As cenas da crucificação ainda me perturbavam, mesmo depois da alegria de ver meu Senhor vivo novamente, aparecendo entre nós por mais quarenta dias antes de subir ao céu diante dos olhos de tantas testemunhas.

Agora estávamos ali, obedecendo à sua ordem de esperarmos em Jerusalém até que fôssemos batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias. Ele tinha uma missão para nós, os que ficamos aqui na Terra. A missão era a de levarmos a outras pessoas as boas novas da salvação que ele tanto sofrera para nos trazer.

Vejo que João está à minha espera. Devemos ir descansar para estarmos prontos quando chegar a hora.

Lanço mais uma vez um olhar para o lado do monte das Oliveiras, agora uma

sombra escura contra a luz prateada da lua cheia. Elevo os olhos para o céu, tentando enxergar Jesus ao lado do trono do Pai. Sei que ele está lá, mas sei também que está conosco. “Eis que estou com vocês todos os dias até a consumação do século.” Ele prometeu e nunca deixou de cumprir uma promessa que fosse.



Maria, a mãe de Jesus, é a mulher mais conhecida na Bíblia. O evangelista Lucas, que afirma ter investigado todos os fatos relativos ao nascimento e à vida de Jesus, narra com detalhes tão minuciosos os muitos eventos em que ela esteve envolvida que considera-se que ele os tenha ouvido diretamente dos seus lábios. Leia os eventos descritos acima em Atos 1:1-14; Lucas 1:26-45; Mateus 1:18-25; Lucas 2:1-35; Mateus 2; Lucas 2: 41-52; João 2:1-12; Marcos 3:31-35; João 19:17-27. Pelo número de referências a Maria, temos uma idéia mais completa da importância do seu papel na vida de Jesus.

Nenhum outro ser humano teve contato mais longo e mais íntimo com o Senhor Jesus. Ela foi escolhida para ser aquela através de quem ele viria a este mundo. Foi quem o amamentou, quem lhe ensinou as primeiras palavras, quem o ajudou a dar os primeiros passos, quem o educou e criou em todos os aspectos. As narrativas dos evangelhos nos levam a crer que a infância de Jesus foi a de uma criança normal mas especial. Lucas nos diz que, depois que seus pais retornaram a Nazaré, “crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lc 2:40).

Após o incidente no templo, quando Jesus tinha doze anos de idade, ele voltou a Nazaré com os pais “e era-lhes submisso” (Lc 2:51). Por ele ter sido sempre um filho obediente foi que Maria tanto estranhou o que poderia ser considerado um descuido, uma desobediência. Foi o primeiro episódio na vida do filho que lhe mostrou que, embora submisso aos pais terrenos, ele vivia também em outra realidade, e seu primeiro compromisso era para com o Pai celeste.

Maria era profunda conhecedora das Escrituras que contavam a história do seu povo. O cântico que entoou quando visitava Isabel, a prima idosa que também concebera milagrosamente um filho, revela grande intimidade com as obras maravilhosas de Deus. Ela conhecia as promessas de libertação, as profecias acerca da vinda do Messias e a maneira como ele viria ao mundo. Ao ouvir do anjo a mensagem de que seria ela a virgem em quem ele seria concebido, a única dúvida de Maria foi sobre como esse fato milagroso ocorreria. Após o esclarecimento do anjo, ela simplesmente se colocou à disposição de Deus para que se cumprisse nela a sua vontade.

O plano divino dependia da aceitação daquela juvenzinha pobre e humilde, num canto perdido do Império Romano. Enquanto os generais e os governantes romanos se reuniam para debater e resolver os destinos dos povos, a única solução que realmente mudaria para sempre a realidade dos seres humanos estava sendo decidida por uma mocinha que sempre vivera longe dos focos de poder.

Deus ofereceu a Maria um lugar importante em seu plano para o resgate de humanidade. E ela disse: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (Lc 1:38). Não lideraria um exército, não seria uma juíza, não iria para o palácio dos poderosos. Seria apenas mãe, a mãe do Salvador. Lucas nos diz diversas vezes que ela era uma mulher dada à meditação. Sempre que alguma coisa extraordinária acontecia, “Maria guardava essas coisas no seu coração”, provavelmente meditando no seu significado e tentando entendê-las à luz da revelação das Escrituras. Ela conhecia e cria no plano de Deus para seu povo e se dispôs a ser usada por ele para que esse plano viesse a ser cumprido. Vemos na vida de Maria o motivo de ter-se tornado, segundo o anjo, “muito favorecida”. Ela creu e obedeceu.

No entanto, observamos na vida dessa mulher admirável que o processo de passar da vida natural para a realidade sobrenatural, do amor natural que sentia pelo filho querido ao amor sobrenatural por ele como seu Salvador e Senhor não foi fácil nem instantâneo. Como aconteceu com ela, acontece também conosco.

Embora soubesse toda a verdade a respeito de quem era seu filho, Maria reagiu como toda mãe de adolescente quando o menino revelou os primeiros sinais de independência. Aos doze anos, os meninos judeus começavam a se preparar para assumir seu lugar na comunidade religiosa. Acompanhar os adultos ao templo na época de uma das festas obrigatórias era sinal de que o garoto se aproximava da idade da responsabilidade. Maria sabia disso. Seu filho já não era mais uma criança. No entanto, depois do susto que passou quando deu pela falta dele, ela o tratou como tal. Não conseguindo se conter, repreendeu-o na frente de todos aqueles doutores da lei com quem ele conversava.

E qual foi a reação de Jesus? Não a reação típica de um adolescente. Não se zangou, não fechou a cara. Simplesmente explicou que era ali, na casa de seu Pai, que ele precisava estar. Maria aceitou essas palavras como sendo a verdade. Ela sabia como seu filho havia sido concebido e sabia quem era seu verdadeiro Pai, de quem o templo era a casa. Embora ainda não compreendesse totalmente a missão do filho, aceitou o que lhe foi revelado nesse episódio e mais uma vez guardou essas coisas no coração para meditar sobre elas.

No episódio das bodas de Caná, vemos a solicitude normal das mulheres numa hora de necessidade. Seria a coisa mais natural do mundo Maria apelar para o filho a fim de solucionar o problema que a família enfrentava. Ele agora era um adulto, vivendo longe dela, mas estava certa de que ela acompanhava como podia todas as coisas relativas ao seu ministério. Teria ouvido falar em seus milagres e provavelmente estaria ansiosa para presenciar um pessoalmente.

Vemos que o afastamento entre Maria e seu filho toma um rumo mais pronunciado aqui. Ele não apenas saíra de casa, mas já não a tratava por mãe. A palavra “mulher” usada por ele era considerada um tratamento respeitoso e digno, como o nosso “senhora”. Nem podia deixar de ser. Jesus, que sempre dispensou um tratamento respeitoso a todas as mulheres com quem se relacionou, mesmo as mais indignas, não poderia ser menos respeitoso para com aquela a quem devia amar muito. Aqui, entretanto, ele estava mostrando a Maria que dali por diante, o relacionamento familiar dele era com seus seguidores. Ela estava incluída entre eles,

mas apenas na medida em que ele fosse também o seu Salvador e Senhor.

Embora Maria possa ter ficado um tanto chocada com as palavras de Jesus, ela demonstra sua aceitação de que o filho sabia do que estava falando quando diz aos servos que façam tudo o que ele ordenasse. Mais uma vez, Maria creu e obedeceu.

Algum tempo depois, vemos Maria novamente procurando estabelecer um contato de mãe para filho com Jesus em Lucas 8:19-21. Ela e seus outros filhos se dirigem até onde Jesus está ministrando e mandam chamá-lo. Eram a sua família. Amavam-no profundamente. Preocupava-os as longas horas de trabalho e as poucas refeições que faziam parte da sua rotina. Desejavam tê-lo um pouco só para si, no aconchego da família. Podemos imaginar Maria pensando em preparar aqueles pratos de que ele tanto gostava, deixá-lo dormir até mais tarde para descansar bem. Ela não queria tirá-lo de sua missão, isso não! Apenas queria que fosse seu filho de novo por um pouco de tempo. Era pedir demais? Ele sairia dessa reunião descansado e bem alimentado, pronto para continuar sua jornada.

Ela sabia que havia diversas senhoras que acompanhavam Jesus por toda a parte, ministrando a ele com seus bens e seus serviços (Lc 8:1-3). Só queria fazer a mesma coisa. Mas aquelas senhoras serviam ao seu Senhor, encorajando-o e ajudando no seu ministério, enquanto para Maria, ele ainda era seu filho.

Quanta coisa deve ter passado pela mente daquela mãe enquanto aguardava que Jesus atendesse ao seu chamado e viesse procurá-la. Mas ele não veio. A pessoa que trouxe o recado falou que ele praticamente negara qualquer envolvimento maior com ela e com seus outros filhos, dizendo: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam” (Lc 8:21).

Qualquer outra mãe teria ficado transtornada com a aparente rejeição, mas Maria entendeu que eles haviam chegado a um novo nível de família que começava com um novo nascimento, nova vida, nova família. Havia passado além dos relacionamentos humanos para os do reino de Deus, do qual ela também fazia parte, e uma parte importante. Em vez de rejeitar os laços de sangue que havia entre eles, Jesus os transferiu para o nível espiritual, sobrenatural, eterno. Mesmo para aquela através de quem ele recebeu sua natureza humana, Jesus teria de ser primeiro o Senhor. E Maria compreendeu e aceitou essa verdade.

O último encontro de que temos registro deu-se nos momentos finais da vida terrena de Jesus. Vemos Maria aos pés da cruz, assistindo à horrível agonia daquele que trouxera ao mundo. Todas as coisas que havia guardado em seu coração de repente faziam sentido. Via agora que era o Filho de Deus que estava ali cravado. Ele, que nunca pecara, levava sobre si o pecado do mundo, consumando o sacrifício supremo que permitiria aos homens serem novamente aceitos diante do Deus santo e justo.

Essa conclusão, contudo, não deve ter diminuído sua dor. Nada podia apagar a convivência que tivera com Jesus todos aqueles anos. Ao contrário. Agora o amava como seu filho e seu Salvador. Entendia a parte que tivera no plano eterno de Deus e jamais desejaria mudar o fato de ter sido a escolhida, mesmo enquanto sua alma estava sendo traspassada pela espada do sofrimento.

Ela aquiesceu em participar do plano eterno de Deus. Assim, todo o seu sofrimento adquiriu um significado eterno.

A jornada de Maria nos mostra o caminho que todas nós temos de percorrer, passando da dependência dos relacionamentos humanos para um relacionamento íntimo e pessoal com Deus.

Como mulheres, vivemos em função das pessoas a quem amamos. Um filho, então, ocupa em nosso coração um lugar que nos torna especialmente vulneráveis. A dor de uma mãe que vê seu filho em perigo, em dificuldade, é imensurável. Ela pode tornar-se incrivelmente forte, uma verdadeira leoa, para lutar por ele e defendê-lo com a própria vida, se for preciso. Ao mesmo tempo, não há alegria maior do que a de ver um filho feliz, realizado. Nossos filhos são nossos amplificadores. Sentimos a sua dor muito mais do que as nossas, mas também sentimos as suas alegrias muito mais do que qualquer alegria nossa.

Por isso mesmo é tão difícil para a mãe ver o filho ir viver sua própria vida, especialmente se o caminho que ele está tomando não é o que ela considera o melhor para ele.

Para Maria, mesmo com todo o conhecimento que tinha guardado em seu coração sobre quem era seu filho e sobre a missão para a qual viera ao mundo, o processo não foi muito diferente. Vêmo-la tentando restabelecer o contato mãe-filho em duas ocasiões diferentes nos três anos em que Jesus viveu longe dela. Entretanto, em todos eles vemos Jesus mostrando a Maria que ela terá de passar do relacionamento natural para o sobrenatural, do relacionamento de mãe e filho para o de mulher e seu Senhor. E essa é uma transição que todas nós temos de fazer. Temos de buscar em Deus primeiro a satisfação de nossos anseios pelo amor forte e fiel para o qual fomos feitas. Quando esse amor nos encher o coração, estaremos aptas a exercer plenamente os nossos dons femininos de ajudar e servir como mulheres.

Como mulheres, buscamos nos relacionamentos a satisfação de nossa imensa necessidade de amor. Quando somos amadas e apreciadas, sentimo-nos felizes, completamente satisfeitas. Mas, pense um pouco. Quantas vezes na vida você sentiu que tinha todo o amor por que seu coração anseia? Se depender do amor de seres humanos igualmente carentes, vai inevitavelmente sofrer a decepção, a dor profunda de não ser amada como precisa para sentir-se valiosa, completa como pessoa.

Isso acontece porque fomos feitas para viver saciadas primeiro pelo amor de Deus. Ele é amor, amor doador, totalmente altruísta, ou seja, sempre voltado para o bem do ser amado. Por isso ele nos fez com esse vazio que seu amor iria preencher. Nós não somos amor, mas daquilo que recebemos, podemos ministrar aos outros.

Foi assim com os primeiros seres humanos. Enquanto viveram em relacionamento íntimo com Deus, sendo alimentados por seu amor constante e perfeito, estavam plenamente saciados. E da abundância do amor que transbordava em seu coração podiam amar ao outro. Entretanto, a partir do momento em que a comunhão foi quebrada, eles “viram que estavam nus”, ou seja, viram-se como realmente eram. Perceberam sua condição de vazio, de criaturas dependentes de algo que não podiam controlar. E voltaram-se um para o outro, exigindo receber onde antes tinham para doar, e doar generosamente.

Desde então, todos nós vivemos seguindo essa mesma ordem – primeiro os relacionamentos terrenos, depois o relacionamento com Deus. Como já nascemos carentes de amor, carentes de saber que somos valiosos, apreciados apenas por

sermos quem somos, é fácil ver por que nos apegamos às pessoas que nos cercam, a nossa família, para suprir essas carências. Ora, Deus mesmo projetou e estabeleceu a família como um bem para todos os seres humanos. Em toda a sua Palavra, ele usa expressões familiares para exemplificar seu relacionamento conosco, comparando-se a um marido (Isaías 54:5), a um pai (Isaías 63:16), a uma mãe (Isaías 66:13), por saber que é a melhor maneira de entendermos quanto ele nos ama e deseja o nosso bem. Assim, é natural o apego que temos por nossos queridos. Eles nos oferecem a segurança de sermos amadas e uma razão de ser para a nossa vida. Isso é bom e natural, parte do plano de Deus para a felicidade dos seres humanos.

Entretanto, quando passamos a depender dessas mesmas pessoas para saciar a nossa sede de amor incondicional, vamos sempre nos decepcionar pois nenhum ser humano pode nos amar assim o tempo todo. E quando não recebemos aquilo por que ansiamos, ficamos frustradas, sentindo a nossa carência, a vulnerabilidade de dependermos de algo que não podemos controlar. Compelidas por nossa necessidade, procuramos alguma forma de satisfazê-la. Tornamo-nos exigentes, cobradoras, críticas, ressentidas, até vingativas. Ou nos anulamos para agradar, fazendo sempre o que os outros querem ou exigem de nós, crendo que assim obteremos o amor de que tanto precisamos. Quantas vezes nossas manipulações apenas afastam de nós as pessoas cujo amor estamos tentando reter! E mesmo quando essas manobras parecem trazer o resultado que desejamos, ele nunca satisfaz de fato pois sabemos que foi um amor extorquido, não dado voluntariamente.

Entretanto, é no ponto de nossa maior vulnerabilidade que Jesus nos vem ao encontro para nos libertar da *dependência* dos relacionamentos humanos. Ele nos revela o imenso amor do Pai pois sabe que somente quando nosso relacionamento com Deus for restaurado à ordem original da criação, isto é, quando buscarmos primeiro seu amor e seu propósito para nossas vidas, estaremos capacitadas a amar incondicionalmente as pessoas com o mesmo amor com que somos amadas por Deus. E esse é um apelo atraente, irresistível. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4:19). Quando nos sabemos amados assim como somos, dificilmente deixamos de retribuir.

Quando entendemos que o Deus criador de todo o universo anseia por um relacionamento amoroso conosco, que nos ama a ponto de dar a vida de seu Filho para nos levar de volta para si, sentimo-nos verdadeiramente saciadas. Seu amor enche nosso coração até transbordar. Mesmo sendo invisível, ele nos dá a visão clara da sua presença ao nosso lado. Começamos a perceber seu cuidado carinhoso em cada detalhe da vida. Nosso coração se enche de ações de graças porque sabemos que em tudo que nos acontece, Deus está agindo para nos transformar nas pessoas que ele planejou desde antes da eternidade que fôssemos – pessoas lindas (ele não faz nada feio!) por dentro e por fora, amorosas, generosas, alegres, pacientes, bondosas, mansas e totalmente controladas por seu Espírito (Gálatas 5:22-23).

Nesse momento começa a verdadeira restauração de todos os nossos relacionamentos à única ordem em que foram feitos para existir – primeiro Deus, depois os outros, mesmo os mais próximos.

Maria percorreu esse caminho. Embora tenhamos absoluta certeza de que ela amava a Deus e conhecia profundamente os seus planos de redenção, por causa da

intimidade do relacionamento de mãe para filho com Jesus, ela teve de abrir mão do papel de sua mãe, um relacionamento terreno, para aceitá-lo primeiro como seu Deus e seu Salvador.

Depois da ressurreição de Jesus, encontramos Maria e seus outros filhos entre os discípulos, como parte daquela nova família (Atos 1:14). Ela deve ter tido a alegria de vê-lo ressurreto, subindo ao céu. O gozo expulsou a tristeza do seu coração, pois agora ele estaria para sempre com ela, na pessoa do seu Espírito Santo.

No plano eterno e glorioso de Deus, ela fizera a sua parte, uma parte pequena mas extremamente importante.

Nesse mesmo plano, Deus tem uma parte para cada uma de nós. Ele conduz nossas vidas e nos prepara para aquilo que tem para fazermos. Só precisamos dizer, como Maria: “Aqui está a serva do Senhor. Faça-se em mim conforme a tua palavra.”



Aplicação Prática

Você percorreu um longo caminho ao lado das mulheres que tiveram um encontro pessoal com Jesus. Viveu, na pele delas, seus problemas, suas angústias, suas frustrações e viu como Jesus ofereceu a resposta a cada um deles.

Agora, seguindo o exemplo de Maria, mãe de Jesus, pode querer meditar um pouco mais sobre cada episódio, tirando lições práticas para sua vida. É para isso que oferecemos nesta sessão uma série de perguntas, destinadas a orientar um estudo mais profundo de cada problema levantado aqui e da maneira como Jesus o soluciona.

Se você se dispuser a ouvir o que Deus está falando ao seu coração através da sua Palavra e a obedecer à sua voz, pondo estas verdades em prática na sua vida, estará seguindo o caminho que a levará ao ponto de ver, com seus próprios olhos, as maravilhas que Deus tem reservado para aquelas que o amam e buscam de todo o coração.

Estes estudos podem ser feitos individualmente ou em grupos. Se for esse o caso, todas as participantes devem ler antes do encontro a narrativa romanceada do episódio bíblico. Quando estiverem reunidas, podem ler em conjunto a segunda parte, passando em seguida às perguntas e comentários abaixo. Esta é apenas uma sugestão que pode ser adaptada às necessidades específicas de cada grupo.

Capítulo Um – Ana, a profetisa

Ana foi uma mulher que se dedicou a adorar a Deus em tempo integral após a morte do marido, através de jejuns e orações. Por estar no templo no momento em que José e Maria levaram Jesus para ser apresentado ao Senhor, teve a grande alegria de ver cumpridas as promessas de Deus quanto à vinda do Messias ao mundo. Somente um coração afinado com a vontade de Deus pode discernir o desenrolar de seu plano através dos acontecimentos rotineiros da vida.

O encontro de Ana com Jesus nos ensina que ele é o cumprimento de todas as promessas de Deus para nós, pois ele veio para nos dar vida, e vida abundante.

1. Leia Jeremias 29:11-13. O que Deus promete àqueles que o buscarem de todo o coração?

2. Leia 2 Pedro 1:3. Você acha que Jesus pode satisfazer todas as necessidades do nosso coração?

3. Leia João 10:10. No caso de sermos privadas dos relacionamentos mais preciosos para nós como mulheres – marido e filhos, você acha que ainda é possível termos a vida abundante que Jesus veio trazer?

4. Jesus viveu essa vida abundante doando-se por nós. Ele falou que quem quiser achar a vida, perdê-la-á, mas quem entregar a vida por amor a ele, a achará. Leia Lucas 9:24. O que você acha que significa perder a vida por causa de Jesus? É

abrir mão de tudo o que é importante para nós? O que pode ser mais importante do que nossa própria vida?

5. Quando fala de amarmos a nossa vida, Jesus usa a palavra grega *phileo*, que significa um sentimento de afeto natural. Essa é a nossa reação àquelas coisas ou pessoas que nos dão um retorno de bem-estar e alegria. Jesus falou que é natural tratarmos bem as pessoas que nos tratam bem. Qual o motivo de Jesus dizer que somente quando abrimos mão dessas coisas que nos trazem bem-estar e alegria estamos aptos a produzir os frutos do verdadeiro amor?

6. Ao ler a história de Ana e meditar sobre ela, como a vida dela afeta seu coração? Pense com toda sinceridade: você sente pena dela, por ter vivido a vida toda sozinha, apenas adorando a Deus? Nem todas as mulheres, como nem todos os homens, são chamadas para o ministério de serviço exclusivo a Deus. Você conhece alguém de nossos dias que tenha recebido esse chamado? O que diria a uma mulher que esteja lutando com a perda dos relacionamentos humanos em sua vida?



Capítulo Dois – A viúva de Naim

O encontro de Jesus com a viúva de Naim traz algumas lições preciosas se tivermos olhos para ver quantas vezes ele opera a ressurreição em nossa vida, não de pessoas mas de sonhos, de esperança, de significado. Ele explicou que a semente precisa cair na terra e “morrer” para si mesma se for para produzir vida. Por isso, muitas mortes vão ocorrer na nossa caminhada cristã, mortes que foram permitidas para produzir vida nova. Essas mortes são processo que Deus usa para tirar de nossas vidas as coisas que estão ligadas à realidade natural e que nos impedem de depender totalmente dele.

1. Leia novamente o relato bíblico sobre o milagre da ressurreição do filho da viúva de Naim em Lucas 7:11-17. A perda que ela sofreu foi a mais dolorosa e angustiante que uma mulher possa ter. O que o fato de Jesus ter revertido aquele quadro de dor e desesperança lhe diz sobre o propósito dele na vida de cada uma de nós?

2. Leia João 12:24-25. Que significado Jesus está dando à morte nesta passagem? De que maneira a expressão “odiar a sua vida neste mundo” está relacionada com o processo de morte da semente para produzir fruto?

3. Jesus falou que temos de morrer para nós mesmas para termos vida, e vida abundante, cheia de fruto. Pense sobre o que isso significa e enumere as coisas pelas quais você sente que vale a pena viver.

4. Agora leia o que o apóstolo Paulo ensina em Colossenses 3:5. A palavra original para “morrer” pode também ser traduzida por dominar, subjugar. O que

precisa morrer ou ser subjugado em nossa vida?

5. Jesus ensinou que Deus tem de ser a prioridade absoluta no nosso coração. De que maneira demonstramos que essa é uma realidade em nossa vida? Onde os relacionamentos humanos se encaixam nas suas prioridades?

6. O que o fato de Jesus se compadecer da viúva de Naim lhe diz sobre como ele vê os seus sofrimentos, perdas e rejeições nos relacionamentos?



Capítulo Três – A Viúva Pobre

Diante do gazofilácio, Jesus observava as pessoas que traziam suas ofertas. Todas estavam obedecendo ao que a lei mandava, mas a mera obediência aos preceitos da lei não impressionou Jesus. Para ele, o que realmente contava era o que estava no coração. E ele apontou o exemplo de alguém que obedeceu a Deus de todo o coração.

Quando aquela viúva pobre dirigiu-se ao templo para levar sua oferta, não tinha idéia de que estaria diante do próprio Deus, na pessoa do seu Filho. Com humildade, sem querer impressionar ninguém, ela deu tudo o que tinha. Era um sinal de reconhecimento de que tudo o que possuía vinha das mãos do Criador, que é dono de todas as coisas, e de sua dependência total dos cuidados dele para sobreviver.

1. Leia Deuteronômio 10:14 e Salmo 24:1. Até onde se estende o senhorio de Deus sobre sua criação?

2. Leia a parábola dos talentos em Mateus 25:14-29. Como Jesus explica o senhorio de Deus sobre os bens que nos confiou? O que ele espera de nós?

3. Medite sobre o que acabou de estudar a respeito da sua responsabilidade com relação aos bens materiais e faça uma lista de todas as áreas em que os aplica, incluindo suas necessidades básicas citadas nessa passagem como vestuário, alimentação, moradia e outras que fazem parte da vida hoje como educação, planos de saúde, medicamentos. Se quer ser uma boa administradora, precisa ter uma idéia clara de como investir o dinheiro que Deus lhe está dando através do seu trabalho.

4. Leia agora Mateus 6:25-34. Jesus afirmou que nosso Pai sabe de tudo que necessitamos e por isso não devemos andar ansiosos e inquietos com relação às nossas necessidades materiais. O que significa, então, quando o dinheiro que temos não é suficiente para cobrir as necessidades básicas listadas acima? Quem está falhando?

5. Em Mateus 5:23-24, Jesus ensina uma condição importante sobre o ato de ofertar. O que ele está dizendo ser mais importante – a oferta ou o que se passa no coração do ofertante?

6. Qual é a oferta que realmente agrada a Deus? Leia 2 Coríntios 9:6-11. Qual o resultado final de dar com alegria, repartindo generosamente o que Deus dá? Preste atenção no versículo 11.

7. Por que você acha que Jesus elogiou a atitude daquela viúva?

8. Você já foi provada na maneira como lida com os bens que possui? Se foi, o que você aprendeu que possa aplicar a outros bens que Deus lhe confia, como dons, tempo, saúde?



Capítulo Quatro – A Pecadora Que Ungiu os Pés de Jesus

A mulher que encontramos aqui é chamada de “pecadora”. Somos todos pecadores, mas ser assim classificada indica que os pecados dessa pessoa são mais visíveis. Imagine como seria viver como se essa palavra estivesse escrita em sua testa, para todos verem.

A dor, a vergonha, a humilhação daquela mulher foram derramadas sobre os pés de Jesus na forma de lágrimas abundantes e sentidas. Para chegar até o Mestre, ela se expôs ainda mais. Note que nem o dono da casa, Simão, nem algum dos convivas expulsou a mulher do ambiente que era claramente reservado. Teriam algum peso na consciência com relação a ela?

Jesus não fez pouco dos muitos pecados cometidos por aquela mulher mas lhos perdoou quando ela se arrependeu sinceramente e se quebrantou diante dele, em humilde confissão e adoração. Jesus nunca rejeitou um pecador sinceramente arrependido. Foi por pecadores que ele morreu. Sua oferta de amor e perdão se estende a todos. Depende de cada um de nós aceitá-la ou não.

1. Leia Gênesis 2:16-17. Que escolha tiveram os primeiros seres humanos? Qual foi a sua decisão? Leia Gênesis 3:6. Qual foi a consequência dessa escolha? Gênesis 3:23.

2. Agora leia Deuteronômio 11:26-28. Que escolha Deus está dando ao seu povo? Qual o resultado da obediência?

3. Por que Deus exige obediência de seus filhos? Leia Deuteronômio 5:29 e 6:24.

4. A mulher pecadora se prostrou aos pés de Jesus, arrependida da desobediência aos preceitos de Deus. Como foi recebida por ele? Você acha que Jesus a receberá de forma diferente se o buscar para ser perdoada e restaurada, não importa o que possa ter feito? Em que baseia essa crença? Leia João 3:16-17 e 6:37.

5. Que diferença você nota entre as atitudes da mulher pecadora e as do homem que pensava honrar Jesus oferecendo-lhe um lugar à sua mesa? Confira Lucas 7:44-46. Por que aquele homem não recebeu perdão? Leia 1 João 1:8,9.

6. O que Deus faz com os pecados que confessamos? Leia Isaías 43:25; Miquéias 7:19.

7. Se arrependimento significa mudança de rumo, o que Deus espera que façamos depois de termos sido perdoadas? Podemos continuar pecando? Veja o que o apóstolo Paulo ensina em Romanos 6:1-2, 12-14.

A raiz do pecado é seguirmos nosso próprio caminho. Como criaturas, somos limitadas. Não temos conhecimento suficiente para saber o que é melhor para nós. Deus nos chama à obediência porquê, como Pai amoroso, só deseja o nosso bem. Jesus veio a este mundo para nos levar de volta ao verdadeiro Caminho, o que conduz à vida e à bênção de Deus.

A mulher pecadora seguiu seu próprio caminho e sentiu o peso e a tristeza de viver longe de Deus. No meio do seu sofrimento, ela sentiu Deus chamando-a para si e não hesitou.



Capítulo Cinco – A Mulher Adúltera

A história desta mulher e o que resultou de seu encontro com Jesus tem muitas coisas importantes a nos ensinar a respeito de como Jesus vê a nossa condição de pecadores e nos ama mesmo assim. A mulher talvez ainda estivesse na fase de justificar o que estava fazendo. Não foi ela quem procurou Jesus. Antes, foi arrastada à sua presença por pessoas mal intencionadas, que não se interessavam em sua restauração, mas em apanhar o Mestre em uma cilada que lhes permitisse condená-lo.

Vamos analisar as maneiras como Jesus confrontou a mulher e seus acusadores e o que esse encontro nos ensina sobre a extensão do perdão que ele oferece a cada uma de nós.

1. Leia Êxodo 20:14 e examine o contexto (versículos anteriores e posteriores nos quais o texto está inserido) desse mandamento de Deus. Destaque pelo menos duas coisas que esse estudo lhe revelar a respeito de como Deus vê o adultério.

2. Leia agora Levítico 20:7-8,10. Qual o contexto da exigência de Deus?

3. Até aqui estamos falando de adultério explícito, um ato. Vá agora a Mateus 5:27-30. A que ponto Jesus estendeu o problema do adultério? Qual a solução que ele apontou para os membros do nosso corpo que nos fazem tropeçar? Você acha que ele falava de uma mutilação física? Se não, como podemos eliminar um problema que nos faz desviar dos caminhos do Senhor? Leia a resposta em Romanos 12:2.

4. Considerando a seriedade com que Deus vê o adultério, leia de novo a história da adúltera e faça uma lista de quais pecados Jesus poderia estar colocando ao lado do adultério. Leia Gálatas 5:19-21. Considere seu próprio coração e veja quais pecados seus constariam da lista de Jesus.

5. Coloque-se no lugar daquela mulher, sabendo que seus pecados particulares, embora não visíveis como o dela, ofendem a santidade de Deus. O que você diria a Jesus se estivesse diante dele? Como se sente à vista de quanto custou a ele o perdão que lhe oferece?

6. Como Jesus confrontou os acusadores da adúltera com seus próprios pecados? Ele os acusou?

7. Qual foi a afirmação de Jesus com relação ao pecado grave daquela mulher? Qual foi a sua ordem?

8. O que teria significado aquela mulher continuar pecando? Como ela estaria tratando o perdão que lhe foi oferecido?

9. O que isso traz de lição para a sua vida? Você pode continuar no pecado que Deus já lhe revelou e que entristece seu coração por separá-la de sua presença? Com que ajuda pode contar para mudar? Leia Filipenses 2:13. Quando o poder de Deus opera em nós, somos capacitadas a viver da forma que o agrada.

Deus chama cada uma de nós para uma mudança de vida. Ele vai operando essa transformação através de tudo o que permite acontecer-nos. Nada escapa ao seu propósito eterno de nos fazer refletir a glória da sua imagem em nós.

Você está sendo desafiada hoje da mesma forma que a mulher adúltera. Já foi perdoada. Agora, vá e não reincida no pecado que Jesus perdoou às custas de sua própria vida.



Capítulo Seis – A Sogra de Pedro

Além da cura espiritual que o perdão de Deus traz às vidas de quem o aceita, Jesus nos traz a cura física de que precisamos para podermos cumprir a tarefa que ele nos designou em seu plano eterno. Ele é o Médico dos médicos. Demonstrou seu poder sobre as enfermidades curando todo tipo de doença considerada incurável como paralisia, cegueira, lepra, infecções, moléstias não diagnosticadas como a que devia ter acometido a sogra de Simão Pedro.

As enfermidades fazem parte das conseqüências da desobediência de nossos primeiros pais. Por ela, a morte passou a fazer parte da vida de todo ser humano. E por causa das moléstias que a maioria das pessoas morre.

Entretanto, as moléstias já não têm poder sobre os filhos de Deus porque nossa vida pertence ao Senhor. Ele levou sobre si as nossas enfermidades, tirando delas a capacidade de nos aterrorizar com a perspectiva da morte porque ele já venceu a morte e nos dá a esperança sólida da ressurreição.

1. Leia Marcos 1:32-34. Você acha que a notícia da cura da sogra de Pedro se havia espalhado? Qual foi o resultado? Que tipo de moléstias Jesus curou?

2. Leia agora Mateus 4:23-25. Quais as duas facetas do ministério de Jesus destacadas aqui? Que efeito elas tiveram sobre a multidão?

3. Compare o que descobriu na leitura acima com Lucas 4:18-21. Quais aspectos do ministério de Jesus são destacados aqui? Como eles se relacionam com as ações de Jesus nas passagens que já lemos?

4. Qual a missão que Jesus deu aos seus discípulos? Leia Lucas 10:9. Qual aspecto dessa missão era mais importante: a cura física ou a espiritual?

5. No caso da sogra de Pedro, o que mais a impressionou sobre o poder de cura de Jesus?

6. Como aquela senhora reagiu à cura? Qual o propósito de ela ter sido curada?

7. Quando você ou alguém de sua família está doente, você ora por cura, levando o problema a Jesus, como fizeram os familiares daquela senhora?

8. Você tem experimentado a presença restauradora de Jesus diante de uma enfermidade? Que promessa temos de que ele compreende o nosso sofrimento e que estará conosco sempre, em qualquer situação que nos permita passar? Leia Hebreus 2:10, 4:15 e 13:5.



Capítulo Sete – A Mulher com Hemorragia

Quantos problemas nós, mulheres, enfrentamos na área da nossa saúde feminina! Por isso, podemos nos identificar facilmente com a história desta mulher que sofreu tantos anos com uma hemorragia que nenhum médico de seus dias conseguiu curar. Marcos nos diz que, em vez de ser curada, ela foi de mal a pior. Precisamos entender por que ela procurou Jesus, colocando-nos em seu lugar.

Você ou alguém querido já esteve numa situação dessas? O que sentiu ao passar de médico em médico sem obter a cura desejada é a mesma coisa que a mulher desta história devia sentir.

Que solução Jesus oferece ao seu sofrimento?

1. Leia o contexto em que ocorreu a cura da mulher com hemorragia em Lucas 8:26-56. Que outros milagres Jesus fez e como eles foram recebidos pelas pessoas que os presenciaram?

2. Por que esta mulher não se aproximou diretamente de Jesus? Foi por medo de ser rejeitada ou por saber que apenas tocá-lo produziria a cura? Leia Marcos 5:28.

3. Muitas pessoas que presenciaram outros milagres de Jesus não creram no seu poder. O que você acha que levou esta mulher a crer? Leia Marcos 5:27.

4. Como Jesus respondeu à confissão dela? Marcos 5:34.

5. Quando você se encontra numa situação parecida com a desta mulher, de que precisa para obter uma solução? Leia Hebreus 11:6.

6. O que é fé? Leia Hebreus 11:1. Por que sem fé é impossível agradar a Deus?

7. Temos a promessa de que, se nos aproximarmos de Deus com fé, crendo que ele existe, seremos recompensados. Você entende que essa recompensa é obtermos aquilo que pedimos ou é a possibilidade de uma intimidade maior com Deus?

8. Como o encontro desta mulher com Jesus nos ensina a respeito do seu

ministério em nossa vida na área da saúde? Você conclui que ele se importa com todo tipo de problema que a aflige?

9. Se Deus pode curar qualquer doença, por que às vezes não o faz? Leia 2 Coríntios 12:7-10. O que significa viver dependendo da graça de Deus? Em 2 Pedro 1:3, Deus diz que já nos deu tudo de que precisamos para viver bem através do conhecimento de Jesus Cristo. Você já experimentou esse poder em sua vida?



Capítulo Oito – A Mulher Curvada

A história desta mulher é uma ilustração da estratégia de Satanás para roubar a herança a que temos direito como filhas de Deus. Conhecendo a necessidade de apreciação e valor, ele ataca na área da nossa identidade, usando mentiras e enganos para nos fazer duvidar do valor que Deus nos atribuiu por nos ter feito como somos.

Quando confrontamos essas mentiras com a Verdade, seu poder sobre nós se desfaz e ficamos verdadeiramente livres para ser usadas por Deus em qualquer circunstância que ele permita em nossa vida.

1. Leia Deuteronômio 32:39. A quem pertence a vida ou a morte, a cura ou a doença?

2. Compare a passagem acima com Deuteronômio 32:4. Como é possível conciliar este versículo com o anterior?

3. Leia agora Êxodo 4:11. O que Deus está afirmando a respeito de si mesmo? Algum mal pode nos atingir sem a sua permissão?

4. Jesus identificou Satanás como aquele que trazia a mulher presa havia dezoito anos. Até que ponto Satanás pode nos atingir? Leia Jó 1:12 e 2:6.

5. A iniciativa nesta cura partiu de Jesus. Leia Isaías 53:4-5. Como somos curados das nossas enfermidades? Se Jesus já as levou sobre si, por que ainda continuamos a adoecer?

6. Leia 1 Pedro 1:6. A que tipos de provações você acha que o apóstolo se refere aqui? Destaque as duas características dessas provações e o propósito de Deus em permiti-las.

7. Leia Romanos 8:28. Quais são as coisas que contribuem para o bem daqueles que amam a Deus? Leia agora o versículo 29 do mesmo capítulo e descubra qual o bem ou propósito que Deus tem em mente para seus filhos.

8. Podemos viver uma vida que glorifique a Deus mesmo quando não somos curadas? Confira 2 Coríntios 12:7-10.

9. Pense no que significaria para você conviver com uma enfermidade dependendo totalmente da graça e do poder de Deus para tudo que tiver de enfrentar. Acha que poderia viver com gozo e paz numa situação dessas?

10. Segundo Jesus, qual o propósito de sua intervenção milagrosa em nossa

vida? Leia João 9:3 e 11:4.



Capítulo Nove – A Mulher Siro-fenícia

É inspiradora a jornada desta mulher em busca de cura para sua filhinha. Vindo de uma religião pagã, ela nos mostra os passos que todas devemos dar em busca do Deus verdadeiro e de suas soluções para os nossos problemas.

1. Por que motivo nossas vidas são tão difíceis, mesmo nos seus melhores momentos, já que não podemos garantir a ausência permanente de problemas e sofrimentos? Leia Gênesis 2:16-17 e 3:6,14-19. Quais as consequências da desobediência de Adão e Eva?

2. Qual é a solução de Deus para os efeitos do pecado? Leia 1 Coríntios 15:22, 45-49.

3. A mulher siro-fenícia buscou Jesus para solucionar um problema aflitivo. Por que ela achou que ele poderia ajudá-la? Leia Mateus 14:35-36. Você acha que a fama de Jesus há havia chegado aos ouvidos dela?

4. Como podemos saber que a mulher creu no que ouviu sobre Jesus? Leia Mateus 15:22. Qual o título que ela atribuiu a Jesus? Qual foi a atitude que ela teve diante do Senhor? Leia Marcos 7:25 e Mateus 15:25.

5. Baseada em que premissa ela pediu socorro a Jesus? Mateus 15:22.

6. Leia Mateus 15:26-27. O que aconteceu com a mulher quando ela confessou não ter merecimento algum que pudesse invocar a seu favor?

7. Por que ela foi atendida? Mateus 15:28.

8. Leia Efésios 2:4-9. O que você entende por graça?

9. Através de quem a graça de Deus é manifestada aos seres humanos? Leia João 1:12.



Capítulo Dez – Maria Madalena

A vida de Maria Madalena é um exemplo claro do poder de Jesus em libertar os cativos das forças do mal. De uma vida atormentada e inútil, ela passou a viver em dedicação total àquele que a libertou. Foi alguém completamente transformada pelo encontro com Jesus. O que sua vida pode nos ensinar?

1. Leia Lucas 4:14,21. Jesus iniciou seu ministério declarando-se o libertador dos cativos. De que forma ele cumpriu essa promessa para com Maria Madalena? E para com você?
2. De que forma a vida de Maria Madalena mudou após seu primeiro encontro com Jesus? Faça uma lista das áreas em que essas mudanças se manifestaram e como elas culminaram.
3. De que forma sua vida mudou após seu primeiro encontro com Jesus? Você se sente liberta para ser a pessoa especial que Deus a fez para ser?
4. O que representa para você o fato de Jesus ter chamado Maria pelo nome diante do túmulo vazio?
5. Apesar de termos sido libertas por Jesus, podemos ainda ser ainda oprimidas por Satanás? Quais as principais armas que ele usa para nos roubar a herança a que temos direito em Cristo? Leia João 8:44; Apocalipse 12:10.
6. Leia Efésios 6:10-18 e faça uma lista das armas que já nos foram fornecidas por Deus para defesa dos ataques do inimigo. Qual delas você usa com mais frequência?
7. O campo de batalha da luta espiritual é a nossa mente. De que forma devemos nos preparar para não sermos pegas desprevenidas? Leia Romanos 12:2.
8. Precisamos estar atentas às táticas do inimigo e nos defender contra elas. Devemos temer seus ataques? Leia 1 João 5:18. Quem nos guarda?
9. Jesus nos liberta e nos guarda dos ataques do maligno para nos dar uma vida que glorifique a Deus. Como a vida de Maria Madalena refletiu essa verdade? Como você acha que sua vida reflete a mesma verdade?



Capítulo Onze – A Mulher Samaritana

Esta mulher não é citada pelo nome mas a história de seu encontro com Jesus é contada em detalhes, bem como sua espetacular restauração. Ela é considerada a primeira missionária do Novo Testamento. Ouviu a mensagem de salvação do Messias, creu e saiu espalhando a boa nova a todos os que conhecia.

Sua vida mudou drasticamente pois embora nada saibamos sobre as circunstâncias que ela ainda teve de enfrentar, podemos estar certas de que ela passou a vê-las por outra perspectiva – a de Deus. Assim, as coisas nunca mais seriam as mesmas para ela.

Tire alguns minutos para meditar sobre a realidade de sua vida como mulher, sobre as dificuldades que você sente nos seus relacionamentos à luz do ensinamento de Jesus à samaritana. Disponha-se a ouvir o que Deus está falando ao seu coração através dessas palavras e a obedecer a Sua voz.

1. Leia Gn 1:26-31. O que essa passagem lhe diz sobre sua missão como mulher neste mundo?

2. Agora passe para Gn 2:18-25. Como o fato de você ter sido criada para ser uma “ezer” a faz sentir? Deixe que esses versículos toquem seu coração e lhe revelem os anseios legítimos escondidos ali com relação a um companheiro ou a seu cônjuge. Escreva numa folha do seu caderno de estudo quais são esses anseios.

3. Leia o que aconteceu em Gn 3. Enumere cuidadosamente os primeiros sentimentos negativos sentidos pelos seres humanos. Coloque-se no lugar de Eva. Como acha que ela se sentiu depois que desobedeceu e levou o marido a desobedecer também? Como acha que ela se sentiu quando ele, que fora feito para protegê-la, acusou-a de ser a causa de todos os seus males?

4. Leia agora a história do encontro pessoal da mulher samaritana com Jesus em João 4:1-42. Coloque-se na situação de estar diante de Jesus com todos os seus fracassos e dores expostos.

5. Confesse sua necessidade de Alguém que satisfaça suas necessidades femininas de amor e apreciação e sua insensatez em buscar satisfação primeiro nos relacionamentos humanos, pedindo que Jesus a perdoe e lhe mostre um novo rumo.

6. Enumere especificamente cada rejeição, cada problema, cada insensibilidade que esteja afligindo seu coração neste momento e os entregue a Jesus para que ele os satisfaça com a Água Viva do seu amor, mesmo que a perda deles signifique morte para você – morte dos seus sonhos, morte do que você considera sua felicidade.

Creia que aquele que disse: “Com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí” está esperando para envolvê-la com o manto do Seu amor, restaurando seu coração, sua alma feminina, sua vida.



Capítulo Doze – Marta

Muitas de nós nos identificamos com Marta neste encontro com Jesus. Sentimos o peso das nossas responsabilidades como um fardo do qual não conseguimos nos livrar. Fazemos o que temos de fazer, mas sem a alegria, sem a verdadeira doação que vem de servir por amor.

O que podemos aprender com as palavras de Jesus a Marta neste episódio?

1. Leia João 13:1-17. O que Jesus está ensinando aqui com relação aos serviços humildes, rotineiros que muitas vezes cabe às mulheres executar? Preste atenção nos versículos 15 e 17.

2. Leia agora João 21:1-14. Depois de tudo o que havia passado, o Jesus ressurreto, prestes a voltar ao céu, proveu carinhosamente para a necessidade física daqueles a quem amava. Como você se sentiria se estivesse naquela praia, sendo servida pelo Rei dos reis?

3. Você se lembra de algum episódio marcante em sua vida quando se sentiu valorizada por alguma coisa que tenha feito ou desvalorizada por ter deixado de fazer o que era esperado de você? Como essa lembrança determina a maneira como se vê hoje, o valor que sente que tem como pessoa?

4. Leia agora a história narrada anteriormente do encontro de Jesus com Marta em Lucas 10:38-42. Leia outro encontro entre Jesus e Marta em João 12:1-2. Novamente Marta serviu a Jesus. Que diferença você nota na atitude dela entre os dois episódios?

5. Jesus está falando ao coração de cada uma de nós através de Marta. Temos a tendência a nos inquietar com as coisas do dia a dia, como se tudo dependesse de nós. Mas Jesus nos diz: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” (Mt 11:28- NVI). Jesus quer que descansemos *Nele*, no Seu cuidado por nós e por todos aqueles a quem amamos. Olhe para Ele e entregue em suas mãos amorosas todos os seus cuidados. E não os pegue de volta!!

Descansar em Jesus não é deixar de fazer aquilo que é necessário. É acertar as nossas prioridades, dando-lhe a primazia em nossa vida. Se fizer isso, você vai ficar agradavelmente surpresa ao ver tudo se encaixando de uma forma como nunca poderia ter feito antes. Ele provê o tempo, a inspiração e a alegria para tudo o que for realmente necessário e bom. E total ausência de culpa quando deixar de fazer coisas boas, porém desnecessárias.



Capítulo Treze – Maria de Betânia

O evangelista João nos diz que Jesus amava Maria, bem como a seus dois irmãos Marta e Lázaro. Sabemos que Jesus ama todas as pessoas, mas essa designação diferenciada com relação aos irmãos de Betânia mostra uma intimidade especial com eles. Ele amava todas as pessoas, mas com algumas sentia-se em casa – aquelas para quem Ele também era um amigo valioso e especial.

Maria se destaca nas narrativas dos evangelistas como uma mulher que parecia sempre próxima do coração de Jesus. Duas vezes ela recebeu Dele a afirmação de estar fazendo o melhor mesmo agindo fora dos padrões corretos para as mulheres do seu tempo. Maria, entretanto, não estava se rebelando nem afrontando os costumes mas apenas se concentrando no que deveria importar mais. Suas prioridades sempre estiveram na ordem correta porque ela colocava as coisas de Deus em primeiro lugar na vida.

O que podemos aprender com as palavras de Jesus a Maria nestes episódios?

1. Leia a narrativa encontrada em Lucas 10:38-42, concentrando-se na atitude de Maria diante de uma situação comum na vida de todas nós. O que você acha que a levou a deixar de lado tarefas importantes para se concentrar na pessoa e nos ensinamentos de Jesus?

2. Concentre-se agora na sua reação a esse evento e às palavras de Jesus a

Marta e a respeito de Maria. Que sentimento aflora em seu coração? Se for algo negativo, como frustração ou raiva, o que isso indica com relação à posição que Jesus ocupa em sua vida?

3. Leia João 11:28-35. O que na atitude de Maria comoveu o coração de Jesus? Como você se sente quando parece que Deus demora em atender a um pedido urgente, ou até mesmo responde com um não? Você acha que é falta de fé chorar diante de Deus quando a tristeza enche seu coração por um pedido não atendido?

4. Leia agora João 12:1-8 e Mateus 26:12-13. Jesus diz que Maria teve um perfeito discernimento espiritual de Sua missão e dos próximos eventos dolorosos que ocorreriam com Ele. A que você atribui o discernimento mostrado por Maria?

5. Dê, em suas próprias palavras, uma definição para discernimento. Em que ele difere de mero conhecimento? Já houve em sua vida um momento em que você teve uma visão clara de algo além do que a visão natural mostrava? Conte como isso aconteceu.

6. Leia 1 Coríntios 2:14. O que é necessário para discernir as coisas espirituais? Agora leia Hebreus 4:12. A palavra usada discernir aqui significa critério, aptidão para julgar decisivamente. Leia em seguida Hebreus 5:14. O que capacita a pessoa a adquirir discernimento?

Maria foi uma mulher que ministrou ao coração de Jesus com sua atitude e com suas ações por ter uma perfeita compreensão de quem ele era, da missão que lhe havia sido confiada. Ela derramou seu mais precioso bem material e seu coração sobre ele num gesto inédito e ousado de adoração. Só quem ama e conhece intimamente o Mestre pode ministrar da mesma forma que Maria.

A cada encontro com Jesus, Maria demonstra seu amor por ele de uma forma diferente. Ela passou tempo a seus pés, ouvindo suas palavras e guardando-as no coração. Chorou diante dele a sua dor e a sua decepção com a aparente demora dele em atender ao seu pedido. Foi autêntica, transparente, vulnerável para com seu Senhor. E, nos momentos mais difíceis para Jesus aqui na Terra, ela honrou a pessoa do Senhor e agradou ao seu coração.



Capítulo Quatorze – A Mãe de Tiago e João

Temos aqui a história de uma mulher cuja prioridade era o bem de seus filhos. Mesmo tendo seguido a Jesus e se dedicado a ele, os filhos ainda ocupavam o lugar mais importante em seu coração. Foi preciso que o Senhor lhe mostrasse qual a verdadeira ordem do seu reino – primeiro Deus, depois os nossos relacionamentos mais chegados, mais importantes. E ela fez essa difícil transição.

O que podemos aprender com o que Jesus ensinou a Salomé?

1. Quando Jesus chamou os filhos de Salomé para segui-lo, qual deve ter sido a sua atitude? Leia Lucas 8:1-3. O que você acha que a motivou a deixar seu marido e seu lar e acompanhar os filhos naquela nova vida com Jesus?

2. Durante aquele tempo que passou na companhia deles, Salomé deve ter ouvido Jesus falar repetidas vezes do sofrimento que o aguardava. Leia Marcos 10:32-34. Você acha que ela se lembrava disso quando fez seu pedido a Jesus? Leia Mateus 20:20-23.

3. Qual foi a atitude de Salomé ao aproximar-se de Jesus? Veja em Mateus 20:20. Você acha que ela tinha plena consciência de quem Jesus era e a que reino ele se referia?

4. O que Jesus faz com nossos sonhos, nossos desejos, quando os entregamos em suas mãos? Leia Mateus 20:22.

5. De que forma Jesus corrigiu a perspectiva de Salomé quanto ao que era realmente importante em seu reino? Leia Mateus 20:23, 26-28. O que uma resposta negativa de Jesus a nossos pedidos nos ensina?

6. Qual foi a atitude de Salomé diante do que Jesus explicou? Leia Marcos 15:40 e 16:1. O que a presença dela junto à cruz e à sepultura de Jesus indica?

7. O que a vida de Salomé nos ensina a respeito do que devemos desejar para nossos filhos? Se você considerar bem, é essa a sua ambição para eles?

8. Quando Tiago foi morto logo no início da vida da igreja, o que você acha que Salomé pensou? Leia Atos 12:1-2. Você acha que seu encontro com Jesus a havia preparado para uma entrega total dos filhos a Deus?



Capítulo Quinze – Maria, Mãe de Jesus

Maria sempre me encantou com sua humildade e grande sabedoria. Seu exemplo me inspira pois vejo nela uma mulher que agradou ao coração de Deus. Por isso foi escolhida para uma parte tão importante no plano da salvação.

Em todos os episódios narrados neste capítulo, vemos um aspecto do relacionamento entre Maria e Jesus. Ele foi amoroso, protetor, gentil mas firme com ela. Mostrou claramente que o relacionamento natural entre eles fazia parte da humanidade dele, e que não poderia persistir depois que ele assumiu sua missão divina de Salvador.

De todas as mulheres que já estudamos, Maria foi a única que teve de abrir mão de Jesus como seu filho. Todas as outras o acolheram como amigo, mestre, salvador, o Messias, enfim. Elas começaram seu relacionamento com Jesus no momento em que o encontraram ou que ele as encontrou. Entretanto, todas tiveram de fazer o mesmo que Maria – colocá-lo, como Deus, em primeiro lugar em suas vidas, antes de todos os outros relacionamentos.

Ao analisar as palavras de Jesus em alguns episódios abaixo, medite no que elas significam para sua vida como mulher.

1. Leia a passagem de Lucas 1:26-56. Que retrato de Maria você encontra nos

eventos narrados ali? Descreva com suas próprias palavras o que ela deveria estar sentindo durante a conversa com o anjo, as primeiras sensações da gravidez, sua visita à prima. Tente colocar-se no lugar de Maria e sentir o que ela deveria estar sentindo.

2. Leia agora a passagem que fala do nascimento de Jesus e dos eventos que ocorreram logo em seguida em Lucas 2:1-35. Que característica de Maria se destaca nessa narrativa? O que ela nos ensina sobre a importância de saber quando falar e quando calar?
3. No primeiro encontro entre Maria e Jesus depois que Ele iniciou Seu ministério, qual a atitude dela que fica patente? Leia sobre o encontro em Caná em João 2:1-12. Depois da festa, Jesus foi com a mãe, os irmãos e os discípulos para Cafarnaum por alguns dias.
4. O que a exclamação sobre Maria da mulher mencionada em Lucas 11:27 revela sobre a forma como as mulheres se relacionam com seus filhos?
5. Para Maria, cortar os laços naturais que a uniam a Jesus foi um processo gradual. Como esse mesmo processo ocorre em nossas vidas? Ele é necessário? Leia Mateus 10:37. O que essas palavras de Jesus nos ensinam a respeito dos relacionamentos humanos?
6. Qual é a realidade dos relacionamentos familiares? São sempre amorosos e seguros? Por que você acha que há tantos problemas no seio das famílias?
7. Podemos amar de verdade outros seres humanos, mesmo os mais chegados, sem amarmos primeiro a Deus de todo o coração? Veja o que Jesus disse em Mateus 22:36-40. Por que a ordem do grande mandamento é necessária?



